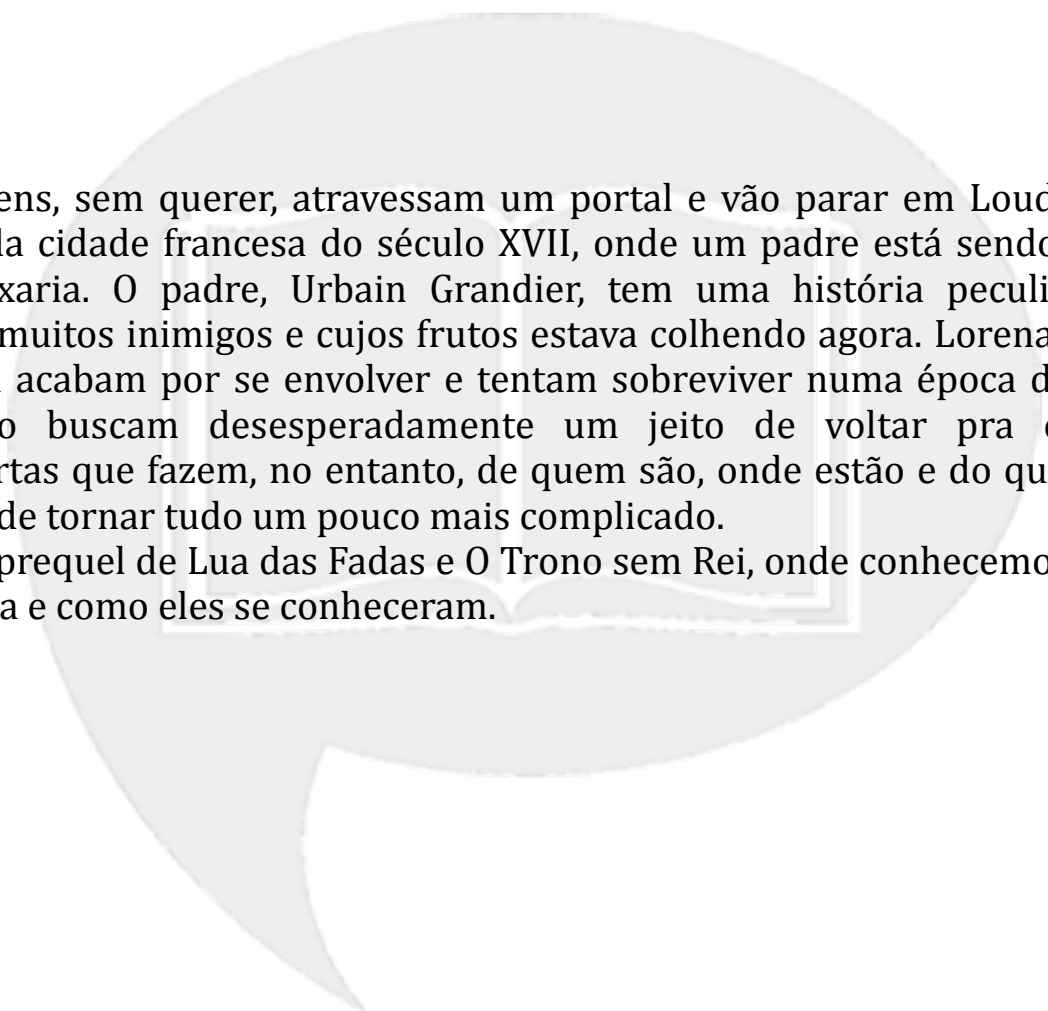


O Portal



Eddie Van Feu





Três jovens, sem querer, atravessam um portal e vão parar em Loudun, uma esquecida cidade francesa do século XVII, onde um padre está sendo julgado por bruxaria. O padre, Urbain Grandier, tem uma história peculiar, onde plantou muitos inimigos e cujos frutos estava colhendo agora. Lorena, Marcos e Marcel acabam por se envolver e tentam sobreviver numa época de trevas, enquanto buscam desesperadamente um jeito de voltar pra casa. As descobertas que fazem, no entanto, de quem são, onde estão e do que podem fazer, pode tornar tudo um pouco mais complicado.

Esta é a prequel de Lua das Fadas e O Trono sem Rei, onde conhecemos os pais de Bianca e como eles se conheceram.

*Se há alguém aí, poderia me dar uma luz?
Apenas uma pequena ajuda,
apenas um pouco de compreensão,
apenas algumas respostas para as perguntas que me cercam agora.
Se há alguém aí, poderia me mandar uma luz?
Apenas uma pequena luz para me guiar,
para diferenciar o certo do errado,
apenas algumas respostas para as perguntas que estou lhe fazendo
agora! Eu mantereí uma vigília num deserto de espelhos,
onde nada é o que parece ser.
Você chega tão perto, mas nunca vai compreender.
Porque tudo o que nós vemos, não é nada do que parece...
Estarei cego?*

...

*Você me deixaria saber que eu não estou sozinho, que eu não sou só
uma voz na multidão?...*

*Fish,
na canção Vigil*

Prefácio

A necessidade de ser amado pode ser considerada a maior de todas as necessidades humanas. Mais do que comer, mais do que beber, mais do que fazer sexo, o Homem precisa ser aceito e amado e, para isso, ele é capaz de qualquer coisa. Ser o mais bonito, o mais engraçado ou o mais inteligente, tanto faz, o importante é ser aceito naquele grupo de semelhantes que parecem tão diferentes dele.

Por isso as pessoas estão sempre tentando. O prêmio vale qualquer esforço! Mas algumas pessoas, não importa o quanto tentem, sempre se sentem fora de foco, fora de sintonia com o resto do mundo. Frustradas, isolam-se em si mesmas e insistem em viver o papel que lhes é dado. O verdadeiro EU fica guardado no arquivo de personalidades rejeitadas até que apareça alguém ou alguma coisa forte e especial o bastante para desenterrá-lo e espantar a poeira.

“Puxa! Como você mudou!”, dirão os amigos espantados diante daquele novo indivíduo (na verdade, mais indivíduo do que novo). Alguns não gostarão, porque raramente uma nova personalidade lhes é conveniente. Outros, poucos, é certo, ficarão felizes em ver o amigo além dos reflexos do espelho.

Mas essa descoberta é muito mais rara do que se possa imaginar. Algumas pessoas levam anos até olharem para si mesmas, outras levam vidas e outras ainda permanecem eternamente escondidas, perdidas e apagadas, evitando ouvir sua própria voz no meio da multidão. Os tipos de situações que levam as pessoas a um encontro consigo mesmas são as mais diversas. Chocantes, simplórias, triviais, corriqueiras, impossíveis, estapafúrdias, tristes ou engraçadas, cada um contará a seu jeito e aprenderá a seu modo.

A situação que levou os jovens Lorena, Marcos, Marcel e um certo Grandier à esse encontro tem um pouco de cada coisa e pode ou não ter acontecido. Eles são um pouco de cada um de nós, se me perdoa o clichê, e se você não os reconhece, tome cuidado! A poeira deve ter coberto seus nomes no arquivo e talvez esteja na hora de uma boa faxina.

Espero que não tenha medo de baratas! São a pior parte de uma boa faxina!

Capítulo I

Seu primeiro contato com a realidade da manhã foi uma ária de Medéia. Os lençóis no quarto escuro moveram-se suavemente. A voz doce invadia o aposento, tocando a jovem desperta com delicadeza, até que uma mão fina de unhas róseas bem cuidadas emergiu dos lençóis e travou o despertador, calando a voz.

Lorena espreguiçou-se ainda deitada e ficou alguns momentos olhando o teto, pensando em quantos dias ainda faltavam para o sábado. Não que algo extraordinário acontecesse no sábado. Para ela era um dia como outro qualquer, sem festas ou encontros. Mas podia dormir até mais tarde...

Venceu a Lei da Gravidade, que a puxava de volta para a cama, e levantou-se, voltando a ligar o rádio, que continuou com outra ária de Medéia. Passou os dedos longos pelos cabelos compridos escuros, desfazendo o coque que fizera para dormir. Escovou-os para trás e fez outro coque para sair. Seguiu o ritual habitual de passar creme no rosto, retirá-lo, passar algodão embebido em algum tipo de loção e passar de novo algum outro creme. Colocou os enormes óculos que escondiam quase todo o rosto e foi preparar seu café, já vestida com sua habitual saia justa abaixo do joelho e uma blusa clara de botões bastante discreta. Vestida daquele jeito, era difícil acreditar que ela tinha apenas 24 anos.

Ouvia o final da ópera enquanto mastigava sem entusiasmo um biscoito de água e sal e bebia seu suco de laranja sem açúcar. Não, ela não era uma representante oficial da Geração Saúde. A família a habituou àquela rotina e ela apenas se acostumou. Era difícil se livrar de velhos hábitos e sua vida era uma sucessão de velhos hábitos. Olhou calmamente para o relógio e viu que estava na hora. Comeu metade de uma maçã sem muita pressa, pegou os cadernos e livros e desligou o rádio, antes do término de sua parte favorita. Estava na hora de sair.

Marcos estava nos braços de Madonna, que lhe fazia juras de amor, cantando versos quentes e sedutores, acariciando seu rosto, desabotoando sua camisa, quando de repente um trem vermelho entrou pelo quarto com um som estridente e irritante. Marcos, revoltadíssimo, deu um tapa no trem e ele caiu no chão, agonizante.

Ficou de bruços na cama com a cabeça para o lado de fora, olhando o

“trem” dar seu últimos suspiros, emitindo ruídos fracos e descompassados. O despertador morrera.

– Tomara que você vá para o inferno, desgraçado, acordar a sua mãe!...

De repente, ele arregalou os olhos e pegou o despertador para ver de perto. Deu um salto da cama, já caindo dentro das calças, e escorregou pra dentro de uma camiseta branca da época das eleições com um enorme circo verde e amarelo escrito em letras garrafais: “GRAN CIRCO BRASIL — ESCOLHA SEU PALHAÇO!”

Passou correndo pela sala, onde ligou o som que começou a tocar *Epic de Faith no More* na maior das alturas. “Se eu não posso dormir, ninguém mais pode!”, pensou ele. Numa passagem rápida pela cozinha, derramou uma caixa de cereais num prato, despejou leite e comeu a grandes colheradas. Olhou a hora de novo e quase se engasgou. Bebeu o resto do leite com cereais afogados no prato mesmo e saiu correndo desesperado. Estava na hora de sair.

Marcos César entrou na sala, os cabelos castanhos desgrenhados, os olhos escuros arregalados de terror ante a possibilidade de ser visto rastejando pra dentro de uma aula que já estava quase no fim. A professora falava algo de pouquíssimo interesse para todos, dado o olhar viajante dos alunos explorando o cosmos. Localizou Lorena em seu lugar habitual e foi pra lá. Como sempre, ela era a única numa sala de 40 alunos que prestava real atenção à aula intragável.

– Oi! – disse ele, sentando-se na carteira ao lado dela.

– Chegou cedo para a próxima aula – respondeu a moça, sem lhe voltar o rosto.

– Aquele maldito despertador me acordou!

– É... Acontece de vez em quando... Por que você não liga pro fabricante e reclama?

– Eu estava sonhando com a Madonna! E na melhor parte... Sabe o que deveriam inventar? Um luminoso que acendesse na cabeceira da cama ou na nossa testa dizendo: “Não me acorde agora. Estou tendo um sonho interessante”.

– Rapazinho!

A voz da professora, alguém que parecia estar no planeta há muito tempo, fez Marcos pular da cadeira.

– O que estuda a Psicologia? – perguntou ela, enquanto todas as

cabeças da sala se voltavam para ele em um sincronismo robótico.

Marcos pensou um pouco. Não era tão difícil. Cursando aquela matéria há pelo menos um mês, ou pelo menos ao final das aulas, ele sabia o que diabos estudava a Psicologia.

– Estuda gente maluca!

Algumas risadinhas pipocaram pela sala. Era constrangedor para Marcos ser arguido na frente de todo mundo, mas era sempre interessante para os outros ver Marcos sendo arguido. Humilhação faz parte de toda sala de aula. Poderia ser uma disciplina, uma vez que alguns professores fazem questão de exercê-la com certa maestria. D. Alcântara, por exemplo, era uma pessoa que acreditava que um pouquinho de humilhação ensinaria os espíritos mais rebeldes e irresponsáveis a se encaixarem melhor no sistema e sabia que uma boa maneira de fazer isso era jogar um amigo contra o outro. Quem sabe a sabedoria de um alcançasse finalmente o outro em seu poço de ignorância? Pensando nisso, D. Alcântara virou-se para Lorena.

– Lorena, pode por favor responder a esta simples pergunta e mostrar ao seu amigo por que prestamos atenção à aula?

Lorena arregalou os olhos por trás dos óculos. Olhou para Marcos. Olhou para as 40 cabeças. Olhou para a professora.

Lorena tinha um ar estúpido. Ela sabia disso. Quando pequena, seu primo Marcel costumava dizer que ela se parecia com uma “largata”. Ao invés de perguntar por que, Lorena limitava-se a corrigi-lo: “Não é *largata*. É *lagarta*.” Agora ela percebia que talvez se parecesse mesmo com uma lagarta para todo mundo, com seu jeito lento, seu ar indiferente, sua insignificância e, acima de tudo, sua facilidade em mudar de caminho ante um graveto, uma pedra, um bicho morto o que fosse que colocassem em seu trajeto. E talvez por isso, Lorena quis passar por cima da pedra, ao invés de simplesmente contorná-la como todos esperavam. Ela mesma não sabia o que era, ou o que queria ser. Mas não queria ser uma lagarta.

– Acredito que a Psicologia estuda gente maluca e muito me preocupa que a gente estude a psicologia, pois quem estuda algo que estuda gente maluca não pode ser outra coisa senão maluco, não é mesmo?

Os olhares denunciavam uma tensão no ar. Olharam para a professora, que tinha sido descaradamente desafiada por sua melhor aluna.

– Responda a pergunta, Lorena – D. Alcântara estava há mais de 40 anos ali e não aceitava ser confrontada de tal forma. Esperava que Lorena voltasse à razão.

O silêncio de Lorena podia ser a prova de sua rebeldia ou o choque

de ter feito uma coisa idiota. Fosse o que fosse, para D. Alcântara era a confirmação de que sua melhor aluna plantara a semente da indisciplina em sua classe bem diante de seu nariz e isso estava longe de ficar impune.

Em menos de 30 segundos estavam ambos expulsos da aula. O corredor vazio dava um ar desolado à universidade, fazendo com que os dois rejeitados se sentissem ainda mais excluídos. Não estavam mais no primeiro grau para se sentirem tão mal com uma expulsão, mas o fato de ser cuspidor de algum lugar sempre deixa um certo mal-estar, não importa a idade que se tenha. Afinal, é uma consequência física e notória de que sua presença não é desejada e todo mundo quer ser desejado. Encostaram-se no parapeito e olharam o céu azul onde pássaros cantavam e árvores verdes balançavam suas folhagens ao vento. Nessa paisagem bucólica, Marcos virou-se para a amiga que lhe fora fiel e disse:

– Você é imbecil?

Lorena olhou para ele piscando várias vezes.

– Puxa, Marcos! Eu pensei que fosse me agradecer!!!

– Tá bom, obrigado! Valeu! Mas você é meio imbecil... Se aquela mulher maluca resolve pegar no seu pé o resto do período, você só vai se formar quando tiver a idade dela! Mas valeu, assim mesmo! Foi divertido! Não foi?

Sim, foi. Ela estava ainda meio confusa, pois também não acreditava que tinha feito aquilo. Tinha no peito uma agradável sensação de prazer fora da lei. Mas essa sensação durou pouco. Para Lorena, os prazeres fora da lei não tardavam a ser encobertos pela culpa e, para ela, a culpa frequentemente vinha na forma de um jovem atraente, de óculos e entradas proeminentes. A culpa de Lorena chamava-se Marcel e andava em sua direção naquele exato momento. O que será que ele ia achar de sua primeira transgressão em 24 anos?

– Que estupidez, Lorena! – exclamou ele, ao ouvir a história. – Por que diabos fez isso? Deixe o Marcos se ferrar sozinho! Ele nunca sabe o que está fazendo mesmo! Com certeza, vai terminar vendendo sanduíche natural na praia com um diploma inútil debaixo do braço ou pendurado na parede da sala! Ele não tem nada a perder, mas você tem o seu futuro!

– Puxa, Marcel! É bom saber que você acredita tanto em mim! – disse Marcos, sentado displicentemente no parapeito do quarto andar. – Agora eu vou ter que me esforçar! Não quero decepcioná-lo! Aliás, você acha que sanduíche de galinha vende mais que o de atum?

– Sai daí, ô animal! Você pode cair e sobreviver! E vou ter que passar anos no tribunal tentando convencer todo mundo que não fui eu que te

empurrei!

Lorena deu um longo suspiro esperando eles terminarem e pensando em qual a graça de sacrificar o presente para garantir um futuro que ninguém garantia ser tão bom quanto as coisas que ela estava perdendo. Virou-se para Marcel determinada a explicar-lhe isso! Mas seu primo mais velho sempre tomara conta dela e sempre lhe causara forte impressão. E então, ao olhar para ele, simplesmente disse:

– Estou com fome!

– Agora pode comer com tranquilidade, tem muito tempo... – desdenhou Marcel.

Lorena sentiu-se rastejar no parapeito, verde e desajeitada. Uma lagarta...

– Achei que era a coisa certa a fazer! – conseguiu desengasgar a moça.

– Seu problema, Lorena, são as companhias. Você sabe muito bem que às vezes pequenas e insignificantes atitudes podem lhe trazer problemas para o resto da vida!

– É verdade, Lorena! – intrometeu-se Marcos com ar gravíssimo, saltando do parapeito para perto dela. – Daqui a 10 anos, quando você for acampar com seus amigos, a professora de Psicologia que você irritou vai aparecer armada com uma serra elétrica matando todo mundo por vingança! Sua vida terminará como um filme B!

– Eu disse que o seu problema são as companhias... – resmungou Marcel, enquanto Marcos piruetava por entre eles fazendo caretas e ruídos de serra elétrica.

Marcel olhou para o relógio.

– Minha aula já vai começar.

– Então é melhor correr, senão a ira do Senhor vai desabar sobre sua cabeça! – implicou Marcos.

– Morra.

Marcel beijou rapidamente a testa de Lorena com sua velha postura paternal e já ia embora quando se lembrou de entregar-lhe algo. Puxou um livro dentre os cadernos e livros da faculdade.

– Achei este livro muito interessante. É sobre um caso de pseudo-possessão demoníaca que aconteceu numa cidadezinha da França do século XVII e a trama que envolveu o pároco local. Aldous Huxley é indispensável! Não deixe de ler!

Lorena murmurou um obrigado distante, porque já sabia que nunca era ouvida mesmo, enquanto folheava as páginas e Marcel se afastava

rapidamente para sua aula de Direito Legislativo.

– Esse cara é um chato! – Marcos verbalizava sua descoberta como se ela já não fosse óbvia, voltando a sentar-se no parapeito. – Por que você não o mata? Daria sua contribuição para um mundo melhor!

Lorena fechou o livro, onde estampado em meio à uma fogueira e olhos assustados. lia-se o título:

“Os Demônios de Loudun”.

– É livro de macumba?

Lorena finalmente voltou ao planeta, guinchada de volta pela pergunta surreal.

– Hã?

– Loudun não é um ritmo de macumba? Deve ser um livro de macumba, de Exu, essas coisas! Ensina alguma macumba boa aí? A gente pode fazer uma macumba pra professora pra ela andar de lado pro resto da vida!

Lorena suspirou. Não sabia nem por onde começar. Saiu andando calmamente para a lanchonete enquanto Marcos a seguia e ela falava com sua habitual voz mansa.

– Olodum é o nome de um grupo de *axé-music*, “Os Demônios de Loudun” não é um livro de macumba e, se fosse, não precisaríamos fazer nada contra a professora porque se a única demonstração de autoridade que ela pode ter é expulsar alunos da classe, ela já está andando de lado há anos. Vamos comer. Não quero dar de cara com ela quando a aula acabar.

– OK!

E desceram as escadas, andando em direção à lanchonete com aquela certeza que poucas vezes temos. Quando as escolhas são poucas e os desejos são básicos, é bem mais fácil ter certeza do que se faz. Já em todas as outras situações...

Capítulo II

Ela caminhava no parque alheia às crianças, aos carros distantes, às conversas ou a qualquer coisa que acontecesse. De fato, desde que começara a ler *Os Demônios de Loudun* não prestava mais muita atenção a coisa alguma. Em geral, era uma dessas leitoras convictas que invariavelmente terminam de ler o que começam. Mas sabia que esse era um daqueles livros que a prenderiam até seu fim, que não a deixaria olhar para outro mundo que não fosse o seu. E o mundo de Loudun era muito estranho.

Quem olhasse a moça discreta caminhando calmamente pelo parque da cidade não a veria de verdade. Ela não estava ali. Estava acompanhando a chegada de um jovem padre a uma cidadezinha do sul da França do século XVII que não possuía nem de longe o *glamour* a que estamos habituados a lembrar quando falamos da França. O egocêntrico Rei Sol, a luxúria da corte, as vestes ricas, tudo isso estava bem longe daquela pequena cidade de maioria anônima no alto de uma colina sob o domínio de duas torres: a gótica torre do campanário da Igreja de São Pedro e a torre medieval do castelo, sólida praça de guerra construída pelos condes de Poitiers.

Na entrada da cidade, um corpo em estado avançado de putrefação saudava o recém-chegado no patíbulo municipal. Nas ruas, o cheiro de fossa era uma constante, misturado a uma série de outros odores, do cheiro de pão no forno ao cheiro de cavalos, gansos e seus dejetos. Dos quatorze mil habitantes, grande parte era composta de huguenotes avessos à Igreja e a maioria era uma multidão de ninguéns que podiam ser encontrados em qualquer cidadezinha da Idade Média.

No centro tínhamos o principal movimento da cidade e as casas das figuras mais proeminentes, como o *Lieutenant criminel* Hervé, a Delegacia onde as contendas eram resolvidas, a casa do recém-eleito governador da cidade e do castelo Jean D'Armagnac, o boticário onde o narigudo Sr. Adam e o Dr. Mannoury falavam com discrição das doenças indiscretas de seus pacientes e onde se vendia todo tipo de unguentos, poções à base de ervas e onde era feita a famosa e horripilante sangria, cuja eficácia era duvidosa. E, é claro, temos a Igreja de *Saint Croix*, onde pacatas senhoras de idade faziam suas orações e confessavam seus pecados não cometidos. Não havia muito em Loudun.

Mas Lorena não conseguia mais sair de lá.

– Oi!

A moça não se mexeu. Sentada em seu recanto favorito da faculdade, no dia seguinte ainda caminhava nas ruas de Loudun, entre artesãos, camponeses, criados e operários, bem ao lado do jovem e belo pároco recém-chegado. O local, geralmente tranquilo, contava com o burburinho de alunos chegando e falando, contando as novidades e rindo alto. Passavam em direção à aula ou sentavam-se em volta de uma grande amendoeira diante da Cantina Natural, a lanchonete. Lorena costumava-se sentar num dos bancos de pedra sob as grandes copas das árvores. Ao seu lado, um aquário de pedra abrigava peixinhos ordinários (porém muito simpáticos), indiferentes à moça que lia ou ao casal que se beijava logo ao lado. De uma carranca de leão em bronze esverdeado, água cristalina cascadeava sobre os peixes, que continuavam seu balé em círculos. Mas Lorena não notava os peixes, nem ouvia as conversas próximas ou as pessoas que passavam rindo alto, não notava os namorados no banco ao lado beijando-se longamente e, é claro, não percebeu a chegada de Marcos. Este ficou olhando para ela esperando o retorno de seu cumprimento, que não veio, o que o deixou ligeiramente desapontado. Mas Marcos não era de desanimar.

– Tudo bem, vou chegar de novo – deu uma pirueta, uma sapateada e cantou um hollywoodiano “oi” para ela.

Lorena olhou para o colega de classe que se tornara seu fiel companheiro naqueles três anos de faculdade. Seus olhos pequenos piscaram por trás dos óculos e ela sorriu.

– Oi, Marcos! Que bom que você chegou! Esse livro é fantástico, você precisa ler!

– O livro do chato? Deus me livre! Ele pode ter irradiado ondas de chaturação e esse livro pode me contaminar!

– Estou falando sério! É muito bem escrito, é inteligente e a história é... é meio revoltante! Como as pessoas podem ser tão estúpidas?!

– Séculos de prática! – jogou a mochila no banco e sentou-se na borda do aquário, largando-se displicentemente e passando uma adorável sensação de liberdade que só os jovens conseguem passar.

– O único problema é que o autor é tão inteligente que nos dá a sensação de que somos burros. Você quer que eu te empreste quando terminar?

– Não, obrigado... – Marcos se espreguiçou – Já tenho essa sensação sozinho. Além do mais, ainda não terminei de ler a revistinha do Cebolinha

desse mês.

Lorena estava animada com o livro e queria compartilhar isso com o amigo. Começou a insistir, tecendo elogios intermináveis como uma vendedora. Mas ela era uma péssima vendedora.

– Quantas páginas tem? – perguntou Marcos.

Lorena foi até a última página e rapidamente fechou o livro fazendo uma cara de sonsa que nunca convenceu ninguém.

– Umas cem...

– Umas cem uma ova! Deixa eu ver isso aqui! – e tomando o livro das mãos dela, arregalou os olhos e gritou. – AAAAHHH!!! 334 páginas?!!! E sem figura nenhuma!!! ‘Cê ‘tá maluca, Lorena?!! Quê que eu fiz pra você? Pensei que fôssemos amigos!

– Tenho certeza de que você ia gostar!

Uma sirene escandalosa espantou os pássaros e lembrou que era hora da aula começar.

– Pois é, meus pais falaram a mesma coisa sobre este lugar. Vambora, o passeio ao sol terminou. Está na hora dos prisioneiros retornarem às suas celas. Você já calculou quanto tempo a gente perde de vida preso nessas salas, ouvindo coisas que a gente não entende?

Foram caminhando vagorosamente em direção ao último bloco, um prédio de quatro andares onde tinham a maior parte de suas aulas.

– Acho que se entendêssemos tudo, não precisaríamos estar aqui. – respondeu Lorena.

– E de que adianta!? Quando a gente finalmente entender alguma coisa, a gente vai tentar explicar para os nossos filhos e eles não vão entender nada!!! É uma perda de tempo!!!! Imagine em quantos outros lugares você poderia estar se não fosse aqui! E nem ia ficar se preocupando em entender alguma coisa que, em primeiro lugar, não te interessa!

Lorena pensou um pouco. Ficou meio frustrada ao perceber que não tinha muitos lugares em que gostaria de estar. Se não existisse aquela faculdade, talvez ficasse em casa, olhando para as paredes.

– Mas eu quero entender! – retrucou a moça.

Estavam entrando na sala onde alunos dispersos conversavam descontraídos sobre assuntos mais dispersos ainda. Marcos olhou para a amiga com o cenho franzido e uma expressão de deboche.

– Lorena, eu não te entendo!

A aula começou, todos voltaram aos seus lugares, o barulho de abrir cadernos subiu ao ar como um coro de asas batendo, voando para bem longe sem sair do lugar.

Lorena estava inquieta. Talvez fosse o poder da conversa de Marcos antes da aula começar, mas não estava conseguindo entender nada. Olhava para o professor e era como se ele falasse um monte de palavras desconexas:

– Os Molucanos são os residentes das ilhas Molucas, arquipélago da Indonésia, ocupam o litoral e pertencem, em sua maioria, ao grupo dos alfurás, de alta estatura e bronzeados. Aparentados com os daiaques de Bornéu e os bataques de Sumatra, são mestiçados com papuas, malaios e polinésios. Falam dialetos malaios...

Lorena sacudiu levemente a cabeça. Do que aquele homem estava falando?... Não conseguia se concentrar em uma única palavra do professor e sabia que não era ali que queria realmente estar. Acariciou a capa do livro com a ponta dos dedos, sentindo aquele estranho mundo chamá-la de volta. Um nome lhe veio à mente e ela o sussurrou, como se quisesse saber que gosto tinha: Grandier.

Era o nome do homem que atravessara os portais de Loudun e começara uma guerra particular contra os imbecis que, como em toda cidade, eram muitos. Hábito estranho para um padre? Pois é, mas Grandier nunca foi um padre por vocação. Era um padre por profissão. Bonito, filho de um jurista não tão proeminente, demonstrou talento e inteligência muito cedo. Seu tio, o Cônego Grandier, colocou-o na escola dos Jesuítas, onde passou mais de dez anos. Grandier não tinha a menor intenção de se tornar jesuíta e passar a vida em privações, dedicando-se a ensinar e cumprir os votos, mas alimentava grandes ambições como padre secular. Possivelmente não chegaria a bispo, já que não era de origem nobre (embora, lá no fundo, ainda havia uma esperança e uma dúvida razoável), mas poderia vir a ser o capelão de um influente fidalgo, tutor de algum importante marechal da França e, quem sabe, poderia chegar até a cardeal! Além disso, flutuavam em sua jovem mente sonhos possíveis em que recebia convites para exhibir sua já famosa e elogiada eloquência diante de príncipes, princesas, bispos e até diante da rainha, ou ainda ordens para invejáveis missões diplomáticas, nomeações para altos cargos administrativos, acúmulos de cargos vantajosos, sinecuras maravilhosas.

Um mar de possibilidades estendia-se como um tapete vermelho àquele jovem jesuíta noviço que após dois anos de estudos adicionais de teologia e filosofia recebeu da Companhia de Jesus o convite para seu primeiro degrau. Foi, ao mesmo tempo, nomeado para um benefício eclesiástico bastante relevante em Saint-Pierre-du-Marché, em Loudun, e cônego da igreja colegiada de Saint Croix. Com 27 anos entrava na cidade

com a resolução de quem dá seu primeiro passo para um futuro destinado a poucos e invejado por muitos.

Lorena olhou novamente para o professor, tentando se esforçar para prestar alguma atenção ao que ele dizia, mas seus olhos voltavam-se sempre para o livro. Definitivamente, por mais belos que fossem, as ilhas molucas e seus molucanos bronzeados não a atraíam. Ela queria voltar para Loudun! Quando deixou seu amigo padre, ele estava em um bate-boca acalorado com o *Lieutenant Criminel*, em frente à sua igreja.

Era tarde. Lorena já estava em Loudun. Já conhecia as ruas, já andava com extrema desenvoltura entre artesãos e gente comum. Em sua imaginação, não era vista, mas isso não a perturbava, pois estava acostumada a não ser vista nunca. Abriu o livro na página onde um marcador de prata brilhava. As paredes da sala caíram, o quadro-negro partiu-se em pedaços como se fosse vidro e ela ouviu os gritos da briga em frente à igreja. A discussão que ninguém sabia como começara evoluíra para violência física e espadas desembainhadas. Grandier e dois noviços tiveram que erguer barricadas na porta da igreja enquanto Hervé e seus homens tentavam entrar à força.

No dia seguinte, o pároco correu aos seus superiores para reclamar da agressão que sofrera e o comissário recebeu uma dura reprimenda. As picuinhas e sangue quente de Grandier acabavam de formar mais um inimigo. Mas ele estava se divertindo com mais essa vitória, juntamente com seus amigos, figuras ilustres e nobres da cidade que o receberam de braços abertos assim que chegou. Este fato, aliás, encheu muitas almas da cidade do mais puro ressentimento, uma vez que aquele estranho arrogante conseguira de graça a simpatia de pessoas inteligentes que os ignorantes nunca conseguiram cativar. Dentre os amigos fiéis de Grandier estava o mais famoso cidadão de Loudun, jurisconsulto e notável político, além de historiador e poeta que carregava o título de Idoso Homem do Estado e Decano das Letras Humanas, Scévole de Saint-Marthe, o promotor público Louis Trincant, o *bailli* ou primeiro magistrado da cidade, Guillaume de Cerisay; o governador Jean D'Armagnac. Além destes, ainda havia as visitas famosas que o padre costumava receber, como o príncipe de Gales, o pai do jornalismo francês Théophraste Renaudot e Ismaëll Boulliau, que viria a escrever *Astronomia Philolaica*.

Entre amigos e inimigos, Lorena acompanhava de perto a vida em 1624, a vida de pessoas que não existiam mais, mas que renasciam cada vez que ela abria aquele livro. Sentiu uma sensação de felicidade pura e leve,

como se desse um longo suspiro num dia fresco de primavera.

Lorena estava de volta a Loudun.

O intervalo pegou-a de surpresa. Enrubescou, envergonhada de ter lido durante toda a aula. O professor passou e ela baixou a cabeça.

– Ai, meu Deus! Será que ele vai me perdoar?

Marcos a olhou sem entender.

– Pelo quê?

– Eu li durante a aula toda! Que desfeita! É como deixar alguém falando sozinho!

Marcos riu, incrédulo.

– Lorena! Ele nem te viu! Ele nem notou que você estava aqui! Na verdade, eu acho que ele nem sabe que você está na classe dele há oito meses!

Lorena levou a mão à cabeça, arrumando um cabelo que não tinha um fio fora do lugar.

– E o pior é que eu não prestei atenção. Você entendeu alguma coisa?

– Tá brincando?! Eu te disse que eu não entendo nada!!! É que nem aquela música: “Eu presto atenção no que eles dizem, mas eles não dizem nada! Yeh, yeh!” A faculdade é assim: a gente finge que entende, eles fingem que ensinam, a gente paga uma conta no final do mês e, ao final de muitas prestações, conseguimos um diploma pra provar que estamos quites com nossas obrigações educacionais.

– Mas você anotou alguma coisa, não anotou?

– Eu não anoto o que eu não entendo!

– Marcos, você está me enervando!!!

– Uau! Levei quase quatro anos pra conseguir isso!!!! A paciência é uma virtude! AAAAAH! Lembrei de uma coisa que eu queria te falar!

Refeita do susto, Lorena virou-se novamente para ele.

– Olha só! Vai ter uma palestra sobre Psicobiofísica no sábado e eu estou hiper a fim de ir! Eles vão falar de portais interdimensionais. Você não quer ir comigo?

Lorena não se surpreendeu com o convite de Marcos. Apesar de nunca vê-lo se interessar por uma aula, sabia que ele se amarrava em coisas inexplicáveis e frequentemente o via com artigos ou revistas do gênero. Talvez ele se sentisse menos solitário ao tentar entender coisas que ninguém entendia.

– Parece interessante, mas eu tenho um almoço com a família do

Marcel lá em casa no sábado.

– Com a família do Marcel?! Puxa! Que emoção! Meus olhos até se encheram d'água! Posso ir também?

Lorena fitou Marcos através das finas lentes esverdeadas.

– Marcos, ele não é tão ruim assim... Além do mais, ele é meu primo...

– E eu sinto muito por isso e se eu puder fazer alguma coisa por você é só dizer, viu? Amigo é pra essas coisas. E não se preocupe, isso morreu aqui. Eu não vou espalhar por aí que você tem um psicopata na família.

– Quem tem um psicopata na família?

– A Lorena! – respondeu prontamente Marcos à colega que chegava. Luna era a responsável pela rede de comunicação da universidade. Grande e cheinha, ela era uma espécie de antena parabólica gigantesca que captava toda e qualquer informação para transmiti-la em seguida na velocidade da luz.

– Uau! Isso é quente! E por falar em quente, vocês estão numa fria! A professora ontem descarregou sua ira sobre nós e passou um trabalho monstro, garantindo que fará o possível para reprovar todo mundo.

– Que trabalho? – perguntaram os dois amigos em coro.

– Uma tese. Ela quer que cada um escolha um caso verdadeiro e elabore uma tese de psicologia em cima dele. É pra daqui a duas semanas e deve ter no mínimo 40 laudas.

– Aaah, vai dar muito trabalho! – reclamou Marcos. – Não vou fazer não!

– Isso vai ser a prova.

– Droga. É isso. É o fim. Acabou. Vou desistir. Até que eu cheguei bem longe!

– Pode ser em grupo? – perguntou Lorena, mais preocupada com Marcos do que consigo mesma.

– Pode ser em dupla, mas os dois têm que saber defender a tese lá na frente da turma ou ela vai zerar os dois. E a D. Alcântara é conhecida por prender gente nessa dimensão distorcida e paralela que é a aula dela por vários períodos. Sabem o Jorge ali?

Eles olharam para o aluno mais velho da classe, um aposentado que adorava a faculdade e esbanjava simpatia entre os colegas, apesar da grande diferença de idade.

– Dizem que ele entrou na faculdade com 22 anos e está aqui até hoje por causa da D. Alcântara!

– Mas que inferno, meu Deus!!! – berrou Marcos, inconformado em ter que trabalhar.

O professor da aula seguinte entrou na sala e os alunos dirigiram-se aos seus lugares. Marcos queimava sua massa cinzenta para arranjar um jeito de escapar daquele terrível impasse que o cruel destino lhe impôs. As mais variadas desculpas de seu caderninho de *DIETA TC – Desculpas Infalíveis para Evitar o Trabalho A Todo Custo*, não funcionariam com uma professora que já declarara publicamente seu ódio por ele e sua amiga encrenqueira. Olhou para Lorena com raiva. Se aquela idiota não tivesse sido malcriada, o frágil ego da professora estaria inabalado e eles não precisariam sofrer mais.

Mas ao seu lado, Lorena olhava para frente, enquanto o professor colocava seus livros sobre a mesa e os alunos procuravam em seus fichários o nome da matéria. Ela estava indiferente ao caricato olhar de ódio de Marcos porque, mais uma vez, não estava mais lá. Seu olhar ia lá para longe, no passado que se tornou presente nas páginas do livro que repousava à sua frente. Estava tranquila. De alguma forma, sabia que encontrariam a solução. Sabia que as soluções para os problemas humanos, dos mais simples aos mais complexos, geralmente estavam bem diante de seus narizes. Era só uma questão de escolhas.

Mais tarde, comiam na Cantina Natural, uma lanchonete que evoluiu de um *trailer* e que era tradicional da faculdade. Marcos enfiava um pão enorme na boca. Não era só por que estava com fome. Era porque estava nervoso!

– Vou pedir outro! – disse, preparando-se para levantar.

– Marcos! Você está tendo uma crise de ansiedade!!! Calma! A gente vai achar um jeito! É só ter calma!

– Eu não consigo ter calma! Eu estou apavorado!!! – respondeu, sacudindo os braços no ar. – meu pai se recusa a pagar um tostão a mais por essa faculdade!!! Sabe o que vai acontecer?! Ele vai me mandar arrumar um emprego!!! Que coisa horrível!!! Eu preciso comer!

Um senhor de bochechas rosadas queimado de sol apareceu com um largo sorriso. Seu João, como era chamado com carinho pelos alunos, parecia estar sempre sorrindo. Levava numa cestinha o sanduíche de frango com passas de Lorena, seu favorito.

– Obrigada, Seu João! – sorriu ela. – Mas veio um brigadeiro!

– Ué! Você não pediu?

– Não, senhor.

– Então ele entrou na cestinha sozinho! É melhor ficar com ele!

– Puxa! Obrigada!!!

– Seu João! O senhor pode me trazer o maior sanduíche que sua

cantina pode fazer? – perguntou Marcos. – Não importa o sabor, só o tamanho! E um refrigerante gigante!

Seu João anotou o pedido e saiu rindo.

– Parece a última refeição de um condenado!

Um vento sacudiu as árvores e algumas folhas caíram sobre as mesas de pedra. Lorena colocou sua mão sobre a de Marcos e tranquilizou o amigo.

– Fique calmo, Marcos. A D. Alcântara não vai pegar você. Eu não vou deixar.

Marcos não pareceu muito animado.

– Puxa... Agora me sinto seguro...

Capítulo III

Lorena nunca se sentiu parte da raça humana. Às vezes pensava que talvez fosse mesmo uma lagarta... Quando andava nas ruas da cidade grande, esbarravam nela como se fosse invisível e, quando dizia alguma coisa, ninguém prestava atenção. Quando criança, sua mãe a enfiou em todo tipo de aula e curso de férias. Fez balé, *jazz*, natação, esgrima e até artes marciais. Foi um notório fracasso em cada uma delas. Era motivo de piada e isso a fez voltar-se para cursos menos agressivos. Deu-se bem no estudo da literatura e línguas e quando terminou os cursos, seu pai colocou os diplomas na parede.

Por essas e tantas outras, os melhores momentos dessa moça pacata de roupas fora de moda e cabelo eternamente preso num coque cafona eram entre quatro paredes rosas. Seu quarto era seu refúgio. Nem mesmo Alexandre, seu irmão insuportável de 10 anos que estava na fase em que tudo deve ter como ponto de partida, caminho e objetivo final sua própria pessoa, ousava penetrar no santuário (é claro que uma porta trancada ajudava a desencorajá-lo) e era lá que ela passava a maior parte do tempo. Estirada na cama, devorava as letras miúdas que contavam a trajetória do jovem Urbain Grandier. Lorena estava nitidamente fascinada por ele e, ao mesmo tempo que queria chegar ao fim do livro, detestava a ideia de saber que depois da última página teria que se despedir de seu novo amigo.

Uma brisa levantou as cortinas leves e alguns quadros emoldurados caíram na penteadeira. Lorena não se moveu. Seu rosto mostrava o terror que sentia ao testemunhar o rumo que as coisas estavam tomando em Loudun.

Grandier tinha amigos influentes e importantes e isso despertava a inveja de todos os outros, excluídos. Mas as pessoas morrem, e alguns desses amigos já estavam em idade avançada, como o Mestre das Letras Scévole. Grandier fez um discurso lindo em seu funeral e seu velho amigo deve ter ficado muito orgulhoso lá do outro lado. A morte também levou-lhe outro grande aliado, o *bailli* Sr. Cerisay. Mas se tinha nos inteligentes bons amigos, fazia questão de tornar os estúpidos inimigos ferozes. Lorena não compreendia muito bem a simpatia que tinha por aquele homem. Seu amigo de batina estava longe de ser um anjo, sabia disso.

Grandier era um homem de extrema beleza e tinha total ciência

sobre o poder que sua simples presença exercia sobre as mulheres. Mas isso não devia contar, uma vez que ele era um padre, certo? Não exatamente... Celibato não era uma de suas palavras de ordem e tinha uma maneira muito particular de resolver este probleminha moral. Desenvolveu duas teorias sobre a quebra do voto de celibato que ele e todos na Igreja eram obrigados a fazer. Em primeiro lugar, o celibato era uma exigência da Igreja, e não de Deus, para que o futuro padre conseguisse o que mais queria na vida: servir a Deus. Então, não era pecado jurar cumprir algo apenas para chegar no objetivo maior, já que ninguém abraçava o celibato porque queria. Era uma coação! Segundo: uma ordem que é impossível de ser cumprida não precisa ser obedecida. O celibato vai de encontro aos instintos e necessidades básicas do homem, logo é impossível cumpri-lo. Assim, depois de resolvido este probleminha ético e moral, Grandier estava pronto para aliar sua beleza de anjo à sedução de um demônio. A antes vazia igreja de Loudun agora fervilhava de mulheres de toda a cidade, que inventavam pecados para ter um motivo para ver Grandier. Os homens, claro, não gostaram muito dessa fé súbita.

Como se não fosse o bastante a aparência inquestionavelmente bela, o padre também tinha sido dotado de uma lábia invejável. Sua eloquência nos sermões tornaram-no famoso e a igreja lotava aos domingos. Alguém com tantos atributos como Grandier teria com certeza um caminho fácil para a vida de conforto com que sonhava. Mas, como Huxley escrevera sabiamente, a fada boa e a fada má muitas vezes são a mesma pessoa. Uma luz sempre projeta sua sombra e quanto mais intensa a luz, mais escura será sua sombra. Aliado ao seu talento com as palavras, sua inteligência e argúcia, sua beleza rara, vieram no pacote o orgulho, o egocentrismo e a luxúria. Grandier tinha uma língua afiadíssima e um cinismo inteligente que demolia qualquer um. Assim que chegou em Loudun, envolveu-se em uma série de rixas inconvenientes com duas pessoas: Deus e o mundo. Eram rixas incômodas para seus antagonistas, mas profundamente divertidas para ele.

E foi com alguns anos de sermões inflamados, disputas de ego e malcriações sarcásticas e cínicas que o pároco criou vários inimigos, como o dono do boticário, Sr. Adam, e o médico Mannoury, cuja estupidez e arrogância Grandier ridicularizava sempre que podia. A igreja de Notre Dame de Recouvrance dos monges carmelitas encontrou a ruína depois da chegada do padre. A oratória de Grandier “roubara” os fiéis que abandonaram a velha igreja dos monges. A verdade é que Notre-Dame de Recouvrance teria caído no esquecimento com ou sem Grandier, mas não é

preciso conhecer muito da natureza humana para saber que é sempre mais fácil centralizar a culpa em um único motivo – e se o motivo for de uma ordem ou partido diferente do seu, tanto melhor! Por isso os padres Lactance e Tranquille passaram a ver no jovem pároco o motivo de sua queda e seu principal inimigo.

E enquanto se envolvia em pequenas picuinhas que julgava sem importância e que criavam uma dúzia de inimigos, Grandier estava criando outro, este de proporções preocupantes: Louis Trincant, seu amigo promotor, um viúvo que tinha duas filhas em idade de casar. Philippe, a mais velha, era tão bonita que sua fama corria a cidade. O promotor pediu ao padre que desse algumas lições à moça. Grandier aceitou com prazer. Philippe era inteligente e ele ficava feliz em companhia de espírito tão promissor. Discutiam por horas e tocavam piano, riam e divertiam-se, atravessando a linha entre professor e aluna rapidamente e tornando-se amigos. Mas Philippe era também bela e logo eles se flagravam em olhares mais prolongados, em momentos de tenso silêncio em que algo além de amizade começava a aflorar. Grandier, sem pensar nas consequências, encontrou em Philippe seu mais novo desafio. Com todo o jogo de sedução a que estava acostumado, a jovem não teve a menor chance.

De todos os erros que Grandier cometera, Philippe fôra o maior. Ele, no entanto, nunca se deu conta disso. Depois de conseguir o que queria, abandonou-a, pois a vitória só tinha sabor no momento e Philippe nada mais era que águas passadas. Mas ele não contava com as leis da biologia. Philippe estava grávida e não sabia o que fazer. Quando foi pedir sua ajuda, Grandier a renegou e simplesmente ignorou o assunto. A antes bela Philippe, apaixonada e rejeitada, começou a definhar. Perdeu sua beleza e tornou-se apática e infeliz. Quando tornou-se impossível esconder o resultado daquela noite, Philippe contou em prantos o que acontecera. Furioso, Trincant jurou destruir o padre a quem confiara sua filha e que ousara macular sua casa e seu bom nome. Trincant passou, desde então, a encabeçar um verdadeiro movimento de caça à raposa. Juntou-se à cruzada seu sobrinho, o cônego Mignon, homem torto de nascença cuja própria feiúra era motivo de grande amargura.

E não satisfeito em transformar amigos em inimigos, Grandier ainda se dava ao trabalho de criar inimigos fora de Loudun. Certa vez, entrou em disputa com o prior de Coussay. Diante de uma procissão, exigiu precedência sobre ele uma vez que estavam em sua cidade. De fato, Grandier tinha o direito, mas não custava nada ter um pouco de elegância e um tantinho assim de gentileza com o visitante, especialmente quando esse

visitante era, além de prior de Coussay, bispo de Luçon, um certo Armand-Jean du Plessis de Richelieu.

E, é claro, havia o comissário de polícia Hervé, único a quem Grandier não ofendera de graça só pra começar uma guerra, mas que demonstrava pelo padre o mais genuíno ódio humano desde o primeiro momento em que o vira.

Ao que parecia, tinham todos os motivos do mundo para solicitar um afastamento do padre. Mas não podiam provar. Grandier era inteligente, não deixava rastros e era discreto. E isso os enlouquecia! Tudo o que podiam fazer era falar e falar e isso eles faziam muito bem. Rolava um boato de que Grandier andava visitando demais uma jovem chamada Madeleine de Brou. Bela e de boa família, a moça era um bom partido. Um chato chamado Piérre Menuau, advogado do rei, andara rondando Madeleine com propostas de casamento que ela educadamente recusou. E como todo chato não aceita um não como resposta, Piérre correu a reclamar da rejeição na casa de Trincant, que logo o convenceu de que ela o recusara por causa de Grandier.

Madelaine começou a ser chamada de *sainte nitouche*, uma “santinha do pau-oco”, seu nome ficando cada vez mais envolvido em conversas cada vez mais pesadas. Ofensas pessoais tornaram-se uma constante. Sua família a convenceu a entrar com uma ação judicial contra o Sr. Adam, o fofoqueiro. Ela entrou e ganhou. Um proprietário rural que detestava Grandier e Madeleine pagou a fiança do Sr. Adam e a apelação. O Sr. Adam finalmente encontrou a ruína por que tanto procurara ao perder o caso e ser obrigado a pagar uma indenização de seiscentas e quarenta libras francesas, mais as despesas dos dois julgamentos, além de pedir publicamente desculpas à Srta. de Brou. Com esta lição, os inimigos de Grandier perceberam que, se queriam chegar ao padre, teriam que pegar outra estrada.

Outra figura estava para unir-se a essa cruzada (como tinha gente desocupada nessa cidade!). Um amigo de Menuau tomara-lhe as dores. Era um ex-soldado e fidalgo de cultura rala chamado Jacques Thibault que achava que Grandier não passava de um padreco pretensioso que ousava sustentar o garbo de um capitão e falar fluentemente vários idiomas. Seu primeiro ato detonou uma primeira grande guerra oficial entre Grandier e seus inimigos. Thibault correu a um dos protetores do padre, o marquês de Bellay, e contou atrocidades reais e fictícias sobre o homem que ele frequentemente recebia em sua casa. A partir de então, Grandier passou a ser *persona non grata* na casa dos Bellay, o que deixou o padre muito sentido. D’Armagnac contou-lhe sobre o motivo e Grandier ficou furioso

com a fofoca maldosa e mentirosa de Thibault. Um dia, antes da missa, em vestes litúrgicas diante da igreja, Grandier foi tirar satisfações com o fofoqueiro. Thibault respondeu-lhe com uma bengalada de junco na cabeça. A confusão estava armada.

Grandier foi o primeiro a tomar providências! Na manhã seguinte, partiu a cavalo para Paris. Uma agressão contra um padre era uma ofensa perigosa, um sacrilégio, um crime contra Deus – e sua cabeça doía! Estava disposto a ir ter com o Parlamento, com o procurador-geral da Coroa, o chanceler ou até o próprio rei, se necessário!

O sistema de comunicação da cidade não ficava devendo nada aos nossos. Em menos de uma hora, o Sr. Adam já estava contando pra todo mundo do seu conselho particular de guerra sobre os passos do padre. Resolveram então partir para o contra-ataque. Que Grandier se queixasse em Paris. Enquanto isso, eles iriam direto a Poitiers e se queixariam ao bispo. Num documento rebuscado e jurídico, acusavam o padre de perverter mocinhas inocentes e mulheres indefesas, de não ler o breviário, de fornicção dentro de sua própria igreja. O documento foi assinado por duas testemunhas bastante idôneas: dois mendigos bêbados que o Sr. Adam catou no mercado. Depois de um assinar seu nome, o outro assinar com uma cruz e ambos receberem uns trocados, Bougreau e Cherbonneau saíram felizes para mais uma bebida. No dia seguinte, Trincant e o comissário Hervé saíram em seus cavalos para pôr o plano para funcionar. Conseguiram uma carta com o juiz eclesiástico, representante legal do bispo, que já tinha ouvido falar das indiscrições e arrogância do padre e achava que já estava na hora de dar-lhe uma lição. De posse da carta, foram à casa do bispo, um certo Henry-Louis Chasteignier de La Rochepozay.

Rochepozay era uma figura culta, mas de um mau humor medonho. Certa vez, em 1614, ordenou aos seus arcabuzeiros que atirassem em duzentas famílias acampadas nos portões da cidade se tentassem voltar para suas casas. O motivo era a fidelidade dessa gente toda ao governador, que era fiel à regente Maria de Médicis mas odiado por Rochepozay. Apesar deste desvio mental, Rochepozay mandou e desmandou em Poitiers até morrer de um ataque apoplético em 1651. Era este homem que ouvia Trincant e o Comissário e estava prestes a decidir a sorte de Grandier.

Enquanto isso, com uma pequena ajuda de D'Armagnac, Grandier conseguia audiência privada com o próprio rei Luis XIII, que comovido com a história do pároco ordenou que justiça fosse feita. Emitiu-se uma ordem de prisão contra Thibault, o qual partiu imediatamente para Paris. Quando, no meio da audiência, Grandier parecia vitorioso, Thibault sacou aquele

inesperado Às da manga. A ordem de prisão para Grandier. A sessão foi suspensa até que o padre se explicasse com seus superiores. Seus inimigos tinham sua primeira vitória.

Em Loudun, uma investigação oficial sobre o comportamento do padre estava sendo realizada. O comissário civil Louis Chavet tentou dirigir o trabalho de maneira imparcial e honesta, mas foi impossível com as interferências dos inimigos de Grandier. Acabou por abandonar desgostoso o caso nas mãos de Trincant. As acusações vinham de todos os lados, falando não mais de fatos, mas de fantasias de mentes desocupadas. Os únicos depoimentos que interessavam, os das mulheres teoricamente assediadas, não foram tomados. As empregadas, viúvas inconsoláveis, Philippe e Madeleine não disseram uma palavra contra o padre.

D'Armagnac aconselhou Grandier a se entregar pessoalmente ao bispo de Poitiers, enquanto ele mesmo mandaria uma carta a seu favor para o juiz e para Rochepozay. Grandier voltou de Paris e passou a noite em segredo no presbitério, partindo novamente a cavalo logo pela manhã. A Internet de Loudun, Sr. Adam, correu logo a contar para Thibault, que estava há dois dias em Loudun e partiu imediatamente para chegar antes em Poitiers. Foi direto ao palácio episcopal dizendo que Grandier estava a caminho para se entregar, mas que tudo não passava de uma simulação e tudo o que ele queria era evitar a humilhação pública de uma prisão. Assim que Grandier saiu da casa do juiz em direção à casa de Rochepozay, foi preso pelo bedel do rei, sob protestos, mas sem escândalos.

Menos de um mês após a bengalada de Thibault, Grandier estava na prisão episcopal sob domínio do carcereiro Lucas Gouiller. Fazia um frio insuportável na cela úmida e sem luz. Não era permitido que se enviasse roupas mais quentes ao prisioneiro e nem mesmo sua mãe teve permissão de visitá-lo. Após duas semanas nesse castigo exagerado, Grandier estava pronto para implorar perdão ao bispo. Rochepozay não só não se convenceu com as palavras sábias e lamuriantes do padre encarcerado, como achou uma afronta as cartas de seus amigos D'Armagnac e do arcebispo de Bordeaux. Ordenou que Grandier recebesse tratamento ainda pior.

Ainda recebia visitas de seus amigos jesuítas, que lhe levavam meias quentes e notícias do mundo lá fora. Através de cartas, soube que D'Armagnac lutava por ele e conseguira reabrir o caso contra Thibault. Thibault o procurara logo depois em busca de um acordo, mas Grandier recusou. Quando o caso de Grandier foi julgado, as testemunhas compradas e os testemunhos reais de inimigos foram tão convincentes quanto

promessas de políticos. O caso não existia, mas Rochepozay não estava nem aí e condenou o padre a se alimentar de pão e água às sextas-feiras durante três meses, proibiu-o de exercer o sacerdócio por cinco anos em Poitiers e para sempre em Loudun. Grandier lamentou profundamente, pois esta sentença podia ser seu adeus aos seus sonhos e planos, mas estava exausto e fraco demais para pensar muito nisso. Estava ávido por sair, ter um prato de comida decente e uma cama aquecida. Mas como bom osso duro de roer que era, ainda enviou uma carta para Rochepozay avisando-o de suas intenções de recorrer.

Rochepozay teve um chilique quando leu a carta! Não podia conceber que a Justiça deixasse brechas para que alguém, qualquer um, pudesse ir contra suas ordens divinas! Em Loudun, Trincant e o conselho de guerra não gostaram da ideia. Se recorresse, Grandier com certeza ganharia. Primeiro porque nunca houve um caso consistente. Segundo, porque o arcebispo de Bordeaux não só era amigo íntimo de D'Armagnac como também detestava profundamente Rochepozay, o que era bastante compreensível.

Os inimigos de Grandier solicitaram então, junto ao Parlamento, um recurso. Mas o tiro saiu pela culatra e os juízes solicitaram um novo julgamento. Com isso, o caso foi desmoronando. Testemunhas admitiram que seus testemunhos eram falsos, Cherbonneau sumiu no vácuo e seu amigo bêbado Bougreau não só retirou as acusações como admitiu ter sido pago para assinar o testemunho. Um padre confessou ter sido intimidado e ameaçado pelo promotor público para inventar alguma coisa sobre Grandier. No final, o feitiço se voltou contra o feiticeiro e as provas forjadas apontavam como uma flecha para Trincant. Nesse ponto, ele tinha dois caminhos não muito agradáveis. Ou ele dizia o que acontecera com Philippe e a expunha à desonra, ou calava-se e seu inimigo saía livre. Ante o ódio e a vergonha, calou-se. Grandier foi inocentado e a reputação do promotor foi irremediavelmente manchada. Que homem era aquele, capaz de coagir padres, arquitetar mentiras e inventar histórias por uma rixa pessoal? Como promotor, Trincant estava acabado.

Então renunciou. Passou seu cargo para Louis Moussaut, um jovem advogado. Tinha apenas uma condição. Desposar a desgraçada Philippe. A jovem mantinha o olhar triste e nunca mais foi a mesma. Perdera Grandier e o fruto da única paixão que vivera. Ao dar à luz (o mais secretamente possível, mas não o bastante), Philippe viu a criança mais bela de sua vida e ao tê-la em seus braços achou que, no final, tudo tinha valido a pena. Tentando em vão tirar as atenções e comentários maldosos de Philippe, sua

melhor amiga teve uma das mais nobres atitudes que Loudun presenciou. Contou à cidade inteira que ela é quem tinha dado à luz, que Philippe apenas a abrigou. Ninguém acreditou e Trincant mandou então prendê-la no meio da rua e obrigá-la a assinar um documento no qual assumia a maternidade da criança.

Foi numa manhã, bem cedo, quando o Sol estendia seus primeiros beijos para as montanhas ao Leste, que Philippe despediu-se daquela parte de si que já amava tão profundamente. Disseram-lhe que não precisava ir, tentaram dissuadi-la, mas ela não abriu mão de seu adeus. Levou a criança, robusta e de cabelos fartos e negros, em seus braços, sem tirar os olhos de seus pequenos dedinhos apertados em seu sono tranquilo. De vez em quando, uma careta ameaçava um bocejo e Philippe sorria, imaginando que sonhos seu pequeno André estaria tendo, que figuras míticas estariam acompanhando-o em brincadeiras nos campos de primavera.

A carruagem parou e seu coração apertou-se. Desceu com o bebê nos braços e a nova mãe, com algumas crianças em volta da saia, já a esperava. Philippe sentiu que não conseguiria e balbuciou alguma coisa sobre ficar com a criança. A ama tinha ordens expressas e estava há tempo demais naquela família para desobedecer o Sr. Trincant. A moça chorou como uma criança enquanto tiravam o bebê de seus braços. Ela o viu se afastando, tornando-se para sempre parte do seu passado.

– Você terá outros bebês, minha pequena...

Foi o que ouviu a ama dizer, enquanto soluçava com uma dor tão grande no peito que achava que o coração ia estourar. Naquele momento, teve uma única certeza. Nenhuma felicidade em sua vida poderia ser tão grande quando a dor que estava sentindo. Viveria para sempre aquela despedida e que vida triste seria...

Enquanto isso, Grandier continuava em sua estranha peça. Não tinha remorsos quanto à Philippe porque não pensava nisso. Na verdade, convenceu-se de que nada acontecera e de que tudo não passava de fofocas. Algumas pessoas são assim. Convencem-se de tal forma que realmente acreditam em sua própria mentira. Se tivesse alguma noção do que fez, Grandier teria ficado quieto e se dado por feliz de não ter passado por coisa pior. Mas isso seria simples demais. Não satisfeito, Grandier queria voltar a ser padre. Rochepozay era cabeça dura demais para ceder, então recorreu ao arcebispo de Bordeaux, Henri de Sourdis, que tinha um comportamento mais libertino e devasso que o de Grandier. Este, naturalmente, simpatizou

com o drama do padre de Loudun, achando-o uma companhia bem humorada, bom piadista e extremamente agradável de se ver. Ele mandou que se revisse o processo.

Mas o mundo não girava em torno de Loudun. Nem, para surpresa dele mesmo, em torno de Grandier. Na verdade, girava em torno de Richelieu, que iniciara na França sua revolução nacionalista. Richelieu conseguira convencer o rei e o Conselho a ordenar a demolição de todas as fortalezas do reino, para impedir assim o poder dos senhores feudais e protestantes.

Construído pelos romanos, o castelo de Loudun passou por diversos “*up grades*” na Idade Média e era a mais firme fortaleza de todo o Poitou. Eram dezoito torres defendidas por uma gigantesca muralha sobre a colina onde se ergueu a cidade. D’Armagnac investira muito em seu governo para a restauração da maior torre medieval, restaurada por ele em 1626. Mas estava tranquilo. O rei lhe prometera que mesmo que tudo fosse destruído, a imensa fortaleza não seria tocada.

Infelizmente, Richelieu não concordava muito com isso. O antigo bispo de Luçon simplesmente detestava Loudun, uma cidade de maioria protestante. Ele queria acabar com o poder da cidade para construir sua própria cidade na vizinhança, a ainda em construção cidade hipotética de Richelieu, em torno das terras de sua família. Para isso, o castelo precisava ser destruído.

Naturalmente, a maioria da cidade era decididamente contra a demolição do castelo, o que deixaria a cidade indefesa contra ataques e pilhagens e a transformaria em pouco tempo em uma simples vila. Grandier tomou partido da cidade, juntamente com D’Armagnac. Já seus inimigos não estavam nem aí para Loudun e escolheriam qualquer lado, desde que Grandier não estivesse nele.

Na cidade, Grandier exercia papel importante mesmo afastado de suas funções clerigais. Com D’Armagnac fora da cidade, a serviço do rei, as decisões ficavam por conta de Grandier através da mulher de D’Armagnac. Ironicamente, o padre condenado era também o vice-governador e protetor da família de seu primeiro cidadão.

Em novembro, quase dois anos depois do início de toda a confusão, Grandier foi chamado à rica casa do Arcebispo de Bordeaux. Fora inocentado e podia voltar às suas funções clerigais. Mas o arcebispo aconselhou-o a começar de novo em outra cidade. Loudun estava impregnada de inimigos e era como dormir num ninho de víboras. Grandier

pensou um pouco. Não podia abandonar D'Armagnac agora, justo quando ele mais precisava.

– E meus inimigos, querem que eu parta?

O arcebispo não entendeu a pergunta.

– Acho que é o que eles mais querem...

Grandier sorriu.

– Então eu fico.

O arcebispo riu. Não podia esconder a admiração que tinha pelo jovem padre abusado. Como homem de guerra, entendia o sangue colérico. Só esperava que ele tivesse sorte nessa batalha.

No caminho para casa, Grandier pediu um ramo de louro que crescia no jardim do prebistério. Um padre idoso deu-lhe o mais belo ramo com um sorriso simpático e solícito, imaginando que seria para uma receita. Mas Grandier apenas queria entrar com o ramo de louro nas mãos para mostrar sua vitória.

Um dia depois de sua chegada a Loudun, uma figura sinistra hospedou-se na pousada *O Poeta e a Cruz*. Jean de Martin, barão de Laubardemont, primeiro presidente da Côrte de Apelação da Guyenne, membro do Conselho do Estado e comissário especial do rei para a demolição do castelo de Loudun. Homem esquivo, alto e contorcido, de mãos úmidas e frias, era um ser rastejante muito venenoso, embora sua figura lembrasse muito mais um abutre. Capaz de vender a alma a quem pagasse melhor, estava disposto a tudo para fazer cumprir a vontade, não do rei, mas de Richelieu. Servindo a Deus ou ao diabo, mantinha ótimas relações com ambos os lados, tornando-se um traidor e informante extremamente perigoso. Frequentava a casa de D'Armagnac, que não desconfiava de que aquele sorriso torto nada tinha de amizade.

Depois que se iniciou a demolição da muralha, Laubardemont recebeu uma carta do rei mandando poupar a torre do castelo. Ele guardou a carta e partiu da cidade sem dar nenhuma ordem. Grandier perguntou aos trabalhadores quais eram suas ordens. As ordens eram para demolir tudo. Grandier então deu ordens aos soldados de D'Armagnac e mandou cercar o castelo até a volta de Laubardemont. Quando este voltou, achando que o castelo inteiro estaria por terra, deu de cara com Grandier:

– Por acaso o senhor não recebeu por esses dias uma carta de alguém importante, como, digamos, por exemplo, um rei?

Sem graça, Laubardemont retirou a carta do bolso e pediu desculpas a Sra. D'Armagnac por não tê-la entregue antes.

Mais um inimigo criado. A torre ficou a salvo por alguns meses, até

que Richelieu finalmente convenceu o rei a derrubá-la.

A queda do castelo foi um prenúncio triste. Séculos de história foram para o esquecimento graças aos caprichos de um homem orgulhoso. Richelieu ainda viria a causar muito mais estragos ao seu país, mas sua marca ficou em Loudun. Grandier deveria ter encarado essa triste derrota como um presságio e ter deixado aquela terra. Não muito longe dali, uma mulher feia e ranzinza que a família empurrou para a Igreja estava prestes a empurrar a primeira de uma fileira de peças mórbidas.

Jeanne de Belciel não conseguiu um casamento e tornou-se então Irmã Jeanne Des Anges, uma das dezesseis freiras ursulinas do convento fundado em Loudun em 1626. Amarga e infeliz, via em qualquer movimento um sarcasmo zombeteiro e achava que todos eram seus inimigos. Tinha um rosto bonito com belos olhos, mas um defeito congênito fez seu corpo tão pequeno que parecia tender para o nanismo. Além disso, uma doença, talvez tuberculose nos ossos, deformou seu corpo, provocando uma corcunda e tornando-a uma criatura infeliz que não acreditava que alguém poderia olhá-la sem sentir pena ou asco. Esta mulher de temperamento difícil que tornava a vida de todos que a conheciam um verdadeiro inferno era a priora recém-nomeada do convento e não demorou muito a ouvir falar de Grandier, sua beleza, sua sensualidade e toda a lenda que girava em torno dele. Passou a sonhar com ele, tecendo fantasias típicas das moças. Resolveu então convidá-lo para conhecer o convento. Escreveu uma inspirada carta e aguardou ansiosa. Seu coração nunca tinha conhecido sentimento igual!

Algum tempo depois, chegou a resposta. Com uma letra bonita e em palavras muito polidas, o padre recusava gentilmente o convite, alegando estar preso a outras funções. De fato, Grandier estava enrolado até o pescoço com seus compromissos em Loudun e não lhe sobrava muito tempo para visitas cordiais. Mas para Jeanne, a recusa tinha sido planejada. Seus sonhos e fantasias transformaram-se em ódio. Sua mente gritou uma série de motivos para que o padre não quisesse vê-la, todos horríveis, todos frutos de seus próprios medos e seu pobre ego sempre maltratado. Grandier tornou-se então uma obsessão perigosa. Ele não fazia ideia, mas começava naquele convento e naquela mulher seu caminho para baixo.

Demorou para perceber que quase não havia mais luz no quarto. Lera o dia inteiro e mesmo assim, não conseguia parar. Estava aterrorizada. Mannoury e o Sr. Adam, ao lado de Trincant e Hervé, tinham finalmente sua vitória. Grandier era humilhado e preso por acusações injustas. Nesse

momento, fechou o livro. Foi até a janela e viu o Sol despedir-se em belos meios-tons de laranja e violeta.

O ódio é uma reação humana a várias coisas. Frustração, inveja, despeito, rancor, mágoa, tudo isso leva as pessoas a cometerem atos que são difíceis de acreditar. Mas há um limite, ou pelo menos deveria haver, para o ódio. O fato de se odiar uma pessoa não deveria levar a destruí-la com nossas próprias mãos, sentindo prazer com seus gritos ou sofrimentos. O que teria levado aquela gente a odiar tanto o pároco de sua cidade a ponto de armarem uma conspiração para destruí-lo, sem uma gota de piedade? As cenas que testemunhara em sua imaginação dançavam em sua mente, enquanto uma pergunta simples exigia uma resposta que fatalmente a levaria às portas de um abominável mundo novo, um mergulho na alma crua dos homens. Uma pergunta que com certeza Grandier também se fez, assim como todas as pessoas que se depararam com a injustiça na História da Humanidade.

Por quê?...

No dia seguinte, descendo os degraus da “Escada do Quebra-Bunda”, como dizia a placa na parede, Lorena contava animada a Marcos o que confabulara no dia anterior.

– Já tenho o caso-base para nossa tese!

– Graças a Deus! – Marcos respirou aliviado – Eu sabia que ser seu amigo ainda ia ter alguma compensação! E sobre o que é?

– Urbain Grandier! – seus olhos brilharam, ela sorriu. Não era apenas um nome.

– Quem é esse cara? Apresentador da MTV?

– Urbain Grandier foi um pároco francês do século XVII.

– Ai, Cristo Senhor! Você não podia ter escolhido alguma coisa mais fácil, não? Como por exemplo, que Jack, o Estripador odiava a mãe dele, ou que Hitler era um homossexual reprimido, sei lá! A gente podia analisar psicologicamente um jogador de futebol! O que você acha? Eu nunca ouvi falar desse Urbano aí! Parece nome de aposentado!

– Eu também não o conhecia, até começar a ler esse livro. É fascinante!

Marcos parou e a encarou.

– Não acredito que você vai conseguir me fazer ler esse livro... Confesse, você tramou isso desde o início! – e, jogando as mãos para o ar, desistiu de lutar contra o destino. – Ok! Então me empresta o livro!

– Mas eu ainda não acabei!

– Mas já leu um bom pedaço! Eu leio no fim de semana e te devolvo

na segunda! Assim, na segunda mesmo a gente já começa a discutir isso!

Lorena detestava a ideia de se separar de um livro antes de terminá-lo, especialmente DESSE livro. Tinha uma estranha sensação de ligação com Grandier desde que começara a ler sua história e sentia-se uma espécie de cúmplice silenciosa que abandonava o parceiro no pior momento. Mas lembrava-se de que teria que ajudar a mãe na cozinha para o almoço e que o próprio almoço de domingo não lhe deixaria muito tempo ou concentração para uma boa leitura. Não, tiraria este fim de semana para sofrer. Voltaria a Loudun na segunda.

– É grosso, hein! – alertou Lorena, entregando-lhe o livro.

– Tudo bem, eu sou forte, aguento carregá-lo.

Lorena sorriu sem notar a chegada de Marcel, que a surpreendia com um beijo no rosto.

– Olá, querida! Estou indo para casa, quer uma carona?

Antes que Lorena respondesse, Marcos chamou sua atenção para um aglomerado diferente perto na lanchonete mais frequentada da universidade, a Cantina Natural.

– Será que é alguma promoção? – Marcos foi descendo rápido na esperança de pegar uma boca livre, enquanto Marcel e Lorena desciam devagar tentando ver o que acontecia de longe mesmo.

– O que está acontecendo? – perguntou Lorena, terminando de descer as escadas.

– Não sei e também não é da nossa conta! – respondeu Marcel, puxando-a para o portão de saída.

Uma bela jovem negra coberta de miçangas coloridas abordou Lorena com uma prancheta e uma caneta.

– Por favor, colega! Nós estamos protestando contra a ordem de despejo dada à Cantina Natural, pois é a única opção de comida saudável e barata que nós temos aqui! Poderia assinar esse abaixo-assinado?

Marcel tentou puxá-la, sem se preocupar com a falta de educação, mas ela se desvencilhou e pegou a caneta para assinar, sob o olhar de reprovação de Marcel.

– Será que você não podia ficar para dar uma força nos abaixo-assinados e...

– Olha, infelizmente não vai dar – intrometeu-se Marcel – porque nós já estamos de saída! Quem sabe outro dia? – e arrastou Lorena a passos largos e apressados. Lorena ainda ouviu a moça atrás de si.

– “Outro dia” será tarde demais!

No carro, Lorena não escondeu sua chateação com a atitude de

Marcel, que logo a percebeu amuada.

– Você está sendo infantil!

– Eu poderia ter ajudado!

– Não é problema seu, Lorena! É melhor não se meter nisso! Deixe que eles acabam resolvendo seus problemas sozinhos!

A moça olhou para a janela do carro e cruzou os braços, bicuda.

– Olha, se você faz tanta questão assim de perder o seu tempo, segunda-feira você fica até o dia inteiro passando estas listas idiotas, tá bom?

Lorena limitou-se a um longo suspiro e um olhar vazio para a janela, lembrando como sempre fora obrigada a fazer o que os outros queriam e como suas vontades, mesmo as mais simples, eram-lhe negadas tão naturalmente.

– Que tal um sorriso agora, hein?

Ela não sorriu.

– Só um sorrizinho!

Ela terminou por sorrir, um sorriso sem graça e sem vontade, mas ainda assim um sorriso.

– Isso, muito bem!... Boa menina!...

Lorena voltou a olhar para a janela, lembrando-se do que sua mãe costumava lhe dizer quando era uma garotinha. Depois de uma malcriação ou de fazer algo errado, Lorena era sempre convencida a concordar que estava errada, que estava sempre errada e, para agradá-la e compensar-lhe o orgulho, cada vez mais ausente em sua personalidade, sua mãe preparava-lhe seus biscoitos favoritos. “Deve sempre agradecer as pessoas, Lore... Assim elas vão amar você e lhe prepararão biscoitos...”

Capítulo IV

Barulho de panelas na cozinha, mulheres rindo e falando muito, homens rindo e falando alto, crianças berrando sem o menor respeito pelos tímpanos alheios, som alto, televisão alta e Lorena trancada no banheiro.

Alguém bateu na porta, chamando por ela. Ela gritou que já estava saindo, mas continuou sentada na tampa da privada, completamente vestida, lixando as unhas calmamente. Sempre fazia isso nos almoços de família. Trancava-se por um bom tempo no banheiro e torcia para que não sentissem sua falta. Era o único lugar tranquilo para o qual podia fugir quando o ambiente lá fora tornava-se insuportável, o que era bastante frequente.

Mas alguém sempre sentia falta de Lorena, ou do banheiro, o que viesse primeiro. Então ela tinha que sair.

– Olha! Lá vem a “Coruja”!

A voz de seu irmão caçula Alexandre e as risadinhas posteriores de mais três crianças fizeram Lorena parar, ouvir, pensar e virar-se para voltar ao seu banheiro, mas um tio passou-lhe à frente e bateu-lhe a porta na cara, provocando nova onda de risinhos debochados.

Lorena não era fã de filmes de terror, mas compreendia perfeitamente os lunáticos que trucidavam uma família inteira sem razão aparente. Às vezes, pensava que matar a família deveria ser legalizado, pois o cara que faz isso deve ter lá os seus motivos. Num julgamento, viraria-se para o júri e diria com determinação: “Levante a mão quem nunca quis matar sua família!”. Tinha certeza que ninguém levantaria a mão. Certa vez, escreveu uma tese sobre a corrente freudiana que apontava a unidade familiar como a raiz de todos os males psicológicos do indivíduo e, conseqüentemente, da Humanidade. Pensava em como seria boa a vida sem irmãos, primos, primas, sobrinhos, tios e tias, sem aquelas malditas reuniões familiares em que todos pareciam se divertir às suas custas. Pobre Lorena... Nunca percebeu que o problema não era exatamente sua família, ou as troças que faziam dela, mas como ela recebia isso tudo.

Ouviu chamarem seu nome. Imaginou como um nome tão insignificante pudesse ser tão lembrado quando se precisava de alguma coisa. Respirou fundo antes de enfrentar seu destino. Foi até onde estavam seus tios, que a abraçaram forte, deixando-a desconfortavelmente amassada.

– Olhem só a nossa menina estudiosa!

– Ela é universitária agora, sabiam?

– Ela já é universitária há três anos, Jorge! – corrigiu o que a abraçava forte. Lorena sentiu o hálito de cerveja e só com o cheiro ficou tonta.

– Nossa Loretta será uma grande advogada!

– É Lorena, animal, e ela faz Comunicação! Não é, querida?

Lorena concordou. Se em três anos não conseguira convencê-los de que estava estudando Psicologia, não seria agora que iria conseguir. Já bastava que soubessem o seu nome.

Assim que a deixaram livre, Lorena fugiu para o quarto. Sentia-se uma barata de supermercado, correndo atarantada em meio àqueles montes de pés indiferentes. Deu de cara com os monstros que insistiam em chamar de crianças. Não que Lorena não gostasse de crianças, não a interprete mal. Eram as crianças que não gostavam de Lorena. Era alguém fraco o bastante para que eles pudessem espezinhar e exercitar sua crueldade nata.

– Lorena? Por que você não tira esses óculos de coruja? – perguntou Melaine, uma prima esquisitinha de 11 anos que tinha o defeito de ser chata. Sabe aquela criança chata? Aquela que pergunta o porque de tudo, que está sempre se intrometendo nas conversas e sempre tentando flagrar as pessoas em contradição? Melaine era dessa raça aí, com *pedigree* e tudo.

– Porque se eu tirar, eu não consigo enxergar bem, Melaine – respondeu Lorena, esforçando-se para ser gentil e dirigindo-se à sua poltrona com uns cadernos e livros. – Se vocês pudessem ir brincar em outro lugar, eu agradeceria.

– Por que você estuda tanto? – perguntou Ana Paula, uma adolescente de 14 anos que por ser considerada a mais bonita, era também a mais mimada e insuportável da família. Lorena podia desfilir uma série de ocasiões em que a bonitinha da prima favorita de todo mundo foi cruel e egoísta (mas com muito charme) com ela.

Dentre todos os membros de sua família, esta era a que mais enfurecia Lorena. Seu jeito arrogante, sua fala miada e o jeito com que todos sempre lhe davam razão deixavam Lorena pra morrer. Talvez a única razão de Lorena tentar suportá-la era o fato de que, como Marcel, seu irmão, ela também era adotada. Uma vez que sua tia não podia ter filhos, adotou os dois e mimou-os de tal forma que era impossível convencê-los de que não tinham razão em alguma coisa. Estavam sempre se escondendo por trás de uma enganosa perfeição em suas mais evidentes virtudes.

Marcel, por trás de sua inteligência. Ana Paula, por trás de sua beleza. E para Lorena, não sobrava muito. Era conhecida e lembrada como a estudiosa. Não era bonita, ou pelo menos, ninguém lhe dissera que era. Também não era muito brilhante, ofuscada por Marcel, um desagradável que tirava sempre o primeiro lugar em tudo. Afinal, perto do primeiro lugar, o que era o segundo ou terceiro? Lorena estudava. E era só.

– Todo mundo precisa estudar, Ana Paula. É um meio de se entender as coisas e é importante para a vida! – atacou de clichê sem muito entusiasmo, só faltando mencionar a importância da moralidade para as pessoas, a pauta do sindicato dos heróis e o jeito *Walton* de ser.

– Eu não preciso estudar! – respondeu a loirinha com seu nariz empinado e sorriso esnobe e sarcástico.

– É claro que precisa estudar, Ana Paula! – rebateu inocentemente a estúpida Lorena. – Ou você nunca vai conseguir respeito de ninguém!

– Grande coisa! Você estuda pra caramba e nunca vi ninguém respeitando você. Além do mais, meu irmão Marcel costuma dizer que uma mulher bonita não precisa estudar porque é tudo mais fácil pra ela! – tornou Ana Paula, com aquela crueldade típica das crianças.

– Mas isso é porque as mulheres bonitas têm homens que fazem tudo pra elas! – intrometeu-se Alexandre – As que não têm essa sorte têm que estudar e passar a vida inteira pastando!

E saíram rindo, deixando uma Lorena com um ego completamente esmagado. Ela levantou-se e fechou a porta, esperando que aquilo que a estava incomodando ficasse lá fora, mas era tarde. Já estava lá dentro, bem fundo. Voltou para sua poltrona, onde acolheu a cabeça na mão esquerda e desejou não existir. Viver não estava sendo uma experiência muito boa. E depois ainda dizem que criança vai direto para o Céu!... Mas Lorena sabia que o que elas disseram foi dito antes por outras pessoas, aquelas mesmas que estavam se divertindo na sua casa, e sabia que se todos diziam, era porque devia ser verdade...

Marcel entrou sem bater, fechando a porta atrás de si.

– Ah, então você está aqui! Estão sentindo sua falta lá fora!

– Imagino o quanto... – murmurou ela, olhando para ele.

– O que está fazendo escondida do mundo aqui dentro?

– Estou estudando – respondeu ela, fabricando subitamente um sorriso irônico. – Sabe como é. As mulheres bonitas não precisam estudar, mas as que não têm essa sorte têm que estudar e pastar a vida inteira porque não encontrarão homens para sustentá-las.

Marcel ficou parado com os olhos arregalados, um gato pegado no

salto.

– Quem lhe disse isso?

– Um passarinho loiro de nariz empinado.

Marcel pensou num jeito de matar a irmã sem ser preso, enquanto Lorena levantou-se da poltrona e seguiu para a porta.

– Aonde você vai? – perguntou ele, segurando-a pelo braço.

– Entrar no banheiro, pular na privada e puxar a descarga – e precipitou-se para sair, mas Marcel a impediu puxando-a de volta.

– Eu não estava falando de você! Foi só um comentário idiota num concurso de beleza da televisão, não tinha nada a ver com você!

– Não precisa pedir desculpas, Marcel! Eu sei que não sou bonita. Só queria que as pessoas não achassem isso tão importante!

– Eu não estou pedindo desculpas! Estou explicando o que aconteceu! E eu quero que saiba que também acho você muito atraente.

Ele tocou levemente no rosto dela, que sentiu seu coração acelerar-se. Marcel era possuidor de um charme considerável. Ele inclinou-se levemente para ela e seus lábios estavam tão próximos que ela pôde sentir o calor de sua respiração. Por um momento, ela sentiu vontade de corresponder àquele beijo, mas seu orgulho, lá das cinzas de seu ego, falou mais alto e ela se afastou rapidamente dele.

– Se tivesse dito isso 15 minutos atrás, Marcel, com certeza eu acreditaria...

E saiu do quarto.

No almoço, Lorena agiu como sempre agia em almoços de família: ouvidos abertos e boca fechada. Quando algum comentário se referia a ela, retribuía com um sorriso de quem quer ser deixada em paz.

– E como está de namorados nossa estudiosa Lorena? – perguntou Aquiles, padrasto de Marcel e irmão mais chegado do Dr. Luís, pai de Lorena. Aquiles encabeçava a torcida para que acontecesse um namoro entre os dois. Afinal, Marcel era da família, confiável, tinha futuro e com certeza faria a indefesa Lorena feliz e segura. Além do mais, a situação de Lorena já preocupava seus pais. Aos 24 anos Lorena continuava mais casta que uma freira, sem nunca ter tido um namoro decente que durasse mais do que duas semanas.

– Ela não tem tempo pra isso, Aquiles – respondeu Joana, mãe de Lorena, uma bela mulher de cabelos negros e brilhantes com grandes ondas, lembrando muito uma espanhola.

Ela estava sorrindo ao tecer o comentário, mas havia sempre um ar

de melancolia em seu rosto, um olhar triste e cansado de vida não vivida e resignação. Esse olhar estava sempre com ela, porém era mais claro quando olhava para Lorena, como se a filha a deixasse triste. Lorena sentia-se culpada, como se tivesse feito algo errado, mas sabia que não era isso. Era algo que só Joana entendia.

– É, mas o coração dela vai começar a chamar por alguém daqui a pouco e eu gostaria que fosse por mim – disse Marcel com um olhar maroto pra Lorena, que espetou levemente sua salada. Ofereceram-lhe vinho e ela recusou.

– Mas é só vinho, menina! – insistiu seu tio Jorge.

– Não, tio, eu não bebo.

– Mas será possível! Essa menina não toma cerveja, não bebe vinho, não toma refrigerante! Isso não é normal!

– É que ela é frágil, tio – explicou Marcel com um sorriso. – Fica tonta até com o cheiro. É sensível demais...

De repente Lorena deu um pulo da cadeira ao sentir a mão boba e cheia de dedos de Marcel em sua perna.

– Que é isso, menina? – assustou-se sua tia Dayse, esposa de Jorge. – Viu algum bicho?

– Uma barata? – Luana, madrasta de Marcel, procurou preocupada.

– Não, é um outro tipo de animal... – respondeu Lorena sorrindo e pedindo licença para se retirar.

Marcel foi atrás, seguindo-a até seu quarto e impedindo-a de fechar a porta.

– Você está agindo feito criança!

Lorena não respondeu. Não que não tivesse respostas na cabeça. Tinha, mas eram inadequadas a uma moça...

– Olha, Lorena...

– Marcel! Você não precisa fazer isso! Não precisa ficar com a prima feia só porque ela se sente mal. Eu não preciso da sua pena!

– Não é pena! Eu não estaria aqui se não sentisse alguma coisa por você! Você se subestima, sabia disso? Acha que não pode ser atraente pra ninguém? Pois se acha, está errada!

Houve uma pausa. Lorena cruzou os braços e olhou fundo nos olhos de Marcel.

– Por quê?

– O quê?

– Por quê?

– Por que o quê?!

– Por que está interessado em mim, Marcel?

Marcel pareceu se perder na procura pela resposta.

– Bem... Você... é uma boa pessoa...

“Ah! Que ótimo!...”, pensou Lorena. “Então eu sou uma boa pessoa! Puxa, que bom!... Pelo menos estou em alguma categoria! A categoria das boas pessoas”.

Marcel aproximou-se e não deixou ela se afastar.

– Olha, por que não se dá uma chance? O que tem a perder?

– Meu tempo!

– Você parece ter muito!

Ele lhe deu um beijo e ela não resistiu, embora o que quisesse mesmo naquele momento era dar-lhe uma mordida.

– Me dá um tempo pra pensar, tá bom? – pediu ela, querendo mais é que aquela situação terminasse o mais rápido possível.

– Mas pensar pra quê? Você pensa muito, é esse o seu problema! Você precisa ousar mais! Essas coisas não se pensa! Se faz!

– Eu só quero um pouco de tempo!

Ele acabou concordando. Afinal, tinha certeza de que ela cederia. Não tinha a preocupação de pretendentes, tinha noção do próprio charme, a família aprovava e, acima de tudo, era a coisa mais lógica a fazer.

Enfim, aquele dia interminável acabou. Todos despediram-se animados falando aquele monte de palavras típicas de despedidas familiares: “Vê se liga, hein!”, “Dê lembranças pro Fulano!”, “Vê se aparece!”, “Não some não, viu?”, etc... etc... etc...

Lorena acenava mecanicamente para as pessoas que entravam nos carros, forjando um sorriso e nem viu quando Josias, o menorzinho dos seus primos, chutou sua canela, cumprindo a aposta feita com os outros, que riam dentro do carro. A tia viu, mas fingiu que não viu. Afinal, o menino tinha que se divertir e desde que não fosse com a canela dela... Lorena consolou-se com o fato da tia estar envelhecendo e em breve parar de ter filhos de vez.

Foi para seu quarto e afundou-se no travesseiro e nas cobertas, pensando que se tivesse que fazer uma lista com os melhores momentos da sua vida, com certeza seria uma lista muito curta. Agradeceu pela noite e amaldiçoou o dia. A noite era como uma mãe que a acolhia depois de uma guerra e lhe dava a paz que o dia não trazia. Lorena nem sempre conseguia dormir, mas naquela noite estava cansada demais para enfrentar uma insônia. Ela só queria fugir, esconder-se, ir para um lugar distante onde

ninguém se importasse se era bonita ou esperta, onde pudesse ser apenas ela e isso bastasse...

Capítulo V

Era seu recanto favorito. Todas as vezes em que lá estivera, nunca se sentira triste, desamparada ou só. Mas desta vez, sentada no frio banco de pedra, a beleza do local parecia deixá-la ainda mais triste. Observava os peixes no aquário de pedra enquanto pequenas folhas caíam. A faculdade estava silenciosa, talvez porque ainda fosse muito cedo. A carranca leonina vertia água pela boca e uma grande folha seca caiu, criando vários anéis a sua volta. Ela observou a folha levada, enquanto uma lágrima, tão cristalina quanto a água vertida pelo leão, acariciava seu rosto. Era este o único carinho de que se lembrava agora.

Derramava uma lágrima pelo que não vivera. Refletidos nela, estavam os amigos verdadeiros e íntimos, daqueles que vivem aventuras e conhecem seus mais profundos segredos. Estes amigos só conhecera em filmes. Suas poucas amizades partiam quando a coisa comum que as unia se extinguia, fosse um curso, fosse uma aula. Brilhava naquela lágrima as festas para as quais nunca fora convidada, as palavras que nunca lhe foram ditas, os amores que só conhecera em livros... Seu coração apertou-se e ela sentiu raiva do mundo que tentava desesperadamente agradar e não a aceitava.

Pensou no que estava fazendo de errado, no que era preciso fazer para que fosse amada. Era só o que queria! Não sonhava com riquezas, nem poder ou atos heroicos. Tudo o que queria era ser lembrada com carinho, como alguém especial, uma pessoa de verdade, e não como a prima feia. O que era preciso fazer para que as pessoas lhe preparassem biscoitos?...

Estava com um gosto amargo de fim na boca. A proposta de Marcel a assombrara durante todo o fim de semana. Apavorava-a a forma como aquele parecia o caminho mais previsível, mais esperável por todos a sua volta. Deveria estar feliz, muitos sonhavam com o que tinha e com o que lhe estava reservado. Mas não estava. Era como se as cortinas baixassem antes mesmo de sua primeira fala e todos invadissem o palco, preparando-a para um próximo ato quando ela nem mesmo atuou.

Secou uma lágrima e impediu que outras viessem. Estava na hora de ir para a aula. Pegou seu material e subiu, caminhando lentamente, o coração apertado, faminto e sufocado, deixando para trás, numa lágrima perdida, a dança que não houve, o beijo que não aconteceu, o telefone que não tocou, a festa que não teve, a noite que nunca fora sua, a vida que não

viveu. O amor, o príncipe, a fada-madrinha e o cavalo branco... Ninguém apareceu... Nem mesmo os dragões.

– Tudo bem?

Sentiu-se estranha ao perceber um desconforto com a presença de alguém que considerava tão próximo. Virou-se com um sorriso-cortesia-sem-vontade para Marcel. Desejou que ele sumisse da sua frente, ou que ela mesma sumisse da frente dele. Na verdade, não estava com medo ou raiva dele, mas do que ele representava. Viu-se num *flash* casada, o dia inteiro só, presa irremediavelmente num casamento de conveniência, sem paixão, sem amor, sem coisa alguma além de um incomensurável vazio, um vazio que infelizmente a manteria viva tempo o bastante para se arrepender de nunca ter vivido, mas não tempo o suficiente para ensinar isso a seus filhos, que seguiriam cometendo o mesmo terrível erro de omissão de si mesmos, numa cadeia interminável. Teve vontade de sair correndo, mas os outros não compreenderiam.

– Errou de sala? – perguntou ela, enquanto ele se sentava no braço da cadeira ao lado.

– Vim ver você. Pensou no assunto?

– Estou pensando. Não me apresse.

Marcos chegou ofegante e tagarelando. Lorena suspirou aliviada. A presença de seu amigo indiscreto era como ar em um ambiente sufocante, salvando-a de uma situação profundamente incômoda.

– Gente! Eu não aguento mais subir todo dia esse morro! Eles tinham que botar a gente na última sala do último andar do último bloco da droga da faculdade?! Daqui a pouco eles começam a construir outro bloco mais pra cima, só pra colocar a gente lá! Deveriam colocar um elevador ou um teleférico, o que vocês acham?

– Acho que uma força seria mais útil – respondeu Marcel.

– Acho que deveríamos levar a ideia ao DCE – disse Lorena, com sua habitual fala mansa. – Sugiro também um teto solar e um porta-aviões.

– AAAH!!! – berrou Marcos, assustando todo mundo – Gente!!! Presta atenção! Eu tenho uma coisa pra dizer!

– Um momento! – disse Marcel com seu olhar garfieldiano de quem não está nem aí. – Vou chamar a Imprensa!

– É sério! Lorena, lembra daquela palestra sobre psicobiofísica que você deixou de ir por causa de um almoço com esse chato aí? Pois é! Nela teve um lance sobre portais para outras dimensões e o cara contou um caso sobre um portal em Cachoeira de Macacu em que um sujeito passou e foi

parar lá no Nordeste, e um grupo de amigos passou de carro e subitamente foi aparecer num saguão de um hotel a quilômetros dali! Daí eu perguntei pro cara onde exatamente ficava esse portal, depois da palestra, e ele me fez um mapinha!

Marcos mostrou um guardanapo amassado e rabiscado e ficou olhando para Lorena e Marcel com olhos ansiosos, esperando algum comentário, mas estes só ficaram olhando para o guardanapo. Voltaram a olhar para Marcos, que permanecia com seu sorriso ansioso de quem descobriu a pólvora, até que finalmente Marcel se pronunciou.

– Era isso?!

– Gente!! Vocês não têm noção do que eu estou dizendo?!! Nós podemos conhecer uma outra dimensão!

– Uma outra dimensão? – perguntou Marcel.

– Sim, uma outra dimensão!

– Mas que outra dimensão?

– Ah! Uma outra dimensão!

– Marcos, eu não entendo nem a minha própria dimensão, vou me meter na dimensão dos outros? – falou Lorena, ainda sem se dar conta de que acabara de entrar de sola num papo totalmente insólito.

– É a maior bobagem que eu já ouvi! Marcos, como, por Deus, você passou para uma Universidade??!

– Ah, eu achei legal! – protestou Marcos guardando seu guardanapinho amassado, meio que decepcionado. – Queria saber se vocês não estão a fim de ir lá comigo?

– Você enlouqueceu? – riu debochado Marcel. – De jeito nenhum! Temos mais o que fazer!

– Eu achei interessante... – o comentário tranquilo de Lorena chamou a atenção dos dois rapazes.

– Então vamos, Lorena! – animou-se Marcos.

– Vocês vão fazer papel de idiotas! Vão perder seu tempo!

– Isso eu tenho muito! – respondeu Lorena com um sorriso irritantemente irônico e um olhar sarcástico que espantou Marcel. “O que houve com esta mulher?”, pensou.

– Marcel, – tornou Marcos – se você estiver certo, e pode ser que esteja, a gente não perde a viagem. Aproveitamos e fazemos um piquenique!

Dessa ideia Marcel gostou. Afinal, era a ocasião perfeita para tentar conquistar Lorena, coisa que estava lhe saindo mais difícil do que pensara. Era só dar um jeito de sumir com Marcos (mandá-lo-ia caçar borboletas!) e

convencê-la a ser sua namorada, noiva e esposa, nessa ordem, de preferência. O motivo era simples. Marcel era, acima de tudo, uma pessoa de razão e bastante prática. Apaixonara-se poucas vezes, mas o suficiente para saber que paixão e amor não caminham bem com a realidade. E ele já ia para os 28! Seus amigos já estavam todos casados ou noivos e ele sentia necessidade de ter alguém com quem planejar o futuro. E quem melhor do que a frágil e doce Lorena? Não se importava que não fosse muito bonita! Sua experiência com mulheres bonitas lhe ensinara que elas são perigosas, além de darem um trabalho dos diabos!...

– Então, quando nós vamos? – perguntou Lorena.

– Depois das provas, pelo amor de Deus! – implorou Marcos.

– Ah, vamos logo nesse sábado! – disse Marcel, subitamente empolgado com a ideia que ele mesmo considerara idiota. – Se formos parar mesmo em outra dimensão, tomamos um táxi de volta!

– Você espera que eu deixe de estudar pra me divertir em plena semana de prova? – Marcos colocou as mãos na cintura e fez um ar muito grave.

– Espero! – respondeu Marcel tranquilamente.

– Tá bom! Então está combinado! Levem mochila com tudo que acharem que pode ser útil em uma outra dimensão!

– Eu vou pedir isso na loja de artigos pra viagem. – falou Lorena. – “Moça, por favor, me dê tudo de que eu preciso para uma curta estadia numa outra dimensão!”

– Ah! E levem uma roupa de banho! Dizem que a Cachoeira de Macacu é linda! – disse Marcel, despedindo-se enquanto corria para sua aula. Estava começando a se empolgar com a ideia. Sem falar que nunca vira Lorena de biquíni (exceto aquela vez em que ela perdera a parte de cima numa onda mais forte... quando tinha uns sete anos). Afinal, bem que ela podia abrir a cortina da vitrine antes dele entrar na loja.

Lorena e Marcos tomaram seu caminho para a Cantina Natural e desciam uma das incontáveis ladeiras da faculdade. Esta tinha o nome de Ladeira do Tombo. Marcos olhou para a placa e perguntou:

– Por que será que tem esse nome, hein?

Imediatamente ele escorregou no limo e rolou até lá embaixo, dando por fim uma cambalhota e caindo com os braços para o ar como numa apresentação de circo. Recebeu aplausos de todos os alunos que estavam ao redor. Alguns que estavam sentados em fileira ergueram cartões com várias notas para o artístico salto.

Lorena desceu balançando a cabeça pra ele.

– Pergunta estúpida, Marcos...

Continuaram descendo e Marcos tentava convencer Lorena de que seu tombo fôra proposital, quando de repente ele viu suas feições se fecharem. Perguntou o que havia acontecido e seguiu seu olhar. Ela olhava a Cantina Natural sendo demolida.

Alguns alunos observavam com olhos tristes, guerreiros vencidos... Seu João estava lá, o rosto coberto de lágrimas, cercado pelos filhos que o ajudavam. Eram mais de dez anos de Cantina Natural, era muito mais que um negócio para ele. A bela moça que tentara convocar Lorena estava lá e guardava para ela um triste olhar de acusação, condenando-a pelo imperdoável pecado da Inércia.

“Outro dia será tarde demais...”

“Boa menina...”

Rápidos *flashes* flutuavam naqueles olhares. Os alunos lembraram-se dos donos, que sempre os tratavam como filhos, das brincadeiras, dos papos animados, do encontro com os amigos. As picaretas não interromperiam seu trabalho por causa de meras lembranças. Essa era a lição daquele dia. O lucro é mais importante do que o calor humano. Todos sabiam que a Cantina estava sendo demolida porque ela tirava a freguesia do Prova Oral, outra lanchonete muito mais cara, cujo dono era o filho do proprietário da faculdade. Em seu carro havia um adesivo que explicava bem isso: “Não sou o dono do mundo, mas sou o filho do dono”. E era isso aí.

Sentados numa lanchonete tão ruim que não era considerada concorrência – apenas um grande espaço com sanduíches duvidosos e atendimento questionável – Marcos devorava um esculhamburger sem cerimônia, enquanto Lorena mordiscava uma barra de chocolate que sempre trazia na bolsa. Estava com as sobrancelhas cerradas e rosto pesado, o que era bastante incomum em uma pessoa habitualmente serena e que parecia alheia a tudo.

– Quer um pedaço?

– Não, obrigada! Você sabe que eu detesto essas coisas engorduradas que eu nem consigo identificar!

– Se você quiser, podemos ir ao Prova Oral.

– De jeito nenhum! Nunca mais ponho os pés lá! O dono de lá é pró-reitor da faculdade e filho do proprietário dessa máquina de fazer dinheiro e resolveu praticar a essência do capitalismo eliminando a concorrência, ao invés de tornar-se tão bom quanto ela!

Marcos pensou um pouco. “Até que não é má ideia!”, pensou, sem falar com Lorena, que já estava irritada o suficiente sem a ajuda dele.

– De qualquer forma, nunca mais ponho os pés lá! É o meu protesto silencioso... – ela recuperou seu tom normal de voz, lembrando que nunca conseguira fazer outro tipo de protesto senão o silencioso. Não era à toa que ninguém ouvia. – E então, vamos ao trabalho?

Marcos se engasgou.

– Hum! Claro! O livro está ótimo!

Lorena levantou a cabeça para ele com olhar severo, lembrando uma velha tia do primário.

– Como assim “está ótimo”? Você não terminou?!

– Não se preocupe, Lorena! Eu te devolvo ainda esta semana! É que o Super Cine de sábado estava tão interessante que eu acabei dormindo e não lendo o livro como pretendia!

– Marcos! Eu ainda não terminei esse livro!!

– Eu também não! Mas a gente já leu um bom pedaço e já podemos ir começando! O fim não interessa muito mesmo para o que a gente quer!

Lorena terminou por conformar-se, como sempre. Eles pegaram um caderno, uma caneta e começaram a redigir um resumo da conturbada história daquele jovem pároco de origem humilde e comportamento supostamente amoral que saltou de uma pequena e esquecida cidade da França do século XVII para as páginas dos livros de História.

Capítulo VI

E ali, sentados na lanchonete, mergulharam em um mundo onde a falta da televisão era fatal. Sem nada pra fazer ou com o que se distrair, as pessoas do século XVII limitavam-se a duas coisas: sobreviver e falar mal dos outros. Religião era motivo de disputas e guerras, sexo era motivo de vergonha e desonra e algumas pessoas não precisavam de motivo para decretar guerra contra quem quer que fosse. Para Lorena, Grandier era um espírito rebelde. Para Marcos, ele era um espírito de porco. Marcos contava de seu ponto de vista como aquele homem usara todos os seus dons contra quem quer que fosse e a única coisa que o tornava um pouco mais inocente era o fato de seus inimigos serem muito piores do que ele.

Marcos e Lorena leram pouco mais da metade do livro e já era o bastante para ver que Urbain Grandier era uma pessoa odiosamente adorável e facilmente odiável. Isso explicaria como conseguiu uma legião de inimigos que venderiam a alma para vê-lo morto e um seleto grupo de amigos que morreria por ele. Não havia meio termo. Era amá-lo ou matá-lo.

Grandier deve realmente ter sido um homem extraordinário, pois via-se que seu carisma ainda conquistava mulheres mesmo depois de morto. Via-se isso nos olhos de Lorena. Ela ficava diferente quando falava dele. Cruzava as mãos e apoiava os cotovelos na mesa, seus olhos brilhavam e espelhavam um outro mundo muito diferente do seu. Ela sorria e parecia bem mais jovem. Apesar da imparcialidade do autor deixar bem claro que boa parte dos inimigos de Grandier tinham motivos bastante justificáveis para odiá-lo, Lorena encantava-se cada vez mais com a personalidade daquele homem que, como definiria Marcos, cometeu o imperdoável pecado de ser mais inteligente e bonito que todos os habitantes de uma cidade. Com um belíssimo rosto de traços finos emoldurados por farta cabeleira negra, de postura nobre, alto, olhos negros e brilhantes, Grandier não era um pedaço de mau caminho, mas o caminho inteiro. Mas era um padre! E isso deveria significar alguma coisa...

Lorena e Marcos começaram a escrever em um caderno o nome dos inimigos de Grandier, colocando ao lado o motivo que os levara a empreender uma cruzada contra o padre da cidade. Afinal, uma coisa é detestar alguém. Outra coisa bem diferente é investir cada momento de sua vida em tramas complicadas para destruir essa pessoa. Havia mais por trás daquele ódio e era isso que queriam colocar na tese.

Mignon, por exemplo, começara a participar dos complôs dizendo

tomar as dores da prima Philippe Trincant, mas nutria uma inveja latente e nociva, daquelas que fazem alguém ranger os dentes e arranhar paredes. Mignon era deformado, extremamente feio e ligeiramente estúpido. Ver Grandier desfilando pra lá e pra cá sua beleza óbvia e sua facilidade de ter sucesso em praticamente qualquer coisa faziam Mignon querer estrangulá-lo. Perdeu uma disputa de terreno entre sua paróquia de Saint Pierre e a igreja de Saint Croix, representada na pessoa insuportável de Grandier. O caso foi parar na cômte e, como todos esperavam, Grandier ganhou. Esta foi sua outra desculpa para odiá-lo, pois não é fácil admitir, mesmo pra si mesmo (ou principalmente para si mesmo), uma fraqueza como a inveja.

E nesta linha, no ato de odiar a pessoa que representa as qualidades que não temos e os lugares que não podemos alcançar, colocaram Thibault, Sr. Adam e o médico açougueiro Mannoury. Trincant tinha realmente um motivo forte para se tornar um inimigo tão voraz. Confiara sua filha mais velha e mais bonita àquele que tinha como mais caro amigo. Mas embrenhou-se nas teias do próprio ódio quando não colocou limites para sua vingança. Utilizou-se de mentiras, fraudes, conspirações e covardias para atingir Grandier. Cada vez que saía perdendo, afastava-se não só de seu objetivo, mas de sua própria integridade. Em algum ponto, Philippe não era mais o motivo de sua vingança. O motivo não era a desonra de sua filha, mas sua própria desonra, pois culpava Grandier por cada degrau que tinha que descer. Cada vez que as pessoas na rua cochichavam às suas costas sobre sua moral e suas atitudes questionáveis, ele rangia os dentes e rosnava o nome do culpado. Nunca ocorreu a Trincant que quem escolhera seu caminho nunca foi outra pessoa senão ele mesmo.

E então fez-se um breve silêncio. Estavam falando há algum tempo e dois sucos e um sanduíche haviam chegado à mesa. O céu estava limpo e azul e uma brisa fresca dava a sensação de que o tempo e o mundo lá fora haviam parado. Lorena olhou para as poucas nuvens no céu, pequenos filetes que se desfaziam lentamente.

Ela olhou para o amigo que comia o sanduíche. Começava a desconfiar que Marcos era magro de ruim, visto a quantidade de comida que ele ingeria incessantemente.

– Marcos, você já passou pelo “clique”?

– Como assim? – perguntou de boca cheia.

– Sabe, aquele momento em que descobrimos o que somos, quem somos, o que estamos fazendo, assim como uma... revelação. Já sentiu isso?

Marcos pensou um pouco enquanto mastigava.

– Acho que quando o pai de uma ex-namorada acendeu a luz bem no meio do nosso amasso... Rapaz, aquilo foi uma revelação! Eu descobri o que tinha que fazer imediatamente!

Lorena voltou a olhar para as nuvens, já quase inexistentes.

– Eu nunca passei por isso... Ninguém nunca acendeu a luz... Nunca ouvi o clique...

Mais alguns momentos de silêncio se passaram. Lorena voltou a olhar para Marcos. Ele olhava com ar intrigado o suco e o último pedaço de sanduíche em suas mãos. Lorena achou que ele estava pensando em algo importante para dizer e que talvez ele fizesse parte do momento em que ouviria o clique.

– Sabe quando você não sabe com que gosto você quer ficar na boca, se com o gosto do que você está comendo ou o gosto do que você está bebendo, e você fica na dúvida de qual dos dois deve colocar na boca por último?

Lorena respirou fundo e abriu o caderno novamente.

– OK, vamos continuar...

Continuaram sua viagem pelo lado mais sombrio de pessoas que já não eram muito brilhantes e foram descobrindo falhas de personalidade bastante óbvias. Mas uma pessoa era envolta em mistério. O comissário de polícia Hervé não tinha motivos abertos para odiar Grandier. Teria sido inveja também? O padre nunca o provocara abertamente, embora nunca desse um passo atrás quando desafiado pelo comissário, o que era bastante frequente.

– Ah, pra mim ele era um *gay* que não tinha coragem de encarar sua sexualidade de frente! – Marcos terminava seu suco, fazendo um barulho com o canudo.

E finalmente chegaram na mulher que carregava em seu próprio desamor o início da queda de Grandier, Irmã Jeanne des Anges. Marcos empinou-se na cadeira.

– Cara, essa mulher era maluca!!!! Eu conheci uma freira assim no colégio em que estudei! Ela vendia lápis e borracha na vendinha e gritava com todo mundo! Era um pesadelo!!!! Uma vez eu tinha que comprar uma folha de papel almaço senão eu não fazia prova e ela deu um ataque e fechou a venda na minha cara!!! Eu perdi a prova, fiquei em recuperação e não ganhei a bicicleta que eu queria no Natal! Por isso eu sou assim hoje! Minha vida teria sido completamente diferente se aquela mulher louca tivesse me vendido a droga do papel almaço!

Talvez a irmã que destruiu a vida de Marcos tivesse tido o mesmo

problema de ausência de vocação que a priora do convento das ursulinas, mas ela não era nem de longe um terço do que foi Irmã Jeanne, no que diz respeito a amargura e rancores não resolvidos e jamais esquecidos.

Marcos e Lorena compreendiam a reação que Grandier provocara na priora. Ele era para ela (e para a maioria das mulheres da cidade) uma espécie de *super star*, cuja fama transcendia o senso comum. Assim como as mulheres de hoje sonham em ser salvas de um atropelamento pelo Tom Cruise e homens fantasiam sobre encontros impossíveis com Julia Roberts, a imaginação também exercia seu poder naquela época. O grande problema dessas fantasias é que elas trabalham em cima de uma figura idealizada. Vemos a menininha ruiva que mora do outro lado da rua e a imaginamos como nós gostaríamos que ela fosse. Daí para a decepção é um passo e, geralmente, um passo fatal para uma queda iminente.

As fantasias da priora envolviam Grandier em cada momento de sua vida. Com a morte do confessor das ursulinas, o cônego Moussaut, um velho que entendia muito pouco de mulheres para ser confessor de sequer uma delas, Jeanne escreveu uma carta pedindo para que Grandier fosse o novo confessor. Certa de que ele aceitaria o convite, a decepção foi enorme quando ele recusou. Lidar com rejeição também é um problema sério. Jeanne transformou sua admiração em ódio e suas fantasias românticas viraram fantasias obsessivas onde o fantasma de Moussaut aparecia-lhe pedindo orações e transformava-se na diabólica figura de Grandier a seduzi-la. Seu ódio estendeu-se para todos que tivessem algum contato com o padre. Isso explica sua reação vexaminosa quando Madeleine de Brou visitou uma das pensionistas, prima sua. Ao ver Irmã Jeanne do outro lado da grade no locutório, Madeleine cumprimentou-a com um polido movimento de cabeça que foi respondido com uma enxurrada de insultos.

– Prostituta! Vagabunda! Corruptora de padres!! Você cometeu o maior dos sacrilégios!

A história nem começara e Irmã Jeanne já estava fora de controle. Mas a coisa ainda ia piorar. Jeanne chamou o cônego Mignon para ser o confessor das freiras, sabendo de sua posição de inimigo confesso de Grandier. Ao confessar-se, contou-lhe seus sonhos eróticos envolvendo o padre. Mignon viu a oportunidade que esperava, mas ainda não sabia como usá-la. Sua solução veio através de uma brincadeira. Um grupo de freiras noviças entediadas forjou uma série de aparições fantasmagóricas, valendo-se da fama do convento de ser mal assombrado. Correntes arrastando, passos na noite, figuras de branco e tudo aquilo que se espera ver num lugar mal assombrado passou a ser visto no convento, com

cortesia das freiras ursulinas da sagrada piada. Quando Mignon soube disso, repreendeu as moças, mas pediu-lhes segredo absoluto da brincadeira. Então espalhou no convento a história das assombrações, avisando-as de que não eram fantasmas, mas demônios comandados por Grandier.

Os inimigos de Grandier já estavam por dentro de tudo, claro. A história logo chegou aos ouvidos do padre, que deu um inocente “nem te ligo” para o assunto. Afinal, ele nunca tinha visto a priora ou qualquer das irmãs, nunca colocara os pés no convento e sabia que as mulheres de vez em quando ficam malucas. Esse foi o maior erro do padre. Em todas as outras vezes que tentaram pegá-lo em erro, ele sabia que tinha alguma culpa no cartório e tratara de se precaver. Mas dessa vez ele tinha certeza absoluta de sua inocência. Nunca vendera a alma ao diabo, nunca lidara com bruxarias, era, ao menos dessa vez, legitimamente inocente. Então, não havia motivos para se preocupar. Impressionante que alguém tão astuto como Grandier pudesse ter sido tão ingênuo. Mas foi.

E enquanto o padre continuava com suas atividades, Mignon ria. No convento, induziu as freiras a acreditarem que a figura sedutora e diabólica de Grandier tomava conta de seus sonhos. Fantasias eróticas começaram a pipocar como uma moda entre as freiras. Mignon então pediu um exorcista aos carmelitas, que, muito solícitos, deram não um, mas três: Eusébe de Saint-Michel, Piérre-Thomas de Saint-Charles e Antonin de la Charité. Fizeram um trabalho tão bom que em menos de uma semana praticamente todas as freiras estavam recebendo visitas imaginárias do padre.

Ménage, Ismaël Boulliau e Théophraste Renaudot escreveram sobre Grandier anos mais tarde e defenderam-no entusiasticamente. Assim como eles, diversas outras autoridades envolvidas estavam dispostas a desmascarar a fraude, como De Cerisay. Mas Mignon, pequeno em todos os sentidos, era obstinado e prosseguia com ordens do Bispo os exorcismos que enlouqueciam as freiras a cada dia. E mais do que isso. As portas do convento foram escancaradas ao público e os exorcismos, que duravam o dia todo, viraram uma atração que não se via igual desde que o circo com dois anões e ursos amestrados passara por Loudun. Tentando conseguir mais apoio, Mignon chamou o cônego Barré, *curé* de Saint-Jacques, em Chinon, cidadezinha vizinha a Loudun que não podia reclamar de tédio. Barré via o diabo em tudo que era canto e levava o povo da cidade à loucura com possessões, exorcismos e bruxarias. O talento de Barré estava em nunca enxergar Deus em lugar algum, porque era sempre muito mais interessante procurar pelo diabo. Juntamente com Mignon, Tranquille e

Barré, o Sr. Adam impingia às freiras verdadeiras torturas com clisteres e injeções de água benta, na tentativa de convencer os visitantes, entre nobres e gente do povo, da veracidade da possessão que nunca de fato existiu.

Finalmente, com muito custo e provas fraudulentas, os inimigos de Grandier conseguiram acusá-lo não só de feitiçaria, mas de participação nos ritos do sabá, onde, imaginava-se à época, ele rendia homenagens ao demônio e rolava no feno com bruxas lascivas e endemoniadas. Um artifício barato para divertir os espectadores. Se Grandier fosse inocentado, sua carreira estaria destruída de uma vez por todas. Se fosse culpado, poderia terminar na fogueira.

Já ciente do que acontecia, Grandier correu ao bispo de La Rochepozay, em Poitiers, mas o bispo encontrava-se doente e respondeu com uma carta onde dizia ao pároco que procurasse ajuda dos juízes reais, desejando-lhe justiça nesse caso. La Rochepozay não tinha intenção alguma de ajudar Grandier e ele devia saber disso desde que apelara de sua decisão, desafiando sua autoridade. Enquanto isso, as possessões prosseguiram. Os “demônios” não falavam outras línguas e ainda por cima erravam grotescamente no latim. Os exorcismos costumavam arrancar gargalhadas dos presentes. Era um espetáculo bizarro. De Cerisay continuava investindo contra a maluquice de Mignon, que transformara o convento em um manicômio, mas não se arriscava a usar a força contra padres. O convento perdeu suas pensionistas, pois os pais assustados com o comportamento irregular das freiras tiravam suas filhas de lá.

A coisa ficou feia quando a decisão do rei de demolir o castelo culminou na derrota de D'Armagnac. Laubardemont retornou e interessou-se pelo caso das freiras, que haviam caído em desgraça. Quando Mignon e Barré foram afastados dos conventos por ordem legal, as possessões pararam e restou apenas o remorso e a vergonha. O dinheiro acabara, a dispensa ficara vazia e não havia mais criadas. As freiras eram obrigadas a costurar para defender uns tostões, abandonadas à própria sorte. Mas Laubardemont era covarde. Não queria se meter em algo assim se o cardeal não estivesse a favor. Decidiu-se finalmente quando Trincant acusou secretamente Grandier de ser o autor do Cordonnière, um panfleto inflamado contra o poder do cardeal. Com isso Laubardemont levou o caso à corte e, com uma pequena ajuda de monges e frades que nutriam grande rancor não só por Grandier como por padres seculares em geral, conseguiu que o caso fosse analisado pelo próprio Richelieu. Este, por sua vez, lembrava-se muito bem, como toda criatura rancorosa, do vexame que o

padreco o fizera passar certa vez em Loudun. Ordenou que Laubardemont desse início às investigações e, caso o padre fosse culpado, que efetuasse o julgamento por feitiçaria.

Laubardemont voltou imediatamente a Loudun e mandou chamar em segredo o promotor público e o chefe de polícia, apresentando-lhes o documento que tinha em mãos. O chefe de polícia, Guillaume Aubin, gostava de Grandier e avisou-o de noite para fugir rapidamente enquanto ainda havia tempo. Mas o padre agradeceu e recusou, acreditando que, por ser inocente, tudo terminaria bem. Na manhã seguinte, Grandier foi preso por Hervé a caminho da igreja, diante de gargalhadas debochadas de Trincant, Menuau, Mesmin, Mignon, o médico e o boticário. Seus livros foram revistados. Nenhum livro de magia negra, para decepção geral, foi encontrado.

Preso no castelo de Angers, Grandier aguardou justiça. Enquanto isso, Trincant apossava-se de documentos e cartas que o inocentavam do processo de fornicção. Afinal, se não tivesse aqueles documentos, Grandier não podia provar que fora inocentado e podiam reabrir o patético caso que perderam anos antes. Começaram a anotar todo tipo de acusação e boato de pessoas da cidade, incentivando o povo a falar mais sobre o comportamento libertino e bruxo de Grandier. A defesa foi proibida de comparecer durante essas sessões de manipulação e quando a mãe de Grandier reclamou da forma injusta com que o caso estava sendo tratado, limitaram-se a rasgar suas petições. Ela então correu ao parlamento de Paris e colocou a lenta e pesada máquina da Justiça para andar. Tudo indicava que ela iria conseguir um recurso, mas Laubardemont, apavorado ante a possibilidade de sua fraude ser descoberta e de sua carreira como advogado ficar destruída, conseguiu um recurso quase impensável. Richelieu conseguiu convencer o fraco rei Luis XIII a assinar um documento em que autorizava Laubardemont a prosseguir com o julgamento, independente de qualquer decisão do parlamento. Isso era uma apavorante carta branca para que os inimigos de Grandier fizessem o que quisessem com ele, o que quer dizer absolutamente qualquer coisa.

A primeira coisa que fizeram foi transferi-lo. A prisão de Angers era confortável demais para ele. Grandier foi trancado no porão de Mignon, um local especialmente vedado com tijolos e com pesadas trancas. Grandier ficou sob a guarda de Bontemps, que prestara falso testemunho contra ele anos antes, e sua mulher de péssimo humor. Ambos faziam questão de tratá-lo mal. Neste lugar sem ventilação, Grandier dormia em um feixe de palha, recusando-se a falar com o comissário.

No convento, Mignon e Barré voltaram a abrir seu circo. A história alastrou-se e Loudun passou a ter novamente turistas que aqueciam o comércio da cidade e enchiam os cofres do convento das ursulinas e dos carmelitas. Laubardemont induzia as freiras a incriminarem Grandier por qualquer coisa, assumindo que se o diabo falou, deve ser verdade. Muita gente sabe que Satanás é o Pai das Mentiras, mas Laubardemont retrucava que o diabo era obrigado a falar a verdade diante de um padre e da autoridade da Igreja.

De acordo com a bíblia das atrocidades, *Malleus Maleficarum*, espécie de manual de instruções de crueldades e maluquices escrita por Kramer e Sprenger, utilizada por quase dois séculos por malucos que procuravam o diabo em pessoas normais a fim de jogá-las em torturas e na fogueira, feiticeiros costumam ter mamilos extras ou manchas pelo corpo. Infelizmente para Laubardemont, Grandier não tinha nem um nem outro. Mas era sabido também que os feiticeiros possuem marcas de insensibilidade onde o diabo teria tocado. Induziu Irmã Jeanne a dizer onde ficavam essas marcas. Uma no ombro, duas nas nádegas, bem perto do ânus e uma em cada testículo. Diante de seus piores inimigos, Grandier foi submetido a uma humilhação sem nome. Foi despido, depilado, vendado e então, pelas mãos de Mannoury, picado com uma longa sonda até o osso. Deitado sobre uma mesa de madeira escura, o prisioneiro amarrado e sem defesa limitava-se a gritar com dores terríveis.

Do lado de fora, uma multidão de curiosos ouvia os gritos lascinantes de dor do padre. Com muita dedicação, Mannoury descobriu duas das cinco marcas. Um boticário de Tours que assistia à sádica sessão de vivissecção pegou Mannoury num flagrante ao vê-lo virando a sonda ao contrário e comprimindo-a contra a pele. Seu relatório no entanto foi ignorado. Depois de diversas e terríveis espetadas, Grandier finalmente perdeu os sentidos. Foi o bastante para achar a outra marca. Mannoury teria achado todas as outras, mas não havia mais graça em molestar uma vítima desacordada.

Mas Mannoury tinha todo o tempo do mundo, assim como Trincant e os outros. Qualquer coisa era motivo para perturbar Grandier. Era como cutucar um animal enjaulado com uma vara longa de uma posição segura. Enquanto as visitas de amigos e parentes eram firmemente negadas, não se dizia o mesmo das visitas dos inimigos confessos. Outras sessões de tortura se seguiram, com outros falsos motivos, mas com o mesmo vigor. Enquanto as freiras davam seu *show* de *mantiné* ao público no convento, Grandier era uma iguaria para um grupo seleta num espetáculo mórbido dado a

portas fechadas e com o lacre do rei.

De repente Lorena pulou da cadeira. Foi tirada da província por seu senso de responsabilidade.

– Nossa! Quase que eu me atraso!

– Você não pode matar essa aula? – perguntou Marcos, dando sua eterna solução para todos os problemas, que era simplesmente não aparecer.

Lorena recolhia rapidamente suas coisas.

– Não dá. Já matei todas que podia! Guardei uma para o caso de ficar doente. Além dessa, fico reprovada e eu não vou suportar outro período nessa tortura...

Lorena sabia o que dizia. Ginástica era um pesadelo. Não que ela fosse excessivamente frágil ou coisa assim. Na verdade, sempre teve uma estrutura muscular bastante razoável, apesar de estar sempre coberta por alguma tenda que ela chama de vestido. Gostava até de uma atividade puramente física. Era normal vê-la em seu quarto rosa fazendo algum exercício. Como em todas as outras atividades, físicas ou não, o problema de Lorena eram os outros seres humanos. Quando tinha que fazer uma atividade física junto com outras pessoas, seu mundo caía. Se tivesse uma bola envolvida então, nem se fala! Era uma âncora de time, em qualquer tipo de jogo. Logo, não foi difícil compreender sua cara de choro quando, depois de trocar de roupa, chegou à quadra e deu de cara com o professor segurando uma coisa redonda.

– Ai, meu Deus... Uma bola! – sussurrou.

Ficou imaginando em qual jogo faria seu papel ridículo. Rezou para que não fosse vôlei. Era o pior! Se bem que o futebol também era considerado um desastre. Cruzou os braços. Não adiantava se martirizar. Qualquer coisa que escolhessem seria uma catástrofe completa. Então simplesmente esperou a sentença. Era só uma questão de guilhotina, forca ou fogueira...

A sentença foi dada. O jogo dos gigantes, o basquete, seria sua forma de humilhação pública. É, pública, porque sempre havia uma platéia de desocupados para ver a educação física dos condenados. Na arquibancada de cimento, um bando de universitários aplaudia os shortinhos e camisetas apertadas das meninas. Em outra parte, fingindo estar ocupada num aquecimento, Lorena esticava-se em sua camiseta branca gigante e sua calça de malha preta que terminava apertada na canela, fazendo-a parecer uma perereca gigante.

– Bem, pelo menos não tem ninguém que eu conheça me vendo... – murmurou pra si mesma, consolando-se em ser humilhada diante de um público desconhecido.

– VAAAAI, LOREEENAAAA!!!!

Lorena olhou apavorada para a arquibancada e logo viu Marcos em sua roupa destoante, os braços balançando como bandeiras de emergência e um sorriso ofuscante. Com um movimento discreto demais para que Marcos entendesse, Lorena pediu-lhe que ficasse quieto. Será que ele não entendia que ela queria ficar invisível?

– Humm... Tá com torcida hoje, é?

Lorena virou-se para a moça que lhe fazia sombra. Mikhaelle sorria seu sorriso perfeito enquanto o Sol contornava-lhe o corpo igualmente perfeito. Os cabelos loiros, presos em um rabo de cavalo, deixavam alguns fios caírem graciosamente sobre o rosto perfeito. E, é claro, como se não bastasse as fadas boas terem-na presenteado com um monte de dotes invejáveis, ela ainda era rica. Mikhaelle era perfeita e não existe nada pior do que pessoas perfeitas, especialmente quando elas sabem disso. E assim como todos sabiam o quanto Mikhaelle estava próxima da perfeição, sabiam o quanto Lorena estava longe dela. O jogo nem começara e Lorena já se sentia suada, os óculos escorregando pelo nariz, o cabelo preso soltava fios que caíam-lhe de qualquer modo sobre o rosto, contorcido numa careta por causa do Sol que, assim como o resto do mundo, estava contra ela.

– É só um amigo indiscreto...

Mikhaelle deu de ombros e virou-se para ir falar com as amigas. Por um momento, Lorena até achou que a loirinha mais popular da faculdade ia falar com ela como uma boa amiga, mas foi só um pensamento breve. Pessoas como Mikhaelle procuravam seus iguais. De posse da bola, Mikhaelle ria com as amigas, todas bonitas e parecendo que fugiram de um comercial de xampu. Lorena quase podia ouvir a música no fundo enquanto o vento brincava com seus cabelos.

– VAAAAI, LOREEENAAAA!!!

Lançou um olhar de ódio para Marcos, que ostentava um cartaz improvisado com o nome da amiga bem no meio da arquibancada, atraindo um monte de olhares curiosos. Lorena, ainda no chão por causa do aquecimento, abaixou a cabeça e rezou para que aquilo não piorasse.

O jogo começou. Como em todo jogo, Lorena limitava-se a correr pra lá e pra cá, fingindo um falso interesse e uma falsa compreensão do que estava acontecendo. Sua torcida estava no fato de não lhe passarem a bola, senão teria que fazer alguma coisa com ela e não seria nada agradável. O

jogo transcorria normalmente. As meninas jogando e Lorena correndo. Estava quase feliz. “Espero que ninguém note que eu nem cheguei perto dessa bola...”, pensou consigo mesma. Afinal, tudo o que tinha que fazer era sobreviver por mais alguns minutos e estaria tudo acabado.

– VÊ SE PEGA NESSA BOLA, Ô LORENA!!!!!!!

O professor olhou para o garoto que gritava na arquibancada. Mandou que passassem a bola para Lorena (se não estivesse escrito no cartaz de Marcos “Lorena Jordan”, ele não se lembraria). Então, em câmera lenta, alguém pegou a bola e olhou para Lorena. “Não... Não... Não... Isso não está acontecendo...”, pensava Lorena.

Mas estava acontecendo sim. Em câmera lenta, a bola chegou em suas mãos. E agora? O que fazer com ela? Não sabia nem quicar! Olhou para Mikhaelle pedindo a bola. E então olhou para a cesta. De repente, a vontade de justificar o cartaz de Marcos fundiu-se a uma esperança de fazer alguma coisa relevante, nem que fosse algo esquecido em alguns minutos. Pensou: “Por que não?” Afinal, o máximo que podia acontecer era errar e isso todo mundo já estava esperando mesmo. Então jogou. Viu a bola subir enquanto um silêncio se fez. A bola ficou contra o Sol e desceu em parábola perfeita até girar no anel e escorregar para dentro da rede.

Um grupo de garotas comemorou. Outro ficou estático. Lorena não podia acreditar. Finalmente conseguira fazer algo certo!

– Sua imbecil!!! – Disse Mikhaelle, os olhos castanhos arregalados de espanto e raiva.

O professor aproximou-se com a bola e com um sorriso divertido. O salário era pouco, mas aqueles momentos compensavam tudo.

– Muito bem, Lorena! Mas da próxima vez você me avisa em qual cesta você vai jogar pra eu te colocar no time certo...

Lorena arregalou os olhos com medo de entender o que aconteceu. O professor virou-a pelos ombros e apontou a outra cesta do outro lado do campo.

– A cesta do time adversário é pra lá...

Lorena desmontou. Quis cavar um buraco no chão e se enfiar nele, mas o jogo recomeçou. Suas pernas estavam bambas, estava morrendo de vergonha e queria sumir. Jurou que nunca mais ia pegar numa bola de novo, mas esqueceu de avisar às colegas sobre sua decisão. Quando menos esperou, a bola estava de novo em suas mãos. O pânico tomou conta de seu ser. Como elas tinham coragem?! Como?! Ela ia arrastar todas para o fundo!!! Olhou em volta e ouviu seu coração bater, enquanto uma voz se fazia mais alta que as vozes da torcida.

- Joga pra mim, sua idiota!!!

Olhou para Mikhaelle e só havia as batidas de seu coração, altas como um tambor de guerra. Sem saber exatamente como, pegou a bola e a jogou com toda força para a colega que a chamara de idiota. A bola acertou-lhe o nariz perfeito. Ela caiu de joelhos com sangue nas mãos. O apito soou, o jogo foi interrompido, Mikhaelle foi para a enfermaria e Lorena foi expulsa.

Fim de jogo.

Capítulo VII

Ela estava sentada em uma pedra de granito bruta deixada como banco na calçada. Na rua de subúrbio classe média, as primeiras horas da manhã de sábado não eram disputadas. Um galo cantava em algum lugar enquanto os pássaros começavam seu burburinho matutino. As amendoeiras e ipês recebiam o brilho do Sol e pequenas flores coloridas formavam um tapete sobre a rua. Lorena gostava de ver os pequenos detalhes que lhe escapavam quando as pessoas já estavam acordadas e transitavam entre lá e cá. Também gostava de observar as pessoas, mas nem sempre era uma experiência fácil ou mesmo agradável. Não era fácil porque as pessoas não gostam de se sentir observadas. Ficam artificiais ou paranóicas. Deixava de ser agradável quando reconhecia suas pequenas e grandes falhas nos atos das pessoas comuns. Ela deu um longo suspiro. Não conhecia ninguém mais comum que ela.

Viu um ponto colorido aproximando-se. Olhou para o relógio e não acreditou.

– Não pode ser... – murmurou.

Em alguns minutos, o ponto multicolor transformou-se na personalidade extravagante de Marcos, que chegava com um óculos escuro futurista, uma mochila roxa e amarela, uma bermuda verde-abacate e uma camiseta rosa-tô-aqui.

– Lorena, minha amiga!!!

– Marcos, eu não acredito que você nunca chegou na hora para uma única aula desde que eu te conheço e chegou vinte minutos adiantado para ir para outra dimensão!

Marcos sentou-se ao lado dela, enquanto trocava beijos de cumprimentos.

– É que eu não conheço essa gente da outra dimensão, vai que eles ficam ofendidos com meu atraso, acham que é desfeita, sei lá! Melhor prevenir, né? Depois que eu conhecê-los melhor, posso chegar atrasado! Mas o que você está fazendo aqui fora? Te botaram pra fora de casa depois que você quebrou o nariz da sua coleguinha?

Lorena mandou-lhe um olhar sério através de suas lentes esverdeadas.

– Marcos, por quem você me toma?! Acha que ainda estou no primeiro grau pra ser punida por uma briga idiota?!

Marcos encarou-a com um sorriso e um olhar de sabedoria

sarcástica que só os amigos de verdade têm.

– Você não contou pra eles, né?...

Ela encarou-o de novo. Então perdeu a pose e desmontou.

– Não, vou deixar pra contar na segunda-feira, que já é um dia horrível por natureza e não precisa de muito pra ficar pior...

– Pois eu achei o máximo!!! Todo mundo aplaudiu você! ... Bem, eu aplaudi! Nunca fui com a cara daquela garota mesmo!

Lorena meneou levemente a cabeça.

– Não acredito que fiz aquilo...

– Nem eu! Parece que você quebrou o nariz dela. Ela vai ter que fazer uma cirurgia de reparação. Ouvi dizer que ela vai te processar.

Lorena enfiou a cabeça nas mãos. Parecia que sua vida estava ficando cada vez pior! Como ia enfrentar um processo? Nem tinha emprego! Seu pai a mataria! Seria a vergonha da família certinha... Marcel tinha razão. Um único ato impensado e estava marcada para o resto da vida. Parecia a primeira noite de uma virgem descuidada. Marcos tentava confortá-la.

– Calma! Tem uma coisa que você pode fazer que todo mundo vai acreditar! Alegue insanidade!

– Droga, droga, droga, droga... Espero que dê tempo de terminar essa droga de faculdade... Pelo menos vou ter direito à prisão especial.

– Ah, Lorena, deixa de drama! Isso não vai dar em nada, você sabe! Se fosse assim, ninguém nunca mais ia meter a porrada em ninguém! Seria o caos!

Lorena ficou um minuto em silêncio olhando uma animada briga de pardais no chão. Pareciam trocar xingamentos e insultos escabrosos enquanto trocavam bicadas nas cabeças uns dos outros.

– Não é irônico? – perguntou ela com um sorriso divertido de quem se dá conta de uma verdade universal que, como toda verdade universal, sempre esteve bem diante de seu nariz.

– O quê?

– Eu agi exatamente como os inimigos dele...

– Dele quem?!

– De Grandier! Eu fiz exatamente o que estávamos condenando quando discutíamos o livro. Eu odiei aquela garota! E me pergunta por quê? Porque ela é mais bonita, mais rica e mais perfeita do que eu jamais serei! Ela tem tudo o que eu sempre quis ter! E quando ela me chamou de idiota, eu não sei o que aconteceu, mas eu quis dar um soco nela!

– E deu! Só que com uma bola! Foi perfeito! Tá! Você pode alegar

que foi acidente!

– Você não vê, Marcos?! Eu esperava poder despertar uma coisa em mim algum dia, e quando desperto é uma coisa horrível que eu abomino! E se o clique for isso? Alguém acende a luz e eu revelo meu pior lado!

Marcos abraçou a amiga.

– Lorena, presta atenção! Você não é como os inimigos de Grandier. Se você fosse como eles, não ia simplesmente dar uma bolada nela. Ia dar um jeito de escrever atrocidades sobre ela nas portas do banheiro, falar mal dela pra todo mundo e investir cada minuto de sua vida em uma trama para destruir a reputação e a vida dela. Você apenas não quer ser chamada de idiota e, acredite em mim, isso é totalmente normal! Eu li um livro que tinha um cara que detestava ser chamado de bolha! Podiam chamá-lo de veado, de bundão, de absolutamente qualquer coisa, mas se o chamavam de bolha ele virava uma fera assassina!!! Vai ver que seus super poderes só se revelam se você for chamada de idiota!

Lorena começou a rir. Não dava pra se levar a sério quando se colocava sob a ótica de alguém como Marcos.

– Bem, podia ser pior... – disse ela. – Marcel podia ter ficado sabendo... Ah! E falando nisso, você trouxe o livro, não trouxe?

Antes que Marcos respondesse, um carro azul escuro impecavelmente limpo surgiu no fim da rua.

– Humm... Meu radar pra malas está apitando... – disse Marcos. – Pi – Pi – Pi – Pi ... Mala se aproximando! Mala se aproximando!

– Mas é um mala de carro, então fica quieto! – Lorena levantava-se de sua pedra com o traseiro doendo. Estava com uma bermuda *jeans* larga e quadrada e uma camisa de botões rosas. Teve vontade de usar algo diferente, mas acabou usando o que seu limitado guarda-roupa lhe oferecia. Marcel saía do carro.

– Bom dia, Lorena... Jordan... Ou deveria chamá-la de Lorena Tyson?

Lorena não se espantou. Notícias ruins voavam e era óbvio que seu erro já devia ter corrido aos quatro ventos e assim seria pelas próximas gerações.

– Sabia que você não vai se formar comigo por causa disso?

Marcos fez um exageradíssimo movimento de pesar e espanto.

– NÃÃÃÃÕ!!!! Não pode ser!!!! Lorena!!!! Não se mate!!! Sai da frente desse carro, Lorena!!! A gente pode superar isso!!

Marcel tentou ignorá-lo.

– Você foi suspensa por duas semanas de aulas de Educação Física e isso estoura seu limite de faltas! Sabe o que isso quer dizer? Que você vai

terminar todas as matérias, mas não vai poder fazer colação de grau porque não tem a maldita conclusão em Educação Física!

Lorena ficou olhando para ele, imaginando uma resposta. Puxa! Era sábado! Que direito aquele cara tinha de estragar seu sábado assim, logo de manhã, bem na cara dela?!

– E ainda tem mais uma coisa! Você precisa ser mais responsável com...

– Marcel, por favor...

Marcos colocou-se entre eles fazendo um alegre passo de dança e completando a frase de Lorena!

– “... Pare agora!”

Marcel piscou várias vezes enquanto Marcos saiu dançando pela rua. Ia começar para Lorena um discurso sobre responsabilidade com as coisas dos outros, especialmente com as coisas dele, mas ela o interrompeu.

– Marcel, não me leve a mal, mas é sábado, são sete horas da manhã, minha semana foi muito ruim e se você não tiver nada de bom pra me dizer, por favor não diga nada! Seja lá o que for que tenha pra me falar, se forem críticas ou insultos indignados, deixe pra segunda-feira, tá legal?

E dizendo isso, ela entrou no carro com sua mochila de feira *hippie* discretamente bordada.

Marcos entrou logo depois. Marcel ficou engasgado. Não gostava quando o impediam de falar alguma coisa que ele considerava absolutamente certa. Entrou no carro e começou a dirigir.

A viagem transcorreu normalmente. Lorena de bico de um lado e Marcel de tromba do outro. No meio, no banco de trás e apoiado nos dois bancos da frente, Marcos sacudia ao som de *Faith no More*, que tocava *Epic* na maior das alturas no toca-fitas do carro. Depois de quase duas horas de viagem, a civilização começou a rarear. Um gato pingado aqui, outro gato pingado ali... Acabaram-se as barracas de frutas e água de coco e até o asfalto despediu-se deles. Quase meia hora mato adentro numa estrada de barro que ficava cada vez pior, a poeira subia como uma cortina de neblina e Lorena precisava de um limpador de pára-brisas em seus óculos. Os três começaram a chacoalhar com tantos buracos e em algum momento acharam que a estrada tinha acabado e eles não tinham visto onde. Quem visse de longe, acharia que eles estavam dançando ao som de um *rock* pesado, mas a fita já tinha acabado e o rádio já não alcançava qualquer estação.

– Cuidado com a cratera!!!

O buraco chegou antes do aviso de Marcos e Marcel afundou o carro

em um buraco que podia ser visto a olho nu da Lua. Ficaram em silêncio, Lorena, Marcos, Marcel e o motor.

– Suicida! – disse Marcos.

A razão começava a atingir lentamente Marcel, como quando se começa a ficar sóbrio depois de uma bebedeira.

– Refresquem minha memória... Como foi que deixei vocês me convencerem a isso?...

Saíram do carro e tentaram empurrá-lo. Com muito custo, o carro saiu. Marcel olhava entristecido sua amada máquina coberta de poeira e pensava, enxugando o suor da testa, se Lorena valia aquele esforço todo.

– Não dá pra continuar – disse, agradecendo pelo carro estar inteiro depois daquele tombo. – vamos parar por aqui. Não vou arriscar meu carro em buracos enormes. Não tem mais como seguir com ele nesse caminho horrórico.

– Não, estamos quase lá! – Marcos olhava seu mapinha amassado – Vamos deixar o carro aqui e seguiremos a pé!

Marcel arregalou os olhos, incrédulo com o que ouvia.

– Pra quê?! Marcos, seu idiota! Olhe pra isso! Já estamos em outra dimensão! Aliás, nós já caímos do globo terrestre a dois quilômetros atrás!

– Coragem, Marcel! – Marcos adiantava-se determinado pela mata adentro. – Falta pouco agora!

A contragosto, Marcel abandonou seu carro e seguiram Marcos entre árvores e insetos, estranhos para alguém que dificilmente pisava em terra e mato. Até que finalmente Marcel se irritou e parou de andar.

– AAAH!!! Chega! Eu desisto! Eu me recuso a seguir esse Idiota Jones de araque!

– Vamos continuar, Marcel, ou vamos perder o Marcos!

Marcel estava quase se descontrolando.

– Perdê-lo?! Como?! Eu bem que gostaria, mas é impossível! Ele veio com roupas fosforescentes! Os satélites devem estar registrando esse cara como um ponto radioativo!

– Se não queria vir, por que veio então? – perguntou Lorena, sem perder um pingão de sua calma inesgotável.

– Eu não sei!!! Acho que foi um surto! Mas a sanidade voltou! Olha que lugar lindo, com essas árvores... e essas formigas do tamanho de sapatos! Vamos fazer o piquenique aqui e vamos embora! – ele aproximou-se de Lorena – Se o Marcos achar a outra dimensão ele manda um telegrama!

De repente, Marcos parou e virou-se para eles após consultar o

guardanapo. Com um sorriso de descoberta e um brilho nos olhos ele disse:

– É aqui!

Ele entregou a mochila roxa e amarela para Lorena e começou a procurar algo dentro dela.

– Marcos, você trouxe dois vidros de protetor solar?! Pra que tudo isso?

– Já imaginou se a gente vai mesmo parar no Nordeste? Imagina se eu ia perder aquele solzão! A gente aproveita a passagem de graça e já emenda as férias! Ah, achei!

Ele pegou um caderninho e começou a andar de um lado para outro com seus rabiscos e anotações em uma mão e o guardanapo amassado na outra.

– Agora, atenção! Segundo as anotações que o cara me passou sobre o local exato dos desaparecimentos, o portal para outra dimensão fica exatamente...

Marcos deu um passo para frente e apontou para um pedaço de terra entre uma pedra grande e uma árvore velha.

– ... aqui!

Houve um silêncio patético até que Marcel finalmente se pronunciou:

– Oh!

Entusiasmado, Marcos guardou as anotações na mochila e posicionou Marcel e Lorena cada um ao seu lado.

– Ele disse que esses portais parecem ser aleatórios... – Marcos começou a falar como um especialista, sem sequer notar o suspiro de tédio de Marcel. – ...o que quer dizer que, às vezes, por uma questão de segundos, um mesmo portal pode dar pra lugares completamente diferentes! Então, pra evitar que algum de nós vá parar em uma dimensão totalmente diferente da dos outros, vamos entrar os três juntos! Menos você, Marcel... Você pode esperar uns minutos... Ok! Vamos sincronizar os relógios!

– Marcos? – Lorena se esforçava para não bancar a estraga-prazeres e pedir para ir embora. – Não é mais fácil a gente simplesmente contar até três?

– Nossa! Isso é tão simples que chega a ser brilhante!

Engancharam-se pelos braços e começaram a contar, quando Marcos interrompeu-os com um grito.

– Esperem!!!!

– O que é, Marcos?! – perguntou Marcel irritado.

– É com o pé direito ou com o pé esquerdo?

– Qualquer um, Marcos!!!! – gritou Marcel.

– Calma, Marcel – Lorena tentava achar um equilíbrio entre a irritação de Marcel e a ansiedade de Marcos.

– Calma?! Eu tenho certeza de que daqui a pouco vai pular um imbecil na minha frente com uma câmera e dizer: “Sorria! Você acaba de fazer papel de idiota para um país inteiro!” Todo mundo vai me ver no domingo e vão apontar pra mim na rua enquanto dizem: “Olha aquele cara burro que queria ir pra outra dimensão!”

– Está bem, está bem! – Lorena o interrompeu. Até sua paciência começava a mostrar sinais de exaustão. – Com o direito! Vamos com o pé direito!!!

Recomeçaram a contagem, até que gritos novamente interromperam.

– Parem! Parem!

Marcel pareceu a ponto de explodir.

– O que foi agora, Marcos?!!!

– Eu acho que preciso ir ao banheiro!

– Você vai na outra dimensão! – retrucou Marcel.

– E se lá não tiver?

– Qual a diferença, Marcos? Aqui também não tem! Vamos lá! Um, dois...

E no “três” eles deram um firme passo sincronizado para frente, passando entre a árvore e a pedra. Pararam e olharam à volta. Então, olharam uns para os outros, piscaram, olharam para frente, olharam para os lados, para cima e novamente para cada um deles.

– Foi a viagem à outra dimensão mais rápida e sem turbulência que eu já fiz – disse Marcel.

– Aliás, essa outra dimensão não é nem um pouco original – Lorena ajustava os óculos ao rosto, olhando em volta. – É muito parecida com a nossa!

Apesar de Marcel e Lorena parecerem bastante conformados em não terem mudado de dimensão, Marcos estava inconsolável.

– Mas eu não entendo!!! Deveria estar aqui! Deveríamos estar em outra dimensão agora!!! Ou pelo menos no Nordeste! Droga! – Marcos andava de um lado para outro sem compreender o que saíra errado. – Eu tinha feito vários planos! Eu ia vender os direitos da história para o Spielberg!

Feliz por aquela maluquice ter tido um fim, Marcel esfregou as mãos. Enfim, teria seu piquenique romântico. Ou pelo menos comeria alguma

coisa, pois estava faminto! Então, abriu seu sorriso de tubarão e sugeriu.

– Tá legal! Então, vamos aproveitar e fazer um piquenique nessa outra dimensão, que tal?

– Eu prefiro ir pra casa – disse Lorena impassível.

– O quê????!!!

Lorena e Marcel começaram cada qual a defender seus interesses enquanto Marcos ia e vinha entre a árvore e a pedra, consultando seu mapinha amarrotado, tentando encontrar uma explicação lógica para ele não ter conseguido ir para outra dimensão. Após alguns minutos de discussão, a fome apresentou-se como um motivo razoável para tomarem logo uma decisão e Lorena e Marcel acabaram por arrastar Marcos de volta para o carro. Lorena friccionou as mãos nos próprios braços.

– Vocês notaram como ficou frio de repente?

– Eu tinha certeza de que o carro estava por aqui!

Marcel passava a mão pela cabeça olhando em volta, não acreditando que um carro inteiro podia desaparecer assim.

– Marcos, seu idiota! – gritou ele, de dedo em riste para Marcos. – Se roubaram meu carro eu vou matar você!

– Pega leve, Marcel! Quem é que ia roubar o seu carro aqui?! O George da Floresta? Deve estar por aqui!

A frustração de Marcos por não ter conseguido encontrar seu portal, a de Marcel por não ter conseguido seu episódio romântico com Lorena e ainda não encontrar seu carro e a de Lorena por simplesmente existir tornou o mau humor uma válvula de escape de tensão. Marcel e Marcos começaram a discutir. Lorena começava a achar que estava em um daqueles pesadelos de que não se consegue acordar.

– Gente! Gente!!! – eles demoraram a olhar para a moça que nunca se fazia ser ouvida. – A gente pode ter errado o caminho! Por que não andamos um pouco mais? O carro pode estar mais à frente!

Sem alternativa além de ficar brigando no meio no nada, eles continuaram andando. Uns vinte minutos depois chegaram a uma estreita estrada de terra.

Lorena empurrou os óculos que escorregavam com o suor pelo seu nariz.

– Estranho... Parece que saímos dessa floresta mais rápido do que entramos.

Marcel não deu muita atenção ao comentário. Tinha agora outra

preocupação a atormentá-lo.

– Temos que voltar! Meu carro ainda está lá, só e desamparado!

– Vamos pedir ajuda àqueles dois jóqueis que vêm vindo ali – diz Marcos, apontando para frente com o queixo.

– Jóqueis?! – estranhou Lorena, apertando os olhos em uma careta para ver melhor.

Eles esperaram os dois homens aproximarem-se e, quando ficaram frente a frente, a surpresa pareceu a mesma para ambos os lados. De um lado, os três jovens não tinham a menor ideia de por que aqueles homens estavam vestidos como se tivessem fugido de um filme de baixo orçamento dos Três Mosqueteiros. De outro, os dois homens pareciam meio escandalizados com as pernas semi-desnudas de Lorena e as roupas berrantes de Marcos que parecia um semáforo com defeito.

– Aí, gente fina! Maneira a roupa, me amarrei, mas será que vocês podiam nos dizer onde diabos a gente veio parar, porque, caraca! A gente deve tá longe à beça! – Marcos ficou sorrindo, esperando resposta.

Os dois homens entreolharam-se, gritaram alguma coisa incompreensível e saíram correndo em seus cavalos, levantando poeira e deixando os três amigos aturdidos sem informação alguma.

– Será que foi o meu creme dental? – perguntou Marcos.

– Eles estavam falando francês! – disse Lorena.

– Ah, tá explicado, então! – Marcos soltou os braços ao longo do corpo. – Turistas! Acharam que íamos roubá-los! E o que eles disseram?

– Eles disseram: “Demônios! Demônios! Demônios vestidos com a luxúria do inferno!”

Marcos colocou a mão na cintura, desconfiando daquela tradução que não fazia sentido.

– Tem certeza que foi isso?! Peraí, desde quando você fala francês?

– Desde os 16 anos, quando me formei professora na Aliança Francesa...

– Puxa...

– Ok, vamos continuar andando. Eram só dois caras fantasiados atrasados para alguma festa – Marcel não parecia muito afetado com o encontro. – Tá cheio de gente maluca por aí...

– Será que a gente não pode parar pra fazer uma boquinha? – Marcos ouvia sua barriga roncar. – Tô morrendo de fome!

– Só depois que a gente achar ajuda pra resgatar o meu carro, que está sozinho na floresta! Vamos!

Marcel adiantou-se. Lorena e Marcos olharam para o moço

afastando-se e tiveram vontade de deixá-lo ir embora... Marcel fazia mais uma tentativa em seu celular, esperando acionar o reboque, mas a porcaria do aparelho não dava sinal. Continuaram seguindo a estrada onde não havia viva alma. O Sol não estava tão quente como costuma estar no verão dos trópicos. Na verdade, chegava mesmo a estar um pouco frio.

– É essa droga que estão fazendo com a camada de ozônio! O clima está ficando louco! – Marcel tinha sempre uma explicação. Só não explicava por que seu celular nunca funcionava quando precisava dele.

– Olhem! Uma casa! Graças a Deus!! Vamos poder pedir ajuda e comer!!!

– Não me lembro dessa casa... – observou Lorena.

– Não lhe ocorreu que podemos estar em outro caminho, Lorena? – o tom arrogante de Marcel foi o bastante para fazer Lorena calar a boca.

Andaram até a casa que parecia mais perto do que realmente estava. Quando chegaram finalmente, pararam um pouco para respirar. Era uma casa simples, rústica, feita de madeira. Algumas galinhas e porcos perambulavam pela lateral, onde o mato crescia. Chegaram perto da porta e pareceram hesitantes. Marcel irritou-se com a covardia dos outros dois e tomou a frente para bater, parecendo nervoso. Marcos esticou-se para olhar pelas frestas de uma janela próxima e, com uma expressão de espanto, puxou Marcel e Lorena rapidamente para a lateral da casa. Marcel começou imediatamente a protestar e Marcos fez um estabanado sinal de silêncio, pedindo que, pelo amor de Deus, eles ficassem quietos. Eles ficaram escondidos, espantados com os olhos arregalados de Marcos, quando ouviram a pesada tranca da porta ser aberta. Um homem (suspeitaram que fosse um homem, pela violência com que lidou com a tranca) falou algo num grunhido que, fosse francês ou qualquer outro idioma, soou incompreensível. Ele deu alguns passos à frente, fazendo a madeira da varanda ranger com seu peso. Quando chegou mais para frente, o trio, encolhido na parede lateral da casa, pôde finalmente vê-lo.

Cabelos arruivados e despenteados caíam pelas costas largas. Suas roupas eram grosseiras e sujas. Usava grandes botas que iam até o joelho e de sua cintura pendia uma espada longa. Passaram-se alguns segundos em que Lorena, Marcos e Marcel torceram para que o homem não resolvesse dar uma volta na casa. O homem balançava lentamente a cabeça, cobrindo todo o território que sua vista alcançasse. Então, finalmente convencido de que não havia nada, voltou-se na direção oposta a que o grupo estava e entrou, batendo a porta com violência.

Eles respiraram aliviados ao ouvirem a tranca ser recolocada.

Apavorados, correram para uns arbustos que havia em frente à casa e ficaram escondidos, olhando-a.

– Eu olhei pelos buraquinhos da janela e vocês não imaginam o que eu vi! – Marcos ainda mantinha os olhos arregalados.

– Deixe-me adivinhar! – disse Marcel. – Um cara enorme, de cabelos ruivos, com uma espada na cintura!

– Exato, mas ele não estava sozinho! Tinha outro com ele!

– Nossa! – Lorena levantou as sobrancelhas. – Quantos erros assim a natureza pode cometer?

– Eles estavam comendo como porcos numa mesa e tinha um velhinho servindo. O velhinho parecia assustado e tinha um ferimento na cabeça. Achei que havia algo errado.

– Não diga! Achou mesmo?! – Marcel não se livraria de seu sarcasmo nem se sua vida dependesse disso.

– Talvez devamos chamar a polícia. – concluiu Lorena.

Marcel sacou imediatamente seu celular, que logo acendeu uma luzinha. Estava feliz em ser a salvação da pátria, mas a droga do aparelho não dava a droga do sinal.

– Ótimo! – exclamou Marcos – Peguem um pouco de madeira e vamos fazer uma fogueira! Se não tiver vento, podemos fazer uns sinais de fumaça! Cai na real, gente! Não sabemos onde estamos, não sabemos nem pra onde ir! Olhem essa planície! Não tem nada! Se queremos ajudar esse velhinho, temos que fazer isso nós mesmos!

– Queremos ajudar esse velhinho?! – Marcel achou sua pergunta perfeitamente plausível.

– Marcel! Que horror! – Lorena conseguiu finalmente fazer Marcel se sentir um pouquinho envergonhado.

– Qualé?! Por que estão me olhando assim? Eu nem conheço ele! E se esses caras não o matarem, o Governo mata, qual a diferença? AAAH! Tá bom! O que vocês sugerem, então?

Marcos cerrou as sobrancelhas e segurou o queixo com a mão.

– Temos que dar um jeito de entrar...

– Entrar vai ser fácil – Disse Lorena, olhando para a casa. – Sair é que vai ser difícil...

– Não, digo, entrarmos sem sermos vistos para tirar o velho! Pô! Que baixaria! Não podia ser uma mocinha loira e indefesa? Eu me sentiria mais motivado! Ah! Já sei! Podemos entrar de surpresa! Eles são só dois!

– Claro! E quando eles nos atacarem com aquelas espadas enormes, nós revidaremos com nossos hambúrgueres mortais! É tão simples! –

respondeu Marcel.

– Esperem, esperem!!! Eu tive uma ideia!! Eu tenho um plano!

Lorena e Marcel se entreolharam preocupados.

– Puxa... – Marcel levanta uma sobrancelha. – Estamos salvos...

Marcos adiantou-se e, junto com Lorena e Marcel, esvaziou o coxo de comida para os animais. A seguir, ergueram o pesado objeto de madeira e o equilibraram em duas madeiras bem altas, bem diante da porta, de forma que o primeiro que a abrisse derrubaria as madeiras e receberia o tonel na cabeça. Dentro da casa, os homens falavam e riam alto, fazendo uma barulheira mal educada que deu uma ótima cobertura para os jovens que faziam tudo o mais discretamente possível. Ficaram felizes em usar tênis e não aquelas botas de salto de madeira escandalosas.

Eles bateram na porta e saíram correndo de volta para a moita de onde observavam tudo.

– E agora, Marcos? – perguntou Marcel, até acreditando que a armadilha idiota podia dar certo.

– Agora, quando o grandalhão abrir a porta, aquele troço vai cair na cabeça dele e então, Lorena e eu vamos sair ali de trás da casa pra bater na cabeça dele com esses...

– Quem vai sair de trás da casa, Marcos? – perguntou Lorena, achando que não tinha entendido direito.

– Eu e... – E só então, ao olhar diretamente para Lorena, Marcos se deu conta da grande burrice.

Marcel não se conteve e começou a estrangulá-lo, mas parou quando Lorena chamou sua atenção para a tranca, que estava sendo removida.

– Bom, com sorte, pelo menos a gente desacorda um deles! – disse Marcos.

Dessa vez, Marcos tinha razão. A armadilha, mesmo meio torta, funcionou perfeitamente. O coxo acertou em cheio quem abriu aquela porta. O velhinho ficou desacordado no chão.

– Marcos, seu imbecil!... – Marcel queria muito matá-lo.

– Como é que eu ia saber?! – defendeu-se Marcos.

Antes que a discussão na moita esquentasse, os dois homens armados surgiram na porta e vendo o velho caído, olharam em volta e apontaram para a moita.

– E agora? – perguntou Lorena, engolindo em seco.

– Agora? Bem, a gente pode encarar ou correr! – disse Marcel.

– Encarar?! Tá maluco!!! Os caras são maiores que o guarda-roupa lá de casa!!! – gritou Marcos.

Os homens começaram a andar na direção deles com expressão interrogativa.

– A gente pode tentar falar com eles... – sugeriu Lorena, já ficando sem opções.

– Aí, nem morta, falou? Fui!

E Marcos saiu correndo, sendo imediatamente seguido por Marcel e Lorena. Acharam que se entrassem no bosque e saíssem do descampado teriam alguma chance, pois ao olharem para trás, perceberam que os dois homens estavam em seu encalço e estavam em ótima forma, pois estavam quase os alcançando. O desespero os fez correr na mesma direção, embrenhando-se mata adentro, e o mesmo desespero os fez se separarem.

A primeira a ficar para trás foi Lorena. Perdendo Marcos e Marcel de vista, tomou a direita, esperando assim sair da vista de seus perseguidores. Continuou correndo até não ter mais fôlego, vendo árvores e mato passarem por ela como rastros verdes. Quando já não aguentava mais correr e seu peito parecia a ponto de explodir, deparou-se com uma imensa pedra que bloqueava o caminho para a frente. Parou e tentou respirar, acreditando que tinha conseguido despistar os estranhos e rezando para que Marcos e Marcel tivessem a mesma sorte. Ouviu o som de quebrar de galhos atrás de si e virou-se abruptamente.

Um homem de cabelos pretos a olhava com curiosidade. Limpou a baba da barba desgrenhada e suja de comida. Era tão grande quanto o ruivo que tinha visto. Ele guardou a espada e sorriu com dentes tortos e amarelados. Suas intenções eram com certeza as piores. O homem deu um passo à frente e Lorena começou a tremer. Não acreditou que aquele seria seu fim. Ela deu um passo trôpego para trás. Teve vontade de começar a chorar e a gritar, mas sabia que ninguém a ouviria. Estava sozinha. Então, encheu-se de determinação. Se ia morrer, que fosse lutando. Abaixou-se e pegou uma pedra no chão, ameaçando atirá-la. O homem, diante de sua atitude voraz e decidida, ficou tão impressionado que pôs-se a rir. Mesmo assim, ela atirou a pedra com toda a força. Sua pontaria foi tão boa que ela acertou um galho dois palmos acima da cabeça do cara. Mas a Providência tem uns caminhos estranhos. No galho, uma cobra dormia e acordou de péssimo humor com a pedrada, que a derrubou e a fez cair bem em cima do homem, que começou a se sacudir, tentando livrar-se daquele réptil mal humorado. Com a cobra enroscada no pescoço a cobri-lo de picadas, o homem atirou-se ao chão e começou a rolar, tentando tirá-la. Lorena, ainda aturdida, resolveu aproveitar para passar por ele e continuar correndo. Mas quando tentou passar, ele agarrou seu pé e a derrubou. A cobra foi

jogada longe e ele segurou Lorena firmemente pelos braços. “É o fim!”, pensou Lorena, ao sentir o hálito horrível do homem, a boca contorcida numa careta de ódio e dor. Então, uma baba escorreu pelo canto da boca de dentes podres e o homem caiu por cima dela.

Ela empurrou-o para o lado e arrastou-se para longe como uma aranha. Achou que devia ficar chocada, pois nunca vira um morto assim, fresquinho. Mas não estava. Levantou-se, ajeitou os óculos e a blusa e saiu andando em passos falhos, com as pernas bambas.

Marcel corria desvairadamente. Olhava para trás a todo instante para ver se seu perseguidor ainda o perseguia. Sim, perseguia. Então ele corria mais, desesperado, achando que em algum momento aquele cara ia desistir, mas cada vez que olhava, lá estava ele, os olhos apertados de ódio, a espada sendo manipulada com força e destreza, uma visão aterrorizante. Numa de suas olhadelas, viu o que estava atrás, mas não viu o que estava à frente. Deu de cara em alta velocidade com uma árvore e caiu estatelado no chão. Não conseguindo se levantar, arrastou-se enquanto via a morte aproximar-se brandindo uma espada com as duas mãos acima da cabeça e emitindo um horrível grito.

E quando pôde ver os olhos de seu assassino, o filme de sua vida foi interrompido por um enorme pedaço de tronco que surgiu do nada e atingiu em cheio a testa do homem, que caiu imediatamente e não mais se levantou. De dentro das folhagens, Marcos surgiu, ainda segurando o pedaço de pau, pálido e ainda trêmulo, olhando para o gigante caído.

– Que golpe sujo! Estou até com vergonha!

Um barulho de passos nas folhas fez Marcel recuperar a voz.

– O outro vem vindo! Dê esse golpe sujo de novo e fique com vergonha depois!

Marcel levantou-se e esperou como uma boa isca para ver o outro cara levar uma pancada bem dada. Marcos posicionou-se e esperou. Assim que sentiu o momento, mandou o pedaço de pau com toda a força.

– PAAARE!!!

O grito de Marcel freou o tronco a dois centímetros do nariz de Lorena, que depois de parar abruptamente deu uns passinhos desequilibrados para trás, tropeçou e caiu sentada no chão.

– Lorena!!! – gritou Marcos, correndo para socorrê-la. – Lorena!! Eu te machuquei?! Perdão! Eu pensei que fosse o irmão do Conan!!!

– E por falar nisso, cadê ele? – perguntou Marcel, ajudando Lorena a levantar-se.

– Está morto – respondeu Lorena, que tinha a impressão de que os

óculos tinham rachado só com o susto.

Marcos e Marcel olharam-se pasmos.

– Mas como?!

Lorena começou a rir numa reação nervosa.

– Vocês não iriam acreditar...

Capítulo VIII

Estavam atônitos. Diante do homem caído, Marcel tinha uma explicação que considerava razoável.

– É uma pegadinha! Só pode ser uma pegadinha! Só o extremo mau gosto da TV pode bolar um roteiro tão bizarro!

– Acha que ele está morto? – perguntou Marcos, olhando o gigante no chão.

– Pouco me importa! – Marcel estava nervoso.

Marcos abaixou-se e começou a remexer nas roupas do homem.

– O que está fazendo? – perguntou Lorena.

– Sei lá! De repente aqui tem o endereço lá em Itu de onde esses caras saíram... Gente! Olha só!

Dentro de uma algibeira de couro, tilintavam moedas pesadas de brilho fosco. Lorena consertou os óculos e pegou uma delas.

– São francos? – perguntou Marcel, lendo a inscrição, mas não reconhecendo a moeda. Marcel tinha motivos para estar curioso. Conhecia moedas do mundo inteiro, colecionava desde que seu avô lhe dera um dólar de prata quando criança. Tinha pelo menos duas moedas correntes do mundo moderno, mas nada se parecia com aquela.

– Não... – Lorena colocou a moeda contra o Sol e ela brilhou... – São libras...

Lorena não tinha qualquer apego ao dinheiro. Não prestava atenção em troco, era avoadada com contas e certa vez andou por um ano com notas fora de circulação na carteira sem se dar conta disso. Mas Lorena lia, sempre e muito. E alguns livros que lia tinham figuras.

– Ah, qual é!... Vai me convencer que esses caras são turistas? Tudo bem que o Rio de Janeiro tá perigoso, mas não é pra tanto, né? – Marcos não notou e nem tinha conhecimento pra isso, mas, entre os francos de Marcel e as libras de Lorena, havia uma diferença de quase 300 anos. Tudo o que ele entendera era que eram moedas estrangeiras.

– Escutem, vamos voltar! – Marcel pareceu ser atingido por uma resolução súbita. – Não é bom a gente ser visto perto desses caras, especialmente se estiverem mortos como penso que estão, e na casa podemos pedir ajuda ao velho, descobrir onde estamos, sei lá. Vamos embora!

E assim retornaram à casa. Marcos estava muito contente com a algibeira cheia de moedas legais, além das espadas que saqueara dos

perseguidores.

– Puxa! Libras! Gente! Será que atravessamos a fronteira e nem percebemos?

– Até a França, Marcos? – desdenhou Marcel, andando em passos rápidos. – Acho que perceberíamos se tivéssemos atravessado o Oceano Atlântico.

– A Guiana Francesa ainda existe, Marcel, e ainda não se mudou no nosso continente – retrucou Lorena, sentindo um prazer cada vez maior em contrariar o primo certinho.

Marcel parou um segundo olhando para Lorena como um marido que olha para a esposa que dá bola para outro.

– Claro! – disse por fim. – Nós saímos do Rio de Janeiro, passamos por Brasília, atravessamos a Amazônia e chegamos à Guiana Francesa, no outro extremo deste continente enorme em apenas duas horas! Perfeito! Por que não pensei nisso antes?

– E se realmente atravessamos um portal?

A colocação de Marcos fez todos olharem em silêncio para ele. De certa forma, Marcos apenas verbalizara um pensamento geral que ninguém teve coragem de falar por ser tão absurdo. Era como falar de Papai Noel e Coelho da Páscoa em um contexto sério.

– Puxa! É mesmo!!! – disse Marcel. – Vejam!!! É o coelho branco!!! E está indo para a casa do velho! Vamos! Vamos segui-lo!!

Marcel continuou andando seguindo o coelho invisível, deixando Marcos e Lorena para trás. Marcos olhava adiante com curiosidade. Lorena sentiu vergonha de Marcel por tratar tão mal seu amigo e tentou consolar Marcos.

– Não liga, ele é assim mesmo!

Mas Marcos continuava olhando para a frente, procurando algo que não conseguia ver.

– Ué! Cadê o coelho?

Ao chegarem na casa, o velhinho ainda estava caído debaixo do coxo.

– Ai, meu Deus... Espero que ele esteja bem! Detestaria ter essa dívida kármica... – Marcos ajudava o velhinho a se levantar, com ajuda de Lorena. Apesar de assustado, o senhor, que devia ter seus setenta e tantos anos, parecia bem, pelo menos para alguém que acabara de passar pelo que ele passou. Eles o levaram para dentro e o sentaram gentilmente em uma cadeira. A casa estava uma bagunça! Marcos fez pose de herói diante da pobre vítima.

– Não precisa se preocupar com aqueles vândalos! Nós demos um jeito neles!

Sem esperar reação do pobre velhinho, Marcel adiantou-se e junto com os outros iniciou uma avalanche de perguntas.

- Quem eram aqueles homens?
- O que eram aqueles homens?
- Onde estamos?
- Para onde vamos?
- Onde é o ponto de ônibus mais próximo?
- Como chamamos a Polícia?

Quando finalmente silenciaram esperando uma resposta, o velhinho, nitidamente confuso, respondeu:

– *Je ne vous comprend pas!*

O grupo se entreolhou. Marcos fez uma careta.

- HÃ?!
- Ele disse que não nos compreende – explicou Lorena.

Marcel voltou-se para o senhor e formulou uma longa pergunta em um francês bastante claro e culto. Marcos indignou-se.

- Mas será possível?! Você também fala francês?!
- É claro que falo! Gente civilizada fala francês!

Marcos fez uma cara de deboche e cruzou os braços.

- Humpf! Eu falo inglês!
- Plebeus falam inglês! – retrucou Marcel com o nariz empinado. – Até meu cachorro fala inglês!

Marcos ia dizer mais alguma coisa, mas Lorena o deteve. O velhinho começara a falar. Com a voz trêmula de alguém que ainda está muito assustado, ele respondeu a pergunta de Marcel. Quando terminou, Marcel e Lorena entreolharam-se. Marcos estava desesperado para saber o que era.

– O que foi que ele disse? O que foi que ele disse?

– Ele disse que aqueles homens eram ladrões que invadiram sua casa ontem à noite. Ele nos agradece pela ajuda, mas diz que não tem nada a nos oferecer, além de sua hospitalidade – Lorena colocou Marcos a par da situação que ainda continuava bastante nebulosa.

– Pro inferno com a hospitalidade dele! – bradou Marcel. – Eu quero é voltar pra casa!

Isso levou Marcel a formular sua próxima pergunta, bastante curta e simples. Onde diabos estavam? A resposta foi igualmente curta e simples e até Marcos compreendeu.

– *France.*

Silêncio.

– Eu não entendi!!!! – gritou Marcos.

– Ele disse França, seu burro! – gritou Marcel, mais irritado com a situação do que propriamente com Marcos.

Lorena levantou-se aturdida e foi até a mesa, onde havia copos rústicos com vinho e sobras de comida em pratos de barro.

– Não pode ser! – Exclamou Marcos. – Ele entendeu mal! Pergunte de novo!

Marcel o fez da maneira mais clara possível. Novamente, a resposta foi clara.

– *France!*

Silêncio estático.

– Deve haver algum ruído de comunicação aqui – concluiu Marcel.

– Não há ruído algum – Lorena segurava um folhetim sujo de vinho encontrado em cima da mesa. Pouco podia ser lido, pois estava muito manchado, mas a data estava bastante clara. – Estamos na França... de 1634...

Marcel olhava o folhetim que Lorena encontrara. O velhinho continuava sentado em sua cadeira, olhando o desenrolar daquela comédia de erros. Marcos andava de um lado para o outro, agitando nervosamente as mãos.

– Calma, gente! – dizia ele. – Tudo vai se resolver! Nós só precisamos de um plano!

Ao ouvir essa frase, Marcel largou o folhetim e pegou uma garrafa de vinho que estava sobre a mesa, levantando-a em um único golpe para espatifá-la na cabeça de Marcos. Mas Lorena, que estava no caminho, pegou a garrafa no caminho e a segurou antes dela atingir Marcos, de modo que ele nem soube que foi alvo de uma garrafada furiosa.

– Ok... – Marcel estava tentando controlar o nervosismo. – Vamos raciocinar. Eu sei que isso é difícil pra você, Marcos, mas faça um esforço. Se houve um meio de entrarmos, deve haver um meio de sairmos!

– Era isso que o pessoal da Caverna do Dragão vivia dizendo! – exclamou Marcos.

– Já sei! – Marcel estalou os dedos tendo uma ideia tão brilhante que poderia cobrar por ela. – Sabem a teoria da moeda? Quando a gente perde uma moeda, joga outra no mesmo lugar e vê onde caiu!

– Isso parece uma piada de português que eu li em um livro de

Piadas & Charadas! – Animou-se Marcos, entendendo o plano de Marcel.

– E deu certo na piada? – perguntou Lorena sem muito entusiasmo.

– Não, o português perdia a outra moeda também! – contou Marcos.

– Mas essa não era uma piada legal! Tinha uma piada de bichinha muito maneira, que...

– Marcos!!! Quer calar essa boca? Nós temos um problema aqui, sua besta, e você fica contando piadas!! Bem, meu plano é bastante simples! É só voltarmos pelo mesmo caminho, e atravessarmos o mesmo lugar de novo!

Houve um curto silêncio, cortado pela voz tranquila mas segura de Lorena.

– Não vai dar certo.

– Vamos! Peguem suas coisas!

Lorena foi ignorada e todos saíram apressados, animados em remediar aquela pequena confusão.

Cerca de uma hora depois eles voltaram, com uma estampa de “fracassados” em suas testas, com exceção de Lorena, que continuava impassível.

– Eu não disse?

O velhinho os recebeu bem, embora não estivesse muito certo sobre as intenções daqueles estranhos jovens, mesmo porque ninguém se deu ao trabalho de explicar-lhe o que estava acontecendo.

– E se nós voltássemos ao Brasil? – perguntou Marcos, sentado em uma cadeira coçando vagarosamente a cabeça.

Marcel também largou-se em uma cadeira, desolado e cansado.

– Parece ótimo... Aí, quando chegarmos lá, ficamos batendo papo por uns 320 anos até podermos voltar pra casa...

– Talvez pudéssemos encontrar a Cachoeira de Macacu e atravessar o mesmo portal! – insistiu Marcos.

– Vamos ter que enfrentar o Araribóia e os amigos dele. Além disso, demoraria muito! Eu quero ir embora agora!

Já não sabiam o que estavam falando, mas quando fizeram uma pausa ouviram duas vozes a conversar calmamente no canto da sala. Sentada em uma cadeira com as mãos entrecruzadas, Lorena ouvia com atenção as palavras que o velho homem lhe dizia. Quando ele terminou, Lorena abaixou a cabeça e ficou a pensar sobre as opções que tinham.

– Como é que é? Vai traduzir ou vou ter que esperar as letrinhas passarem embaixo? – impacientou-se Marcos.

Ela suspirou e olhou para os dois amigos de pé no meio da sala. E

então começou a falar.

– Conteí ao Sr. Jardanét o que nos aconteceu. Não tivemos essa consideração antes, mas ele parece ter compreendido nossa falta de educação. Em todo lugar, em toda época, há pessoas que estudam e parecem saber coisas que os outros não sabem. Perguntei se há alguém assim por aqui. Ele disse que há alguém na cidade que estuda a posição das estrelas e essa pessoa lhe falou certa vez de uma passagem misteriosa no bosque. Talvez ele saiba como voltarmos para casa.

– E qual o nome dele? – perguntou Marcos. – Mestre dos Magos?

– Ou tentamos isso – respondeu Lorena sem se alterar. – ... ou podemos ir nos acostumando a falar francês e a plantar batatas para sobreviver. O que vai ser?

Marcos e Marcel entreolharam-se. Marcos chegou rapidamente a uma conclusão.

– Eu não quero ficar aqui! Aqui não tem Coca-Cola, não tem McDonald's, não tem TV a cabo, não tem nem a porcaria da TV aberta!!!! Eu não quero viver assim!!

Marcel deu um longo suspiro.

– Acho que vale a pena tentar – então, virando-se para Lorena, prosseguiu. – Lorena, você fica aqui, enquanto eu e o caçador da porta perdida vamos procurar este homem.

Lorena levantou-se espantada com a ordem.

– Por que eu tenho que ficar?

– É, por que ela tem que ficar? – intrometeu-se Marcos. – Por que eu não fico? Eu adoraria ficar!!!

– Lorena, pode ser perigoso e eu não quero que nada lhe aconteça!

– Mas eu falo francês!! Posso ser muito mais útil que o Marcos!

– É verdade! – concordou Marcos. – E eu só falo besteira, vão acabar me prendendo!

– O que há com vocês dois?! – Marcel perdeu a paciência. – Lorena, você fica e ponto final! Não vamos demorar e você estará muito mais segura aqui! Não sabemos o que encontraremos lá fora. E Marcos, seu idiota! Você será um homem mudo, entendeu? Um homem mudo! Vamos embora!

Lorena sentiu uma espécie de tufão começar a nascer dentro de si, mas respirou fundo e não deixou o furacão acontecer. De certa forma, sempre orgulhara-se dessa capacidade de controlar suas emoções e não era agora que ia se submeter a elas.

– Bem, não podem ir assim...

Ela virou-se para monsieur Jardanét e pediu-lhe algumas roupas que seus amigos pudessem usar, sem chamar muita atenção na cidade.

Em alguns minutos, Marcos e Marcel olhavam-se diante do espelho.

– Me sinto uma bicha... – reclamou Marcos.

– Você nos meteu nisso! – retrucou Marcel. – Não tem direito de reclamar de nada!... Sua bicha...

E deu as costas para Marcos, que pegou uma garrafa de vinho que estava próxima e ergueu-a com o firme propósito de espatifá-la na cabeça de Marcel. Mas, novamente, antes que ela atingisse Marcel, Lorena pegou-a gentilmente no trajeto, tirando-a da mão de Marcos e colocando-a sobre a mesa, de forma que Marcel nem notou o que quase lhe aconteceu.

– Será que chamaremos muita atenção? – perguntou Marcos com sua blusa bufante de um verde, um gibão vermelho com um grande cinturão, bordado em dourado com esmero mas pouca descrição, e seu chapéu de plumas amarelas. Querendo ajudar, monsieur Jardanét ofereceu-lhes suas melhores roupas e, colocando-as sobre a cama, deixou que os rapazes escolhessem o que mais combinasse com suas personalidades. Foi um erro...

– Se alguém perguntar alguma coisa, diremos que somos do circo... – disse Marcel. – Não estaremos muito longe da verdade...

Lorena apareceu com uma espada nas mãos.

– É melhor levarem as espadas.

Marcel arregalou os olhos e correu a tirar das mãos da moça aquele artefato perigoso.

– Ficou maluca, Lorena! Andar com uma espada é o mesmo que andar com um alvo! Deixe isso aí antes que se machuque.

Marcos olhou de soslaio pelo espelho, torcendo para que Lorena arrebitasse a cara daquele chato superprotetor, mas ela não o fez. Apenas ficou lá, parada, igual a uma panaca.

Finalmente prontos, pegaram as algibeiras que saquearam dos ladrões numa espécie de justiça poética e saíram.

– A gente tem mesmo que ir, é? – insistiu Marcos. – A gente não pode mandar um *e-mail*? caradacidade@socorro.com.br...

Lorena ficou encostada no batente da porta até vê-los desaparecer em uma curva distante. O Sol estava alto, tinha a impressão de que o tempo parara e que aquele dia nunca mais ia terminar. Entrou, deparou-se com monsieur Jardanét e sorriu-lhe.

– Deseja alguma coisa, mademoiselle? – ele perguntou-lhe em um francês educado.

– Não, monsieur... Obrigada.

Ela começou a ajudá-lo a arrumar a bagunça em que a casa ficara. Não havia muitas coisas, logo não foi muito difícil. Lorena notou que monsieur estava sempre observando-a, desviando o olhar quando ela percebia.

– Algo errado? – ela perguntou com um sorriso.

– Mademoiselle me recorda minha filha...

Lorena parou um momento. Encostou a vassoura em um canto e quis saber mais. Monsieur contou-lhe de Lanousse. Não existiam fotos na época, Mas Lorena podia facilmente vê-la nas palavras do pai. Ela tinha cabelos encacheados e longos, ruivos da cor do cobre, e estava sempre sorrindo. Ela seguia formigas quando era pequena e deixava açúcar no formigueiro, acreditando que estava facilitando o árduo trabalho das pequeninas. Ajudava sempre que podia e gostava de olhar pássaros. Conhecia os cantos de cada um e sabia até imitá-los. Lorena reparou que Monsieur Jardanét estava pouco à vontade em sua presença. Reparou em si mesma. A bermuda que era a mais careta em seu tempo era menor que as roupas íntimas das mulheres daquele novo mundo velho. A blusa estava rasgada, provavelmente durante a perseguição do bárbaro, e Lorena gostaria de ter outra coisa pra vestir. Tentou tirar a sujeira da bermuda e monsieur Jardanét resolveu falar-lhe.

– Mademoiselle, me perdoe a indiscrição, mas estes não são trajes adequados a uma dama...

Lorena pediu desculpas com um olhar e um sorriso tímido que ela nunca soube como eram encantadores. Monsieur Jardanét sorriu.

– Tenho alguma coisa que pode lhe servir...

Monsieur e Lorena foram até o quarto simples onde havia uma cômoda com espelho, um armário, uma cama grande e um grande baú, que ele abriu e começou a remexer. Começou a puxar tecidos coloridos, brocados, cetim e renda, um festival de cores e texturas em roupas com cheiro de pétalas de rosa. Lorena viu algo brilhar e tomou a liberdade de pegar. Era uma ombreira de armadura de metal já meio fosca.

– O que é isso?

Monsieur deu uma rápida olhada na peça, não lhe dispensando qualquer atenção, na verdade até um certo desprezo.

– Uma parte de minha vida que não se encaixa mais... Veja! Este deve lhe cair bem!

Ele colocou o vestido diante de Lorena. Era um vestido verde-água, com detalhes em verde profundo e babados em branco. Acompanhava um

espartilho que parecia um instrumento de tortura e uma anágua muito cheia. Havia outros acessórios como peças íntimas que pareciam a moda de outono/inverno da década de 90 e que Lorena achou que ninguém saberia se ela simplesmente não usasse. Monsieur Jardanét saiu e deixou a moça só para que se vestisse. Lorena estranhara as roupas. Só fato delas terem cor, coisa rara na época, indicava que monsieur Jardanét era um homem de posses...

Marcos prestava atenção excessiva ao caminho, hesitando sempre que via alguma coisa que ele considerava um sinal, o que podia ser uma pedra, um inseto ou um pé de mato.

– Marcos!!! O que você está fazendo?

– Sendo precavido! Já imaginou se a gente sem querer atravessa um portal de novo? A gente pode ir parar em um lugar ainda pior!!!

– Isso é quase impossível... Sabe? Eu ainda não acredito que isso está acontecendo!... É tão surreal! Fico achando que vou acordar a qualquer momento – e se isso acontecer a primeira coisa que vou fazer é te dar um soco!

Marcos pensou um pouco.

– Bom você avisar... – concluiu. – ... pois a primeira coisa que eu vou fazer é me esquivar...

– Escute!

Marcel parou Marcos e ambos ficaram paralisados apurando os ouvidos. Ao longe, sons de tropéis aproximavam-se. Sentiram que algo estava errado e este mesmo instinto os fez correr e atirar-se para fora da estrada para não serem vistos. Quando viram os homens aproximando-se perceberam que tinham a mesma aparência desleixada e bruta dos outros dois que encontraram na casa de monsieur Jardanét. Marcos ia falar alguma coisa, mas Marcel fez um movimento brusco de silêncio. Ouvia trechos da conversa, intercalados pelos cascos dos cavalos na estrada de terra. Quando terminaram de passar, Marcel olhou assustado para o companheiro.

– O que foi? O que foi?! Droga! Por que essa gente não fala inglês?!!!

– Porque são franceses, seu idiota... Esses caras... Eles falaram de matar o velho...

– Ai, meu Deus... Eles fazem parte da gangue dos *Hell's Angels* que a gente encontrou lá na casa... Estão voltando pra lá pra matar monsieur Jardanét!

– Lorena está lá... – Marcel tentava não pensar que sua decisão

poderia ser a sentença de morte da moça que ele estava tentando proteger.

Sem esperar mais, os dois puseram-se a correr, saindo da estrada quando o caminho podia ser cortado, rezando para que pudessem chegar a tempo.

Diante de um espelho fosco, Lorena observava-se em um traje típico. O espartilho apertava-a mais do que esperava, mas deixava seu corpo lindo e ela espantava-se em ver curvas que ignorou por tanto tempo em seu próprio corpo. Batidas leves na porta lembraram-na de que monsieur Jardanét devia estar curioso para vê-la naquele vestido. Disse-lhe para entrar e viu nos olhos do senhor uma estranha e doce mistura de saudade e tristeza.

– Ficou lindo em mademoiselle... – comentou ele.

Lorena sorriu. Sentia-se bem afinal. Mas sua curiosidade apertava-a mais que o espartilho. Olhou para o baú, onde vestidos de mulher e bonecas de menina misturavam-se a peças de armaduras.

– O que aconteceu a ela, Monsieur Jardanét?

Lorena nunca foi boa em dar voltas. Não era esperta o bastante para isso. Monsieur ficou um minuto encostado no batente da porta e já não havia qualquer doçura em seus olhos.

– Ela se foi, Mademoiselle... Há muito tempo.

Lorena estava constrangida (a morte é sempre constrangedora), mas queria saber mais. Porém, quando seus lábios abriram-se para perguntar-lhe como, sons de cavalos à porta trouxeram-nos de volta a problemas mais urgentes e muito mais concretos que a memória de Lanousse. Correram para a sala e antes que pudessem chegar à porta ela se abriu com extrema violência. Na porta, três homens mal vestidos e de péssima aparência olhavam para o velho e a moça.

Entraram, desconfiados da ausência dos outros dois. Havia combinado de se encontrar ali e seus cavalos estavam lá fora. Havia algo errado.

– Onde estão Coquet e Didier? – rosnou o primeiro.

Os rostos de Lorena e de monsieur Jardanét denunciavam que algo acontecera, mas eles se calaram. Um dos homens deu um passo em direção a Lorena com um sorriso malicioso.

– Parece que vamos ter que descobrir...

Inesperadamente, monsieur Jardanét colocou-se à frente de Lorena.

– Deixem-na em paz! Seus amigos não estão mais aqui.

O homem aproximou-se do ancião com um olhar de desdém ante sua coragem.

– Partiram?... Pra onde?

– Para o Leste! Eles os traíram!

Os homens entreolharam-se. Então, uma adaga foi fincada entre as costelas de monsieur Jardanét, num momento súbito em que nada se pôde fazer. O velho homem levou as mãos ao ferimento enquanto seus olhos vidrados olhavam bem fundo nos olhos indiferentes de seu assassino. Lorena o viu cair, congelada em um momento que parecia suspenso no ar, sentindo seu corpo gelar. O mundo assumiu uma perspectiva nova e assustadora enquanto monsieur Jardanét caía lentamente de joelhos no chão.

Trêmula, Lorena abaixou-se e tentou segurá-lo, como se isso fosse impedir que ele partisse. Gaguejou promessas de que ele ia ficar bem, mentiras bem intencionadas, mas o homem que falava com ela há minutos já não estava mais ali. Era outra pessoa, alguém de olhos esgazeados e vazios, boca semiaberta e dedos crispados. A morte sabe mostrar-se presente.

Nesse momento, algo começou a mudar dentro de Lorena. Tudo durou alguns segundos, mas para ela duraria a vida inteira. Ali, naquele momento, alguém morreria defendendo-a e ela nada fez, além de esperar alguém agir por ela. Ouviu algo, parecia distante e incompreensível. Não conseguia se mover e estava tremendo. Uma forte mão suja e grande agarrou-se em seu braço como um ser do mar e ela foi erguida com violência. Os homens falavam coisas que pareciam palavras soltas e bruscas e o homem que a erguera puxou-a para si, mordendo seu pescoço. Seus olhos estavam cheios de água, suas pernas mal mantinham-se de pé e nem conseguia gritar enquanto o homem puxava a manga do belo vestido verde-água. O pior aconteceria. Não, o pior já acontecera, alguém morreria e ela não fez nada, nem tentou, como se não devesse... Não era assim que queria ser. Seus olhos mudaram.

A joelhada na virilha do homem, com mais força do que ele imaginava que uma mulher podia ter. Ele urrou de dor e afastou-se instintivamente. Os outros, surpresos, ainda buscavam uma reação quando a moça correu para o quarto e trancou a porta. Os homens, furiosos com essa tentativa de fuga estúpida, começaram a arrombar a porta, gritando imprecações e ameaças. Na terceira investida, a porta cedeu e o homem que fora agredido entrou, batendo a porta atrás de si com violência.

No exato momento em que essa porta se fechou, outra se abriu,

surpreendendo os outros dois que permaneceram na sala. E no meio da sala, diante de dois assassinos mais que potenciais, surgem Marcos e Marcel, pálidos, prontos e desarmados. Assim que se viu naquela situação, o que demorou apenas uma fração de segundos depois que entraram, Marcel virou a cabeça para Marcos e concluiu:

– Eu odeio os seus planos!

Um grito de mulher e som de coisas caindo foram ouvidos e eles chamaram por Lorena. Os dois brucutus, recuperados do choque inicial de ver aqueles dois idiotas vestidos como uma salada de frutas entrarem de repente, começaram a avançar violentamente, grunhindo coisas que não eram educadas. As duas zebras não sabiam mais do que seu senso de autopreservação lhes dizia e por isso Marcel ainda tentou conversar, gaguejando um francês claro. Ele desconsiderava a época. Nos nossos dias, por mais banal que fosse, ainda se precisa de um motivo para quebrar a cara de alguém, motivo este que seria relevante na hora do circo judicial que se armaria depois disso. Mas em 1634 os homens enfrentavam-se não como um desvio de personalidade, mas como uma imposição social. Era preciso lutar, ser o mais forte e nunca, NUNCA fugir de uma briga. Homens honrados escolhiam seus rivais para evitar uma injustiça, mas homens honrados eram poucos naquela época. A maioria preferia contar pontos com qualquer um que atravessasse seu caminho, fosse um granjeiro ou um soldado da guarda. Bem, nesse ponto, eles podem não ter entendido por que um diálogo estava fora de questão, mas logo aprenderiam essas novas regras. Se houvesse tempo...

Um dos homens avançou para cima dos dois, que se dividiram imediatamente, correndo cada qual para um lado. Marcos deu um salto desajeitado sobre a mesa, ainda cheia de pratos e restos, embora um pouco mais organizada e se escondeu debaixo dela, numa ilusão lúdica de que estaria seguro. Mal ajeitou-se, a mesa foi virada, a madeira pesada foi ao chão com grande estardalhaço. Marcos pôde novamente ver a sala inteira e não viu Marcel, nem o outro homem, o que o encheu de pânico. Estava realmente sozinho e sobreviver àquele homem que rosnava e avançava contra ele como uma locomotiva furiosa seria algo muito próximo de um milagre. “Será como num vídeo game...”, pensou Marcos, naqueles segundos que parecem uma eternidade para o cérebro. “Vou até onde der...”

Encheu a mão com um punhado da farinha de trigo que caiu da mesa e quando o assassino aproximou-se brandindo a espada jogou em seu rosto e escorregou para o lado, aproveitando-se da súbita cegueira de seu

oponente. Ao sentir que algo se movimentava à sua frente, o homem com a espada começou a brandi-la a esmo. Marcos por muito pouco não perdeu a cabeça e estava ficando encurralado sem poder se mexer sem se denunciar, quando sua mão achou um prato no chão. Ele o jogou para o mais longe que pôde e o homem virou-se abruptamente, dando-lhe tempo de engatinhar para o outro lado. Foi jogando tudo que encontrava na outra direção, deixando o homem momentaneamente confuso, mas ele já esfregava os olhos e começava a ver novamente. Quando conseguiu limpar os olhos, a primeira coisa que viu foram estrelas. Marcos passara por trás dele e mandou com toda a força que tinha uma cadeira em suas costas. Sem esperar, o homem caiu desajeitadamente sobre as coisas caídas da mesa. Marcos procurou imediatamente outra coisa bem pesada para continuar batendo no homem enquanto ele ainda estava caído e avançou para a espada, que caíra com a queda. Com ela em punho, aproximou-se e preparou-se para fincá-la nele ao mais leve movimento. Mas o homem não se mexia.

O rapaz aproximou-se, cauteloso, e tocou nele com o pé. Nada. Virou-o com o pé mesmo. Não soube como aconteceu, mas havia um pedaço pontudo de osso de porco fincado em sua garganta, espalhando sangue em sua volta.

– Meu Deus! Que forma cretina de morrer!...

Mal terminou de dizer isso, ouviu um grande barulho na cozinha, como um monte de coisas sendo atiradas contra a parede, e ouviu um grito de Marcel. Correu até a entrada da cozinha, onde levou um soco certeiro no queixo que o jogou no chão. Só percebeu que tinha largado a espada quando ouviu o som metálico ao seu lado. Atordoadado, viu uma mão enluvada aproximando-se de seu rosto em um soco violento e protegeu-se com a primeira coisa que lhe veio à mão, uma panela. O cérebro nos prega peças em momentos extremos... Marcos evitou o soco direto, mas levou uma panelada na cara que faria um gongo soar dentro de sua cabeça por uma semana. Foi agarrado, ainda tonto, pela gola da camisa e erguido no ar quando ouviu uma voz. Marcel dizia algo para Átila, o Huno, empunhando a espada que Marcos deixara cair. Marcos não entendeu, mas pela reação indiferente do gigante, não pôde evitar um comentário.

– Calma, Marcel! Assim você vai assustá-lo...

O homem virou-se para o rapaz trêmulo e apavorado e deu-lhe um sorriso, o mesmo sorriso que um ladrão dá quando passa em seu ponto um bando de velhinhas turistas suíças que acabaram de sair do banco. Jogou Marcos num canto como se ele fosse um saco de roupa suja e virou-se

lentamente para Marcel.

Sem saber o que fazer e sentindo-se na obrigação vital de fazer alguma coisa, Marcel atacou. Em um movimento reto e seco, ele só teria acertado um saco de batatas gigante parado. O homem movia-se rápido para o seu tamanho e tranquilamente tomou-lhe a espada, dando-lhe um golpe de mão fechada que o jogou longe.

Caído no chão e com o nariz sangrando, Marcel viu tudo perdido.

– Não fique aí parado olhando, seu idiota! Faça alguma coisa!

O recado acordou Marcos, que até então estava assistindo a tudo de boca aberta como um mero espectador. Ele pegou uma tora de madeira usada para lenha e precipitou-se para cima do adversário, que simplesmente deu-lhe um soco e colocou-o em seu devido lugar, ou seja, no chão. Ele caiu perto de Marcel e viu a espada erguer-se, brilhando fosca e refletindo a luz pálida do Sol que entrava pela janela. Pela terceira vez naquele dia sentia o hálito frio da morte e sua vida passou diante de seus olhos como uma reprise chata, seguida por uma série de remorsos. Era a morte, iminente e impiedosa. Mas o homem parecia congelado no tempo. A espada erguida, os olhos abertos, a boca retorcida numa careta de ódio, o caçador parecia empalhado às suas presas. Por alguns segundos ele pareceu contemplar algum ponto indefinido entre eles, até que finalmente caiu pesadamente, como uma árvore muito grande. Os dois rapazes se dividiram para não serem esmagados pelo gigante que caía e puderam ver, atrás dele, a figura feminina que empunhava uma longa espada manchada de sangue.

Seu vestido estava sujo, rasgado nas mangas e os babados pareciam separar-se do resto do pano por conta própria. Os cabelos desgrenhados caíam sobre o rosto em um coque meio solto. Ela estava congelada na mesma posição e seus olhos tinham alguma coisa diferente. Não havia raiva, alívio, ou terror, não havia nada. Eram olhos frios, daqueles com o mesmo brilho de uma lâmina.

Capítulo IX

– Isso não está me agradando! – Marcos caminhava nervoso pela sala semidestruída com o pedaço de lenha na mão. – Não tem nem duas horas que chegamos e já fizemos cinco mortos!

De repente, a porta da frente abriu-se de um sopetão enquanto o primeiro homem que os perseguira surgia gritando e rosnando como uma fera furiosa, com um imenso hematoma na testa. Marcel e Lorena instintivamente abraçaram-se gritando enquanto Marcos sem sequer pensar acertou-lhe uma paulada bem dada com o pedaço de lenha que tinha nas mãos. O homem caiu para trás e estatelou-se na entrada da casa do lado de fora. Marcos esticou o pescoço sem sair do lugar e viu os olhos esbugalhados do homem.

– Seis! – corrigiu ele apontando para o cadáver e fechando a porta.

– Não conte monsieur Jardanet, Marcos – disse Marcel. – Ele, nós não matamos!

– Não diretamente! – tornou Lorena. – Ele morreu me defendendo.

– Ah, qual é, Lorena! – Marcos finalmente largou a madeira em um canto. – Aquele pobre velho iria morrer de qualquer maneira, então é melhor livrar-se da culpa inútil que não vai nos servir de nada agora!!!

Lorena levou a mão à testa suada e sentou-se devagar em uma cadeira, dando um longo suspiro silencioso e pesado. Marcos correu até ela e atirou-se aos seus pés pegando suas mãos.

– Ai, perdão, Lorena! Perdão! Eu não queria falar assim com você! Me perdoe, minha amiga! É que eu estou estressado! Você me perdoa?

Lorena sorriu e apertou as mãos do amigo aflito, fazendo um leve movimento com a cabeça que dizia que estava tudo bem. Abraçaram-se, ainda trêmulos, sentindo necessidade de ter algo familiar e concreto ao alcance das mãos novamente.

– Olha, gente... – Marcel permanecera parado, ainda apavorado, os cabelos despenteados e o rosto sujo, mas com o velho senso que lhe dizia que tinha que fazer alguma coisa. – Eu detesto interromper esse momento tão bonito, mas temos umas coisinhas pra resolver aqui, a começar por esses cinco...

– Seis!

– Seis cadáveres que nos cercam.

Eles levantaram e respiraram fundo. Havia sangue por toda a parte,

corpos de homens do tamanho de vikings, móveis virados, pratos quebrados, parecia que Godzila tinha passado por ali. E o pior é que não havia água corrente, ou eletricidade, ou Veja Multi Uso, ou Bombril, ou qualquer coisa conhecida por eles que pudesse ajudar a limpar aquela bagunça. Era um mundo antigo em que tudo era novo e eles fizeram o melhor que puderam. Longe da casa, fizeram uma grande e funda cova, onde jogaram os quatro corpos que arrastaram. Concluíram depois de uma discussão monossilábica que algum bicho filho de Deus daria cabo do corpo do homem que morrera enroscado com a serpente lá no bosque e não voltariam para buscá-lo.

Antes de enterrarem os homens, tiraram tudo o que carregavam. Dinheiro, armas, joias, o que fosse. Marcel chegou a murmurar uma infeliz possibilidade legal caso fossem apanhados, mas ninguém prestou atenção, nem mesmo ele, que sabia que as leis ali eram outras. Arrumaram a casa e limparam o sangue, jogando água em baldes que pegavam no poço. A água tinha um gosto diferente, mas era fresca e dava para beber. Não pararam até que estivesse tudo habitável de novo e os corpos estivessem enterrados. A tarde já caía quando terminaram uma outra cova funda nos fundos da casa, um lugar lindo cercado por montanhas distantes e com uma relva verde que bailava ao vento que aumentava com a chegada da noite. Lá, enterraram monsieur Jardanét, embrulhado em um lençol branco. Lorena fez uma cruz de madeira e fincou-a na terra úmida, com os olhos embaçados e sem conseguir mais conter o pranto. Marcel abraçou-a, disse coisas como “a vida é assim mesmo”, “tudo vai ficar bem”, “ele foi para um lugar melhor” e todas essas mentiras bem intencionadas que as pessoas dizem quando não sabem o que dizer. Ela enxugou as lágrimas com as costas das mãos, sujando o rosto de terra e levantou-se.

– Acho que deveríamos dizer alguma coisa... – disse ela.

Marcos e Marcel entreolharam-se. Dizer o quê? Mal conheciam o homem. Marcos tossiu.

– Er... Ele era um bom homem e tinha um estranho gosto para moda.

Marcel o cutucou. Não era hora para piadas e Marcos nem pensou em fazer uma piada, mas era a única coisa que lhe vinha à mente. O vento assobiou, fazendo uma árvore próxima farfalhar. O dourado do Sol banhava as faces cansadas e eles não sabiam, mas naquele momento, mesmo exaustos, sujos e amedrontados, eram criaturas lindas. Lorena fechou os olhos por um instante e então rezou a Ave Maria que aprendera no colégio de freiras em que estudara. Sem poder acompanhar as palavras em latim, os rapazes fizeram coro no Amém. E assim, despediram-se de monsieur

Jardanét.

Quando deram as costas para o túmulo, abraçaram-se e caminharam para casa. O Sol já tinha quase desaparecido, avermelhado e frio, entre algumas colinas verdes e só lhe restava uma pontinha curiosa que teimava em bisbilhotar o vale. De volta à casa, colocaram na mesa o que tinham trazido para o que seria um piquenique e viram-no transformar-se em janta. Não haviam comido nada o dia inteiro, estavam famintos, mas cansados demais pra comer e apenas mastigaram alguns sanduíches e tomaram alguns refrigerantes. Os olhos perdidos denunciavam a impressão de que o despertador tocaria a qualquer momento e acordariam para mais um dia comum.

Na mesa, acostumavam-se à luz do lampião que desenhava figuras bruxuleantes nas paredes rústicas, com rostos e mãos limpas depois de um banho de gato que tomaram antes da janta, ouviram Marcel que começou a falar.

– Amanhã de manhã iremos todos à cidade e procuraremos o tal homem do qual monsieur Jardanét nos falou.

Ninguém falou nada. Os olhos pesavam e ninguém conseguia formular nem mais um pensamento, por mais simples que fosse. Marcos estava cochilando na cadeira e Marcel levantou-se e foi até ele, acordando-o com gentileza.

– Se ficar aí, você vai cair... – disse com um sorriso. Marcos esfregou os olhos e levantou-se, trôpego. Os três caminharam lentamente arrastando os pés até o quarto, mobiliado por móveis de madeira envelhecida. Além da penteadeira, do baú e do guarda-roupa, havia apenas uma grande cama. Os três ficaram olhando para ela.

– Eu não me importo se vocês não se importarem – disse Marcos.

E, sem dizer palavras, eles tiraram as roupas que já estavam sujas e colocaram algo mais confortável. Enfiaram-se embaixo da grossa coberta e adormeceram quase tão rápido quanto encostaram as cabeças no travesseiro. A noite esfriou e eles acolheram-se como gatos de armazém, dividindo o calor dos corpos, cada qual agradecendo intimamente por não estar sozinho.

Galos cantavam e pássaros faziam uma pequena algazarra. A sensação era de inverno, quando a vontade de ficar na cama é tão forte que vence qualquer tentativa de despertar. Alguns riscos de luz do Sol invadiam o quarto através de frestas na janela de madeira e o burburinho de animais começou a trazê-los de volta para aquele estranho mundo. Marcel foi o

primeiro a abrir os olhos e olhar para o teto. Os acontecimentos que esperava terem sido fragmentos de um sonho bizarro voltavam em ordem cronológica com extrema exatidão. Olhou para o lado e calculou como poderia dar um soco em Marcos sem acordar Lorena, que remexeu-se levemente ao seu lado.

Piscando, Lorena abriu os olhos, sentindo o cheiro peculiar do lugar, algo entre madeira velha, terra úmida e relva. Gemeu, na impossibilidade de formular alguma palavra compreensível que expressasse o que estava sentindo, e deu de cara com Marcel.

– “Ela acordou, como sempre acordaria todos os dias de sua vida... Em algum lugar...Além da Imaginação...” – narrou Marcel.

Lorena cutucou Marcos, que dormia de boca aberta abraçado a ela. Ele nem se mexeu. Ela olhou para Marcel, que com ar de quem sabe o que está fazendo disse:

– Deixe que eu resolvo isso... FOOOOOGO!!!!

O grito fez Marcos acordar apavorado, sacudindo os braços como um afogado, e virar-se para o outro lado, caindo no chão de madeira e levantando-se em seguida armado com um sapato procurando inimigos invisíveis. Ao deparar-se com Lorena e Marcel rindo, percebeu a brincadeira e jogou o sapato neles.

– Saiam do meu sonho!!! Eu não acordei ainda!!! Ainda estou tendo o mesmo pesadelo de ontem!

Marcel levantou-se.

– Não, meu querido amigo idiota. Não é um sonho, nem uma pegadinha, é um trote de muito mau gosto de alguém lá de cima, ou lá de baixo, o que é mais provável... – Abriu a janela e gritou para os pássaros e animais – CALEM A BOCA!!! Vocês sabem que horas são??!!

Lorena coçou a cabeça.

– Um homem que compreende a natureza...

Meia hora depois, Lorena juntava-se a eles na mesa para o café. Todos estavam vestidos com suas roupas normais e o café da manhã foi o que sobrou da noite anterior. Agora estavam descansados o bastante para sentir fome e a comida era pouca. Tomaram sucos em caixinha, torradas (integrais, claro, pois Lorena tinha trazido) com geléias em pequenos potinhos e uns bolinhos Ana Maria que Marcos não podia deixar de fora. Sobrou a última lata de Coca-Cola que foi dividida entre os três. Ao olhar para seu copo, na verdade uma caneca de cerâmica da casa, Marcos parou e seu rosto se contorceu. Então ele começou a chorar como um bebê diante dos outros dois, que ficaram sem ação.

– O que foi?! – perguntou Lorena.

– E se nós nunca mais sairmos daqui? Quer dizer que nós nunca mais vamos tomar refrigerante, comer Ana Maria, ver um hambúrguer... Essa pode ser a última Coca-Cola que estamos vendo na nossa vida!!! Eu não quero viver assim!!!

– Se não beber isso, eu vou tomar! – ameaçou Marcel, que já estava de olho na Coca de Marcos. Lorena bebeu a dela rapidinho e Marcos protegeu a dele enquanto chorava.

– Sai daqui!!! Pode ser minha última Coca-Cola! Quero aproveitar esse momento!

Marcel levantou-se pra roubar o copo e Marcos bebeu de um gole só. Então respirou fundo e limpou as lágrimas.

– Ah... Me sinto melhor! – Então começou a chorar de novo. – Mas até quando??? E quando eu tiver sede de novo!!! E Miojo? Não tem Miojo aqui! Nem comida chinesa! Nem McDonald's! Nem Bobs! Nem Habibs! Nem...

Começou a soluçar tanto que não conseguia mais falar. Lorena segurou a mão dele sorrindo.

– Calma, Marcos! Se a gente entrou, a gente pode achar um meio de sair! Imagine que isso são só umas férias... Um spa! Logo, logo a gente vai estar em casa de novo, você vai ver.

Marcos olhou para Lorena agradecido pela injeção de otimismo. Marcel procurava farelos nos pacotes e esticou o pescoço para os copos dos outros dois.

– Acabou tudo mesmo, é?

Depois do café, fizeram uma busca exploratória pela casa, coisa que não tiveram muita chance de fazer no dia anterior. Sabiam que tinham que ir à cidade, mas queriam passar despercebidos e precisavam de uma vestimenta que não chamasse muita atenção. Marcel olhou os outros cômodos da casa enquanto Marcos e Lorena, que já tinham dado uma boa olhada em volta, remexiam no armário de monsieur Jardanét.

– Alguém sabe o nome deste lugar? – perguntou Marcel, entrando no quarto e vendo os outros dois cobertos por roupas e chapéus que eles iam colocando enquanto revistavam o grande baú de madeira escura.

Marcos olhou em volta como se fosse uma pergunta capciosa.

– França, né?

– Não, idiota! A cidade! Alguém sabe que cidade é essa?

– Não sou idiota, você é que é um grosso! – protestou Marcos.

– Talvez tenha algo naquele jornal manchado de vinho que estava em cima da mesa – lembrou Lorena.

– Acabei de vir de lá, não tem jornal nenhum. Será que algum demente jogou fora?

Lembraram-se da arrumação do dia anterior e simultaneamente olharam para Marcos que ao sentir-se o foco das atenções começou a bater na cabeça como *Rain Man* e saiu correndo, sumindo de vista.

Marcel respirou fundo olhando para o teto. Lorena mostrou-lhe as roupas que encontrava. Precisavam de um manual de instruções para colocar aquelas roupas e nada fazia com que Marcel se sentisse ao menos discreto.

– Não sei me vestir... – murmurou pra si mesmo.

– Algumas coisas nunca mudam... – comentou Lorena, encostada na parede.

– GENTE! GENTE! – Marcos entrou gritando na casa com duas sacolas grandes. – Olha o que eu achei!

Ele retirou das sacolas túnicas de monges diante dos olhares surpresos dos amigos.

– De onde veio isso? – perguntou Marcel, vendo suas preces serem atendidas. Afinal, não há nada mais discreto que um monge e não havia botões, coletes, gibão, botas, calças e uma infinidade de ganchinhos que ele não sabia pra que serviam.

– Estavam nos cavalos daqueles bárbaros. Os cavalos estão aí fora, o que vamos fazer com eles?

– Acho que devemos alimentá-los – disse Lorena. – Vou lá fora ver o que posso fazer pelos animais.

– Mas nós estamos aqui dentro! – reclamou Marcos, enquanto a amiga ria e saía.

Marcel colocou a túnica de monge por cima da roupa que já estava usando e Marcos fez o mesmo.

– Nós podíamos ir a cavalo! – sugeriu Marcos.

– Nem pensar! Não sabemos andar a cavalo e monges não andam a cavalo. No máximo um jegue cansado...

– Peraí! Como vamos explicar a presença de Lorena? Não existem mulheres monjas, existem?

Marcel olhou surpreso para Marcos. E não é que ele tinha razão? Chegou na janela e gritou por Lorena. Como ela não aparecesse, Marcos ofereceu-se para ir ajudá-la com os animais. Ao sair, ele a encontrou dando milho às galinhas.

– Oh! Que cena bucólica! Pena que eu não trouxe minha máquina! Peraí!!! Eu trouxe sim! Vou lá buscar! – Ele entrou correndo e saiu com uma

Polaroid, tirando uma foto de Lorena entre os bichos.

– Não esqueça de colocar uma setinha pra apontar qual deles sou eu!
– comentou ela rindo, perfeitamente ambientada naquele mundo rústico de galinhas e vacas.

Lorena voltou-se para os cavalos, pegando-os pelo cabresto e levando-os para o pequeno cercado onde havia um pangaré amarelo comendo preguiçosamente seu capim matinal. Marcos aproximou-se dela com ar intrigado, enquanto aguardava a imagem da fotografia em sua mão aparecer.

– Lorena?

Ela olhou pra ele esperando a conclusão e ele olhou em seus olhos.

– Você matou gente ontem...

Ela desfez o sorriso e olhou novamente o cavalo que acariciava.

– Sente-se diferente?

Ela pensou um pouco. Realmente não tinha parado pra pensar sobre aquilo ainda. Então ela voltou a olhar pra ele e havia algo diferente em seu olhar.

– Sinto-me mais forte! – ela sorriu – Sabe, eu passei a vida inteira me culpando por alguma coisa! Sempre me sentia culpada pelas desgraças dos outros e agora, pela primeira vez, eu não me sinto culpada! Sabe, eu poderia ter morrido ontem!! Poderia ter desistido, mas não, eu decidi lutar, pela primeira vez na vida eu decidi que ia lutar e numa aposta de 10 contra 1, eu lutei e venci!!! Eu sei que deve parecer horrível, mas eu me sinto muito bem!

Marcos sorriu e respirou aliviado.

– Graças a Deus! Sabe, eu estou aqui me sentindo um herói, e de repente eu paro e penso, “Cara! Eu violei o primeiro dos Dez Mandamentos! Eu não posso estar me sentindo feliz por ter matado pessoas!” Fiquei com medo de ter um instinto ruim, ser alguma espécie de psicopata, ou algo assim!

Eles riram. Psicopatas... Que bobagem...

– Você não é mau, Marcos! E você não violou o primeiro dos Dez Mandamentos... Violou o quinto. Ih, olha isso!!!

Lorena encontrou, na sela do cavalo negro, uma adaga de cabo de prata e desenhos trabalhados. Pareciam rosas e espinhos.

– Uau! Será que tem algum valor? – exclamou Marcos.

– Está brincando? É claro que sim! Especialmente se alguém quiser me matar, isso pode ter um valor inestimável – e dizendo isso Lorena

guardou a adaga consigo.

Dentro da casa, Marcel chamou-os. Lorena fechou a porteira e entrou com Marcos, encontrando Marcel vestido de monge.

– Lorena, vista um desses hábitos de monge por cima do vestido, mas não fale nada com ninguém, porque ninguém pode saber que você é uma mulher. Tome!

Lorena pegou o hábito e foi para o quarto. Dentro do baú de monsieur Jardanét encontrou outros vestidos. Escolheu um marrom e comportado e vestiu-o. Mais uma vez, sua curiosidade foi atraída por aquela velha peça de armadura que brilhava fosca em meio a roupas de mulher, mas ouviu seu nome e apressou-se. Marcel estava ficando impaciente.

Colocaram-se a caminho, carregando as algibeiras e com instruções específicas de não abrirem a boca em hipótese alguma. O plano era ir, achar o cara, pedir ajuda, ir pra casa. Tudo muito simples! O Sol já estava alto quando saíram, mas o clima era fresco e agradável.

Na estrada de terra, sem ver viva alma ao redor, Marcos resolveu acelerar e instigou os outros, que juntos começaram a correr no mesmo ritmo. E lá iam os três estranhos monges pela estrada.

– Um, dois, três, quatro! – cantava Marcos.

– Quatro, três, dois, um! – respondiam os outros.

– Um, dois, três, quatro! O Marcel é muito chato!

– Quatro, três, dois, um! O Marcos não tem juízo algum!

E assim chegaram à cidade...

O mau cheiro foi a primeira coisa que sentiram. Fezes de animais e de gente misturavam-se ao odor de pão sendo feito e terra, onde crianças brincavam misturadas a cães que ladravam para os recém-chegados. Na entrada da cidade, um cadáver em avançado estado de putrefação era uma imagem chocante para eles, porém perfeitamente comum naquela região. Caminharam em silêncio pelas ruas semidesertas. As casas pobres fora dos arredores foram dando lugar a casas maiores e mais ricas, conforme chegavam no que seria o centro da cidade. Algumas lojas começaram a aparecer. Um armazém, uma loja de tecidos e um boticário, todos de portas fechadas. Passaram pela igreja, cujas portas estavam lacradas. Parecia uma cidade fantasma. Viram um grupo de quatro crianças crescidas correndo rua acima e resolveram segui-las, pois era muito estranho a cidade estar completamente largada às moscas. Ao virar uma esquina, viram uma

pequena multidão reunida em volta de uma grande casa de tijolos cujas janelas e portas estavam fechadas.

Aproximaram-se do aglomerado e Marcel disse que ia perguntar para alguém sobre Gerard de Tréville, o homem de quem monsieur Jardanét falara. Mas Lorena não resistiu e perguntou a um aldeão o que estava acontecendo, diante do olhar apavorado de Marcel, que tinha lhe dito para não abrir a boca. Mas o aldeão não pareceu notar que era uma mulher que lhe falava. Ao invés disso, ficou ligeiramente curioso com a estranha armação de metal e vidro que aquele noviço usava no rosto, mas seu gosto em propagar uma fofoca foi maior que sua curiosidade.

– É o nosso pároco! – disse ele com boa parte dos dentes negros ou faltando – Foi acusado de bruxaria e agora vão procurar marcas satânicas em seu corpo para provar que ele foi tocado pelo diabo!

Marcel pegou o braço de Lorena e tentou puxá-la, mas ela tirou o braço de suas mãos e ficou com os olhos arregalados para o homem que lhe falava sem tirar a atenção da casa fechada.

– Qual é o nome deste lugar? – murmurou Lorena em voz rouca, pressentindo a resposta.

O homem virou-se para ela surpreso.

– Você não sabe? Você está no centro das atenções no que se refere às possessões demoníacas no momento em toda a França! Você está em Loudun!

A última palavra ficou flutuando no ar, enquanto Lorena sentia o coração saltar mudo, até que, de dentro da casa fechada, um grito lancinante da mais profunda dor cortou o ar. As pessoas ficaram mudas, uma mudez terrível, espectadora da desgraça. Lorena sentiu que seu corpo inteiro endureceu e pareceu pesar uma tonelada. Ela ficou paralisada olhando para aquela casa junto com as outras centenas de pessoas, enquanto Marcel a chamava para continuarem seu caminho. Como ela não se movesse, ele a puxou para longe da multidão e os três amigos esconderam-se em um pequeno beco deserto.

– Lorena, o que combinamos sobre não falar com ninguém? Você podia ter...

– Temos que fazer alguma coisa!!

Marcel parou de falar enquanto seu rosto assumia a expressão de espanto e incredulidade.

– Ficou louca? – murmurou ele, sentindo que Lorena estava falando sério.

– O que está acontecendo? – perguntou Marcos.

– Nada! Vamos embora agora!!! – respondeu Marcel, olhando fria e secamente para Lorena e dando as costas para seguir seu caminho.

Lorena estremeceu. Conhecia aquele olhar. Ela vira aquele olhar a vida inteira, em seus pais, professores, motoristas de ônibus, nos raros amigos e nos ainda mais raros namorados. Era o olhar que dizia o quanto ela estava sendo estúpida e egoísta em não fazer o que as pessoas esperavam que fizesse. Era o olhar que a derrotara tantas vezes e a fizera seguir um caminho que não escolhera porque nunca acreditava que tivesse realmente alguma escolha. Marcel deu alguns passos para prosseguir com a determinação de alguém que sabe o que está fazendo. Sem entender nada, Marcos o seguiu. Então Lorena começou a vomitar palavras, a voz trêmula e a sensação de estar infringindo uma lei.

– Estamos em Loudun! Grandier está lá dentro e eles o estão torturando! Eles o estão destruindo... E nós sabemos que ele é inocente!

Marcos parou, o rosto lívido com o espanto, encarando Lorena. Marcel também parou, mas não se virou.

– Não podemos deixar isso acontecer! Nós sabemos que ele é inocente! – insistiu ela, sem saber o que dizer, o coração disparado.

Marcos estava espantado e pareceu perdido. Olhou para Marcel, que se virou com a expressão dura e a voz zangada.

– Lorena, isso foi no século XVII! Já aconteceu! Nós não deveríamos estar aqui e será melhor deixar tudo como está porque não deve ser uma boa ideia atrapalhar o rumo natural das coisas!

Lorena não acreditou no que ouviu. Outro grito de dor cortou o ar. Os bochichos da cidade comentavam em sussurros o que podia estar acontecendo dentro daquelas paredes. Ela andou na direção de Marcel com passos firmes.

– Rumo natural! Rumo natural??! Você não pode estar falando sério!... Foi uma conspiração, você sabe disso! Grandier nunca foi culpado pelos crimes de que o acusaram! E agora ele está indefeso, sendo massacrado pelos seus inimigos mais ferrenhos e não venha me dizer que isso é passado porque estamos aqui agora e podemos fazer alguma coisa!

– Lorena! Isso não é uma brincadeira! Podemos morrer aqui, então não me venha com ideias heróicas porque nós não somos heróis!

Os dois estavam cara a cara e suas vozes, cada vez mais altas.

– Estou falando de salvar uma pessoa inocente, Marcel!

– E eu estou falando de salvar nossas peles!! Acha que essa gente não vai nos matar assim que descobrir que somos diferentes?! Cresça, Lorena! Nossa vinda aqui foi um erro!

Ela não respondeu, os olhos tremulando brilhantes como os de uma criança à beira das lágrimas. Marcel virou-se para continuar seu caminho, mas ela continuou plantada no mesmo lugar.

– Terá sido um erro se não fizemos nada... – murmurou ela.

Marcel virou-se novamente, espantado com a confrontação inesperada. Então respirou fundo e olhou novamente para a casa, de onde vinha outro grito terrível. Ele voltou a olhar para ela com ar desalentado.

– Olhe pra isso, Lorena... Não há nada que possamos fazer...

E foi aí que Marcos disse:

– Eu tenho um plano!

Poucos segundos depois, os dois estranhos monges estavam a alguns metros do aglomerado em frente à casa.

– Isso não vai dar certo... – Marcel não acreditava que tinha concordado com isso.

– Vai sim! – respondeu Marcos – Desde quando um plano meu não dá certo? Vamos começar!

Então Marcos começou a gritar e pular, jogou-se no chão e contorceu-se com estranhas caretas, bem no meio da rua, chamando a atenção de alguns aldeões que começaram a apontar para ele. Marcel pegou seu crucifixo de madeira e começou a sua parte. Nunca vira um exorcismo antes, então resolveu improvisar, que era só o que podia fazer. Andando de lá pra cá e balançando a cruz como se fosse uma vara, a outra mão erguida e balançando nervosa, ele gritava com todo o seu fôlego.

– Aleluiah, irmãos! Aleluiah! Esse demônio vai abandonar esse corpo agora em nome de Jesus! Amém, irmãos! Vamos expulsar o demônio! Xô, demônio! Xô! Vai embora! Sai desse corpo que não lhe pertence em nome de Jesus! Sai, demônio, sataná, carcará, coisa ruim, cabrunco do estopico da meia-noite! Vá pros quintos dos infernos porque eu estou mandando em nome de Jesus! Aleluiah! Saravá! Axé!...

Em questão de segundos, a frente da velha casa de paredes de pedras e janelas lacradas estava deserta. Todos haviam corrido para ver um autêntico caso de possessão demoníaca no meio da rua, ao vivo, a cores e de graça! Os aldeões estavam boquiabertos com a ousadia do demônio de possuir tantas pessoas da igreja e mais espantados ainda com os incríveis movimentos que o coisa ruim fazia no corpo do jovem monge. Marcos emendou seus gritos e quedas no chão com passos de *break* e *funk* que faziam seu corpo parecer não ter ossos.

Na frente da velha casa, um rosto feminino surgiu esquivando-se para não ser visto ao longo das paredes. Lorena, sem sua vestimenta de monge e com o vestido da filha de monsieur Jardanet, bateu à porta, o coração aos pulos, sem saber o que esperar e o que faria se desse tudo errado. Uma mulher feia e carrancuda abriu a porta, esticando o pescoço curiosa com o movimento mais adiante na rua. Lorena começou a falar nervosa enquanto forçava sua entrada casa adentro.

– Abriram as portas do inferno, madame! Os demônios dançam na rua e o povo pede a presença dos especialistas!

A mulher olhava para Lorena com o ar de “E quem diabos é você?”, mas felizmente para Lorena a urgência da situação adiou as apresentações. A senhora Bontemps, mulher do carcereiro de Grandier, conduziu Lorena até o porão. Numa escada irregular e escura, coberta por limo e tão gelada que Lorena pôde sentir o frio mesmo com sapatos, elas desceram. Para Lorena, parecia um lugar em que já estivera, embora não se lembrasse de muito mais que sensações vagas. Um cheiro de mofo subiu como animais pela parede e um corredor escuro estendeu-se depois da escada, como um tapete negro até uma porta pesada de madeira de onde vieram mais gritos terríveis, que se prolongaram com a dor infligida. A mulher bateu à porta e os gritos emendaram-se a um pranto desesperador. Um homem de rosto suado atendeu com expressão pouco feliz.

– Sra. Bontemps! Eu avisei que não queríamos interrupções!

– Desculpe, Sr. Trincant! Mas está acontecendo alguma coisa lá fora! Parece que o Inferno surgiu do centro da Terra e os demônios correm atrás das pessoas pelas ruas! O povo exige a presença de seus protetores!

Espantado, Louis Trincant pareceu hesitar. Será que a farsa tinha um fundo de verdade e ele provocara forças mais poderosas do que seu ódio pelo seu ex-melhor amigo Grandier? De onde estava, Lorena viu outros homens lá dentro. Trincant voltou-se e jogou em uma bacia uma sonda manchada de sangue, enquanto ordenava aos outros que saíssem. Curvou-se para o homem amarrado e desnudo sobre uma mesa fria e murmurou:

– Não se preocupe, “amigo”, estamos só no começo...

Eles passaram por Lorena no que pareceu para ela uma mórbida câmara lenta, olhando para aquele rosto jovem e desconhecido na pequena cidade de Loudun. Lorena ouvia seu coração e temia que eles também o ouvissem no escuro corredor, mas eles subiram as escadas, seguindo a senhora Bontemps, que fora na frente, curiosa.

Lorena fingiu segui-los, mas logo deu passos para trás. Assim que começaram a ouvir os sinais do tumulto, os homens apressaram-se em

correr para a rua. A moça voltou para a porta que não fora trancada e hesitou por um momento. Haviam combinado tirar Grandier dali, facilitando sua fuga. Se não fosse possível, teriam impedido seu sofrimento, ou talvez o adiado até que seus aliados dessem um jeito de ajudá-lo, como sempre faziam. Ainda havia a possibilidade de, ao testemunharem um caso de possessão que não tivesse sido armado, os inimigos de Grandier se sentissem receosos em continuar com a farsa. Quando não se pode contar com a consciência, o jeito é apelar para o medo.

Lorena estava apavorada, mas algo naquela porta a atraía e sua mão lisa e branca como uma rosa ergueu-se e encostou na madeira velha, empurrando-a gentilmente. A porta chorou ao ser aberta e Lorena também quis chorar ao ver o cenário que ela guardava. Num quarto pequeno de janelas vedadas, três lampiões iluminavam um pequeno inferno. Uma mesa de madeira tosca era o palco de torturas onde Grandier sofria sua humilhante vivisseção nas mãos de seus algozes. Sobre esta mesa, negra e pesada, o jovem estava amarrado e vendado, a respiração acelerada com a iminência do que iria acontecer. Seu corpo nu estava coberto de sangue. Ao seu lado, uma mesa menor guardava agulhas, sondas e clisteres como uma mesa cirúrgica de um filme de horror. Lorena aproximou-se e tirou a adaga que trazia consigo. Com ela cortou as cordas que prendiam seus pés e mãos. Assim que se viu livre, ele agarrou seu braço com tanta força que ela quase caiu. Com a outra mão ele arrancou a venda, o rosto contorcido de dor e ódio, esperando talvez encontrar um de seus algozes. Então Lorena pôde vê-lo. Espanto mútuo, ele olhava aquele rosto claro e suave de profundos olhos negros. Ela, por sua vez, paralizou-se diante daquele rosto que, mesmo abatido, não perdera os traços perfeitos. E assim permaneceram, fitando-se surpresos, admirando-se, belos à sua maneira, numa situação deplorável. Se há algo de celeste no sofrimento que aproxima as almas de Deus, então ele estava lá, a banhar aqueles dois seres com sua luz e dando-lhes o semblante divino dos anjos.

Mas então Lorena sentiu que seu braço estava doendo. Ele também percebeu e a soltou, deixando marcas e baixando os olhos magoados, dando-se conta de sua situação humilhante. Ela pegou uma túnica jogada a um canto e cobriu-o. Ele voltou a olhar para ela, cansado e nitidamente esgotado, escondendo o ódio nas lágrimas. Os cabelos, molhados pelo suor, caíam sobre o rosto e pelos ombros, dando um magnífico contraste do negro azulado com a pele pálida.

Subitamente, Lorena lembrou-se de Marcos e Marcel. Grandier já perdera sangue demais e não tinha condições sequer de andar. O plano de

tirá-lo dali ia por água abaixo, por mais que lhe doesse na alma a constatação. Já levava mais tempo do que o combinado e Marcel e Marcos poderiam estar com problemas de verdade. Levantou-se para partir antes que desse ouvido às vozes em sua mente que lhe sugeriam maneiras suicidas de tentar tirar o jovem pároco dali. Mas quando ela se levantou, ele a segurou de novo.

– Ajude-me... – seu murmúrio era entrecortado pelo desespero de não ter mais ninguém a quem recorrer e as lágrimas banharam-lhe as faces.

Ela voltou e tocou-lhe o rosto gelado com o choque, o coração apertado, pois não tinha mais nada a oferecer a ele senão a recusa.

– Tenha paciência. Você vai sair daqui logo – disse ela, num francês limpo e voz suave.

Ela sorriu e tentou passar-lhe uma confiança que não tinha. Então levantou-se e precipitou-se para a porta, enquanto sua alma queria ficar.

– Como te chamas? – perguntou ele, antes dela desaparecer na escuridão.

Ela virou-se para ele e sorriu, sentindo pela primeira vez orgulho de ser quem era.

– Lorena.

E partiu apressada, tropeçando nas próprias batidas cardíacas e temendo pela segurança dos amigos que deixara. Quando chegou na rua, o tumulto estava maior. Esquivou-se para a parede ao lado e vestiu a roupa de monge que abandonara antes. Os dois bêbados com que tinha combinado a segunda parte do plano esperavam seu pagamento. Ela colocou em suas mãos sujas de unhas negras algumas das moedas achadas por Marcos. Os olhos dos homens brilhavam e ela confirmava as instruções.

– Se fizerem direito, podem receber mais da próxima vez! – Lorena não esperava que houvesse uma próxima vez, mas achou que deveria dar um incentivo para que os homens se esforçassem. – Entenderam tudo?

Os homens concordaram e a moça e os bêbados correram para o meio da rua, a alguns metros da confusão. Encapuzada, dizia a oração da Ave Maria em Latim no tom mais grave que podia enquanto os dois bêbados tremiam e se atiravam no chão, fazendo caretas e dizendo imprecções.

Trincant e os outros tentavam em vão segurar Marcos na marra, enquanto Marcel continuava seu exorcismo de araque. Marcos fazia uma brilhante imitação de Donald O'Connour em Cantando na Chuva, subindo pelas paredes e correndo deitado no chão, misturando estilos e músicas que estavam deixando até Marcel confuso.

– *Make them laaaaaaugh!!! Maaake them laaaaugh!!! Everybody dance now! Áu! Macho Macho Man, I've got to be a macho man!!! I'm Batman! Cause this is Thriller!!! Thriller night!!! Like a Virgin! Cause we are living in a material world and I am a material girl!...*

– Olhem lá! – gritou um aldeão, já correndo para o novo ataque demoníaco.

Marcos já estava cansado e deu graças a Deus quando viu sua platéia correr para outra atração. Ficou no chão babando, fingindo-se de desmaiado, enquanto Marcel o amparava e dizia para as autoridades que estava tudo sob controle.

– Não saia daqui, nós queremos falar com vocês! – avisou Trincant com voz séria.

– Pode ir, irmão, que esperamos aqui!

Em questão de segundos, a pequena multidão cercava Lorena e os dois bêbados. Assim que os primeiros aldeões chegaram, Lorena afastou-se, misturando-se ao povo. Trincant, Mannoury e Mignon assumiram o palco e começaram seus exorcismos sobre aquelas pobres almas bêbadas, que ora gargalhavam, ora saltavam e se atiravam no chão xingando as autoridades com os palavrões mais cabeludos que conheciam.

Trincant deixou que Mignon e outro frei se ocupassem do exorcismo e virou-se para procurar os monges. Não encontrou mais ninguém e olhou para a porta da casa, batendo levemente. Correu até lá e desceu as escadarias, temendo que seu prisioneiro tivesse escapado. Encontrou-o sobre a mesa, solto, envolto no velho manto negro que haviam lhe tirado. O sangue pingava da mesa e sua respiração era cansada. Trincant não demorou muito a entender o que acontecera.

– A mulher... Encantou-se com você também, não foi? A pobrezinha deve ter ficado tão penalizada que resolveu soltá-lo... Deve ter sido um belo quadro.

Grandier olhou-o com ódio por trás dos cabelos negros que encobriam parcialmente o rosto.

Trincant aproximou-se dele com um sorriso e tocou nos longos cabelos.

– Bem... De volta ao trabalho... Onde paramos?

– Algo nos separa, Louis... – murmurou o pároco. – Eu ainda vou destruir você... Mas não sentirei metade do prazer que você parece sentir ao me ferir...

– Ora, Grandier!... Pensei que gostasse de uma boa briga!

O padre olhou para ele novamente com um ar de desprezo.

– Sempre gostei de uma boa briga, Louis... Mas nunca gostei de covardia.

Trincant desfez o sorriso e deu-lhe uma bofetada, empurrando-o em seguida de volta para a mesa, segurando-o com violência pelos cabelos. Aproximou-se ainda mais com expressão furiosa.

– Como ousa fingir alguma nobreza depois do que fez a minha filha?! Como ousa me chamar de covarde depois do que fez a ela?!...

Mignon entrou esbaforido na cela.

– Trincant, devemos interromper essa sessão por hoje! Outros focos de tumulto estão surgindo, precisamos de você lá fora!

Mignon estava assustado. O pobre monge torto começava a acreditar que tinha atraído as forças do demônio para si. Trincant soltou Grandier e chamou o carcereiro grandalhão Bontemps.

– Leve-o de volta ao buraco dele. Veremos o que fazer depois.

Bontemps arrastou Grandier grosseiramente escadaria acima, mas o padre mal se mantinha de pé e tinha que se apoiar nas paredes, caindo algumas vezes quando empurrado. Na cela que ficou para trás, Mignon contava de seus medos para o promotor.

– As coisas estão saindo de controle, Trincant! E se começarem a aparecer possessões de verdade? E se a ira de Deus se abater sobre nós e Ele resolver nos punir com seu abandono?

– Deixe de bobagens, homem! Estamos com todas as cartas. Nem mesmo Deus salvará Grandier agora.

Trincant voltou para a rua de mau humor. Seu dia estava tão bom, porque sempre tem que acontecer alguma coisa para estragar tudo?... Ao chegar na rua, olhou os focos de tumulto com pessoas histéricas correndo e gritando que o diabo ia pegá-las.

– Que inferno... – resmungou.

Capítulo X

– Não acredito que fizemos isso... – Marcel andava com passos apressados segurando sua batina, o suor frio salpicando-lhe a fronte.

– Não acredito que eles acreditaram! – comentou Lorena, pálida e olhando para trás para ver se não eram seguidos.

Marcos era o único que não parecia nem um pouco surpreso.

– Essa gente é muito burra!... Devíamos tentar vender alguma coisa pra eles!

Certos de que a multidão iludida tinha ficado pra trás, eles pararam em uma ruela deserta. Recuperaram o fôlego enquanto a adrenalina baixava o nível. Então Marcos virou-se para Lorena ansioso.

– E então? Como foi lá? Conseguiu soltá-lo?

– Consegui, mas ele não se aguentava em pé... Eu queria, mas...

– Você agiu certo – disse Marcel. – Se você tentasse ajudá-lo a fugir e pegassem vocês, estaríamos todos em maus lençóis.

– E ele está bem? – voltou Marcos.

– Ele? – ela evitou olhar para o amigo. – Bem, fizemos com que eles parassem...

– Vamos embora! Temos que encontrar o tal Gerard de Tréville antes que escureça – Marcel parecia não dar importância ao que tinham feito, mas na verdade ele estava apenas com medo, pois sabia o que poderia lhes acontecer se por ventura os declarassem culpados naquele resquício de caça às bruxas. Ele tinha medo e o medo deixa as pessoas estúpidas.

Loudun era uma cidade pequena e nessa época a França inteira era uma cidade pequena. Sabia-se das amantes do rei em Versailles, dos nobres envolvidos em bebedeira e escândalos e, é claro, do vizinho esquisitão que criava gatos. Por isso, não foi difícil achar a casa de Gerard de Tréville. Diante da porta, os três entreolhavam-se, esperando quem bateria. Marcel retomou sua pose de líder e bateu decidido. Alguns segundos depois, um som acordou a velha porta. Uma portinhola deixou à mostra olhos envelhecidos e desconfiados a observar os visitantes.

– Boa tarde, senhor – disse Marcel, no francês mais impecável que fora capaz de pronunciar. – Gostaríamos de falar com o senhor. Viemos a mando do Sr. Jardanét.

Uma voz rouca e profunda veio do outro lado da porta, acompanhando a frieza daqueles olhos velhos que tanto já viram.

– Jardanét está morto.

Eles não conseguiram disfarçar a surpresa. Ninguém sabia da morte do velho Jardanét. E se alguém os tivesse visto? E se os incriminassem? Estariam em breve fazendo companhia a Grandier em seu calvário.

– Como, senhor? – Marcel achou que poderia ter sido um erro de tradução.

– Desde que ele não me pagou o dinheiro que pegou emprestado, é um homem morto pra mim, aquele velho caloteiro filho de uma mandrágora com um vigarista...

A portinhola foi fechada e um som de chaves e trancas precedeu a porta abrindo-se e revelando a figura de um homem de seus 60 anos, barba e cabelos despenteados e um velho manto que, juntamente com todo o resto do homem, parecia precisar urgentemente de um banho.

– Mas é que ele morreu mesmo! – explicou Marcel.

– É mesmo? – respondeu o homem que mudou de uma expressão de surpresa para pesar. – Que pena! Sempre foi uma boa pessoa! Mas deixemos os mortos para os mortos e nos ocupemos dos vivos. O que os traz a minha casa, senhores? Todos sabem que não sou um homem muito religioso, embora garanto que tenha outras virtudes!

– Er... – Marcel olhou em volta ao ouvir um burburinho de pessoas aproximando-se. – Será que nós podemos entrar?

O homem olhou na direção em que Marcel olhara e percebeu que aqueles jovens religiosos não queriam ser vistos. Curioso e sempre ávido por uma boa história pois, como disse, ainda não havia televisão ou cinema nessa época, o Sr. Gerard deu-lhes passagem.

Dentro da humilde casa, um forte cheiro de pão quente e carne assada vinha da cozinha e espalhava-se pela sala. Nossos jovens amigos haviam andado por quase duas horas e a sessão de aeróbica que haviam feito para aquele povo entediado gastou um bocado das energias. Ou seja, eles estavam famintos, só que não tinham percebido isso até que aquele aroma delicioso lhes refrescasse a memória. A discricção e boa educação, porém, mandavam que não comentassem nada.

– Nossa, que cheiro bom!!!

Lorena cutucou Marcos morrendo de vergonha. Gerard olhou surpreso para Marcos.

– De onde vocês vêm? – perguntou, curioso com a língua diferenciada que acabara de ouvir.

– Esse é o problema! É uma longa história e o senhor pode não acreditar.

– É mesmo? Gosto de histórias incríveis! Se a história de vocês for mais incrível que uma história minha, eu os convido para o almoço.

– O que ele disse? O que ele disse? – perguntou Marcos impaciente. Lorena explicou-lhe sussurrando o que acabara de ouvir.

– Por que está sussurrando, estúpida? Ele não entende nada do que você fala mesmo! Pergunta pra ele se a gente não pode contar a história enquanto come! Estou morrendo de fome e nenhuma história que ele tenha vai bater a nossa!

– Marcos, deixa de ser grosso!!!! – Lorena estava vermelha.

– Estou faminto!!! Famintos estão isentos das leis das boas maneiras! Como as pessoas bonitas!

Uma risada de Gerard chamou-lhes a atenção. Com um movimento de mãos, convidou-os a sentarem-se à mesa.

– Não costumo receber visitas e, quando as recebo, nunca são divertidas! Podem sentar-se, amigos que trarei a comida! Que tipo de anfitrião eu seria se deixasse meus convidados morrerem de fome?

– Como...? Quer dizer... O senhor entendeu o que eles disseram? – perguntou Marcel atônito.

Gerard pegava em um armário rústico uns pratos e talheres que, pela poeira, não eram usados há muito tempo. Respondeu rindo enquanto colocava-os à mesa.

– Sou um homem humilde, senhor, mas meu pai me ensinou a ler muito cedo! Estudei e consegui favores para aprender ainda mais! Aprendi alemão, latim e inglês. Mas a língua que mais usei na minha juventude foi o português... Eu estava sempre viajando, até que encontrei uma rapariga em Lisboa e fixei residência por alguns anos... Com as palavras, fui muito longe! Tão longe que acabei chegando aqui, em Loudun, o fim do mundo!

Marcos foi o primeiro a sentar-se, pois a linguagem dos sinais era-lhe mais imediata que qualquer língua. Pegou os talheres e ficou esperando com a boca cheia d'água Gerard voltar da cozinha. Os outros sentaram-se lentamente enquanto prestavam atenção às palavras que misturavam-se agora a sons de panelas e tampas.

– Sua língua parece-se muito com a língua dos portugueses, embora seu sotaque me lembre mais o catalão. Deve ser algum dialeto de alguma região distante, imagino... Esse mundo é tão grande!

– E vai ficar ainda maior... – murmurou Lorena.

Gerard voltou com um grande pão assado em um prato de barro e, na outra mão, um grande prato com costela de cordeiro. Colocou-os na mesa e virou-se para o armário onde pegou uma garrafa de vinho

começada. Ajeitando-se em seu lugar à mesa, ele começou a servir-se, sem cerimônias em sua própria casa.

– E então? De onde os senhores vêm?

– Do Brasil! – exclamou Lorena, que baixou o capuz de monge enquanto pegava um pedaço de pão.

Gerard sorriu surpreso.

– Ora!!! E nessa cidade eles aceitam mulheres em monastérios? Não me entenda mal, mademoiselle, mas é uma grata surpresa ter uma dama em minha mesa.

– É um país, senhor – disse Marcel.

Gerard pareceu não entender.

– Como?

– É um país – Marcel pegou um pedaço de carne, enquanto Marcos destrinchava um pedaço de costela como se fosse um animal. – Reino de Portugal.

Gerard parou de mastigar um minuto. Então seus olhos se arregalaram.

– Vocês vieram das terras selvagens que Portugal descobriu? Mas, por Deus! Dizem que fica a vários meses de viagem e que é uma terra inóspita onde feras selvagens e serpentes marinhas habitam!!! Fico feliz que tenham chegado sãos e salvos! Vinho, mademoiselle?

– Desculpe, Lorena não bebe, monsieur – respondeu automaticamente Marcel.

Mas Lorena esticou o copo com um sorriso, ignorando o pressuposto de Marcel. Estava com sede e não queria beber água.

– Sem formalidade, senhores! Podem me chamar de Gerard! E qual é a vossa graça?

Marcel terminou de engolir e apresentou seus desaventurados companheiros de aventura.

– Eu me chamo Marcel, esta é Lorena e aquele animal mal-educado babando sobre sua mesa é Marcos.

Marcos cumprimentou seu anfitrião com a boa cheia e um pedaço de carne grudado no nariz.

– Bem, o que posso fazer por vocês?

– Queremos que nos ajude a voltar!

Gerard pôs-se a rir.

– Devem estar brincando! Por que vocês trocariam a civilização e o conforto de um reino como a França pelas florestas ariscas do Brasil? Eu sei que missionários estão sendo enviados a...

– É aí que entra nossa história fantástica, mons... Gerard. Nós viemos do Brasil, mas não do Brasil de seu tempo. Nós viemos do Brasil de quatro séculos no futuro...

Gerard engasgou-se e começou a rir.

– Ora, senhores, não precisam mais esforçar-se tanto para ganhar a aposta! Eu já lhes servi o almoço!

Como todos na mesa não compartilhassem de suas risadas, Gerard foi parando de rir e começou a temer que tivesse aberto a sua porta para loucos. Marcel mexeu em sua roupa e mostrou-lhe algo. Tinha um certo receio de Gerard sair gritando que feiticeiros invadiram sua casa, mas, lá no fundo, sua intuição lhe dizia que este era o homem certo para ajudá-los. E se ele saísse correndo, sempre podia-se jogar uma cadeira nele.

– Veja... É como veremos as horas no futuro. Chamamos relógio digital. Muitas coisas serão digitais no futuro.

Lorena também tinha trazido algo. Colocou diante dos olhos uma pequena máquina fotográfica e disse:

– Sorriam!

Como sempre acontece quando alguém vê uma câmera, Marcel e Marcos envergaram-se sorrindo num súbito abraço a Gerard, que mal tivera tempo de entender o relógio digital. O *flash* assustou-o ainda mais e ele saiu gritando achando que estava cego. Marcos e Marcel seguraram-no e o acalmaram e logo ele percebeu que não estava cego. Lorena então mostrou-lhe a foto que acabara de ser tirada, que estava, não fosse a situação meio apavorante, hilária, com Marcos e Marcel com seus sorrisos de tubarão em volta de um velho homem de olhos arregalados e cabelo em pé. Gerard pegou a foto com mãos trêmulas vendo a imagem surgir como num truque perfeito.

– Que tipo de feitiçaria é essa?!... – murmurou, mais curioso que de fato assustado.

E o terceiro rei mago mostrou-lhe o terceiro presente. Marcos colocou nos ouvidos do Sr. Gerard seus fones de ouvido e deixou que ele ouvisse um pouco de sua Madonna. Podia não ser a coisa mais maravilhosa que nosso século poderia apresentar em matéria de música, mas para monsieur Gerard, *Like a Prayer* se tornaria eterna.

Alguns segundos depois, um pasmado Sr. Gerard levantava-se com pernas bambas da cadeira em que havia sentado.

– Quem são vocês...?

Marcel adiantou-se em sanar o pânico do homem.

– Calma, Gerard! Nós somos humanos, como você! Não somos

demônios, ou bruxos, ou sei lá o quê, somos apenas humanos!

Gerard olhou novamente pra eles, jovens assustados e desorientados.

- Mas estamos perdidos... - Marcel pareceu desesperançado. - Só queremos voltar pra casa...

Capítulo XI

Monsieur Gerard de Tréville olhava para sua vida e perguntava-se o que havia feito de tão extraordinário que o fizesse merecer realizar tal missão. Ele havia dito que ajudaria e seus novos amigos estavam muito esperançosos, mas não sabia se devia dar-lhes essa esperança. Gerard sempre fora um curioso de excentricidades. Se havia um fato estranho, lá estava Gerard, bisbilhotando, perguntando, colhendo informações e fazendo suas anotações. Tinha volumes e mais volumes de todo fato estranho que tivera a sorte de conhecer, desde luzes no céu até estranhas criaturas híbridas entre homem e lobo. Mas seus estudos sobre o que os jovens chamavam de portais era muito limitado. Pouco se sabia deles e tudo que tinha em suas anotações eram alguns dados básicos sobre datas e horários de desaparecimentos.

Um homem alegava que duas de suas ovelhas desapareceram diante de seus olhos ao passar por uma trilha que sumiria segundos depois. Outro revelava que apostava corrida com um amigo quando este, ultrapassando-o, desapareceu. Na verdade, tudo o que sabia sobre esses portais é que eles são aleatórios, caóticos e possivelmente uma piada de péssimo gosto de alguma divindade desocupada. Mas não queria tirar as esperanças daqueles jovens e disse-lhes que faria o possível. Estudaria, pesquisaria, faria contas matemáticas e desenharia gráficos até descobrir alguma lógica nos portais. Até lá, seria melhor que os jovens voltassem para a casa onde estavam hospedados, pois ele precisaria da concentração só encontrada na solidão para achar as respostas que procurava. É claro que um homem precisa comer e achou que não faria mal se pedisse aos seus novos amigos algumas pistolas que de certo o ajudariam a ter uma mesa um pouco mais farta por algum tempo. Apesar do aparente espanto dos garotos, eles lhe disseram que quando voltassem, trariam as pistolas. Assim, despediram-se por volta das três e meia da tarde.

– Puxa, Gerard! Não sabe como nos fez felizes! Obrigada! – Lorena cumprimentava entusiasticamente o bom homem enquanto Marcel suspeitava que a moça estava alegre demais e achou que o vinho já exercia seus efeitos, fazendo também suas bochechas ficarem rosadas e seus olhos, bem brilhantes.

– Eu farei o possível, mas não se esqueçam do que falei. É imprescindível que vocês não exerçam nenhuma alteração enquanto

estiverem aqui. Acredito que vocês sejam como corpos estranhos a este universo e não sei como ele reagiria se vocês começassem a agir. Vocês não fizeram nada desde que chegaram, não é mesmo?

– Nãããão!! – respondeu Marcos, animado. – Nadinha! A gente só enterrou os corpos e veio correndo pra cá! Ah, é! A gente parou na cidade e...

– Obrigado mais uma vez, nós nos veremos dentro de cinco dias! Tchau!

Marcel arrastou Marcos, que também parecia meio alto, antes que Gerard pensasse duas vezes em ajudá-los a voltar pra casa. Marcos e Lorena saíram rindo à toa, acreditando em Gerard mais do que deviam. Marcel mantinha a sobriedade que lhe era tão peculiar. Estava custando a crer que seria tão simples e ainda preocupava-se com os cinco dias que Gerard pedira para descobrir alguma coisa. Eram cinco dias, cinco longos dias para sobreviver naquele lugar horrível! E ainda tinha as noites! Torcia para que os cinco dias que se seguissem fossem mais tranquilos que as últimas 24 horas.

Foi pensando nisso que ele se deparou com uma figura envolta em um grande capuz negro que os abordou em uma ruela deserta. Marcos e Lorena tagarelavam animados quando perceberam Marcel empacar de repente. Sem saber o que fazer, paralisaram e esperaram um sinal de alguém para sair correndo, mas uma voz de mulher tranquilizou-os.

– Por favor, esperem! Só quero falar com vocês.

A figura aproximou-se, saindo das sombras e retirando o capuz lentamente. Um belo rosto mostrava sinais de tempo e cansaço, revelando uma juventude apagada pelos anos. Seus olhos eram negros como um abismo e faiscavam. As sobrancelhas bem desenhadas combinavam com o cabelo que cascadeava pelos ombros e o conjunto dos traços de seu rosto pareceu bastante familiar a Lorena.

– Talvez ela só queira uma bênção... – sussurrou Marcos.

– Meu nome é Laurent e sou a mãe de Urbain Grandier.

Estavam chocados. Até mesmo Marcos compreendeu quem ela era, embora custasse a acreditar.

Marcel fez menção de dizer alguma coisa, mas Laurent o interrompeu.

– Eu sei o que vocês fizeram hoje pelo meu filho. Eu gostaria de agradecer...

– Err... Não foi nada... – Marcel estava nervoso. – Mas agora temos

que ir.

A mulher colocou-se em seu caminho e fitou-o com seus grandes olhos sofridos de mãe.

– Eu também vim pedir sua ajuda.

Marcel pareceu fraquejar.

– E o que podemos fazer?

– Eu não sei! – lágrimas encheram os abismos negros enquanto sua voz tremulava como uma vela ao vento. – Mas sei que podem fazer alguma coisa! Sei que sabem que ele é inocente!

– O que poderíamos fazer?

Ao ver Lorena a mulher pareceu tomar novo fôlego. Dirigiu-se a ela e disse-lhe ansiosa:

– Irmã Jeanne começou isso tudo, talvez ela possa acabar!

Marcel interrompeu-a e parecia seguro quando olhou em seus olhos e disse o que ela queria ouvir.

– Madame, acredite. Sabemos que ele é inocente e sabemos de muitas coisas que ainda estão por vir. Seu filho sairá vivo disso tudo e seus algozes pagarão na justiça tudo o que estão fazendo. Mas é preciso ter paciência. Vá pra casa e deixe que o destino se cumpra. Logo estará com seu filho, acredite.

Laurent olhou para ele com olhos confusos e então olhou para Lorena como se precisasse de uma confirmação. Lorena sorriu-lhe e deu-lhe a garantia do futuro que não conhecia. A mulher pareceu tranquilizar-se, pois quando se está em um nível tão profundo de desespero, nada resta senão acreditar em qualquer coisa. Ela limpou as lágrimas com as costas das mãos e anuiu com a cabeça.

– Está bem. Eu acredito em vocês. Obrigada. Que Deus lhes pague por tudo.

Aquela mulher tinha uma dignidade dessas que quase se pode tocar, como se ela pudesse andar alguns centímetros acima do chão. Era fácil ver como fora difícil para ela pedir ajuda. Deu-lhes uma última olhada e então cobriu a cabeça novamente com o capuz e partiu. Os três ficaram sós na pequena rua, paralizados, como se esperassem as palavras partirem com ela, mas elas rondavam-nos como confidências secretas. Foi a voz de Lorena que Marcel ouviu e achou que Laurent havia voltado.

– Você disse a verdade?

– O quê?

– Grandier... Ele vai sair dessa?

Marcel ficou alguns segundos observando-a.

– Vai. Ele escapou de todas até agora, tem a sorte dos infernos. Se tivesse lido o livro, saberia.

E virou-se, seguindo o caminho sem se preocupar se os outros dois o estavam acompanhando.

O Sol se punha avermelhado entre as montanhas quando eles chegaram em casa. Sentados atrás de uma carroça de feno, saltaram felizes por Deus ter enviado aquela boa alma pra dar-lhes uma carona.

– Obrigado, amigo! – disse Marcos, que já aprendia suas primeiras palavras de francês. – Deus lhe pegue!

Eles viram a carroça afastar-se e sumir na estrada de terra. Marcos virou-se para a velha casa de monsieur Jardanét e abriu os braços num largo movimento.

– Não há lugar como o lar!

Marcel adiantou-se a entrar na casa, emburrado e mau humorado.

– Não tem graça.

Marcos não entendia o mau humor de Marcel. Achava que as coisas estavam indo bem e no final, poderiam contar para os netos uma grande aventura (não antes de registrá-la no Instituto de Marcas e Patentes, claro!). Quando entraram na casa, Marcel já havia arrancado a batina de monge e parecia fugido de uma peça de teatro amador onde as roupas são feitas de improviso e não tem ninguém para dizer que não tem nada combinando com nada.

– Marcel, eu não entendo você! Nós ajudamos alguém hoje. Por que está agindo como se seu time tivesse perdido na final do campeonato?

Marcel jogou-se numa cadeira e colocou os pés sobre a mesa, enquanto Lorena jogava sua batina sobre outra cadeira.

– Eu vou lhe dizer, Marcos, por que não estou feliz! Não ligo pro Grandier! Ele cavou sua própria cova e não tô nem aí pra essa história que já está escrita! Mas eu me importo com nossas vidas! E quer saber? Estou com dificuldades em acreditar que elas durarão o bastante para acharmos a saída daqui!

Lorena remexeu em um armário e achou uma garrafa de vinho.

– Marcel, você é um pessimista... – disse ela, concentrada em colocar o vinho em uma caneca que estava sobre a mesa. – Sempre foi um pessimista... Suas ondas negativas vão acabar afogando a gente!

Lorena sentou-se à mesa e encheu o copo com a língua sobre os lábios ante os olhos incrédulos de Marcel. Quando ela ia levar a caneca cheia até a borda aos lábios ávidos, ele segurou sua mão, entornando um

pouco do vinho.

– Chega de beber! Você já bebeu demais! O que quer? Ficar bêbada?

Lorena olhou para o vinho entornado e então ergueu os olhos até encontrar os de Marcel. E eles estavam diferentes. Talvez fosse o efeito do álcool, talvez fosse o estresse do dia, ou talvez aquela “outra dimensão” transformava donzelas indefesas em psicopatas assassinas, mas o olhar que Marcel viu não se parecia em nada com o da doce Lorena. Eles tinham o brilho da lâmina, aquela faísca que faz os olhos de gatos ariscos brilharem no escuro. E para sua surpresa, sua voz também não parecia a voz da Lorena que chorava quando alguém lhe roubava o ursinho quando criança. Era rouca e profunda, como se viesse do fundo de um poço tão escuro que podia-se duvidar que tivesse fundo.

– Se não largar meu braço agora, vou espatifar essa garrafa na sua cabeça e você vai ter motivos de verdade pra ficar zangado...

Espantado, ele permaneceu alguns segundos encarando aquele olhar feroz, procurando a Lorena que conhecia e que há poucos instantes podia jurar que estava ali. Então, lentamente, ele a largou e ela, lentamente, levou a caneca aos lábios. Entornou em alguns segundos todo o conteúdo, deixando um filete vermelho escorrer pelo canto da boca. Marcos, que tinha ido ao quarto para colocar suas boas e velhas companheiras, a camiseta e a bermuda, chegou a tempo apenas de ver Lorena entornando uma caneca de vinho.

– Nossa, Lorena!!! Você tem um tremendo potencial oculto para esponja! – e puxando uma cadeira pra si, completou – Como sou um cavalheiro, não vou deixar uma dama beber sozinha! Eu acompanho você.

Com um ar de reprovação que faria Cicciolina ficar com remorsos, Marcel retirou-se da mesa e foi para o quarto.

– Pateta... – murmurou Lorena, provocando risos em Marcos, que ria à toa.

Dormiram pesadamente. Cada um num canto. Marcel acordou bem disposto depois de uma boa noite dormida numa cama quente e confortável e encontrou Lorena e Marcos largados na sala como dois bêbados numa taberna de outros tempos. Inspirado, foi à cozinha e começou a bater panelas e gritar com todo o fôlego animados “Bons Dias”. Marcos saiu correndo imediatamente, tropeçando em cadeiras e topando com a parede, assustado com o barulho dos infernos. Lorena caiu da cadeira balançando os braços e derrubando tudo que estava sobre a mesa. Depois de ter acordado seus amados amigos, Marcel sorria, sentindo-se

bem melhor.

– Acordem! Acordem!!! Temos um dia incrível pela frente!!!

Com as mãos tapando os ouvidos, Lorena e Marcel tentavam calar a orquestra que tocava desafinada e com instrumentos trocados dentro de suas cabeças.

– Marcel, pare de gritar, pelo amor de Deus!!!

– O QUÊ??? – gritou Marcel, achando aquilo extremamente divertido

– EU NÃO OUVI!!! PODE REPETIR MAIS ALTO??? QUAL O PROBLEMA, GENTE? ESTÃO DE RESSACA???

Ele curvou-se para Lorena, que ainda estava no chão sentindo-se um farrapo humano usado como pano de chão num boteco pé-sujo.

– Eu disse que não devia beber, Cinderela rebelde! Agora, lave o rosto e prepare-se porque, como disse, temos um dia bem cheio à nossa frente.

A cabra e uma vaca magra que descansava no estábulo deram leite. Mas o café fazia falta... Marcel tagarelou sobre como o café tinha sido descoberto pelos árabes quando um pastor observou seus animais ficando mais animados depois de comer os frutos daquela estranha plantinha. Então, anos depois, a Holanda conseguiu tirar o monopólio do café do Oriente Médio e levá-lo para a Europa, onde os cristãos o perseguiram dizendo ser uma invenção do diabo. Felizmente, o Papa Clemente VIII viria a provar e abençoar a bebida e ela seria consumida pelos europeus.

– Então tem café??? – perguntou Marcos, com algo parecido com ânimo, estendendo sua canequinha de cobre para Marcel que continuava a tagarelar.

– Tem, claro!!! Na mesa do Rei! Ou você acha que um pobre como você tem o direito de tomar café? Tome! Cure sua ressaca com leite!

Marcos olhou novamente para sua canequinha, pensando em como gostaria de sair e encontrar um boteco bem pé-sujo, com ovo rosa e pernil na vitrine, e pudesse pedir um café, um carioca, um pingado, quem sabe até um expresso, pois os botecos andavam cada vez mais evoluídos (já vira um patriótico com ovos verdes e amarelos...).

Demorou um pouco, mas depois do café da manhã sem café, Lorena e Marcos já quase se pareciam com seres humanos de novo e conseguiam até formular frases completas, apesar de algumas não fazerem sentido. Marcel tinha sua agenda diante de si onde havia anotado as coisas que

tinham que fazer durante o dia.

– Em primeiro lugar, precisamos achar comida. Esse foi um pedaço de pão duro que encontramos e há coisas como farinha e açúcar escuro nos potes da dispensa. Precisamos saber se temos provisões para sobreviver aqui nos próximos cinco dias. Como tem pouca comida, acho que teremos que racionar...

Marcos bateu com uma colher na mesa.

– Tive uma ideia melhor! Vamos fazer uma votação pra eliminar um de nós, assim sobra mais comida para os outros! É um sacrifício nobre e o que for expulso deve pegar sua mochila e se virar por aí! Eu começo: o meu voto vai pro Marcel, porque ele não tem espírito de equipe e é chato pra caramba, além de não saber nem fazer um exorcismo direito!

Ignorando o comentário de Marcos, Marcel continuou:

– Depois, precisamos achar as pistolas para Gerard...

– Quantas acha que precisaremos? – perguntou Lorena.

– Umas seis, eu acho... – chutou Marcel dando de ombros.

– Pra que ele quer tantas pistolas? – Lorena estava intrigada.

– Sei lá... Vai ver que ele quer assaltar um banco... – chutou novamente Marcel.

– Então uma pistola bastaria! – Lorena não compreendia que aquela conversa não tinha futuro.

– Sei lá, Lorena! – irritou-se Marcel. – Vai ver que ele tem um bando de cinco amigos e eles não iam aceitar brincar com ele se não ganhassem pistolas! Vai ver que elas atiram uma única vez e ele quer atirar um monte de vezes seguidas!

Lorena olhou com ar pensativo para um ponto distante entre um buraco na parede e uma mosca na janela.

– Não faz sentido...

– Bem, continuando... – Marcel virou a página de sua agenda, dando o assunto por encerrado. – Até lá, vamos estabelecer umas regras que nos manterão vivos! Uma: não falaremos com ninguém, a menos que seja estritamente necessário. Isso não deve ser problema, uma vez que temos a cláusula dois! Dois: não sairemos daqui!!! Em hipótese alguma poremos os pés pra fora desta propriedade até o dia em que teremos que encontrar Gerard, entenderam? E três: não faremos nada que coloque em risco a segurança dos outros. Isso inclui todos os seus planos, Marcos! Se seguirmos essas regras simples sairemos vivos daqui e com todos os membros do corpo intactos! Alguém tem alguma dúvida?

Houve uma pausa. Marcos fez uma cara de quem estava tentando

entender algo que lhe escapava e de repente disse:

– Parece nome de filme, né? “Seis pistolas para Gerard”!

Lorena deu um riso que pareceu mais um esguicho de alguma coisa engasgada. Marcel fechou sua agenda.

– Pelo menos ele não nos pediu pra arrumar uma De Lorean e plutônio... ainda.

Um levantamento das provisões da casa mostrava que tinham pouca coisa. Na verdade, mais dois dias e podiam considerar-se desesperados.

– Podemos ir à cidade comprar alguma coisa! – sugeriu Marcos.

– Não!!! De jeito nenhum!!! Isso infringe as regras números 1, 2 e 3, todas ao mesmo tempo! É prisão sem condicional!! Não, não e não! – Marcel parecia já ter sua opinião formada.

– Não precisamos nos preocupar – disse Lorena. – Esquecemos que há comida fora da casa também.

Pela janela, via-se uma horta com algumas batatas e verduras, além de galinhas, porcos e uma cabrita cheia de leite. Tranquilizaram-se assim com a certeza de que se tivessem que morrer, ao menos não seria de fome.

A tarde chegou logo e o tédio abriu suas grandes asas sobre eles. Deitados na relva sob uma árvore secular, eles, pela primeira vez, aproveitavam aquela estranha viagem à França. Falavam de amenidades, sobre as coisas que encontraram e sobre as que deixaram pra trás.

– Eu gostaria de saber como a Caverna do Dragão acabou... – lamentou-se Marcos.

– Aquilo nunca teve fim! – falou Marcel. – Foi boato da Internet!!

– Eu gostaria de saber por que a Uni berrava que nem um cabrito se ela era um unicórnio... – divagou Lorena.

– É mesmo!... – Marcos agora tinha outro mistério a ocupar-lhe as noites de insônia.

Uma brisa balançou as folhas de um verde vivo e tão maravilhoso que eles não se lembravam de ter visto em seu tempo e eles ouviram em silêncio o som do farfalhar como se fossem sussurros ao pé do ouvido.

– Marcos, você não teria trazido o livro de Grandier, teria?

Marcos não respondeu de imediato. Então levantou-se e apoiou-se no cotovelo.

– Lorena! Promete não me matar?

Ela apenas o olhou.

– Eu não tive coragem de lhe dizer isso antes, mas... Eu perdi seu livro!

– O quêêê???

Agora era Lorena que se levantava e apoiava-se nos cotovelos.

– Eu esqueci lá no Prova Oral, aquele lugar que você falou que nunca mais iria, lembra? Quando voltei, tinha sumido!!! Algum aluno sem consideração o levou!!!

Lorena respirou fundo, desalentada.

– Tudo bem... Marcel que é o dono não ligou, por que eu ligaria?

– Esqueça o livro, Lore... Temos problemas bem maiores agora. – disse Marcel, olhando serenamente para o céu profundamente azul.

O almoço tinha sido bom. A perseguição a uma galinha que em pouco morreria de velhice foi divertida. Nenhum deles havia matado uma galinha antes, mas a fome é negra e pra quem já tinha matado uns dois ou três, não foi tão traumático como pensaram que seria. Mesmo assim, Marcos insistiu em fazer uma oração pela galinha, como viu que caçadores tribais faziam num documentário da *National Geographic*. A carne da galinha anciã estava meio dura e não conseguiram tirar todas as penas, além se ter sido muito estranho ter a galinha na panela com cabeça e tudo, mas eles comeram com apetite. Lorena fez as batatas e algumas verduras e Marcel fez um arroz com alecrim bastante apetitoso. Levaram horas pra conseguir fazer aquele almoço, mas o resultado final não estava mal. Agora, aquele repouso parecia a sobremesa ideal, deleitando-se com a brisa e o ar incrivelmente puro e sem se preocupar com horas ou compromissos, sem telefones tocarem, sem som de carros ou pessoas. Era uma agradável volta às origens, ao silêncio, ao simples.

Mas nossos amigos aqui nunca foram pessoas do campo e não ficariam por muito tempo naquela tranquilidade. Por isso, de repente Lorena levantou-se rapidamente.

– Onde você vai? – perguntou Marcel.

Ela sacudiu os pequenos matinhos que lhe grudaram no longo vestido bege e no cabelo, cujo coque desgrenhara-se um pouco quando deitara.

– Vou ver os cavalos. Tchau!

Então ela saiu correndo, pois Lorena não estava acostumada com todo aquele espaço verde e gostava de sentir o vento no rosto.

– Não vá se machucar! – gritou Marcel, como se as pessoas se

machucassem de propósito.

Poucos segundos depois, foi a vez de Marcos levantar de um salto.

– Vai ver os cavalos também? – perguntou Marcel, sem se virar pra ele.

– Não, quero ver se consigo fazer aquele pão que Gerard fez! Ele me deu a receita mais ou menos e acho que consigo fazer. Torça por mim! Tchau!

E lá estava ela diante daqueles cavalos de dois andares. Ela já havia montado antes quando era menina e tinha sido horrível. Achava estranho aqueles cavalos estarem parecendo ainda maiores agora que ela era adulta. Havia cinco cavalos e meio. Além dos cinco cavalos pertencentes aos ladrões, um pangaré amarelo acabado curtia tranquilamente sua aposentadoria naquele verde pasto. Os cavalos dos bandidos eram grandes e fortes. Um era bege da cor de seu vestido com crinas brancas. O segundo era branco acinzentado com pintas nas patas e pernas. Os outros dois eram marrons, sendo que um tinha uma mancha branca na testa e nas patas. O último era o mais robusto e mais agitado deles, sempre trotando em volta da cerca como se fosse saltá-la a qualquer momento. Era negro como o passado dos piores pecadores.

Na cozinha, Marcos tinha farinha no nariz e nos cabelos, mas estava animado em fazer a massa do tão sonhado pão de cada dia. Gostava de fazer suas incursões na cozinha de vez em quando, era uma espécie de alquimia pra ele. Marcel entrou preguiçosamente pela porta da cozinha e perguntou sobre Lorena. Ele não a havia visto quando chegou. Marcos ouvira uns gritos, mas achou que era melhor não mencionar isso.

– Espero que ela esteja bem...

Da janela, Marcos viu Lorena passar agarrada ao pescoço daquele cavalo negro enorme, gritando feito uma louca enquanto ele corria a toda velocidade. Estavam bem longe e apenas Marcos os viu. Então continuou sovando a massa de seu pão e tranquilizou Marcel.

– Não se preocupe! Ela está ótima!

Quando o Sol se punha, Marcel, que havia dormido até aquela hora, ameaçou entrar em pânico quando não encontrou Lorena. Mas ela entrou assim que ele começou a culpar Marcos por sua irresponsabilidade. Suja, coque solto com muitos fios para cima e para os lados, o rosto suado e sujo de terra e o vestido imundo e rasgado, ela entrou ligeiramente descadeirada e com o sentido de orientação meio afetado, com o óculos partido ao meio nas mãos.

– O que aconteceu? – Marcel nem imaginava que aquele estrago todo tinha sido causado por um simples cavalo.

– Ele era teimoso! Mas eu mostrei pra ele quem é que manda! Agora com licença, eu preciso de um banho, ou nem os cavalos vão aguentar ficar perto de mim...

Algum tempo depois, já sob as luzes de lampiões, eles sentavam-se à mesa para saborear o pão de Marcos. Por incrível que pareça, estava ótimo e leite de cabra complementou sua ceia. Estavam todos com suas roupas normais, que já não estavam exatamente limpas.

– Estou sem roupas... – concluiu Lorena, os cabelos molhados presos num rabo de cavalo baixo. – Acho que terei que lavar algumas amanhã.

– Ótimo! Eu também estou ficando sem opções. Pode lavar as minhas também? – pediu Marcel.

– Mas nem que a vaca morra engasgada numa tosse só! – foi a resposta de Lorena que continuou passando manteiga em seu pão.

– Podemos ir todos lavar roupa! – sugeriu Marcos – Vai ser um programa! Melhor que o *Rock in Rio*!

– Como ele sai dessa?

Marcos olhou sem entender de imediato, enquanto Marcel continuava concentrado em seu pão e não parecia dar muita importância à pergunta.

– Grandier? – perguntou ele.

Lorena deixou o pão sobre o prato e, com os braços sobre a mesa, esticou o tronco para Marcel, dedicando-lhe total atenção. Então ele continuou, passando manteiga em mais um pedaço de pão.

– Será como das outras vezes em que ele se meteu em confusão... Ficaré preso algumas semanas, sofrerá um pouquinho, mas logo um amigo influente conseguirá a intervenção do Rei e ele ficará livre.

– Qual amigo influente? – insistiu Lorena.

Marcel pareceu impaciente com o interrogatório.

– D’Armagnac, o Governador!

Fazia sentido. Jean D’Armagnac era o melhor amigo de Grandier e sempre fizera de tudo por ele. Não era surpresa que se arriscasse a atrair a ira de Richelieu ao pedir ao Rei para interceder pelo pároco. Lorena deu-se por satisfeita, embora estivesse ávida por saber mais. Porém, estava cansada, seu corpo doía e sua cabeça pesava. Não tinha mais disposição para entender ou bolar tramas, mesmo as mais ingênuas.

Capítulo XII

O pão de Marcos realmente veio a calhar. Além da ceia, ele foi o manjar do café. Lorena animou-se em tentar fazer um bolo mais tarde, o que deixou Marcel extremamente feliz. Estava achando que aquele lugar estava apagando por completo a personalidade de sua jovem amiga. O Sol estava alto quando foram verificar as bolsas retiradas das selas dos cavalos. Encontraram quatro pistolas, alguma pólvora, seis espadas e duas bestas. Infelizmente, não sabiam como manejar nenhuma dessas coisas. Marcos analisou a besta e uma flecha disparou na direção de Marcel, fincando-se numa janela. Foi assim que Marcel encarregou-se de guardá-las em um lugar seguro até que encontrassem Gerard novamente.

– Espero que ele fique feliz... – murmurou Marcel, que ainda achava estranho que Gerard lhes tivesse pedido armas.

Dessa vez, Marcos ficou curioso com os cavalos e foi sua vez de tentar montá-los. Lorena, ainda dolorida de sua aventura da tarde anterior, prometeu juntar-se a ele em pouco tempo. Ela queria investigar o baú de monsieur Jardanét. Tinha esperanças de encontrar algum vestido mais confortável e limpo, o que a pouparia de lavar suas roupas sujas. Tomar banho de balde com água do poço já era uma aventura desconfortável. Se pudesse evitar lavar aquela roupa, ela o faria.

Sentada no chão do quarto, ela retirava do baú roupas de homem, lençóis, um pijama, uma boneca antiga e uma pequena caixa de madeira. Abriu-a esperando encontrar uma joia, o que seria muito bom, mas era uma medalha, dada por Luís XIII há alguns anos ao Comandante da Guarda Real Marc Ambroise du Jardanét, por bravura.

– Um comandante...

Retirou aquele monte de coisas de uma só vez e verificou o fundo do baú. Não havia mais nada. Por que um comandante da guarda real estava vivendo naquele fim de mundo, longe da cidade, longe das pessoas e completamente sozinho? Olhou novamente o baú por fora. Era enorme, de madeira escurecida e sem desenhos entalhados. Se houvesse algo mais do passado de monsieur Jardanét naquela casa, deveria estar naquele baú, pois era óbvio que ele não queria tropeçar em seu passado. A menos que algo tão escabroso tivesse acontecido que o fizesse se livrar de tudo para sempre...

Lorena balançou a cabeça com o cenho franzido. Não era possível. Recusava-se a acreditar que alguém odiasse tanto assim seu passado, que ele não tivesse trazido nada de bom às lembranças de monsieur Jardanét. Com esforço, levantou-o para ver o que havia embaixo. Além de uma aranha de pernas compridas que saiu correndo assustada, não havia nada. Deixou o baú cair novamente e debruçou-se nele, tamborilando os dedos enquanto olhava em volta. Então algo faiscou em sua mente. Olhou novamente para o baú e tamborilou os dedos do início ao fim dele. A mudança de som a fez perceber que, para um baú vazio, ele estava ainda meio pesado. Abriu novamente a tampa e enfiou-se no baú, buscando algo em seu fundo. Logo, um som foi ouvido e ela emergiu de seu interior com uma tampa falsa. Colocando-a de lado, olhou maravilhada para o conteúdo daquele compartimento secreto.

Ombreiras de metal polidas ao extremo estavam sobre um rico uniforme, com botas brancas de cano longo e uma calça justa branca. Um colete de encaixe do mesmo material brilhante e dourado das ombreiras acompanhava uma espécie de saia curta que protegia os quadris. Uma espécie de camisa comprida de cota de malha prateada impecavelmente limpa dava a impressão de nunca ter sido usada. Luvas brancas que chegavam aos cotovelos completavam aquele belíssimo uniforme que Lorena retirava boquiaberta de dentro do baú. Dentro ainda restava uma espada em bainha vermelha ricamente adornada, cujo cabo fazia desenhos circulares em um metal dourado de brilho intenso. Ela segurou a bainha e retirou a espada, encantada. A luz que entrava pela janela aberta bateu na lâmina prateada brilhante. Lorena nunca sentiu tamanha emoção ao ver simples objetos, mas aquele uniforme e aquela espada traziam em si tamanha dignidade e nobreza que era como se emanassem um brilho próprio.

A espada encantara-a tanto que não notara que havia ainda algo dentro do baú. Ao olhar novamente, antes de fechá-lo, ela percebeu um pequeno quadrado enrolado em veludo vermelho com grande cuidado. Abriu-o e descobriu um livro antigo, com capa de couro e escrito a mão, com inúmeros desenhos. Virando suas páginas grossas, reconheceu rapidamente que se tratava de aulas de esgrima. As recordações de suas fatídicas aulas quando adolescente fizeram-na respirar fundo. Eram todas horríveis. Ridicularizada pelos outros alunos, era a pior dentre eles. Tinha medo de machucar alguém, o que a tornava um excelente adversário. Lembrava dos gritos do professor, que lhe pediam para corrigir a postura, a defesa, o ataque, lembrou do nervosismo, da insegurança e de como seus

pais ficaram decepcionados quando ela conseguiu ser a primeira a ser eliminada no torneio de esgrima, por novatos que haviam começado muito depois dela. Foi aí que desistiu... Ela não sabia que, muitas vezes, quando um aluno não aprende é porque o professor não ensinou.

Folheou calmamente as páginas envelhecidas que pareciam ter sido muito manuseadas e leu o que pareciam aulas advindas da experiência. Viu os desenhos rústicos, desenhados com ponta grossa, sem rosto mas com muito movimento. Virou o livro para ler anotações de pé de página com lembretes escritos em outra letra. Detectou pelo menos três letras diferentes ali e voltou à folha de rosto para procurar os autores. Descobriu os proprietários, todos da mesma família. Aquele livro possivelmente era o tesouro que os Jardanets estavam passando de geração a geração. Que tesouro melhor para passar para seus descendentes do que o conhecimento?

Cada vez mais interessada, entendendo cada palavra como se estivesse escrito em sua própria língua, Lorena debruçou-se na cama e leu mais um pouco. Então levantou-se de repente e pegou a espada, retirando-a da bainha. Fez o primeiro movimento que aprendeu e estranhou o peso. Então fez o segundo... E o terceiro... E quando percebeu, estava sorrindo.

Era fim de tarde quando o cheiro de bolo espalhou-se pela casa. Marcel estava surpreso de ver Lorena tão feliz.

– Parece ótimo! – disse ele olhando para o bolo-recém saído do forno a lenha.

– Parece, não parece?

Ela tirou uma mexa de cabelo da testa, suas bochechas estavam rosadas e seu sorriso estava luminoso. Dava pra ver que ela estava orgulhosa de sua obra. Marcel olhou-a docemente e sentiu algo que não julgara ser capaz de sentir. Viu a menininha atrapalhada que sempre ficava pra trás nas brincadeiras, mas nunca deixava de ajudar quando tinha a oportunidade. Viu a adolescente desengonçada que não levava muito jeito pra moda, mas que sempre tinha algo gentil a dizer sobre as pessoas. Viu a jovem que lia muito e falava pouco e percebeu que há anos não via aquela luminosidade em seu rosto, tão transparente agora. Percebeu, pela primeira vez na vida, que havia algo encantador em Lorena, mas algo tão discreto que ele mesmo nunca chegara a ver. Ela era como as flores do campo, que são lindas em sua beleza simples, mas nas quais ninguém presta atenção e acabam sendo pisadas.

– O que foi? Tem farinha no meu rosto? – ela limpou a farinha

imaginária das faces.

Marcel sorriu, sem se importar em ser surpreendido em seu momento contemplativo. Na janela, Marcos passou gritando agarrado a um cavalo.

A vida na roça não era tão ruim, afinal. Como as manhãs, a noite chegava cedo e eles estavam geralmente cansados e satisfeitos. As sombras do primeiro dia em que estiveram ali só surgiam eventualmente em conversas de como cada um vivenciou uma luta pela vida. Mas logo mudavam de assunto e falavam das coisas que estavam doidos pra fazer quando voltassem. Discutiam diversas teorias sobre os portais e tentavam entender o que estava acontecendo. Marcos, o único que assistira à palestra, tinha algumas informações que pareciam mais curiosidades do que fatos relevantes. Ficavam imaginando se o tempo corria da mesma maneira, se voltariam no mesmo momento em que deixaram a Terra ou uma semana depois, ou dez anos depois, ou mesmo dez anos antes... E se voltariam no mesmo lugar... Marcos não contara do cara que atravessou o portal em Cachoeira de Macacu e foi parar no Nordeste? E se fossem parar no coração da Selva Amazônica?

– E se formos parar em outra dimensão? – perguntou Marcos, esperando que Lorena cortasse a primeira fatia do bolo que parecia delicioso.

– Não começa, Marcos! – pediu Marcel. – Foi com essa sua história de outra dimensão que a gente veio parar nessa fria!! Nossos pais devem estar apavorados! Devem ter colocado nossas fotos naqueles cartazes de gente desaparecida, colado nossas caras em postes...

– Se demormos mais, meu pai vai alugar meu quarto... – disse Marcos preocupado, mas feliz em receber seu pedaço de bolo.

– Acho que estamos vivendo a aventura de uma vida... – Lorena parou ao dizer isso e então voltou a cortar o bolo. Pareceu na verdade que ela falou apenas para si mesma.

Serviu um pedaço para Marcel e finalmente um si. Fizeram um brinde com limonada e um minuto de silêncio da fome.

– Hummmm! Isto está uma delícia! O que tem?

– Um monte de coisas!

Ela não sabia direito. Misturara avelãs e passas e outras frutas secas que encontrara. O resultado parecia satisfatório. Durante a noite, contaram histórias de pessoas desaparecidas e olharam o céu, um manto negro como nunca haviam visto, com tantas estrelas brilhantes que suspeitavam que o século XX havia roubado algumas centenas delas e as escondia em algum

lugar.

Nos dias que se seguiram, estabeleceu-se quase uma rotina e pode-se dizer que estavam se acostumando. Lorena cavalgava pelos campos e trazia flores que enfeitavam a casa. Marcel ensinava o pouco que sabia de esgrima para Marcos e faziam pequenas disputas com espadas, onde Marcos ensinava para Marcel alguns truques sujos criados por ele mesmo. Também brincavam de tiro ao alvo com as bestas encontradas, onde Marcel sempre acabava humilhando Marcos, que era um horror com aquele instrumento. Na tarde do terceiro dia, Lorena chamou os três para verem uma descoberta. Os três chegaram a um riacho de águas prateadas a vinte minutos de cavalo, na direção dos fundos da casa. A água, apesar de gélida, era um convite a um banho e, quando voltaram, estavam limpos e renovados. Assim, o riacho tornou-se um passeio constante, especialmente para Marcel, que adorava uma pescaria. Quando seu companheiro de disputas com espadas se dedicava a horas de pescaria que garantiria a janta e Lorena não podia ser encontrada porque sumia por longos períodos no dia, Marcos tentava melhorar seu relacionamento com a besta. Era como estar em um clube de férias, só que era bem mais barato e não tinha volta garantida.

Sozinha, sem adolescentes maldosos escarnecendo dela, acreditando um pouco mais em si mesma, Lorena praticava com a espada de monsieur Jardanét, a qual mantivera como seu tesouro secreto. Investia contra troncos e inimigos imaginários. Mas sabia que faltava-lhe alguma coisa. Era o que fazia escritores escreverem bem, ou atores comoverem platéias. Faltava-lhe paixão, aquela fúria ardente que faz uma pessoa renascer mais forte cada vez que realiza aquilo que gosta. Ela olhava para o tronco e via apenas um tronco. Olhava à sua volta e seus inimigos imaginários eram seres sem rosto e sem vida que não justificavam todo aquele esforço. Respirou fundo e a imagem de Grandier veio-lhe à mente. A imagem de Grandier sempre vinha-lhe à mente... Era preciso estar sempre ocupada para não sair correndo em disparada e tirá-lo daquele cárcere injusto. Lembrou de seu olhar que pedia ajuda, de sua mão segurando seu braço e dos homens que o estavam torturando. Quando se virou, era outra pessoa. Investiu contra seus inimigos imaginários com graça e garra que nunca julgara ter e imaginou-os caindo, afogando-se em sangue, um a um, executando-os depois de caírem ao chão, perseguindo-os e matando-os como cães raivosos, sem remorso ou piedade. Quando terminou, estava pingando de suor e o braço doía. Seus inimigos imaginários jaziam mortos

no chão, mas sua inquietação apenas aumentava.

Estavam ali há uma semana e chegou o dia em que deviam voltar à cidade. Lorena foi a primeira a ficar pronta. Apressava os outros dois, ansiosa para partir e saber notícias de Grandier. As roupas haviam finalmente acabado. Marcos e Marcel conseguiram lavar umas camisas, mas Lorena conseguia rasgar cada vestido que usava. Assim, estava usando o velho vestido marrom, lavado, mas amassado, por baixo do hábito de monge.

– Nós vamos a cavalo, né, Marcel? – Marcos parecia irredutível. – Porque se você botar a gente pra andar aquilo tudo com três cavalos enormes aí fora eu vou te dar um soco!

– Eu sei que é mais fácil, mas nós não queremos chamar atenção, lembram? Eu acho que monges são pobres, não andam por aí em cavalos de Itú como esses!

– Por que não vamos com eles até os arredores da cidade e os deixamos amarrados em algum lugar?

Como a sugestão de Lorena parecesse razoável e pouco arriscada, Marcel concordou e, dessa maneira, chegariam muito antes e voltariam muito mais cedo. A viagem foi silenciosa. Estavam preocupados. E se Gerard não tivesse conseguido achar a saída? E se tivessem que viver ali pra sempre? E se não fossem apenas férias num estranho clube? E se fosse a vida inteira? A vida inteira é tempo demais...

Deixaram os cavalos em um lugar ermo protegido pelas árvores e entraram na cidade a pé. Passaram por suas ruas e sua miséria com quase o mesmo espanto da primeira vez. Lorena olhou intensamente para a igreja fechada, como se esperasse ver Grandier saindo dela, livre. Mas era apenas uma construção vazia precisando de reformas enquanto Loudun era apenas uma cidade pequena precisando de um padre. Passaram pela casa onde Grandier era mantido preso. Dessa vez, não havia aglomerado de curiosos à sua porta. Lorena olhou para ela, opressora e fria, intransponível à primeira vista e, no entanto, era apenas uma casa que o ódio e o rancor transformaram em um local de torturas. Um mal-estar os cobriu como as asas de um imenso abutre que ainda mantém o cheiro de sua última carniça, mas eles apenas prosseguiram, deixando a casa para trás.

Gerard os atendeu com cara de quem não dormia há dias. Tomava chá e falava coisas que eles não entendiam. Era apenas uma tentativa empolgada de explicar como ele chegara a determinadas conclusões, mas tudo resultava em planetas passando por conjunturas raras e contas e

cálculos incompreensíveis para eles. Mas uma coisa eles entenderam. Havia uma forma de voltar pra casa. Antes de comemorarem, Marcel perguntou:

– É nesse século?

– Em poucas horas!

Então eles comemoraram, saltando e pulando porque eles iam voltar pra casa. Gerard explicou sua teoria das coincidências nos cálculos que o levavam a acreditar que na manhã seguinte o mesmo portal se abriria, no mesmo local. Bastava que estivessem no local certo, na hora certa e podiam ficar tranquilos. Feliz de não caber em si, Marcel cumprimentou entusiasticamente Gerard, agradecendo-lhe como se lhes tivesse salvo a vida, pois acreditava que tinha. Marcos levantou um saco que trouxeram e entregou-o a Gerard.

– Espero que sejam suficientes! Mas, já que a gente vai embora, bem que você podia nos dizer pra que quer tantas pistolas, né?

Gerard julgou não ter entendido direito, pois seu português não se parecia muito com aquele estranho dialeto deles, e abriu o saco com ar interrogativo.

– O que é isso?

– Ué, são as pistolas que nos pediu! – explicou Marcel. – São os modelos certos? Não tínhamos outras...

Gerard começou a rir, compreendendo o mal-entendido.

– Pistolas, meus caros, não são armas, mas luíses...

Eles se entreolharam sem entender e Marcos tirou o corpo fora:

– Não olhem pra mim, francês pra mim é outra língua!

– Luíses! Escudos! Dinheiro! – explicou Gerard, ainda rindo. – Era a isso que me referia! Mas isso me ensina a me expressar melhor com pessoas de séculos diferentes do meu!

Ligeiramente constrangidos, os jovens riram e entregaram-lhe algumas moedas que encontraram com os bárbaros. Gerard pareceu surpreso e impressionado e aceitou de bom grado.

– Isso vai me fazer feliz por muito tempo!

Convidou-os para almoçar e eles, é claro, aceitaram (Marcos já estava na mesa antes dele terminar a frase). Lorena quis saber da situação de Grandier e Gerard contou-lhe o que acontecera no dia em que eles o visitaram pela primeira vez e o que aconteceu depois...

Trincant, o promotor público, acrescentava à sua lista de provas um novo caso de possessão demoníaca. Sob as ordens de Grandier, demônios apossavam-se de religiosos de outras ordens e sua lista de testemunhas

contava com dezenas de pessoas que haviam assistido a um exorcismo que ocorrera em plena rua, a apenas alguns metros de onde Grandier tentava iludi-los para que não encontrassem as marcas do diabo. Boatos surgiram por toda parte, dando àquele evento uma importância muito maior do que se podia imaginar. Talvez sentindo-se ameaçadas por outros religiosos estarem recebendo atenção, as freiras ursulinas tiveram novos ataques no dia seguinte e Jeanne, andando de quatro com a barriga pra cima, um de seus não muito impressionantes números de contorcionismo, confirmara onde se encontravam as marcas do diabo. Uma vez que não foram encontradas da primeira vez, foi marcada uma nova vivisseção e dessa vez eles não estavam lá para impedir. Aviltado, violentado ao extremo, Grandier sucumbiu à dor e chorou, mas se recusou a assumir os crimes de que o acusavam. Agora, ele fora levado para o convento, para encarar Jeanne, a mulher que ele nunca vira e que se dizia possuída por demônios enviados por ele. Esperava-se que ele perdesse a compostura e a atacasse, comprovando sua culpa. Ao menos, Trincant estava contando com isso. Muitas pessoas da cidade foram testemunhar este encontro entre vítima e culpado, embora muitos não tivessem certeza de quem era quem nesse caso.

Quando deixaram a casa de Gerard, pareciam menos felizes. Sorrisos e despedidas, agradecimentos e recomendações, tudo soava como algo distante. Voltaram em silêncio e Marcel limitou-se a olhar para Lorena e Marcos sem dizer uma palavra.

Era tarde quando Lorena chamou Marcos, que tentava dormir sem conseguir. Ele a acompanhou até a sala e percebeu que ela estava vestida para sair. Sob um capuz negro, via luvas e botas brancas.

– O que você está vestindo? – perguntou ele.

– Cometemos um erro, Marcos.

Marcos fez uma expressão que Lorena não estava acostumada a ver. Sério e sombrio, ele sentia, tanto quanto ela, o peso de ser responsável pela dor de alguém e tinha nos olhos o sentimento de impotência de ser apenas humano. Ele sentou-se e passou as mãos nos cabelos castanhos.

– Cometemos um monte... Deveríamos estar acostumados...

Lorena andou pela sala, sem fazer barulho.

– Achei que estávamos fazendo algo bom... – sussurrou ela, com vergonha da própria ingenuidade que simplificava demais as coisas. – Nós o jogamos às feras... Demos o pretexto que procuravam... Se não fosse por nós, ele não teria sofrido a mesma humilhação duas vezes...

– Agora eu entendo o que quer dizer aquele ditado... “De boa intenção, o Inferno tá cheio.” Bem, estou vendo que você parece ter algo em mente...

Lorena puxou uma cadeira e sentou-se de frente pra ele, sussurrando.

– Lembra o que Laurent disse? Ela disse que Jeanne começou isso tudo e ela também podia parar! Então pensei em irmos até o convento das ursulinas e conversarmos com ela.

Marcos mantinha a expressão séria.

– Lorena, essa mulher sabe o que está fazendo e sabe que já foi longe demais, ela não voltaria atrás agora, nem se quisesse! O que a faz crer que ela vai nos ouvir?

Lorena deu um sorriso cruel.

– Digamos que tenho um argumento bem persuasivo. Então, o que me diz? Você vem comigo?

– Você sabe onde fica?

– Passamos pelo caminho que leva a ele quando voltamos da cidade. Ele fica no alto, pude vê-lo quando passamos.

Ele anuiu com a cabeça lentamente, como se pensasse seriamente no assunto.

– Está bem! Não dá pra ficar pior mesmo, né? Não vamos chamar o Marcel?

– Ficou louco? Nós vamos partir às seis horas de amanhã, ele seria capaz de nos amarrar para não sairmos hoje! Além do mais, sabemos que ele não vai concordar...

– Tudo bem, vamos lá! Eu estava sem sono mesmo!

Marcos vestiu-se e pegou o que Lorena pedira: uma lanterna de Marcel e o *walkman* que funcionava como rádio quando estava sem os fones. Gerard os queria, mas Marcos preferiu deixar a máquina fotográfica e seu último chocolate. Quando saiu, Lorena o esperava montada no cavalo negro e segurando pelas rédeas o cavalo branco com pintas cinzas.

– Nossa, Lorena! Você está parecendo a Morte nesse cavalo com esse capuz preto! Só falta a foice.

Lorena deu uma risada sinistra pra ele e ele a advertiu que se fizesse aquilo de novo, voltaria pra casa. Cavalgaram pela estrada iluminada pela Lua até chegarem a uma pequena trilha, que levava ao convento. Dali, já podiam vê-lo, desenhado por nuvens baixas.

Desmontaram nas proximidades e amarraram os cavalos em uma

árvore no bosque que ladeava o convento, uma velha construção embrutecida pelo tempo e condenada pelos atos dos homens. Não havia guardas ou coisa parecida, afinal era apenas um convento para onde mulheres sem vocação eram enviadas por suas famílias quando não havia possibilidade de conseguir-lhes um casamento. Não havia motivos para alguém querer entrar ali. Mas talvez houvesse motivos pra alguém querer sair. As portas estavam trancadas e Lorena e Marcos tiveram que forçar um arrombamento para entrar. Felizmente, os cadeados eram velhos e a madeira a que se prendiam, podre. Eles estavam orgulhosos de conseguirem entrar, mas, cá entre nós, não tinha sido nenhum grande feito. Os pobres cadeados e fechaduras estavam tão velhos que não foram traídos nem pelo barulho que um arrombamento normal poderia provocar.

Agora restava um problema maior. Onde estava Irmã Jeanne? Tanto Lorena quanto Marcos lembravam que ao todo eram dezesseis freiras possuídas, então não havia centenas de pinguins para procurarem. Mas nunca tinham visto Jeanne. Como a reconheceriam? A lembrança salvadora veio de Marcos.

– Ela era corcunda! – sussurrou Marcos. – Quantas freiras corcundas deve haver neste convento?

Chegaram a um corredor que Lorena achou que era dos quartos das freiras. Era o refeitório. Demoraram um pouco, mas o mais importante é que não foram vistos. O silêncio era incômodo, dedurava mesmo os mais leves movimentos dos intrusos. Mas era um convento e não um castelo com sete torres. Depois de algum tempo, encontraram os quartos das freiras. O quarto do fim do corredor mantinha uma distância maior dos outros e Lorena deduziu que deveria ser maior. Por isso, acharam que ali encontrariam a priora de Luçon.

Forçaram a porta e entraram. A mulher que tinha o sono leve, sempre permeado por fantasias e pesadelos, começou a gritar. Felizmente, isso era tão comum no convento que ninguém apareceu para averiguar. Lorena precipitou-se e calou-a com a mão, enquanto Marcos fechava a porta. Sem janelas, quando Marcos fechou a porta toda iluminação desapareceu, deixando os três imersos nas trevas. Um som de cânticos demoníacos foi ouvido e a priora achou que o Inferno abria suas portas para ela. Na verdade, era apenas um faixa do CD *Like a Prayer* de Madonna, onde ela reclama por uma vaga no Céu. Uma forte luz surgiu no rosto da irmã, que se assustou e tentou se livrar, mas Lorena lhe disse para ficar quieta. Só queria lhe falar e ela só precisaria ouvir. Além das palavras, ditas em um francês claro e perfeito, Lorena valeu-se da lanterna como apoio

visual para seu teatro. Tinha que ser convincente, pois era a única chance de Grandier.

– Quem são vocês? Afastem-se, sou uma serva do Senhor, não podem tocar-me!

Lorena virou a lanterna para seu próprio rosto. Encapuzada, tornou-se uma figura tenebrosa diante da assustada Jeanne.

– Cale-se, Jeanne! Eu quero falar-lhe. Você traiu seu Senhor, Jeanne. Entregou-se a desejos e à corrupção, a mentiras e trapanças e está destruindo um homem que é inocente dos crimes de que o acusa.

– Não é verdade... – a madre gaguejou.

– Jeanne, pode enganar os tolos que querem comprar suas mentiras, mas não pode enganar Deus. Ele está vendo o que você está fazendo, Jeanne, e está muito desapontado.

Jeanne começou a chorar. Ela sabia. Sabia que estava errada, sabia desde o começo, mas como voltar atrás agora? Suas lágrimas, seu corpo torto, seu desamor, Lorena a odiava, mas agora, olhando para ela, via que era apenas uma mulher que queria ser amada, ao menos um pouco. Como Lorena... A música demoníaca terminou e depois de alguns segundos de silêncio, uma balada começou. Marcos ia voltar a fita, mas parou quando percebeu que Lorena sentou-se na beira da cama da freira que chorava, deixando a lanterna apontar para uma direção qualquer.

– Jeanne, ouça... Não é tarde demais... Conserte isso, salve Grandier, ou você nunca se perdoará. É sua única chance de redenção.

A priora via o rosto do homem que acusara enquanto suas lágrimas caíam. Nunca o havia visto até então. Era tão belo quanto suas fantasias previram, mas seus olhos eram duros, magoados e acusadores. Ao menos duas pessoas tinham certeza absoluta de que era tudo uma grande farsa: ela e o homem que a encarara. E agora aqueles olhos a perseguiram por toda parte, lembrando-lhe de sua perdição, de seu calabouço, de seu próprio abismo.

– Eu não posso! As pessoas vão ficar furiosas se souberem que eu menti. Não há salvação para mim...

– Então salve ele! Ele não merece isso, Jeanne... E sempre haverá salvação para os que se arrependem. Enfrente a justiça dos homens, Jeanne, mas não condene Grandier... Deixe-o viver.

A madre caiu em prantos no ombro de Lorena. Era apenas uma mulher assustada e infeliz.

Passava das cinco horas e o primeiro galo já cantara quando eles chegaram em casa. Encontraram Marcel sentado à mesa com olhos duros.

– Onde vocês estavam?

A pergunta tinha o tom de acusação esperado. Marcos olhou para Lorena para saber se devia inventar uma maluquice ou contar a verdade. Lorena deu um passo à frente.

– Fomos falar com Irmã Jeanne.

Marcel levantou-se da mesa sem acreditar.

– Vocês foram o quê?

– Cometemos um erro, Marcel – continuou ela. – Só tentamos consertar. Ela é a única que pode parar essa loucura.

Marcel caminhou até ela e olhou-a nos olhos.

– Eu lhe disse que ele ficaria bem, mas você não acreditou. Preferiu fazer as coisas à sua maneira, mesmo quando o que faz apenas piora a situação. Você acaba de arriscar sua vida, a de Marcos e a nossa volta pra casa.

Lorena empinou o nariz, olhos brilhantes e orgulho ferido.

– Se não voltássemos, você poderia ir!

– E você realmente acredita que eu iria sem vocês?

Houve silêncio. O clima era tenso, as vontades, fortes e os desejos, confusos. Marcos caminhou até a mesa.

– Estamos de volta, Marcel. Saiu tudo como o planejado. Jeanne fará alguma coisa e tudo acabará bem. Como deveria ser, não é?

Marcel olhou pra ele e então baixou a guarda.

– Está bem. O que está feito, está feito. Logo, isso não terá mais a menor importância mesmo. Vamos arrumar nossas coisas. Devemos estar prontos.

Logo, o céu cobriu-se de um dourado claro da alvorada e os lampiões foram apagados. Lorena estava na sala quando Marcel trouxe sua mochila. Ao ficar lado a lado com ela, estranhou uma coisa.

– Você está mais alta?

Então ela sorriu e retirou o manto, revelando a armadura que encontrara. Marcos acabara de entrar na sala.

– Ih, que maneiro!!!

– Ficou maluca? O que é isso? – Marcel nem sabia por onde começar.

– Pertenceu ao monsieur Jardanét. Fiz uns ajustes e achei que tinha que usar.

Marcos aproximou-se dela e começou a soltar seu cabelo, descabelando-a.

– Lorena, se você vai se rebelar, faça o serviço completo!!!

Lorena tentou livrar-se dele e, como não conseguisse, deu-lhe um

tapa na cabeça, o que o deixou em choque.

– Lorena!! Você me bateu!!! Você está evoluindo, Lorena! Que bom!!!

Marcel sacudiu a cabeça e foi buscar sua camisa, que não lembrava onde deixara. Aquele lugar estava começando a mexer com sua cabeça. Ao sair, viu o Sol despontando distante, cobrindo de vermelho e dourado as nuvens próximas. Era um espetáculo incrível. Diante dele, Lorena ajeitava o cavalo em uma armadura que refletia os raios do Sol, os longos cabelos castanhos cascadeando sobre os ombros. Ele a olhou e viu como ela estava linda, embora jamais admitiria isso pra ninguém. Sem notá-lo, ela contornou a casa, puxando o cavalo pelas rédeas. Curioso, ele a seguiu e a viu seguindo para o túmulo de monsieur Jardanét. Estavam partindo, era hora de despedirem-se.

Marcos trouxe sua última bolsa e Marcel esperava-o no cavalo, imaginando o que tanto Marcos carregava.

– Está na hora. Cadê a Lorena?

– Acabou de entrar, mas disse que já está saindo.

Marcel começava a preocupar-se com o horário e resolveu que se ela não saísse logo, entraria para buscá-la.

Lorena olhava para aquela casa e nem acreditava que nunca mais a veria. Foi até o quarto e pegou o livro precioso envolto em veludo e a espada. Colocou-a na bainha e abriu o armário, queria ter certeza de que não estava se esquecendo de nada. Afinal, não era o tipo de lugar para o qual pudesse chamar a Fedex, caso esquecesse alguma coisa. Já ia fechar quando reconheceu o tecido da blusa de Marcel, coisa que ele estava procurando desde que começaram a arrumar as coisas. Lembrou como Marcel era do tipo que se apegava a uma camisa como se ela fosse mística ou coisa assim. Pegou a camisa e quando a puxou, algo caiu aos seus pés.

Naquele momento, alguma coisa partiu-se dentro dela. Sentiu que começara a tremer e que não conseguia se mover. Aos seus pés, olhos assustados ardiam entre chamas de onde torres sinistras observavam.

Capítulo XIII

Uma nova olhada no relógio deixou Marcel nervoso. Gritou por Lorena, mas ninguém apareceu. Mesmo Marcos começava a ficar ansioso por partir.

– Eu vou chamá-la.

Marcos entrou na casa e Marcel continuou a esperar. Começou a sentir-se num filme de terror onde as pessoas vão sumindo conforme vão se separando. Ao passar dos minutos, nem um nem outro apareciam.

Marcel entrou na casa e nem mesmo deu-lhe uma última olhada, era como se estivesse deixando um hotel onde teve uma enfadonha reunião de negócios e gritou por Lorena. Não teve resposta, mas logo a viu saindo do quarto em passos decididos.

– O que você es...

Ele não conseguiu terminar a pergunta. Em quatro passos largos ela chegou até ele e acertou-lhe um murro que o fez perder o equilíbrio e cair por cima da mesa. Com a mão no queixo dolorido e tentando se levantar, sem entender o motivo daquela agressão, ele foi puxado pela camisa por ela e empurrado contra a parede. Enfurecido, ele a empurrou gritando:

– Ficou louca, mulher?!

Somente então ele percebeu que o rosto dela estava completamente transtornado, contorcido numa expressão que misturava ódio e dor. Lágrimas desciam pelas faces vermelhas e deixavam transparente o espelho da traição. A porta do quarto se abriu lentamente com uma brisa imperceptível e ele pôde ver Marcos, pálido, lendo um livro cuja capa ele reconheceu como se reconhece o rosto de uma vítima. Marcos levantou a cabeça e olhou pra ele, o rosto duro e o olhar de reprovação, o mesmo espelho das lágrimas de Lorena.

– Você mentiu – ela disse. A voz trêmula, rouca, quase não saía.

– Foi para o seu bem – por algum motivo, Marcel achava que isso justificaria qualquer coisa.

Num impulso ela avançou novamente contra ele, imprensando-o contra a parede e segurando em sua gola, olhando-o de perto.

– Como pôde fazer isso, Marcel?!

Então ela lentamente o soltou e se afastou.

– Lorena, foi melhor assim... Não haveria nada que pudéssemos fazer.

Ela ficou em silêncio. Então ela virou-se para ele. Os cabelos soltos

estavam desgrenhados, alguns fios grudaram-se no rosto e seus olhos estavam cheios de ódio. Não por Marcel, embora ela não soubesse disso naquele momento. Era um ódio retroativo de todas as vezes em que sua vontade fora violentada por alguém que estava invariavelmente fazendo o que “era melhor para ela”, todas as vezes em que vivera uma vida emprestada, porque fizeram-na acreditar que as coisas eram assim mesmo, todas as vezes em que lhe tiraram algo que queria fazer porque alguém sempre acreditava que ela nunca sabia o que estava fazendo. E por todas as vezes em que ela abaixou a cabeça, anulou-se e disse “sim”.

– Temos que ir agora.

Ela o ouviu falando. Ele não entendia. Ele nunca entenderia o que estava fazendo. Ela caminhou até ele e olhou-o no fundo dos olhos. E então saiu porta afora, aumentando os passos até estar correndo. Ouviu seu nome ser chamado, distanciando-se conforme aproximava-se do cavalo negro de salamandras dançantes nos olhos. Ouviu previsões gritadas da casa de que acabaria se matando, de que não podia fazer isso e apenas correu mais, com medo de as palavras a alcançarem e arrastarem de volta para aquele lugar escuro de onde estava fugindo. Viu suas mãos enluvadas, brancas e reluzentes quase cegarem-na com o Sol que se levantava, quando apoiou-as na sela. Pegou as rédeas e viu Marcos parado à porta, segurando o livro e olhando-a impassível, como se fizesse parte de um sonho. Marcel corria em sua direção, para impedi-la de qualquer jeito, gritando seu nome e suas profecias terríveis. Puxou as rédeas e esporeou o cavalo, correndo com o vento que penteava os cabelos e secava as lágrimas, os olhos ardendo com o dourado que se tornava luz.

Para trás ficava o portal e junto com ele tudo o que ela conhecera e amara. À sua frente, a estrada de terra cercada por montanhas verdejantes traziam-lhe as imagens do passado, agora mais presente do que nunca, que Marcel tentara esconder.

Quando a Lua banhou-se de vermelho na noite anterior, renunciando ventos fortes para o dia seguinte, ventos esses que já haviam começado enquanto Lorena cavalgava em direção à cidade, Irmã Jeanne tentaria se enforcar no pátio, confessando que fora tudo uma invenção, que Grandier era inocente, que estavam destruindo um homem que nunca lhe fizera mal algum. A culpa, terrível e devastadora, atingira sua consciência como uma faca. Em lágrimas, a freira pediu perdão a Grandier e colocou uma corda em volta do pescoço no alto de uma velha árvore morta no pátio do convento. Impedida por algumas freiras ursulinas que haviam acordado

com sons de passos e murmúrios nos corredores, Jeanne foi levada de volta ao seu quarto. Lorena nem imaginava que sua visita tocara tão profundamente a priorosa. Teria sido o bastante para salvar Grandier. Teria sido fácil acreditar em Marcel.

Porém, como Jeanne, os inimigos do padre também tinham ido longe demais. O advogado que cumpria as ordens do Cardeal, Laubardemont, estaria acabado se falhasse. O chefe de polícia Hervé enfrentaria sérias acusações se descobrissem que cada prova daquele caso fora forjada, que cada testemunha fora comprada e que a possessão das ursulinas não passara de um ataque histérico motivado por terceiros. Louis Trincant, o promotor público, já afastado da função por causa de uma antiga tentativa de acusação falsa contra o pároco, podia esperar uma punição tão severa na reincidência de seu crime que era certo que o castigo se estendesse a sua família, o que muito preocupava seu genro e sucessor no cargo, Louis Moussaut que, desde que casara com uma densorada Phillipe em troca do cargo de Trincant, trabalhara incansavelmente na destruição do pároco. Mannoury, o cirurgião que se deliciara em torturar e humilhar o padre ao procurar as supostas marcas satânicas e fraudara o resultado, na certa seria preso e, no mínimo, não mais poderia fazer suas sangrias, pois seria afastado da Medicina. O cônego Mignon teria que se entender com a Justiça por ter engendrado os ataques demoníacos e incitado cada freira a dar seus espetáculos humilhantes diários. Em suma, era muita gente a perder muito.

Irmã Jeanne foi levada de volta à cela e Trincant, Moussaut, Laubardemont e Mannoury foram chamados por Mignon no meio da madrugada e, lá chegando, deram sua versão oficial dos fatos. Os passos e murmúrios ouvidos eram do próprio Grandier, que através da mais negra magia apresentara-se à Jeanne e ordenara-lhe que confessasse e se matasse. Tudo não passava de mais um ardil do demônio para tentar confundi-los. Logo, as freiras estavam contando luxúrias e recados românticos pretensamente ditos pelo padre. Jeanne, porém, recusou-se a participar do velho jogo. Foi então confinada em seu quarto – ou cela, como chamavam – até que mudasse de ideia. Ela poderia ter morrido lá, e não mudaria o destino do jovem pároco.

Urbain Grandier esperaria com fé cega a justiça que não viria. Ele nunca seria perdoado pelos crimes que sequer cometeu. Todas as tentativas de mostrar a farsa de seus inimigos fracassariam, não que ela não fosse evidente. Várias pessoas idôneas que presenciaram as fraudes e as mentiras e fizeram seus relatórios alertando sobre o circo cruel que se formava naquela cidade seriam solenemente ignoradas. Richelieu, o

homem que o padre humilhara propositalmente anos antes, era agora o homem mais poderoso da França. Em suas mãos repousariam os pedidos em favor de Grandier e ele os recusaria. O Rei Luís XIII ainda tentaria atender aos pedidos orquestrados pela Sra. Grandier e seus advogados, mas seria convencido a voltar atrás pelo cardeal, que sempre o manipulara como uma marionete. A Lei, cega pelo ódio, faria-se cumprir. Seria condenado a morrer na fogueira na Place Sainte-Croix, diante da casa de Louis Trincant, onde passara agradáveis momentos com o amigo, onde seduzira sua filha, onde ganhara seu ódio eterno. Os médicos Mannoury e Forneau seriam chamados para preparar o acusado para a execução. Grandier faria um comentário sarcástico a Mannoury sobre suas proezas com a agulha, deixando-o tão constrangido que o médico deixaria a cela correndo. Forneau, convencido da inocência do padre, lhe pediria perdão pelo que teria que fazer. Grandier foi novamente despido, nova humilhação, e depilado totalmente. O cônego Mignon, conhecido por sua feiúra agravada por uma horrível corcunda, veria com euforia os fartos cabelos negros do homem cuja beleza invejara caírem ao chão. Mignon mandaria também raspar suas sobrancelhas. Forneau e Grandier olharam-no com espanto. Mignon insistiu. Queria ver aquele belo rosto que as mulheres amaram transformado em um desenho inacabado. Forneau argumentou, mas não conseguiu dissuadir o corcunda. A contragosto, faria o ordenado. Então Mignon ordenaria que lhe arrancassem também as unhas. Dessa vez, o médico recusou-se. Mignon insistiu enfaticamente, não compreendendo a postura do médico.

– É um feiticeiro! – disse.

– Antes disso, é também um homem – retrucou o médico.

Irritado, Mignon desistiu, mas sabia que o padre em poucas horas estaria em suas mãos. A falta de provas contra Grandier fazia necessária uma confissão para que seus inimigos não ficassem malvistos pela cidade, que já falava da inocência do padre. Era preciso tornar a mentira oficial em verdade.

O padre foi vestido em uma camisola e levado ao Palácio da Justiça. La Grange, O chefe da guarda, anotaria tudo o que se passasse ali, incluindo os belos discursos e as orações fervorosas e piedosas de Grandier. Laubardemont iniciaria então uma série interminável de pedidos para que o réu confessasse, indo das ameaças até a chorumelas cheias de falsa piedade. Ordenou-se que esvaziassem a sala. Apenas Grandier, seus guardas, os frades, os juízes e algumas autoridades da cidade ficaram. O comissário Hervé desamarrou as mãos do jovem, deu-lhe uma pena

embebida no tinteiro e ofereceu-a a Grandier. Este recusou. Não confessaria um crime do qual era inocente. Insistências não resultaram em nada. Furioso, Laubardemont mandou que o levassem para cima, para a câmara de torturas. Impassível, Grandier foi levado. Ele pediu a presença do padre Ambroise, mas este, por tê-lo visitado sem permissão, fora mandado sair da cidade. Então pediu a presença do padre Grillau, diretor dos franciscanos, mas eles sabiam que Grillau era também amigo do padre e recusaram o último pedido de um condenado. Se ele quisesse conforto da Igreja, podia recorrer aos padres Tranquille e Lactence. Esses dois osquestraram todas as tramas contra o pároco, participaram pessoalmente da vivisseção com as agulhas e atormentaram-no o quanto puderam. Grandier percebeu que não queriam só destruir seu corpo, queriam partir sua alma. Mas não conseguiriam. Levado à sala de torturas, Grandier foi deitado ao chão e amarrado. Uma máquina que esmagava as pernas do acusado começou a funcionar. Gritos horríveis foram ouvidos enquanto cunhas eram colocadas e as pernas do padre iam sendo quebradas. Seus agressores gritavam histéricos por uma confissão, mas tudo que ouviam eram murmúrios. Lactence inclinou-se, ávido e desesperado por uma confissão.

– Deus, Deus, Deus, Deus... Não me abandoneis, não permitis que essa dor me faça Vos esquecer...

Quando bateram pela segunda vez a quarta cunha, vários ossos dos pés e tornozelo se quebraram. Com a alma partindo-se numa dor que nunca imaginara existir, Grandier desmaiou por alguns minutos. Mignon gritava para que batessem mais. Grandier voltou a si ouvindo seus gritos de “Bata! Bata!” Virou-se para ele e perguntou num murmúrio cansado:

– Padre... Onde está a caridade de São Francisco?

Com certeza não estava ali. Mignon continuou gritando, ignorando o torturado. Tomou a marreta das mãos do carrasco e ergueu-a furiosamente. Goethe escreveu certa vez que não há nada mais assustador que a ignorância em ação e não há animal mais pré-disposto à ignorância do que o homem.

– Fale!!! Fale!!!!

Grandier apenas olhou para o frade com olhos brilhantes, as lágrimas banhando-lhe as faces. Então fechou os olhos e virou o rosto.

– Torture-me o quanto quiser... Em mais alguns instantes, isso não fará a menor diferença.

E outra martelada foi ouvida.

O carrasco revezou com um ajudante. Tranquille tentou convencer o

padre a fazer a coisa certa, a poupar-se de um sofrimento inútil e ainda aproximar-se novamente de Deus. Bastava que confessasse. Grandier perguntou-lhe se ele realmente acreditava que um homem devesse, em sã consciência, confessar um crime que não cometeu apenas para livrar-se da dor.

Enfim, o pároco disse em um sussurro cansado que estava pronto para confessar seus pecados reais. Todos fizeram silêncio à espera da confissão redentora, não para Grandier, mas para eles. Ofegante, com dores inimagináveis, o padre finalmente disse:

– Fui um homem que amou as mulheres...

Não era aquilo de que precisavam. O amor não era o pecado que buscavam. Precisavam da feitiçaria, dos tratos com o diabo, dos *sabats* e *esbats*, dos sacrifícios e orgias em nome de Satã. Isso nunca ouviriam.

Depois da oitava cunha, o que já era uma tortura fora do comum, Grandier desmaiou novamente. Quarenta e cinco minutos de martírio e todos os ossos do joelho, canelas, tornozelos e pés quebrados, esse foi o saldo do interrogatório das autoridades. Laubardemont ordenou que o levassem enquanto deliberavam. Hervé tentou erguê-lo com violência e o padre gritou de dor. La Grange afastou o comissário com um olhar de reprovação e segurou o padre, levando-o para a cela com um pouco mais de humanidade. Era verão, um dia quente de agosto, mas o padre estava tremendo e suando frio, em choque profundo. La Grange cobriu-o com um cobertor de lã e deu-lhe um copo de vinho. Enquanto Hervé, Laubardemont e os outros combinavam sua versão, as anotações de La Grange, quase confiscadas por Tranquille, contavam a verdade, que seria corroborada por outras testemunhas idôneas da tortura. Se não fosse por essas pessoas, Grandier teria talvez partido como um devasso que falava no demônio e recusava a cruz mesmo em meio às piores torturas.

Uma multidão formou-se em volta da fogueira. Para desespero de seus acusadores, Grandier conquistara a simpatia da platéia ao ser abraçado pelo padre Grillau. Os dois homens choraram juntos e Grillau deu-lhe um recado de sua mãe. Ela estava com ele em espírito, rezando à Nossa Senhora. Arrastado de volta, Grandier foi sentado em um banco de ferro e amarrado ao poste. Olhou para a janela da casa onde passara momentos tão bons. Trincant fez-lhe um brinde e Thibault, ao lado de

Mignon, acenou-lhe como se cumprimenta um velho amigo do outro lado da rua. Phillipe não estava lá. Nem seu filho. Gostaria de tê-los visto uma última vez. A amargura e o remorso fizeram-no baixar os olhos, quando uma mão pousou em seu ombro. Era La Grange. Ele pediu-lhe perdão pelo que estava sendo obrigado a fazer, mas prometeu poupá-lo da última agonia. Dar-lhe-ia momentos para um último discurso antes da fogueira ser acesa e então o enforcaria. Grandier agradeceu e La Grange mandou que um soldado fizesse um laço com uma corda.

Mas Lactence e os frades começaram a fazer exorcismos, não deixando que o padre falasse. Cada vez que tentava dizer algo, jogavam-lhe água benta no rosto ou davam-lhe golpes com crucifixos de ferro. Quando Grandier tentava se esquivar, gritavam para a multidão silenciosa que o pároco estava rejeitando Cristo. Lactence ainda pedia pela confissão. Grandier, mais uma vez, disse que não havia nada para confessar.

– Dê-me logo o beijo da paz e deixe-me morrer.

Lactence se afastou, mas a multidão começou a exigir que ele fizesse aquele ato cristão. Constrangido, ele o fez. Deu o beijo da paz em Grandier, encerrando aquele macabro ritual cristão que chegou a ser tão comum. Uma voz surgiu na multidão.

– Judas!

E depois outra. E logo havia um coro de acusação chamando-o de Judas. Irritado, Lactence colocou um feixe de palha acesa no rosto do padre e exigiu uma última vez.

– Confesse que é um servo do demônio! Confesse agora! Restam-lhe apenas alguns momentos de vida!

Sem sequer assustar-se com as chamas tão próximas de seu rosto, Grandier olhou para o padre e disse firmemente:

– Apenas alguns momentos... Apenas alguns momentos e então estarei sendo julgado de forma justa e respeitável. No mesmo julgamento, reverendo padre, ao qual em breve será chamado.

Lactence estremeceu, acusado por aqueles olhos profundos do homem que ele torturara sem piedade. Jogou o feixe de palha com ódio num canto e uma pequena faísca confundiu-se com o brilho do Sol. Tranquille pegou um feixe em chamas e jogou na fogueira. Grandier ouviu os ruídos do crepitar do fogo atrás de si e voltou-se para La Grange.

– Foi isto que me prometeste?!!

La Grange gritou para os frades que parassem e tentou apagar o fogo que começara a se espalhar rapidamente. Procurou o laço feito por um soldado, mas um dos frades havia dado vários nós e inutilizado a corda. A

multidão gritava para que o estrangulassem, mas uma barreira de fogo entre La Grange e Grandier se formara e um grito foi ouvido.

Uma mosca do tamanho de um besouro chocou-se contra o livro de Lactence. Tosses vieram da fogueira e os frades sentiram-se enganados. O feiticeiro fugia da dor das chamas para morrer sufocado! Jogaram um balde de água benta no meio da fogueira. A voz de Grandier foi ouvida e o silêncio era um manto gélido naquele dia quente.

– *Deus meus... miserere mei Deus... perdoai-os, perdoai meus inimigos.*

A tosse recomeçou. As cordas partiram e Grandier caiu sobre as brasas enquanto o fogo erguia-se ao céu azul. Um bando de pombos brancos que estavam empoleirados na igreja partiu em revoada e começou a circular sobre as torres de fogo. A multidão e os guardas tentavam espantá-los, mas eles prosseguiram voando em círculos, chamuscando suas asas, mergulhando na fumaça, desafiando as chamas como se elas não estivessem lá.

E era com essas imagens na mente, com esses sentimentos no coração, que Lorena entrou na cidade, o rosto duro, o cabelo esvoaçando como asas sob os tropéis do cavalo negro. Quando saiu da casa de Jardanét, ela tinha acabado de vivenciar o Inferno da crueldade humana. Quando entrou em Loudun, Lorena era a imagem do demônio.

Capítulo XIV

Há uma coisa na América Central conhecida como “fúria”. Um cara normal está cortando pão quando de repente pega a faca e mata a mulher, os filhos, o cachorro, o vizinho e sai matando todo mundo que encontrar pela frente até ser impedido por uma bala. Talvez fosse essa a única coisa que explicasse como uma moça tímida que nunca levantava a voz para ninguém entrou como uma tempestade na cidade, gritando que saíssem da frente, não se importando com aldeões que começavam lentamente o seu dia e andavam pelas ruas. Muitos saíram da frente apavorados, outros, mais lesos, foram jogados de lado com lombadas do cavalo. A poeira subia e as pessoas olhavam assustadas o estranho cavaleiro que parecia, pelas vestes, ser alguém importante.

Diante da casa de Mignon, a velha casa de pedra onde já estivera antes, ela parou. Na porta, dois guardas sonolentos colocados por Hervé olharam intrigados. Ela desceu do cavalo e começou a caminhar na direção deles. Mostraram suas armas e pediram que se identificasse. Não houve resposta.

– Cavaleiro, quem és? – insistiram.

Ela continuou. Seus lábios se mexiam, mas eles não compreendiam uma palavra.

– *Cavaleiro, quem és? Que mistério...*

Em guarda, os homens se prepararam. Laubardemont tinha dado ordens expressas para que ninguém passasse, mas até agora nenhum estranho tinha tentado. Lorena tinha os olhos fixos, como se não existisse nada naquele momento além da porta pela qual tinha que passar. O vento aumentou e levantou nuvens de poeira, enquanto seu cabelo rebelava-se como se fosse um reflexo de sua alma, fazendo curvas e elipses como se tivesse vida própria. Ela puxou a espada da bainha. Seus lábios continuavam a se mexer.

– *Quem te força da morte do império pela noite assombrada a vagar...?*

O primeiro guarda adiantou-se para interceptar o invasor. E foi dela o primeiro golpe. Havia tanta fúria que o pobre guarda espantou-se ao se pegar dando passos para trás diante de sucessivos golpes, perdendo o equilíbrio.

– *E o fantasma responde...* – diz ela, a poesia embalando sua luta insana.

Nesse momento, o guarda olhou-a atônito. O outro já vinha em seu auxílio quando disse:

– É uma mulher!

O outro parou por um instante, confuso, mas então partiu para o ataque.

Ela o recebeu com a mesma fúria. Subitamente entendia cada movimento que seu antigo professor nunca conseguira lhe ensinar. Entendia cada linha do livro da família de Jardanét. Era como se tivesse passado anos tateando no escuro, imaginando os móveis que estavam numa sala escura. Ia andando, esbarrando e por vezes caindo, apenas para pensar: “ah... Aqui tem um sofá! E aqui tem uma mesa!...” Agora, todas as luzes se acendiam ao mesmo tempo. Não estava mais tateando no escuro.

O segundo guarda recuou. Ela parou, dando-lhe uma chance que não duraria pra sempre.

– *Sou o sonho de tua esperança...*

Ela continuava falando, e eles não compreendiam uma palavra sequer. Era uma língua estrangeira, de um país que mal havia nascido, recitando palavras de um poeta que ainda não existia. Ele avançou para a mulher que mantinha a espada erguida em sua direção, talvez para cumprir seu dever, talvez para defender seus brios. Um movimento rápido e o jovem guarda caiu, cuspiendo sangue. O outro levantou-se do chão e correu apavorado.

– *Tua febre que nunca descansa...*

Olhando apenas a porta fechada diante de si ela avançou, ignorando os gritos que ecoavam pelas ruas. Usou a espada e forçou a entrada. Um pontapé foi o bastante para que a porta cedesse. Não houvera qualquer tentativa de fuga até então e os guardinhas inexperientes colocados à porta já eram considerados uma excentricidade. Não havia trancas especiais ou complicadas que impedissem a passagem, estavam mais interessados em aumentar o desconforto do prisioneiro do que em evitar uma improvável fuga. A porta escancarou-se e ela se viu diante da pequena ante-sala escura e úmida em que já estivera.

– *O delírio que te há de matar..**. – entrou e riu sozinha. – A partir de agora, não haverá mais portas que eu não possa abrir e eu mesma prepararei meus biscoitos!!!

Olhou para as escadas abaixo, mas sabia que Grandier deveria estar

em seu quarto no sótão, não na sala de torturas em que estivera antes. Estava subindo as escadas quando deparou-se com a Sra. Bontemps. Ela descia para ver o motivo do burburinho quando se deparou com o que julgou ser uma aparição. Ela ia gritar, mas não deu tempo. Foi puxada pelo pescoço e jogada com violência escadas abaixo. Quando rolou o último degrau, não se mexia mais. Sem sequer olhar para trás, Lorena continuou em seu caminho, não sentindo os degraus sob seus pés, imersa no ar úmido e pesado da casa, fazendo parte de um sonho do qual assumira o controle. Era outra pessoa.

Ouviu Bontemps, o carcereiro mentiroso, chamar pela mulher. Ele já se colocara a caminho para ver o que aconteceu quando a viu surgir, uma visão estranha e assustadora, saindo das escadas e virando-se em sua direção sem alterar um fio de olhar, como se nada pudesse existir entre ela e seu objetivo.

– Quem é você? Quem o deixou entrar?

As palavras dele pareciam a ela sons de um ambiente desconhecido e patético, como o coaxar de sapos em um pântano. Em sua cabeça, vários versos de Álvares de Azevedo embalavam sua estranha loucura, como música em uma noite de delírios. Ele olhou a espada manchada de sangue e deu um passo atrás. Então virou-se e correu para uma pequena mesa onde estava sentado, procurando algo em uma gaveta. Quando ergueu-se de novo, tinha uma pistola fosca e grande, algo tão antigo que parecia roubado de um antiquário. Apontou para o estranho cavaleiro de traços finos como os de um anjo e olhos faiscantes como se corresse neles um fio de pólvora. Gritou ameaças, mas não houve um segundo de hesitação por parte do estranho cavaleiro. Seus passos continuaram na mesma cadência.

A explosão do tiro o fez piscar e a fumaça que se formou embaçou sua visão momentaneamente. Quando abriu novamente os olhos, a fronte suada e as mãos trêmulas, viu a figura diante dele, no mesmo caminho, erguendo a espada e girando-a para adequá-la melhor à mão enluvada. Bontemps estava paralisado. Aquele tipo de pistola só possui um tiro. Se vai usá-la, é bom que acerte. Olhou para a pólvora sobre a mesa. Quando olhou para frente, a espada atravessava seu pescoço. A pistola caiu no chão, ele caiu de joelhos, as mãos enchendo-se de sangue segurando o próprio pescoço, a respiração interrompida, os olhos vidrados. Sua última visão foi sua assassina observando-o cair sem deixar de acompanhar com mórbida indiferença seu último olhar. Então a cavaleira abaixou-se e apanhou as chaves presas em seu cinto, levantando-se em seguida e prosseguindo em seu caminho, não lhe dispensando mais qualquer atenção.

E então ela estava diante da porta. Um enorme cadeado foi aberto com uma das chaves. Então mais duas pesadas trancas foram giradas e abertas. A porta rangeu ao ser empurrada e a escuridão lá dentro era total, não fosse a luz que agora entrava pela porta aberta, desenhando a silhueta esguia parada diante dela. Em um canto escuro, um vulto mantinha-se inseguro, envolto em sombras. Ela deu um passo à frente e deixou-se reconhecer. Então ele também deu um passo à frente, entrando na luz. Os olhos surpresos, mas alquebrados, o corpo abatido, mas um brilho difuso e sutil que ela não pôde identificar: esperança.

– Eu estava errada – disse ela, ouvindo sua própria voz como quando recitava para a classe e professores uma poesia em um livro. – Eles vão condenar você. Vão torturá-lo para que confesse e então vão arrastá-lo em praça pública até a fogueira, onde você será queimado vivo.

Ele empalideceu, o brilho desapareceu e ele pareceu perder o equilíbrio momentaneamente.

– Por isso eu vim.

Ele a olhou. Era a proposta que fazia. Se ficasse, morreria. Se partisse com ela, poderia ter uma chance, mas não havia garantias. Ela estendeu-lhe a mão. Ele deu um passo a frente e a segurou. Era a primeira vez desde que saíra da casa de Jordanét que Lorena “sentia” alguma coisa. Era como se lentamente o frenesi desse lugar à consciência e ela comesse a sair do torpor em que mergulhara tão profundamente, ouvindo os versos de antigos poemas, que ocupavam sua mente para embotar sua própria voz perguntando o que estava fazendo. Estava saindo do fundo do mar azul e o toque quente da mão de Grandier era o que a estava trazendo de volta para a superfície.

Desceram as escadas e chegaram à porta principal. Ao abri-la, o choque os atingiu como um soco no estômago. A rua estava repleta de soldados e guardas armados com bestas e alabardas. Em cavalos, Hervé e Trincant avisavam que os queriam vivos, mas não hesitariam em atirar se resistissem. Olharam à volta, onde curiosos observavam das janelas. Era isso, então. Era o fim. Grandier abaixou-se lentamente e pegou a espada que o guarda ferido largara. Ao menos ali, poderia enfrentar o ódio de seus inimigos. Cambaleou, mas tentou disfarçar. Não estava em condições de lutar, já era um milagre que estivesse andando, mas há uma urgência que desperta dentro de nós que pode fazer milagres. No caso de Grandier, era a urgência de sair dali, de jamais voltar a cair nas mãos de seus inimigos, de não deixar-se matar indefeso. Lorena o olhou e o viu apertando o cabo da espada com determinação, mas via a lâmina tremer. Se era o fim para eles,

estava tudo bem então. Que fosse um fim honesto, ao menos. Ergueu sua espada e esperou.

De repente, um estrondo fez todos estremecerem. Confusos, os guardas não sabiam o que causara uma explosão a alguns metros deles e antes que percebessem outra explosão fez alguns homens gritarem e saírem de suas posições. Os cavalos de Hervé e Trincant assustaram-se e eles tentavam controlá-los enquanto gritavam para os homens manterem suas posições. Outra explosão e o caos era completo, com soldados e civis correndo como baratas nas ruas. Uma casa começou a pegar fogo. Por trás da casa em chamas, Marcel corria com o cavalo castanho, carregando em uma das mãos uma chama viva que ao ser jogada transformou-se em mais pânico. Do outro lado, Marcos corria e jogava as garrafas com querosene e um pedaço de sabão, com um trapo aceso nas pontas.

Lorena ficou momentaneamente congelada ao reconhecê-los, mas flechas em sua direção fizeram-na voltar à realidade. Alguns guardas, obedecendo às ordens do comissário, avançavam. Ouviram-se alguns disparos. Ela procurou a velha fúria dentro dela e não havia mais nada, a não ser uma boa dose de pânico. Defendeu-se como pôde e viu que Grandier lutava a seu lado. Ele estava cansado e muito fraco, mas era um exímio espadachim e mesmo em evidente desvantagem física ainda era um rival perigoso. Lorena viu seu cavalo, solto, na lateral da casa.

– Pegue o cavalo!

Lorena estava completamente perdida. De repente, voltara a ser a mesma Lorena Lagarta de antes, desajeitada e precisando ser salva. Uma pontada em seu braço a fez olhar nos olhos do jovem soldado com quem brigava. A dor da ponta da espada do oponente foi como um grito em seu ouvido. Olhou para seu braço com a mancha vermelha crescente e quando olhou para o jovem soldado que estava diante dela, ele hesitou. Aquele olhar era como os segundos de silêncio que precedem o bote fatal de uma cobra. Com o rosto contorcido e um grito furioso, ela investiu contra ele e esqueceu-se completamente de Grandier, de Marcel, de Marcos, de tudo. Naquele momento, só havia ela e aquele desconhecido que recuava e tentava evitar golpes caóticos e desordenados de um oponente improvável, uma mulher vestida como um cavaleiro da Guarda Real. Dois outros soldados se aproximaram e ela simplesmente os atropelou, prosseguindo em seu caminho para o homem que a ferira. Ela não se importava com as chamas que assustavam os cavalos e guardas, o mundo se resumia no jovem diante dela.

Ele caiu no chão e ela ergueu a espada. Ele ergueu as mãos em

posição de defesa, a boca aberta em um pedido de clemência, enquanto a espada enterrou-se em seu estômago. O rapaz gritou e fechou os olhos com a dor e ela petrificou. Retirou a espada e levantou-se enquanto o soldado contorcia-se em dor. Era só um garoto... Olhou em volta e o vento espalhava as chamas, o caos era trazido pelas patas dos seus cavalos. Perdida, a espada banhada de vermelho tocava o chão poeirento e ela não sabia mais o que estava fazendo. Uma sombra negra acercou-se dela e um braço forte puxou-a para o cavalo. Grandier colocou-a diante de si e o enorme cavalo negro refletia em seu pêlo brilhante o fogo que ainda ardia na cidade.

Afastavam-se da multidão, mas um homem num cavalo os perseguia de perto. Um chicote enroscou-se como uma serpente no pescoço de Grandier e ele foi puxado para trás com extrema violência, caindo do cavalo, que continuou com Lorena. Ela olhou para trás e o viu no chão enquanto o outro homem descia do cavalo e puxava o chicote. Esquecendo-se do jovem guarda que deixou sangrando no chão, recuperou o controle do momento e puxou as rédeas.

– Você nunca vai escapar, desgraçado, nem que eu vá te buscar no inferno! – o homem estava louco de ódio.

Grandier tentava recuperar o fôlego e levantar-se, mas um chute no estômago o fez ficar no chão. Sentiu que o homem o segurava, que estava tentando levá-lo de volta. Puxou com violência o chicote, arrancando-o das mãos de seu agressor, e avançou contra ele. O homem era forte e grande e o ataque não surtiu grande efeito. Tropéis chamaram a atenção do oponente de Grandier, mas quando se virou não houve tempo de desviar do cavalo e cavaleira que tentou enfiar-lhe uma espada. O homem rolou pelo chão sentindo o ombro doer. Quando se levantou, viu a mulher dando a mão para Grandier, que mais uma vez escapava de suas mãos. Levou a mão ao ombro sentindo o sangue do que lhe pareceu um arranhão.

– Vou te caçar e te matar em um canto qualquer, Grandier, como se mata um cão raivoso, eu juro! – disse o homem.

O padre já estava no cavalo, que rodopiava enquanto Lorena recuperava o controle das rédeas.

– Por que tanto ódio, Hervé?

O comissário não respondeu e não houve tempo para mais nada, enquanto eles partiram, deixando Hervé na estrada deserta e, atrás de si, uma cidade em chamas.

Com a velocidade que as patas negras do cavalo permitiam, deram uma grande volta, passaram por um lago, tudo para despistar. Ela não vira

Marcel e Marcos e rezava para que tivessem conseguido sair da cidade. Encontrou a casa de Jardanét vazia. Amarrou o cavalo nos fundos, onde não seria visto por curiosos e fofoqueiros e entrou. Chamou pelos amigos, mas ninguém respondeu. Seu coração disparou e seus olhos encheram-se d'água. Grandier olhava a moça sem poder ajudar. Não demorou muito para que tropéis na estrada de terra trouxessem de volta os bons augúrios. Grandier olhou da janela e reconheceu um dos cavaleiros que o ajudava. Era Marcos. Lorena correu e abraçou-o como se não o visse há anos.

– Onde está Marcel? – perguntou ela.

– Nós nos separamos. Tínhamos que despistá-los.

Percebendo sua aflição, Marcos procurou tranquilizá-la.

– Ele já deve estar chegando. Vamos esperar lá dentro.

Nessas horas, minutos passam muito lentamente, como se fizessem de propósito. Mas não demorou muito e um terceiro cavalo chegou. Marcos estava à espreita na janela.

– É ele!

Quando ele passou pela porta, Marcos o cumprimentou animado, feliz por ter o amigo de volta com vida. Então ele viu Lorena parada diante dele. Sem uma palavra, ela caminhou até ele e o abraçou.

Capítulo XV

Havia tanto o que falar e, no entanto, ninguém falava uma palavra. Grandier, pálido e fraco, finalmente chegara ao fim de sua determinação em ficar de pé. O padre cambaleou e Marcos o amparou para que não caísse. Lorena e Marcos o colocaram no quarto e prestaram-lhe cuidados enquanto Marcel preparou uma sopa quente e forte que Grandier tomou com prazer. Estava um pouco febril e logo depois caiu em um sono profundo. Eles o deixaram dormir e, assim que saíram do quarto, Marcos tentou dissipar a preocupação do rosto de Lorena.

– Ele vai ficar bem. Só está fraco.

Lorena sorriu. Não negava que seus pensamentos estacionavam em Grandier enquanto vagueavam, mas ele não era sua maior preocupação no momento. Na sala, Marcel servia sopa para todos. Eles sentaram-se em silêncio e começaram a tomá-la. Até que Lorena jogou a colher no prato.

– Por que fizeram isso?

Marcos e Marcel se entreolharam e Marcos meteu uma enorme colher de sopa na boca. Marcel olhou para o próprio prato procurando um pedaço de legume.

– O que esperava que fizéssemos? – murmurou.

De fato, quando Lorena desapareceu na relva distante, Marcel olhou perdido para Marcos. O que deviam fazer? E foi então que Marcos disse as palavras fatídicas... “Sabe?... Eu tenho um plano”.

Lorena sentiu uma fisgada no braço esquerdo e fez uma careta. Somente então Marcel notou uma pequena mancha vermelha na cota de metal, invisível antes com as ombreiras que ela já havia removido.

– Grandier se feriu? – perguntou, acreditando que o sangue não era dela.

Ela olhou para o braço enquanto respondia vagamente um “não”, despreocupada com aquela pequena fisgada.

Marcel levantou-se e deu a volta na mesa para verificar.

– Você não viu isso antes? – perguntou ele, em tom de reprovação como se ralhasse com uma criança que chega em casa com os joelhos ralados.

– Não é nada! Só um arranhão.

Ela não havia terminado a sopa, mas ele insistiu que cuidassem daquilo imediatamente. Marcel foi até a cozinha e voltou com alguns panos e uma tigela com água. Não havia muito o que pudesse fazer sem os medicamentos a que estava acostumado e esperava que fosse realmente somente um arranhão, porque não poderia cuidar de nada além disso. Ela já havia retirado a malha com a ajuda de Marcos e ficou apenas com uma blusa branca de longas mangas fofas até o pulso. Esta tinha uma grande mancha vermelha e um pequeno rasgo. Ela se sentou e Marcel aumentou o rasgo e limpou o ferimento. Se ela estivesse com roupas comuns, teria provavelmente um ferimento gravíssimo. Mas a cota absorveu a maior parte do impacto, deixando passar apenas a ponta da espada inimiga. O pequeno corte sangrara bastante, mas não tinha gravidade. Uma mancha roxa começava a formar-se à sua volta. Lorena olhou para o ferimento sendo coberto por faixas e lembrou que os fatos que cercavam aquela pequena ferida não seriam tão facilmente curados ou cobertos. Seu rosto pesou e ela se envergonhou.

– Não precisa se preocupar – disse Marcel, percebendo sua expressão. – teve sorte, vai ficar boa!

Lorena voltou a si e deixou seus remorsos para depois. Um trovão ressoou longe. Os ventos agora traziam pesadas lágrimas do céu escurecido e a luz abandonava aquela região no princípio de tempestade. Foram até os fundos e recolheram os cavalos no pequeno estábulo, que faziam companhia à velha vaca magra e ao pangaré amarelo. Lorena e Marcos espantaram os outros animais para dentro e, quando entraram, a chuva caía com toda a força. Lorena olhava pela janela. O céu estava negro, parecia noite, apesar de não passar de meio-dia. Os raios dividiam o céu e iluminavam as colinas. Os trovões soavam cada vez mais perto.

– Nossa... – murmurou. – Parece que cometemos um grande pecado...

– Isso será ótimo! – disse Marcel, se aproximando da janela com olhos analíticos. – Qualquer pista que tenhamos deixado será apagada. Além do mais, eles não terão como fazer nenhum tipo de busca enquanto essa tempestade durar.

– Isso nos leva a um assunto muito interessante! – Marcos puxou uma cadeira e sentou-se. – O que faremos? Somos criminosos! Resgatamos um feiticeiro, incendiamos uma cidade e deixamos um monte de gente muito zangada! Talvez devamos pensar em fugir!

– Fugir? – Marcel foi até ele com os braços abertos e uma expressão de quase desespero. – Fugir pra onde?!

– E se houver outro portal?

Eles se voltaram para Lorena, que continuava vendo a chuva lá fora. Ela se lembrava de como tinha medo de trovões quando pequena e como gostaria de poder se enfiar debaixo de um cobertor em seu quarto agora.

– Gerard nos ajudou uma vez – disse Marcos, percebendo que Lorena estava vivendo um processo e não parecia estar propensa a ideias brilhantes. – Pode nos ajudar de novo! E se houver um outro portal? E se esse mesmo portal que perdemos se abrir em outro dia? Sei lá! Vale a pena tentar!

Marcel pensou um pouco.

– Como voltaremos à cidade agora? Aquilo lá deve estar infestado de guardas e soldados, todos procurando por nós!

– Peraí, Marcel! – Marcos argumentou – Nós somos espertos! Somos mais espertos que essa gente! Podemos ir lá sem que nos vejam!

– Muito bem, McGuyver! – concordou Marcel. – Como faremos isso? Estou curioso!

– Bom!... Eu vou ter que pensar num plano!... Até os gênios precisam de tempo, sabia?

Ele se levantou e foi decidido pra cozinha.

– Pra onde você vai? – perguntou Marcel.

– Pra cozinha! Vou fazer um pão, ou um bolo, sei lá! Penso melhor se estiver cozinhando!

Marcel e Lorena ficaram a sós. Deixando a janela, ela foi até a mesa e colocou um pouco de água em um copo lentamente.

– Enquanto Marcos pensa num plano A, – disse ela – devemos pensar num plano B...

– Plano B? – Marcel estava surpreso dela estar ouvindo a conversa, já que parecia tão distante – Caso não encontremos um portal? Que tipo de plano podemos fazer?

– Nããão, nós vamos encontrar um portal... – ela olhou para a água dentro do copo que refletia seu próprio rosto – Um plano B para caso nos encontrem antes que possamos sair...

Apesar de seu início tempestuoso, aquele dia foi tranquilo. Presos em casa, revezavam a vigia das janelas até ter certeza de que ninguém em seu juízo perfeito se aventuraria a sair em meio àquela tormenta. O vento levava pedaços de galhos e arrancava árvores e a chuva batia com violência contra qualquer um que a desafiasse. Não se enxergava nada e a tempestade só foi dar uma trégua no meio da tarde. Com o livro descoberto, Lorena e Marcos leram rapidamente os detalhes que faltaram e que

poderiam ser úteis, embora não soubessem como. Pulavam páginas inteiras na ânsia de conhecer mais o que estavam vivendo. Marcos ficou surpreso ao reler algumas partes.

– O que foi? – perguntou Marcel, percebendo o olhar confuso do outro.

– Não é estranho isso? Nós alteramos a história e o livro continua o mesmo!

– E o que você esperava? – perguntou Marcel, sem lhe dar muita atenção, limpando seus sapatos.

– Ah, sei lá! Que as letrinhas escorregassem e caíssem no chão, talvez!... Ou que ficasse tudo embaçado!

A chuva diminuía com a chegada da noite, mas ainda era implacável. A temperatura caiu e o leite quente fez uma ótima dupla com o pão recém-saído do forno de Marcos e um resto de sopa requentada de Marcel. Lorena levou uma bandeja para Grandier, que dormira pesadamente o dia inteiro. Ao acender um lampião, ele acordou assustado.

– Desculpe – disse ela em um francês polido. – Não queria assustá-lo.

Ele ajeitou-se na cama e tentou se localizar. Ela sentou-se ao seu lado e colocou a bandeja sobre a cama.

– Como se sente? – perguntou ela, preocupada com tudo o que ele tinha passado.

Ele a viu pegar o prato de sopa e o pão com cuidado e entregar para ele. Com um olhar curioso, porém discreto, Grandier segurou suavemente as mãos da moça.

– Quem é você? Uma condessa, talvez princesa...

Lorena riu. Parecia uma cantada ingênua e ela não estava muito acostumada com cantadas, ingênuas ou não. Mas quando viu que ele continuava olhando curioso para ela percebeu que ele só queria saber quem o salvara da morte iminente com tamanha coragem.

– Não sou condessa, nem princesa, nem nada parecido.

– Mas suas mãos são macias e pequenas. São mãos de uma nobre, certamente.

Ela sorriu novamente, feliz em vê-lo falando e já investindo em uma nova conquista. Por mais encantada que estivesse, Lorena não se esquecera da fama de Dom Juan do pároco, o que, aliás, o colocou em toda essa confusão.

– Coma alguma coisa.

Ele mergulhou o pão na sopa e comeu. Estava com fome e a sopa

quente caía bem num estômago vazio. Seus modos eram impecáveis e Lorena não conseguia deixar de olhar pra ele. Os cabelos negros desciam até as costas e encobriam parte do rosto com uma franja que já estava muito crescida. Era a moldura perfeita para um rosto de traços retos e certos. Iriam destruir aquele rosto. Não o deixariam falar quando tentasse. Afastariam seus amigos. Tirariam daquele homem cada coisa da qual se orgulhara. “Que pecado...”, pensou.

Pôde ver pela camisa semiaberta que os ferimentos sofridos no cárcere ainda estavam feios. Ela pegou dois comprimidos que havia separado, parte da pequena, porém eficaz, farmácia que habitava sua bolsa, e lhe entregou.

– Tome isso. É um anti-inflamatório e analgésico que vai ajudar nessa sua febre.

Grandier recebeu as duas coisinhas brancas nas mãos e olhou pra moça.

– Anti o quê?

– É complicado... Vai fazer você se recuperar mais rápido... Ou ao menos se sentir melhor.

Leves batidas na porta aberta anunciaram a presença de Marcos e Marcel, que também estavam curiosos sobre o hóspede.

– Olá, rapazes! Entrem! Grandier, quero que conheça meus melhores amigos...

Lorena se virou para Grandier no momento em que, com uma careta, ele mastigava os comprimidos que lhe dera.

– Isso é horrível!!! – reclamou ele.

– Você mastigou???

– Claro que mastigou! – riu Marcel. – Você não lhe disse para engolir?

A jovem tentou consertar o erro.

– Não era para mastigar, era pra engolir!

Marcos mexeu nos bolsos e catou seu último chiclete com recheio de tuti-fruti.

– Tome! Vai tirar o gosto ruim da boca!

Grandier recebeu o chiclete e engoliu direto, engasgando.

– Você engoliu??? – Lorena pegou um copo de água que estava sobre a mesinha.

Marcel sentou-se na cadeira da escrivaninha rindo, como se assistisse a uma interessante peça amadora.

– Não era pra engolir?? – perguntou Grandier, tossindo.

– Os comprimidos! O chiclete era pra mastigar!!!

– Pô! Ele desperdiçou meu último chiclete!!! Agora só tenho balas!

Marcos ainda conferia as balinhas de seu bolso quando Lorena pegou uma e entregou para Grandier.

– Toma! Essa vai tirar o gosto ruim da boca.

– Essa é minha bala de café!!! Por que não deu a bala de melão? – reclamou Marcos.

– Você tem bala de melão??? – espantou-se Marcel, ainda se divertindo com a comédia de erros que se desenrolava diante dele.

Lorena ia dizer algo quando ouviu um “croc” e voltou-se imediatamente para Grandier.

– Não mastigue!!! É para chupar!! Chupar!!!

O homem a olhou com desconfiança depois que achou que tivesse quebrado um dente e começou a sentir o gosto doce e diferente da bala.

Marcos continuava reclamando que tinha poucas balas e Marcel continuava rindo, quando Grandier, ligeiramente incomodado por ser motivo de chacota, falou:

– Sou Urbain Grandier, pároco de Loudun. A quem devo a honra de divertir com minha falta de jeito?

Lorena levantou-se e apresentou seus dois amigos.

– Este é Marcel Lindberg e Marcos César.

– Os homens de guerra... – com um sorriso simpático, Grandier fez um cumprimento solene com a cabeça, mostrando respeito e reverência aos desconhecidos. – Devo-lhes minha vida, meus amigos. Minha amizade e fidelidade estarão com vocês para sempre...

Lorena retirou a bandeja com o prato de sopa vazio da cama e colocou sobre a mesinha de cabeceira.

– Seus inimigos... – perguntou Marcel. – Acha que desconfiaríamos que você está aqui?

– Aqui? Dificilmente... Essa é a casa de monsieur Jardanét, não é? Ele era um homem recluso, de poucos amigos. Nunca quis nada com assuntos da igreja. Creio que vão me procurar onde vivem meus aliados – seu rosto pesou um pouco, lembrando-se dos problemas que poderia estar causando aos que amava.

– Ótimo! – Marcel levantou-se mais confiante. – Isso nos dará tempo. Precisa se recuperar para sair daqui. A tempestade está do nosso lado e vamos torcer para que este seja o último lugar em que o procurariam.

– Agradeço mais uma vez... Não sei o que fiz para receber essa inesperada ajuda... Não reconheço o sotaque, mas creio tê-los ouvido falar o

luso... De onde vêm os bravos cavaleiros e a valente dama?

E o silêncio se fez. Lá estava ela de novo: a pergunta de um milhão de dólares. Marcos pulou na frente dele com ar dramático dizendo:

– Nós viemos... de OUTRA DIMENSÃO!!!

– Droga, Marcos!!! – reclamou, Marcel. – Já falei pra parar com esse papo de outra dimensão!

– Ah, não esquentá! Ele não vai entender nada do que eu falo mesmo! – riu Marcos, feliz como uma criança que acabou de aprender a língua do “P”.

– Como assim outra dimensão?

Todos pararam olhando para Grandier, que não deveria estar naquela conversa, mas estava. Atônitos, olharam uns para os outros. Grandier falava um português limpo e correto com um forte sotaque francês. Não havia mistério ou mesmo surpresa por parte do jovem padre. Estudara muito, especialmente porque não era nobre e tinha que fazer por merecer o direito aos estudos e altos cargos que almejava, e seus estudos incluíam o latim, o espanhol, o inglês e o português, aprimorado com a visita de um bispo de Portugal a sua congregação há alguns anos.

– Então você é especialista em línguas mortas e desmaiadas? – perguntou Marcos, feliz em poder falar sem sua Elizabeth Hart de plantão para traduzir.

– Parece que lhes devo muito – tornou Grandier, já mostrando um pouco de cansaço.

– Deve sim – disse Marcel, em voz firme.

– E gostaria de saber de onde vêm meus credores.

Olharam-se novamente e deram de ombros. O que poderiam dizer além da verdade?

Dois minutos de explicação (ou bem intencionada tentativa), Grandier os olhava com olhos desconfiados e cínicos. Como homem inteligente que era, pregara peças muitas vezes nos outros. Achou reconhecer uma troça.

– Claro... – foi seu comentário final, aborrecido de ser o bobo de uma brincadeira infantil.

– Quer ver? – tentou Lorena – Nós podemos lhe dizer o que vai acontecer!

Ele cruzou os braços, esperando.

– O homem vai andar na Lua! – começou Marcos. – E depois vai colocar sondas em Marte! E depois nós vamos até Júpiter em ônibus espaciais! Vamos achar a cura para um monte de doenças e aí vamos inventar um monte de doenças novas que não têm cura!

– Vamos falar com pessoas através de aparelhos chamados telefones e depois virá a Internet, o mundo inteiro poderá falar! Vai ser muito legal! E tem a televisão, uma telinha que te mostra ao vivo coisas que estão acontecendo do outro lado do mundo!

– E tem aviões, o homem poderá voar de um continente para o outro em algumas horas! Os cinemas vão mostrar filmes incríveis com...

Nesse momento perceberam que, a despeito da empolgação na narrativa, Grandier parecia alguém que está ouvindo um bando de malucos.

– Como já disse, senhores – disse ele, sem humor – sou grato pela ajuda. Mas brincar comigo desse jeito é de extremo mau gosto.

– O que temos que podemos mostrar a ele? – perguntou Lorena aos outros.

– Acho que nada! – respondeu Marcel. – Deixamos nossas coisas com Gerard!

– A lanterna!!! A lanterna!!! E eu ainda tenho meu *walkman*! Eu vou buscar!

Grandier se mostrou impressionado com os objetos e com algumas fotos e cartões de crédito que os três traziam nas carteiras. Tudo tinha data. Mas a verdade o atingiu lentamente com as fotos. Aos poucos, as histórias de desaparecimentos no bosque dos arredores de Loudun assumiram uma nova dimensão. Literalmente.

– Meu Deus...

Era informação demais. Sua cabeça girou novamente e seu cansaço se tornou evidente. Lorena retirou de suas mãos as coisas e puxou a coberta, acomodando-o na cama.

– Não pense nisso agora... Precisa se recuperar. Descanse e amanhã falaremos.

Lorena saiu e levou consigo os amigos. Grandier ficou paralisado, o quarto ainda iluminado por um lampião, o rádio de Marcos tocando uma melodia estranha com instrumentos que nem em mil anos conseguiria identificar e a cabeça dando tantas voltas que poderia chegar voando à Lua, em Marte ou Júpiter.

– Quantas pessoas acha que vamos conseguir enlouquecer até sair daqui? – perguntou Marcos, enquanto saía do quarto.

– Ah, um monte!... – suspirou Lorena.

A chuva seguiu pesada por toda a noite e os sonhos foram confusos. Quiseram dar alguma privacidade ao seu convidado e deixaram o quarto só pra ele. Com cobertas, improvisaram camas na sala e houve poucas palavras antes de dormirem. Até mesmo Marcos estava calado. Ouviam o som da chuva nas árvores e no telhado como uma cantilena. Uma vela tremulava sobre a mesa, chorando cera e formando estranhas criaturas. Lorena virou-se para Marcel, deitado a menos de meio metro.

– Por que não partiram? – murmurou ela.

Marcel permaneceu quieto, olhando a chama tremular e criar fantasmas dançarinos nas paredes toscas.

– Ir sem você não era uma opção.

Eles se olharam. Conheciam-se a vida inteira e, no entanto, pareciam completos estranhos. Era uma nova pessoa que ela via diante de si. Uma pessoa que estava feliz em conhecer. Ela voltou a olhar para o teto.

– Obrigada.

Na manhã seguinte a chuva estava rala, mas era como uma visita insistente e ranzinza que ameaça várias vezes ir embora, mas continua sua conversa de lamúrias. Estavam reunidos na sala para o café da manhã e discutiam suas possibilidades. Era fato que tinham que falar com Gerard o mais rápido possível, mas como fariam isso parecia uma questão mais complicada agora. Surpreenderam-se com o comentário de Grandier, que acabara de aparecer sem ser notado.

– Se forem agora, podem ser presos. À noite será mais seguro, especialmente se a chuva continuar.

Com melhor aparência, mas ainda abatido, o pároco se juntou a eles na mesa e explicou que Hervé devia ter pedido ajuda da guarda de Poitiers, cidade vizinha. O reforço poderia ter sido atrasado por causa da chuva, mas quando chegasse ficaria difícil entrar na cidade sem o risco de topar com um guarda. Por outro lado, à luz do dia era muito mais fácil que fossem vistos e seria mais seguro esconder-se sob o manto da noite. Quando terminaram, ele se levantou e disse que tinha que partir.

– O quê?

– Vou até Versailles. Vou contar tudo o que se passou e pedir providências ao Rei. O que Hervé e Laubardemont fizeram não pode ficar sem punição!

Fez uma reverência educada e retirou-se para o quarto,

provavelmente para procurar roupas mais quentes.

– Ele ficou maluco? – Marcos sabia que Grandier tinha acabado de escapar da prancha e agora atirava-se aos jacarés.

– Não podemos deixar que ele faça isso! – Lorena conhecia a história o bastante para saber que nenhum artifício de Grandier surtiria efeito, que seus amigos influentes não poderiam ajudá-lo dessa vez.

– Ele ainda acredita que haverá justiça – disse Marcel. – Ele nunca acreditou que seria condenado até a véspera do dia da execução. O que esperava que ele fizesse? Este homem é mais teimoso que você, vai fazer de tudo para provar que houve uma conspiração.

– Diabo! – praguejou Marcos. – Vamos contar a verdade pra ele então!

Eles se entreolharam. Lorena se levantou.

– Eu faço isso.

Ela bateu levemente na porta e ouviu a permissão para entrar. Grandier terminava de colocar um manto para sair.

– Estava neste armário, espero que não se importe.

Ela fez um gesto com a mão de que podia levar.

– Você foi torturado, estava mal alimentado e ainda precisa recuperar as forças – disse ela.

– Agradeço a preocupação, mas meus inimigos não vão me dar esse tempo. Preciso agir agora, antes que me alcancem – ele abriu um belo sorriso que tentava disfarçar as dores que ainda sentia. – Além do mais, os remédios que você me deu ontem foram milagrosos... Sinto-me bem melhor.

Ela sabia que ele estava mentindo e que estava se esforçando para se manter no jogo. Sabia também que ele não desistiria por causa disso. Pelo contrário, estava mais obstinado do que nunca a mover suas peças no tabuleiro.

– Grandier, há algo que você precisa saber.

Ele olhou para ela com olhos curiosos. Ela olhou em seus olhos e viu que ele ainda tinha esperanças de consertar tudo, ainda acreditava que tudo podia ser como antes.

– Lembra-se do que falei pra você na prisão?

Ele anuiu com a cabeça.

– Disse que eu seria condenado... – ele fez uma pausa. – Mas agora posso pedir ajuda, posso dizer o que estavam fazendo! Agora será diferente!

Ele parecia ter tanta fé nisso!... Lorena chegou a pensar que ele podia

ter razão. Afinal, eles alteraram o curso das coisas.

– Não vai funcionar! – ela foi enfática. Deu um passo à frente e encarou-o. – Grandier, você fez muitos inimigos e agora é tarde demais para que eles recuem! Eles não vão desistir porque se provarem que foi tudo uma farsa, serão eles que irão para o cadafalso!

Aproximou-se mais dele, ficando a um palmo de distância e jogando diante dos olhos negros e surpresos a verdade.

– Pedir ajuda não vai adiantar! Seus inimigos são mais poderosos agora que seus aliados.

Ele olhou-a duramente por alguns segundos e não se podia imaginar o que passava por sua cabeça.

– Como pode saber disso?... Tenho muitos amigos que...

– Seus amigos não ajudarão agora. Scévole de Sainthe-Marthe está morto, o Marquês de Bellay trocou de lado, graças às invenções de Thibault, outros simplesmente já esgotaram todos os recursos que tinham e o restante, bem, o restante você tornou inimigo...

Ele sentou-se na cama, parecendo desorientado.

– E a minha comunidade? Não farão nada para impedir que me condenem?

Ela apenas meneou a cabeça com tristeza.

– Por quê?... – perguntou ele, sem entender.

Ela se sentou ao seu lado.

– Porque seu julgamento devolveu o turismo à cidade... Porque os comerciantes estão vendendo como nunca e vem gente de toda parte para ver os exercícios de alongamento da Irmã Jeanne e suas freiras malucas e mais gente ainda virá para ver uma execução, porque sua prisão movimentou suas vidinhas medíocres, porque alguns querem mesmo se ver livres de você e, finalmente, porque eles não têm nada a perder.

Grandier pareceu chocado, profundamente desapontado. Então sua expressão mudou, mas foi tão sutil que Lorena mal notou. Foi como se uma nuvem escura e pesada passasse diante de seus olhos, mostrando, ao invés de ocultar, sentimentos que deveriam continuar escondidos.

Ela quis fazer algo por ele, mas não sabia o quê. Quis talvez abraçá-lo, tomá-lo em seus braços e dizer que tudo ficaria bem, consolá-lo com palavras doces e tranquilas... mas ela não se moveu. Ao invés disso, saiu do quarto e deixou-o com seus pensamentos.

– E aí? Como foi?

Lorena começou a falar algo para Marcel e Marcos quando ouviram

o som de tropéis. Correram para a porta da frente a tempo de ver Grandier saindo a galope. Marcel colocou as pontas dos dedos na cabeça.

– Desisto. Estou com dor de cabeça. Fui!

E entrou, deixando Lorena e Marcos perplexos a olhar a estrada vazia sob a chuva.

Quando Grandier voltou, horas depois, Marcel estava furioso. Ele mal passou pela porta e foi soterrado por uma série de acusações e queixas.

– Não saí de uma prisão para entrar em outra! – gritou Grandier.

Os dois homens encararam-se num desafio e Lorena deu um passo à frente.

– Acalmem-se, senhores. Já temos problemas o bastante, não acham? Então virou-se para Grandier.

– Não queremos saber onde esteve, mas cada vez que coloca sua cabeça pra fora, arrisca também as nossas. Peço que não faça mais isso.

Ele a encarou e então fez uma leve reverência com a cabeça, deixando o recinto. Voltou ao quarto, onde ficou pelo resto do dia. Lorena estava muito brava com ele, mas não resistia a dar uma espiada. Estava preocupada. Vira-o descer com dificuldade do cavalo, mas sabia que se empinava e mantinha a pose quando percebia alguém presente. Ele ainda estava comalido e passava a maior parte do tempo deitado, tentando se recuperar dos ferimentos infligidos.

Quando a noite chegou, os quatro estavam prontos para entrar discretamente na cidade. Lorena entrou no quarto de Grandier no exato momento em que ele cortava os longos cabelos.

– O que está fazendo?!

Ele sorriu para ela e continuou o serviço.

– Eles procuram por mim. Melhor dificultar um pouco.

E assim as mechas negras caíram ao chão. Seus cabelos agora ultrapassavam um pouco o pescoço e ao perder o peso ganharam volume. Ele se virou para ela com seu sorriso encantador.

– Então?

– Oh! Está lindo!... Quer dizer, está ótimo!

Cavalgaram com suas vestes de monge e Grandier com o manto negro que Lorena usara antes pela estrada lamacenta que conduzia à cidade. Nos arredores, entraram puxando os cavalos por caminhos que Grandier conhecia.

– Agora nos separamos – disse ele. – A casa que procuram fica daqui a duas ruas, basta seguir adiante.

– Onde você vai? – perguntou Lorena, que não esperava uma separação.

– À igreja. É o último lugar onde me procurariam. Espero alguém que pode ajudar.

– Tenha cuidado.

Ele concordou com um olhar e desapareceu na escuridão, deixando os cavalos com eles.

Assim, eles se separaram. As ruas estavam desertas, mas eventualmente uma carruagem passava, um movimento estranho para uma noite em Loudun. Todas iam na direção leste da cidade. Esgueirando-se nas ruas pobres e escuras, Marcel, Marcos e Lorena desapareceram alguns segundos depois.

Quando a porta se abriu, Gerard puxou-os para dentro.

– Vocês são surdos ou burros?! O que eu disse pra vocês?! Não interfiram em nada, não falem com ninguém!

Eles baixaram os olhos envergonhados, sabendo que ele se referia ao papelão que fizeram para salvar Grandier.

– Bem... Tecnicamente não falamos com ninguém! Só gritamos, explodimos e aterrorizamos... – disse Marcos.

Gerard começou a andar pela sala bagunçada falando palavrões tão cabeludos que Lorena e Marcel não conseguiam entender.

– Gerard, você disse que esses portais se abrem de tempos em tempos! – disse Marcel. – Quando este vai se abrir de novo?

O velho homem descabelado voltou-se para ele.

– Você tem razão, ele se abrirá novamente. Em quarenta e dois anos!

– O quê?! – Marcos, desesperado, agarrou o colarinho de Gerard e começou a falar – Moço, pelo amor de Deus! Eu estou desesperado, Gerard, há poucos dias minha maior preocupação era escolher a camiseta que eu ia usar, que aula eu ia matar e que filme eu ia assistir. Agora eu me visto como D'Artagnan, mato gente ao invés de aula e não tem nem televisão!!! Tem que haver um jeito pra gente sair daqui! Um ponto de ônibus, um brinquedo num parque de diversões, eu juro que eu até consigo um DeLórean com plutônio, mas tira a gente daqui, pelo amor do santo Cristo que morreu por nós na cruz, eu quero ir pra minha caaaaasaaaaa!!!!

Lorena tirou Marcos de cima do pobre homem e tentou acalmá-lo.

– Gerard... – Marcel estava transbordando de desespero contido. – Socorro!

– Ah, jovens!!! As pessoas deveriam nascer com cinquenta anos!!! – o velho homem andou pela sala. – Eu avisei que deveriam ter partido

enquanto era tempo! Jovens são burros...

Ele parou diante deles, com a mão na cintura e um longo suspiro.

– Aquele portal só se abrirá em quarenta e dois anos, mas encontrei registros de um outro. Fiz algumas pesquisas sobre ele e não posso dizer se os deixará no mesmo local, ou na mesma época, não posso dizer nem ao menos quando ele se abrirá!

Os garotos ouviram atentamente e Gerard continuou.

– Eu sinto muito...

Marcel deu um passo na direção do velho homem.

– Gerard... Se não nos ajudar, nós vamos morrer aqui...

Gerard sacudiu as mãos no ar com impaciência.

– Eu gostaria de poder ajudar, mas não tenho informação suficiente!

– E de que tipo de informação você precisa? – perguntou Marcos.

– Informações astrológicas! Preciso saber com precisão a periodicidade de uma estrela variável. Não há livros publicados sobre o assunto, exceto por um, que é raríssimo. Somente pessoas muito importantes receberam um exemplar! O nome é *Astrologia Philolaica*, de Ismaël Boulliau.

– Ismaël Boulliau??! – Lorena sentiu que este nome se acendeu em sua memória. Virou-se para Marcel sacudindo as mãos nervosas como se abanasse alguma coisa pegando fogo. – Ismaël Boulliau era um dos amigos de Grandier!

Gerard se aproximou animado.

– O padre sempre teve bons contatos! Todos os homens inteligentes apreciavam sua companhia! É bem possível que Boulliau tenha lhe presenteado com um exemplar! Se me trouxerem o livro, verei o que posso fazer!

Despediram-se com a esperança de encontrar o livro e tomaram o caminho da igreja, onde deveriam encontrar Grandier.

Por duas vezes tiveram que se esconder em becos ao ouvir som de vozes e passos. Pessoas finamente arrumadas caminhavam entusiasmadas na outra direção, não notando os falsos monges encobertos pelas sombras.

Alguns minutos depois alcançaram a igreja, cuja porta dianteira permanecia interditada por ordens de Hervé. Grandier, no entanto, conhecia outras maneiras de entrar em sua própria paróquia e indicara uma porta lateral quase nunca usada com um cadeado enferrujado. Por ela, os três jovens entraram. Luz de velas iluminava o altar abandonado desde que o padre fora preso. No seu centro, uma figura de joelhos rezava. Alguns instantes depois, ele fez o sinal da cruz e levantou-se, voltando-se para seus

visitantes.

– Encontraram o que procuravam? – perguntou com um sorriso gentil. Talvez fosse a iluminação ou o próprio ambiente, mas era como se a igreja tivesse agido como um bálsamo em seu espírito turbulento. Desde que Lorena lhe contara sobre suas chances, Grandier assumira um olhar tempestuoso e atrevido que agora parecia dissipar-se por completo.

– Talvez – respondeu ela. – Na verdade, estamos contando com você para voltarmos pra casa.

– Fale, farei o que puder para ajudá-los.

– Precisamos de um livro que um admirador seu escreveu, Ismaël Boulliau.

– *Astronomia philolaica* – disse Grandier, enquanto os jovens paralizavam.

– Então você tem o livro? – perguntou Marcos, animado.

Grandier sorriu.

– Ele me presenteou com um exemplar autografado em sua última visita. Está na minha biblioteca, na casa anexa à igreja. Podemos pegá-lo agora mesmo, assim que...

Um som de passos denunciou a presença de um vulto de capa que adentrava a igreja. Grandier se virou e abriu um enorme sorriso.

– D’Armagnac!

Os dois amigos se encontraram no corredor da igreja e se abraçaram. Jean D’Armagnac era um tanto diferente do que Lorena imaginava quando lera sobre ele pela primeira vez. Alto, bem vestido, beirava seus quarenta anos. Tinha uma aparência saudável e elegante e pequenos olhos astutos que se apertavam cada vez que sorria. Seus cabelos castanhos arruivados eram ralos e prendiam-se em um rabo de cavalo baixo.

– É bom vê-lo vivo, Urbain!

Marcos olhou para o teto e começou a ouvir uma música imaginária na impossibilidade de entender qualquer palavra daquela conversa. Marcel e Lorena, no entanto, afastados a um canto, estavam atentos.

– Madeleine me deu o recado – tornou D’Armagnac. – Está se arriscando muito em vir aqui. A cidade está em polvorosa por sua causa e Hervé está louco atrás de você. Nunca me disse o que aprontou com este homem para deixá-lo tão zangado!

Grandier respirou fundo.

– E quem vai saber!... Ah, Jean! Quero lhe apresentar meus novos amigos... Este é Marcel Lindberg, este é Marcos César e esta dama

encantadora é Lorena de Saint'Anna.

D'Armagnac cumprimentou todos com olhar curioso, pois nas condições atuais do padre era bastante inesperado que encontrasse novos amigos. Era preciso que fossem pessoas bastante corajosas. Foi então que D'Armagnac ligou uma coisa a outra.

– Foram vocês que...!

– É, fomos nós – confessou Marcel.

D'Armagnac não escondeu a surpresa. Não pareciam soldados enfurecidos nem gigantes furiosos como os boatos diziam. Ao contrário, eram jovens e pacatos, pareciam inofensivos, especialmente a jovem donzela.

– Vocês foram corajosos! – disse o governador. – Pra não dizer loucos.

– Jean, como está minha situação?

Com Grandier indo direto ao ponto, D'Armagnac deixou de amenidades. Seu rosto se fechou e sua voz ficou mais baixa.

– Urbain, não há mais a quem recorrer. Richelieu está contra você e ninguém vai contra Richelieu, nem mesmo o rei. Não tente ficar e lutar por justiça, porque ela não virá.

Grandier virou-se e caminhou na nave, perdido.

– Vocês estão em um lugar seguro? – perguntou D'Armagnac.

– Creio que sim – respondeu Lorena.

– Então, Urbain, agradeça a Deus por essa segunda chance e agarre-a – ele andou até o padre. – Espere as coisas se acalmarem e deixe a cidade. Assim que puder, deixe a França.

Grandier ficou alguns segundos imóvel.

– Por que devo fugir por algo que não fiz?... – murmurou, cheio de amargura. Grandier ainda não tinha imaginado que teria que abdicar de sua vida. Esperava ter de volta seu cargo eclesiástico, que aquela fraude descarada fosse descoberta, que sua vida voltaria a ser como antes.

Ninguém respondeu. Na rua, som de pessoas falando e rindo rivalizava com a quietude da noite. Grandier voltou-se para a porta.

– Por que todo esse movimento lá fora?

D'Armagnac pareceu constrangido. Grandier o encarou.

– O que está acontecendo?

– Trincant está dando uma festa, um baile de máscaras para comemorar o noivado de sua filha mais moça, Françoise, com Guillaume Rogier.

As palavras terminaram de sair da boca de D'Armagnac, mas ele

parecia impedir que outras viessem.

– E o que mais? – insistiu Grandier, que conhecia o amigo há mais de dez anos e sabia quando ele tentava lhe segredar algo.

– Na verdade, Trincant espalhou para a cidade inteira que era para comemorar sua condenação.

Aquilo gelou o coração do padre. Seu rosto endureceu e ele deu um passo atrás. Então era isso que estavam fazendo enquanto era torturado e humilhado na cadeia? Planejando uma festa para comemorar sua desonrada queda?

D'Armagnac colocou em suas mãos uma sacola que tilintava.

– Tome, meu amigo. Isso será o bastante para chegar até a fronteira. No momento, as saídas estão vigiadas, mas creio que logo o cerco se dissipará. Saia daqui e comece vida nova.

– E minha mãe? – murmurou ele. – Como ela está?

– Chocada, como todos nós. A casa dela está vigiada, mandarei um mensageiro lá assim que puder. Devo ir agora. Ao menos dessa vez, Grandier, siga meu conselho.

Os dois amigos cumprimentaram-se e D'Armagnac deixou a igreja, que voltou a mergulhar no silêncio. Ninguém sabia o que dizer para dar algum alento ao padre que via escorrer por seus dedos uma vida tão arduamente conquistada.

– Venham – disse Grandier. – Vamos pegar o livro de que precisamos...

Eles tiveram que retirar cadeados colocados pelo comissário para entrar na casa do padre. Com a ajuda de um castiçal da igreja, iluminaram o local, uma pequena sala de sofás cor de terra e tapetes vindos do Oriente, todos presentes das celebridades que frequentavam a casa do padre.

– A biblioteca fica por aqui, no escritório.

Grandier foi na frente, seguindo um pequeno corredor. Deteve-se de repente. Os outros viram o que o chocara. A pequena biblioteca estava destruída. Não havia um livro inteiro e os grandes espaços vazios mostravam que muitos estavam faltando. Grandier era um homem de letras e como todo homem de letras tinha um amor profundo por seus livros, alguns exemplares bastante raros. Ninguém falava nada e Grandier recolhia algumas páginas rasgadas deixadas para trás.

– Lamento, meus amigos... – murmurou ele, agachado no centro da biblioteca decadente, os olhos brilhantes, enquanto olhava para as prateleiras solitárias. – O que não foi levado, foi destruído...

Deram alguns passos perdidos na biblioteca destruída. Estavam tão perto... O desânimo os fez silenciarem por alguns momentos, até que

alguém resolveu se apegar a uma possibilidade menos sombria do que não ter nada a fazer.

– Mas o livro que procuramos ainda pode estar em algum lugar, não pode? – perguntou Marcos. – É um livro raro, não é?

– Quase todos aqui eram... – respondeu Grandier, sem conseguir disfarçar seu desgosto em perder seu tesouro mais querido.

– Então pode estar com alguém! – concluiu Marcel. – Marcos tem razão! Pense, Grandier! Quem teria interesse nesse livro, quem na cidade possui uma biblioteca que rivalizasse com a sua?

Grandier permaneceu em silêncio, ainda agachado, segurando para um pequeno livro destruído no chão. Ele levantou os olhos e eles faiscaram com o tremular das chamas das velas.

– Não é preciso pensar muito... Somente um homem nessa cidade teria interesse nesses livros... Louis Trincant.

Capítulo XVI

– Isso é loucura! – Marcel se sentia completamente solitário em suas preocupações. Sua testa estava cheia de pequenas gotinhas de suor, mesmo com a brisa fria da noite.

– Que escolha temos? – Lorena parecia ter se conformado com a falta de escolhas.

– Gente, é só uma festa! – Marcos não parecia ter noção de que estavam planejando entrar de penetras num ninho de víboras.

– Marcos, sua besta! – ralhou Marcel. – A festa está sendo dada pelos inimigos dele!

Marcos pensou por um segundo e deu de ombros.

– Melhor ainda! Vamos comer e beber às custas deles!

– Vocês estão malucos?! Nós só precisamos ficar vivos e vocês querem se jogar dentro daquele barril de pólvora carregando o pavio aceso! – e ele apontou para Grandier.

Grandier observava a discussão de braços cruzados no meio do que já foi seu local favorito para ler e tomar chá com os amigos.

– Se precisam mesmo desse livro, não vão encontrá-lo em outro lugar fora de Versailles e é um longo caminho até lá – disse Grandier, em voz tranquila.

Eles silenciaram. Era fato que queriam sair dali e era fato que o livro era sua última chance.

– Ele tem razão... – disse Marcel, conformado e preocupado. – Nós não temos escolha. Precisamos do livro.

– Nós não temos, – Lorena deu um passo à frente – mas ele tem – Ela virou-se para Grandier. – Não podemos pedir que vá conosco, Grandier. É arriscado demais.

– Mas como vamos saber onde procurar??? – perguntou Marcos.

– O quão difícil é achar um livro numa biblioteca? – provocou Lorena.

– Senhores...

– Depende do tamanho da biblioteca! – reclamou Marcos. – E do tamanho do livro! E se for um livro de bolso? Precisamos dele!

– Senhores!...

– Lorena tem razão, Marcos. Não podemos pedir isso a ele.

– SENHORES!!! – Grandier finalmente conseguiu chamar a atenção para si. – Gostaria de informar que eu ainda estou aqui e que posso decidir se quero ou não correr esse risco!

Os jovens olharam para ele, que prosseguiu.

– Eu posso levá-los lá e nós vamos encontrar o livro. Vocês se arriscaram por mim, não me privem da chance de retribuir o favor. Além do mais, – Grandier exibiu um sorriso cínico – apesar da falta de *finesse* de não ser convidado para uma festa feita para mim, seria uma falta de elegância imperdoável de minha parte se não aparecesse.

Estavam num beco escuro que cheirava à urina.

– Fale de novo – disse Marcel.

– Precisamos do livro pra voltar pra casa – disse Lorena, monocórdica, pela oitava vez.

– Ah... – Marcel precisava que o lembrassem a cada minuto o motivo de estarem fazendo aquilo.

Escondidos na escuridão, onde apenas gatos vadios e mendigos se atreveriam a espiar, esperaram em silêncio a aproximação de um casal. Os saltos da mulher ecoavam pela rua escura e o homem lhe dizia algo ao pé do ouvido que lhe provocava pequenas risadinhas. Surpreendidos por trás por Marcos e Grandier, o casal não resistiu muito, assustado com o assalto. Foram puxados para o beco e obrigados a se livrar de suas vestes ricas com cheiro forte de perfume. Depois, foram amarrados e amordaçados com tiras da camisa de Marcel, que reclamou muito dessa desapropriação não autorizada. Os transeuntes seguintes eram quatro homens, um páreo duro para eles, que preferiam não chamar a atenção. Por isso, foram deixados passar. Logo depois, outro casal aproximou-se. O homem tentou resistir e um golpe acabou por tirar-lhe os sentidos. Depois de serem saqueados, tiveram o mesmo destino dos outros dois. Marcos achou um pequeno estojo de maquiagem com espelinho na bolsa de uma das mulheres, daqueles com uma pintura de uma dama sendo cortejada por um cavalheiro.

– Sabe o que é isso? – perguntou ele abrindo-o e mostrando o espelho para Lorena, que tentava com dificuldade abotoar seu vestido.

Sem entender, ela apenas olhou pra ele.

– Um momento de reflexão! HÁÁÁÁÁÁÁ!!!!!!!

– Vai ser uma noite longa... – disse Marcel para seus botões.

Em poucos minutos, saíram do beco dois casais muito estranhos.

Lorena improvisara um penteado para trás com algumas presilhas que roubara das mulheres, deixando o cabelo cascatear pelas costas. Trajava um belo vestido de veludo vinho cor de sangue e sua máscara, da mesma cor, formava um rosto imaginário agateado com brilho ao redor. Grandier encaixou-se muito bem nos trajes do segundo cavalheiro, com um gibão azul marinho com detalhes prateados bordados e um lindo lenço que envolvia-lhe o pescoço. Sua máscara negra encobria quase todo o rosto, deixando apenas o queixo quadrado e a barba bem feita que emoldurava o sorriso indefinido. A vasta cabeleira negra ganhara grandes ondas volumosas com o corte e fazia uma bela figura. Marcel ficou com a roupa de gala do primeiro cavalheiro, um conjunto de calças e gibão verde escuro bastante sóbrio. Sua máscara deixava seus olhos profundos e enigmáticos, enquanto escondiam o nervosismo que se fazia presente nas linhas tensas de seu rosto. Já Marcos...

– GEEENTE!!! CHEGUEI!!!!

Marcos entrou piruetando como uma ema tonta na frente de todos. A ele só restaram os trajes da segunda dama, um vestido amarelo com muitos detalhes laranja. Sem fazer daquilo um cavalo de batalha, Marcos fez apenas o que fazia sempre. Tirou da situação o melhor que podia para se divertir.

– Que tal estou? – perguntou animado, com uma máscara amarela cercada por uma enooorme peruca que parecia um bolo de casamento.

– Parece... – disse Lorena, analisando-o de cima abaixo.

– O SOL!... – concluiu Marcos o que a amiga ainda não dissera.

– ...uma banana!

– Uma banana?! – decepcionou-se Marcos.

– E com essas pedrinhas pretas então, tá parecendo uma banana madura gigante!

– Você está com inveja porque está parecendo uma beterraba! Nojenta! Aí, ó! Fui!

Marcos arrastou Marcel pelo braço e saiu rebolando pela rua, falando alto e matando o outro de vergonha.

– Vamos embora, bofe! Hoje é dia de liberar o meu lado mulherrrrrrrrrr-cusp!! GEEENTE!!! VAMOS ABALAAAAAAR!!

Pouco depois, estavam de frente para a casa de dois andares no centro da cidade. Música e burburinho de cumprimentos falsos e conversas vazias se misturavam. Entregaram os convites roubados e adentraram o salão. Marcel estava nervoso e não acreditou quando flagrou Marcos dando várias piscadinhas para os homens, escondendo o rosto maquiado com o

leque. Ajeitava vez ou outra a peruca, torcendo para que ela fosse tão difícil de sair de sua cabeça como foi de sair da cabeça daquela mulher. O salão era grande e estava cheio. Todos em suas melhores roupas exibiam belas máscaras enquanto comiam e bebiam com grande falta de educação.

– E agora? – perguntou Marcel.

– A biblioteca fica no segundo andar – disse Grandier, apontando com o rosto as escadarias que subiam. – Precisamos arrumar uma desculpa para subir.

Bandejas circularam e Marcos não resistiu a encher a boca com perdizes servidas assadas com ervas. Para uma cidade pequena, era uma festa e tanto e supunha-se que Trincant gastara uma soma considerável apenas para tripudiar sobre seu inimigo. Grandier olhava em volta, observando pessoas que alguma vez aconselhou ou ajudou, comendo como porcos da mesa de seu inimigo e brindando à sua desgraça. A velha fúria começava seu trajeto através de seu espírito machucado.

– Grandier! – chamou pela segunda vez Marcel. – Presta atenção!!! Dependemos de você pra sair desse lugar horrível! Precisa subir lá e achar o livro!

Grandier concordou sem dizer nada.

Havia dois serviçais na escada, impedindo convidados de subirem. A festa se limitava ao andar de baixo, o que já era muita coisa. O salão estava cheio com pessoas que falavam alto e havia no ar um misto de perfume e mofo.

– Marcos e Lorena vão distrair os dois empregados enquanto você sobe. Assim que achar o livro, desça e sairemos daqui, entendeu?

Mais uma vez, Grandier concordou sem nada dizer. Bastava olhar em seu rosto para ver que ele estava bastante desagradado. Marcos pegou uma taça de vinho e começou a puxar conversa com os dois serviçais, que começaram a notar que aquela estranha dama estava um tanto alta. Lorena chegou e começou a tentar controlar sua amiga bêbada, que começou a tropeçar e a se apoiar nos homens, fazendo com que saíssem de suas posições e dessem uma brecha para alguém passar.

Grandier viu a oportunidade e subiu o primeiro degrau resolutivo, quando uma mulher o segurou pela manga do gibão.

– Jean Luis Armand Du Lacorder!!! – disse a dama de maquiagem pesada e voz estridente. – Não ouse se afastar de mim sem dizer como anda sua família!!! Há quanto tempo não os vejo! Como está sua mãe, aquela gansa velha?

Grandier retornou o degrau, percebendo o engano e tentou dar uma

desculpa, mas a mulher não o deixava falar. Ele olhou para Marcel, que entendeu o problema. Os dois serviçais ainda estavam distraídos com a encenação de pata bêbada de Marcos e amiga preocupada de Lorena, mas não ia durar muito, além de começarem a chamar mais atenção do que deveriam. Grandier fez um sinal com a mão para Marcel, mandando-o ir, enquanto conversava com a senhora tagarela. Marcel subiu rapidamente as escadas com o coração aos pulos, esperando algum “PSIU! Ô VOCÊ AÍ!”, mas chegou ao segundo andar em alguns segundos.

Vendo o ocorrido, Lorena tirou Marcos dali e os serviçais voltaram à sua posição, comentando baixinho sobre quem deveria ser a dupla de mulheres de comportamento questionável.

Reuniram-se num canto pouco depois.

– E agora? – perguntou Marcos.

– Agora é esperar – disse Grandier. – E torcer para que ele encontre o livro...

Um serviçal serviu vinho aos três e Marcos, que estava com a boca seca, tomou uma caneca inteira de uma vez. Afinal, pensou consigo, quando teria novamente oportunidade de beber vinho do século XVII? Viu uma jarra de vinho na mesa e madeira forrada com brocado, onde um leitão inteiro repousava seu último sono.

– Gente, eu vou ali e já volto! Não vão embora sem mim, tá? Estou sentindo uma vibração muito interessante naquela mesa!

Marcos se afastou deles para atacar o vinho, o porco e o que quer que encontrasse em seu caminho. Estava nervoso e quando estava nervoso, comia. Lorena esfregava as mãos enluvadas, sem se incomodar com os sapatos que lhe apertavam os pés. Não podia negar para si mesma que estava empolgada. Era um baile de máscaras com roupas bordadas, lindos vestidos e joias do tamanho de besouros. O salão estava enfeitado e iluminado por castiçais. Era como os sonhos de menina, com a música tocando melodias alegres e as pessoas dançando em cirandas. E ao seu lado, tinha o mais belo cavaleiro que uma moça poderia sonhar em ter. Olhou para Grandier animada, mas se deparou com uma expressão dura. Para Grandier, aquela festa não tinha nada de bonito ou inspirador.

– Lá está o desgraçado... – disse entre dentes.

Lorena viu um homem gordo e desagradável e reconheceu-o. Ele passou por ela quando viu Grandier pela primeira vez.

– Mannoury, o maníaco das agulhas, – continuou ele – aquele porco gordo balançando suas banhas lá no canto... Se eu tivesse um fio do poder que me atribuem, faria o chão se abrir agora e tragar aquele monstro.

Seu rosto assumiu uma expressão de ódio despertado por lembranças terríveis. Ele tomou um gole de vinho que lhe pareceu azedo, sem notar que sua dor ficara evidente para sua acompanhante. Lorena lamentou não tê-lo poupado daquelas lembranças que sabia que o acompanhariam para sempre. Estabeleceu-se entre eles um silêncio amargurado que parecia separá-los em mundos diferentes e horripelmente distantes.

– Você o ridicularizou numa festa aqui mesmo, não foi? – Lorena lembrava como as inimizades do padre nasceram, tentando diminuir aquela distância que a assustava.

Grandier respondeu de pronto com um sorriso amargo.

– Não... Não foi preciso. Mannoury não precisa da minha ajuda para ser ridículo.

Que língua ferina tinha aquele homem! Ser alvo de seu escárnio e cinismo não era uma posição confortável. Mesmo os tolos e incompetentes têm orgulho e brios. Um pouquinho de empatia teria poupado Grandier de batalhas inúteis e antagonistas perigosos. Mas isso nunca lhe passou pela cabeça. Nem antes, nem agora. Ele bebeu um pouco do vinho de seu anfitrião com um amargo na boca que achou que nunca perderia. Ela bebericou um pouco da bebida, sem tirar os olhos negros de seu nobre cavaleiro. Enquanto ele olhava com ódio faiscante para cada um dos homens que tramaram contra ele, relembrando com amargor cada momento humilhante que o fizeram passar, ela apenas fitava-o com olhos doces, vendo nele a beleza rara que se sobressaía mesmo em momentos de tanto rancor. A pequena orquestra começou a tocar músicas lentas e as pessoas que dançavam em roda no salão fizeram uma pausa.

Grandier percebeu-se observado pela moça que o acompanhava e, quando se deparou com os olhos dela, esperou que desviasse o olhar, como fazem as donzelas tímidas. Mas ela apenas sorriu, um sorriso doce e sereno, tão sincero como ele nunca vira. Ele não escondeu a surpresa de ver naqueles olhos algo que jamais vira e, talvez por isso mesmo, não conseguia identificar. A inocência e simplicidade envoltas em um mistério involuntário o faziam ver de perto a bela mulher que estava agora diante dele. Ele sorriu e olhou para sua própria taça ainda cheia. Cantigas medievais de declarações de amor encheram o ambiente.

– O que foi? – perguntou ela, ainda sorrindo.

Ele voltou-se para ela para tentar explicar que estava rindo de sua falta de critério ao escolher perder tempo odiando os que o odeiam ao invés de aproveitá-lo com aqueles que lhe têm estima. Mas topou com o

sorriso dela, branco e certo, coisa muito rara naquelas bandas, enfeitando um rosto franco como ele mesmo raramente tinha. Então percebeu que não conseguiria colocar em palavras coisas que ainda não entendia. Tomou a taça dela junto com a sua e colocou-as sobre uma mesa, tomando gentilmente a mão delicada de Lorena.

– Concede-me esta dança, mademoiselle?

Graças à máscara, ele não percebeu que ela enrubesceu, mas pôde ver seus olhos brilharem e seu sorriso de contentamento que nem por um minuto temia um reconhecimento inconveniente. Ele conduziu-a galantemente até o centro do salão, onde um lustre cristalino pendia iluminando tudo. As pessoas começaram a comentar sobre o elegante casal que dançava no meio do salão, tentando adivinhar quem poderiam ser. Lorena não conseguia parar de sorrir, flutuando num sonho de menina. O baile com o príncipe dava-se de forma inesperada, mas igualmente bela. Seu coração batia enquanto o som do fagote e do alaúde guiavam os passos de seu cavaleiro.

No andar de cima, Marcel passava as mãos trêmulas por livros numa biblioteca mal iluminada. Estava meio apavorado e a preocupação de não encontrar o livro começava a tomar conta de seus pensamentos. Alguns livros de Grandier foram destruídos. E se aquele também tivesse sido?

– Senhor! – disse o homem que nunca rezava – Se puder me mandar um anjo para me mostrar esse livro, por favor, essa é a hora!

Estava agachado procurando na última prateleira quando sentiu-se coberto por uma sombra. Marcel congelou. E se tivesse sido descoberto? E se o mandassem para a prisão? E se o torturassem e o queimassem vivo ali mesmo, no meio da rua? Era um lugar bárbaro, uma época bárbara, qualquer coisa podia acontecer. Virou-se devagar para ver quem era e deparou-se com uma donzela de cor pálida num vestido cor de creme. Os cabelos loiros cobriam o rosto miúdo e ela o olhava com curiosidade.

– Olá! – disse em francês, passando a mão suada no cabelo e levantando-se – Tudo bem? Desculpe estar aqui, mas sou muito tímido e festas me cansam um pouco e então eu resolvi vir pra cá e eu não sei mais o que estou falando...

A moça estava calada, as mãos pequenas diante do vestido, segurando um lenço de seda.

– O que estava procurando? – perguntou ela.

Marcel hesitou. Então deixou os braços caírem ao longo do corpo, em sinal de desistência. Nunca acharia esse livro numa biblioteca daquela

tamanho. Nem sabia por onde começar.

– Astrologia Philolaica... – disse ele.

Ela ficou parada diante dele por alguns segundos. Então virou-se e sumiu de sua vista, indo para outro corredor da biblioteca. Marcel não ouviu passos e, de repente, se sentia completamente sozinho de novo.

– Mademoiselle?

Começou a desconfiar que a moça fosse uma aparição quando ela surgiu sem aviso por trás dele. Recuperado do susto, ele viu que ela lhe estendia um livro.

Ele pegou e abriu, lendo o nome da obra e autor na folha de rosto, onde uma rebuscada dedicatória estava escrita para Urbain Grandier. Virou-se para a moça surpreso.

– Obrigado... Não sabe o valor disso para mim.

Ela não sorriu, nem despediu-se. Simplesmente saiu e Marcel, depois de esconder o livro dentro de sua roupa, deixou a biblioteca e desceu rapidamente as escadas. Ficou surpreso e feliz ao perceber que todos estavam com as atenções voltadas para alguma coisa no centro do salão, o que lhe permitiu uma volta tranquila, passando despercebido pelos serviços. Curioso, procurou o que todos tanto olhavam e comentavam.

Às vezes, precisamos de muito pouco para ver a verdade. Outras vezes, a verdade pula e dança à nossa frente sem que nos demos conta. Marcel percebia agora uma verdade que caminhara ao seu lado por muito tempo, mas ele sempre insistiu em não ver. Olhava Lorena dançando naquele belo vestido, o rosto iluminado por um sorriso tão feliz como ele nunca vira e olhos tão brilhantes que pareciam chamas, nos braços de alguém que a via com olhos diferentes dos dele. Pensou em todas as vezes em que protegera Lorena quando criança, quando adolescente, quando adulta, por acreditar que ela precisava ser protegida. Estava disposto a protegê-la pelo resto da vida, mas no processo esqueceu-se de perguntar a si mesmo o que estava protegendo. A mulher que via agora, que enfrentara uma cidade inteira de espada em punho, não precisava ser protegida. Mais que isso, ela não existiria se fosse protegida. E a mulher que via agora era rica em encanto e graça como a outra nunca fora. No entanto, ainda sentia falta da outra, da velha e desengonçada Lorena, da Lore que perdia o lanche para um coleguinha mais forte, mas ajudava-o a estudar para a prova do dia seguinte, da que ria de suas piadas, da que tinha um estranho relacionamento com qualquer tipo de bola em uma quadra... Sentia falta daquela Lore e seu coração apertava-se ao vê-la dançando, porque sentia em seu íntimo que aquela velha Lore não voltaria mais.

De um copo que lhe foi servido, bebeu um gole grande de vinho, impulsionado por sua frustração. Olhou para Marcos devorando um monte de coisas de uma só vez perto da mesa. Como ele conseguia ser tão espontâneo diante do caos? Percebeu que Marcos irritava-o profundamente, não porque fosse irresponsável e louco, mas porque representava tudo o que ele mesmo gostaria de ser. “Quando voltarmos” – pensou consigo mesmo – “farei algumas coisas de forma diferente...”

Os acordes da música trouxeram-lhe de volta uma velha canção de Fish, um de seus cantores favoritos. Marcel emprestou um CD para Lorena. Ela gostou tanto que ele lhe deu a coleção completa do *Marillion* num aniversário. As lembranças do aniversário, da música, da vida que tinha, misturaram-se com a música da pequena orquestra, com os rostos desconhecidos e com o casal que dançava graciosamente no meio do salão. Viu a forma como ela segurava firmemente a mão de Grandier, como ele a puxava pela cintura fina, como seus olhos não se distraíam com nada além da presença do outro e como confiavam um no outro. Viu como estavam belos juntos... Bebericou o vinho e cantarolou baixinho com olhos baixos as palavras amargas da música que embalava esse triste momento de descoberta do que se tinha e se perdeu.

Cantou sobre o futuro que chegou quando o passado se tornou uma incerteza, sobre o nó que se formou em sua garganta quando percebeu que seu coração estava vazio. Tomou outro gole e percebeu que sua língua embolava e sua voz falhava. Cantou um convite baixinho para que bebessem com ele, porque era livre e livre era a dama que assinara a própria alforria, já que ninguém o faria. Que bebessem com ele e brindassem à dama que estaria perfeitamente feliz se a deixassem escolher sua companhia. Era só o que ela queria afinal. Ser livre para escolher quem seria sua companhia, para toda uma vida ou para o minuto seguinte. Que fosse uma companhia única, confiável, correta e sincera, polida e experiente, bem-humorada e charmosa. Por uma companhia assim, aquela dama sonhou e viveu e, se precisasse, por ela morreria.

Parou. Algo dentro dele doía, profundamente, como uma lança que entrara vagarosamente e somente agora ele se dava conta de que ela estava lá, latejando como gritos. Bebeu mais um copo de vinho de um gole só, como se isso o anestesiasse da dor que sentia. Seus olhos encheram-se d'água e de mágoa, enquanto o casal levava consigo algo que julgara seu, sem no entanto nunca ter sido.

A dor é estranha. Somos capazes de praticamente qualquer coisa

para nos livrarmos dela. Marcel, por exemplo, bebeu. Bebeu como um gambá. Frustrado e infeliz, com a maior dor de cotovelo que já tivera, ele se abandonou num copo, na verdade, em vários. Quando Marcos, segurando um enorme esfregão, puxou-o para o meio do salão para dançar, ele não se opôs. Que se danasse tudo e todos, os romances perfeitos e os amantes imperfeitos! Marcos começou a girar como uma porta-bandeira com a vassoura equilibrada no quadril, enquanto Marcel fazia sua dança de desafio ao poder estabelecido. Seguiria as regras e o que ganhara? Dor e solidão, remorso e lágrimas contidas! Que se danassem as regras e as cartilhas do que fazer! Dançaria sua própria música e, se fosse morrer por isso, que ao menos pudesse fazer um brinde antes!

Pensamentos são misteriosos. Em frações de segundos pensamos nas verdades universais e nos esquecemos momentaneamente do mundo que nos cerca. Mas a realidade sempre encontra um meio, nem sempre gentil, de trazer-nos de volta. Uma mulher finamente arrumada, mas de rosto cansado e envelhecido, observava tudo em um canto. Esquecida e ignorada, ela apenas ficava lá, sem rir ou falar, sem ao menos comer. Era como se não pertencesse àquele lugar e ninguém se desse conta de sua presença. Marcel a notou e a reconheceu. Fora seu anjo bom que lhe entregara o livro. Agora, depois de cair no sambódromo em seu carnaval fora de época, notara algo nela, algo triste e angustiado e ele sentiu uma espécie de identificação com aquele olhar ferido. Mas algo fez a mulher mover-se. Seus olhos saíram do chão ao olhar o casal no salão de dança e foi como se algo acendesse dentro dela, vagarosamente, como uma pequena chama que cresce com dificuldades.

Então ela se moveu. O rosto lívido, os olhos acesos, cegos como uma mariposa que voa para a luz, ela dirigiu-se até o centro do salão. As pessoas pararam de falar e quando ela tocou levemente no ombro de Grandier, a dança parou e a orquestra interrompeu-se. Ele se virou para ela, tendo dificuldades para reconhecer aquele rosto envelhecido e cansado, aquele corpo magro e doentio, mas foi o olhar que lhe trouxe a memória de quem ela era.

- Philippe?... - murmurou ele, perdendo a cor.

Aquela mulher era Phillipe Trincant? Aquele ser sem vida que mais se assemelhava a um fantasma era a adolescente que ele conquistara há pouco menos de dois anos? Envelhecida pela dor, combalida e cansada, Phillipe transformara-se numa sombra do que fora. Ele esperou o inevitável. Ela o delataria, o esbofetearia diante de todos, gritaria para todos como o odiava, como ele foi pérfido e cruel ao seduzi-la e abandoná-

la, ao negar tudo até o fim, ao negar o filho que trazia sua semente.

Ela o reconheceu por trás da máscara negra e seus olhos embaçados encheram-se d'água enquanto seus lábios finos abriram-se em algo parecido com um sorriso. Então ela aproximou-se e abraçou-o, chorando, puxando-o para si, deixando suas lágrimas cantarem em silêncio seu amor por ele. Atônito, ele deixou-se abraçar, sentindo o cheiro dos cabelos dela, lembrando de como eram suas aulas no começo, como ela era inteligente e divertida, como conversavam animados e tocavam piano. Como ela o amava... Abraçou-a ternamente, deixou-a pousar em seu ombro, enquanto as pessoas assistiam a tudo, perplexas. Lorena, ao lado dele o tempo todo, ouvira quando ele a chamara pela primeira vez. Esquecida momentaneamente, afastada pela dor da outra, ela distanciou-se alguns poucos passos. Não havia lugar para ela ali, e ela sabia disso.

– Philippe! O que está fazendo?!

A voz grave e raivosa quebrou o silêncio e fez a menina estremecer e Grandier voltar a si. Um homem de meia idade ricamente vestido aproximou-se com passos duros e expressão zangada. Philippe se colocou diante de Grandier, disposta a proteger aquele que a desonrara. O homem olhou fundo naqueles olhos e reconheceu quem destruíra seu lar. Em um golpe brusco arrancou-lhe a máscara e revelou o rosto de seu inimigo, que continuava a encará-lo, tamanha sua audácia. O rosto de Louis Trincant contorceu-se de ódio.

– Desgraçado! Como ousa macular minha casa com sua presença?!

A poucos metros do foco das atenções, Marcel olhava atônito tudo indo por água abaixo. Antes de ser atormentado pela chuva de “ses” (“se” tivéssemos saído antes, “se” não tivéssemos vindo, “se” tivéssemos ficado em casa...), Marcos, de boca aberta, manifestava eloquentemente seu parecer da situação em alto e bom tom:

– Fudeu tudo!!!

Outros homens aproximaram-se para confirmar, estupefatos e ainda incrédulos com a ousadia de Grandier de comer e beber de sua mesa. Louis Moussaut, marido de Philippe, duplamente ultrajado, começou a sacar sua espada. Foi aí que Marcos saiu gritando feito uma louca, com voz esganiçada e torcendo para estar falando corretamente o bastante para se fazer entender em seu francês limitadíssimo.

– FOOOGO!!!! FOGO!!! A CASA ESTÁ EM CHAMAS!!!!

O tumulto foi imediato. Afinal, com a presença de um bruxo na casa, nada mais previsível que ela pegasse fogo e basta que um corra para que todo o resto faça o mesmo. Marcel, entendendo o recado e ficando

subitamente curado da bebedeira, começou a atear fogo em tudo, jogando as velas em castiçais nas cortinas e toalhas.

Grandier tentou correr, mas foi agarrado por trás por um homem muito forte. Logo reconheceu a voz do comissário, gritando para Thibault que havia pego o bastardo. Usando os pés para acertar as canelas de seu agressor, Grandier se envergonhou do golpe baixo indigno de um cavaleiro, mas julgando como o haviam tratado, ninguém naquela casa merecia uma luta justa. Livrou-se de Hervé puxou Lorena pela mão, enquanto as pessoas corriam histericamente tentando sair da casa que agora estava realmente pegando fogo. Alguém segurou-o pelo braço.

– Leve-me com você! – pediu Philippe.

Ele encarou-a com olhos furiosos e então tirou as mãos dela de si como se ela fosse um ser asqueroso, dando-lhe as costas e correndo sem olhar para trás.

Uma situação de pânico é sempre uma ótima camuflagem e os fugitivos misturaram-se facilmente entre as pessoas ricas que corriam e tropeçavam umas nas outras. Trincant, Thibault, Moussaut e Hervé chegaram furiosos à rua e olhavam em volta, espadas em riste, buscando aquele padre atrevido. Como cavaleiros do inferno, quatro vultos passaram por eles, quase atropelando-os e desaparecendo nas trevas segundos depois. Trincant gritou imprecações para o vento enquanto Hervé tentava em vão pegar um cavalo e persegui-los, mas todos os cavalos dali estavam atrelados a carruagens, não eram cavalos de guerra ou de corrida. Era uma perseguição em vão, mas como o ódio costuma deixar as pessoas mais burras, eles ainda tentaram.

Subindo uma colina, envoltos pela escuridão da noite, Grandier via a casa de seu inimigo arder em chamas, enquanto algumas pessoas ainda corriam atarantadas pelas ruas de Loudun. Lorena e os outros o olhavam com espanto. Sem parecer se dar conta de estar sendo observado, Grandier sorria ao ver a casa de Trincant arder, mesmo sabendo que lá deixara Philippe, a quem dera as costas pela segunda vez. Seus olhos brilhavam de satisfação, mostrando que seu ódio era maior do que qualquer preocupação com outras pessoas. Marcos notou outro foco de luz e perguntou o que era aquilo. Grandier arregalou os olhos e ameaçou correr na direção do novo incêndio, mas Marcel e Lorena seguraram as rédeas e o impediram.

– Minha igreja!!! Minha igreja!!!

Em alguns segundos, labaredas rubras lambiam o céu, erguendo-se em uma espiral de fumaça, diante dos olhos sentidos do padre. Mais rápido

do que a mão do destino, o troco fora dado.

Capítulo XVII

Cavalgada à meia-noite, cabelos e crinas ao vento, cavalos e cavaleiros fizeram-se ouvir aos pequenos animais que correram assustados com sua passagem. Pouco antes, um livro embrulhado numa camisa fora jogado na porta de Gerard, que pegou o pacote improvisado e fechou a porta logo depois. Tinha muito trabalho pela frente.

Um caminho bem mais longo foi tomado, onde novamente cruzaram um riacho e rezaram para que isso fosse o bastante para despistar possíveis perseguidores. Dessa vez o céu estava limpo e estrelado e uma tempestade não viria dos céus para acobertá-los. Enquanto pensava nisso, Lorena admitia que talvez não merecessem qualquer tipo de ajuda divina...

Quando chegaram na casa, Lorena e Marcos foram levar os cavalos para o celeiro enquanto Grandier e Marcel entravam na casa. A porta foi aberta com violência e o padre bufava como um animal furioso. Deu um soco na mesa que fez tudo sobre ela estremecer, grunhindo seu ódio contra a cidade que destruiu sua igreja.

– Você é um grande idiota!

Grandier virou-se para o dono da provocação. Marcel estava ainda diante da porta, olhos vermelhos, mas vivos.

– Você nos colocou em perigo, nos jogou na fogueira sem pensar duas vezes, porque seu ego é mais precioso do que qualquer coisa, ou qualquer um!

– Do que está falando? – rosnou Grandier – Vocês precisavam do maldito livro!

– Mas não precisávamos que você se exibisse no meio do salão, arriscando a vida de todos nós, como o cretino egoísta que é! – retrucou Marcel, dando passos à frente.

– Se acha que vou deixar aqueles safados se livrarem do que fizeram, está mais louco que eles! Se não tem coragem pra enfrentá-los, fique em casa, mas me deixe em paz!

– Você vai acabar nos matando, seu imbecil!!! – gritou Marcel, furioso não só com a estupidez do outro, mas com um monte de outras coisas.

Grandier avançou para cima dele. Não era homem de aceitar imprecisões, fosse de quem fosse. Sua honra estava acima de todas as coisas, até mesmo da gratidão. Os dois chocaram-se contra a parede,

trocando socos. Logo estavam no chão e Grandier, que agora não tinha nada do cavaleiro galante de horas antes, erguia o punho fechado no ar com o rosto contorcido, quando uma voz feminina o fez parar.

– O que estão fazendo?!

Lorena e Marcos chegavam sem entender nada. Grandier hesitou por um momento e largou Marcel. Os dois se levantaram e Grandier não disse nada. Apenas deixou a sala e foi para o quarto.

– O que foi isso?! – perguntou Marcos, já sem as roupas da dama louca que encarnara.

Marcel não estava com disposição para dar explicações.

– E ainda demos o quarto pra ele... – resmungou, arrependendo-se naquele momento de ter tirado aquele padeco pretencioso do corredor da morte.

Grandier andava pra lá e pra cá dentro do quarto. Sua cólera não encontrava vazão naquele lugar onde não tinha nada pra quebrar nem ninguém pra socar. Nem ouviu a porta abrir-se lentamente e, quando virou-se novamente, Lorena estava de pé olhando pra ele com os cabelos soltos e os olhos penetrantes e acusadores.

– Seu amigo não devia queixar-se de uma briga com...

– Você a deixou lá...

Grandier se perdeu. Achou que a briga na sala era o motivo daqueles olhos acusadores e magoados.

– O quê...? Do que você está falando?

– Você a deixou lá...! Ela amava tanto você que deu as costas pra tudo o que conhecia, e você a deixou lá!

– Philippe não sabia o que estava fazendo, ela nunca sabe o que está fazendo. O lugar dela é com o marido, mesmo que seja um verme como Moussaut. Ela devia estar fora do juízo para ter feito o que fez, possivelmente mais um fio nessa trama que quer me destruir!

As palavras dele não pareciam ter significado algum. Os olhos dela encheram-se d'água, o coração inundado de desapontamento. Virou-se para sair, mas antes olhou novamente pra ele, com um olhar que mostrava toda a surpresa e toda a decepção que ele lhe causara.

– Você sequer olhou pra trás!...

Então ela saiu, tão silenciosamente como entrou. Caminhou até a sala, onde Marcos havia se abandonado numa cadeira sem os sapatos. Marcel estava na janela, onde uma Lua crescente sorria cinicamente de sua desgraça.

– Cometemos um erro, Lorena... – murmurou ele, quebrando o silêncio tenso que se formara na sala.

Ela, que estava parada com ar perdido no meio da sala, recuperou a altivez que recentemente conquistara e deu um passo em sua direção.

– Ele está confuso, você também estaria.

Marcel olhou pra ela com olhar sério.

– Ele não está confuso. Ele é o que sempre foi: cínico, cruel, arrogante e egoísta. Ele vai passar por cima de tudo e todos para se vingar de seus inimigos e você sabe disso.

Lorena pareceu deixar-se desabar novamente. Sacudiu os braços sem saber o que fazer. Então sentou-se em uma cadeira e baixou a cabeça.

– Não é a mesma pessoa das páginas do livro que reconheceu seus erros e enfrentou o cadafalso com dignidade, não é? – perguntou ela, olhos cheios d'água ao reconhecer que seu príncipe não vestia as roupas perfeitas que ela lhe dera.

Marcel virou-se para ela, comovido com sua tristeza, talvez porque isto a aproximasse dele como o aproximara de Philippe. Ele puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela.

– Lorena... Grandier só percebeu a verdade na véspera de sua condenação. Ele só viu seus erros e pecados quando a morte sentou-se ao lado dele naquela cela escura. Nós tiramos isso dele.

– Que clichê patético... – Marcos ouvia tudo sem se mover, deixando as palavras seguirem seu rumo em sua mente cansada e alcoolizada. – Tentando salvar o homem inocente, criamos um monstro... Acho que é agora que alguém começa a fazer um discurso sobre deixar o rio seguir seu curso, não lutar contra o destino e todas aquelas besteiras...

Houve um silêncio. Então Lorena riu.

– São besteiras mesmo... Besteiras enfadonhas para deixar tudo como está.

Marcos franziu o cenho como se focasse seus pensamentos em uma mariposa perdida no teto de madeira. Houve um silêncio em que cada um ficou imerso em seus próprios pensamentos sobre aquela estranha noite.

– E se nós contássemos pra ele o que aconteceria se não tivéssemos aparecido? Quer dizer, com detalhes! Talvez ele tomasse um susto! – sugeriu Marcos.

Marcel suspirou.

– É. E talvez ele enlouquecesse. Ele já está furioso agora, imagine depois que soubesse como tudo iria acabar. Não, acho que não vai adiantar. Vamos dormir, esquecer isso um pouco – esfregou os olhos cansados. –

Talvez a luz do dia jogue alguma luz nos acontecimentos.

A manhã chegou bela e suave, com uma fina neblina deixando a impressão de que o véu entre sonho e realidade continuava ali, mesmo depois do despertar. Estavam em silêncio. Os acontecimentos da noite anterior ainda pesavam sobre suas cabeças e o clima era pesado como um dia de chuva. Logo, dispersaram-se, cada qual buscando paz em sua própria solidão.

Lorena lutava contra o vento em seu pequeno reduto verdejante. As folhas cantarolavam em seu farfalhar enquanto ela executava sua dança com a espada. Estava com o uniforme de monsieur Jardanét. Como sentia-se bem com ele!... Era como se nele soubesse quem era. Seus movimentos com a lâmina eram hora tranquilos, hora bruscos. Em seus inimigos imaginários, eram todos fatais. Pensava em Philippe. Lamentava por ela, embora não a conhecesse. Philippe era seu espelho. Era o que ela mesma seria se tivesse sempre pertencido àquele lugar. Amaria Grandier mais do que a si mesma. E seria infeliz para sempre...

Um vento mais forte derrubou várias folhas cor de cobre que caíram dançando e entraram naquela valsa. Lembrava do que Marcel lhe dissera, cada palavra, cada cruel e verdadeira palavra, mas recusava-se a desistir. Haveria uma maneira de mostrar a ele... Mostrar o quê? Seus erros? A dor que causara? O que ela sentia? Como mostraria isso? As folhas continuavam a cair. Não havia jeito de vencer essa luta.

– Você tem um equilíbrio muito bom.

Ela se assustou quando aquela voz invadiu seus pensamentos. Virou-se com rapidez e lá estava ele, de pé, sorrindo-lhe docemente.

– Mas não está focando corretamente.

Ela empinou o nariz, ainda ressentida com ele.

– Os guardas de Loudun não parecem ter a mesma opinião – retrucou a moça.

Ele deu uma sonora gargalhada.

– Os guardas de Loudun não estavam preparados para um ataque de formigas... – voltou a olhar pra ela como se olha para uma criança. – Eles não estavam preparados pra nada, nem mesmo pra você!

Ele caminhou até a moça e posicionou-se atrás dela.

– Veja. Siga meus movimentos...

Ela ficou nervosa, mas tentou obedecer. Fez com ele um golpe de ataque.

– Coração! Pulmão! Tem que passar entre as costelas, vê? Você está muito tensa, relaxe!! Finja que é uma dança.

Eles executaram seu tango sob o céu azul, enquanto ela ouvia suas instruções divertidas e sentia a mão dele sobre a sua. Seu corpo era quente e seu coração estava em disparada. Foi relaxando e deixando que o professor lhe ensinasse o que sabia. Foram vários movimentos, ataques, defesas, até que ele colocou-se diante dela e pegou sua própria espada, longa e prateada.

– Agora vamos ver se você melhorou.

Ela fez um ataque tão medíocre que ele teve que se conter para não rir.

– Ora, vamos lá, mademoiselle! Pode fazer bem melhor que isso!

Novo ataque desastrado e dessa vez ele teve que rir.

– Vamos fazer o seguinte! Finja que me odeia...

Ela o olhou nos olhos. Isso não seria muito difícil. O primeiro golpe bem sucedido de Lorena aconteceu. Ele esquivou-se com graciosa facilidade. Ele continuou falando, sem tirar os olhos dela.

– Finja que eu a decepcionei. Que eu fiz uma coisa baixa e vil. Que feri os sentimentos de uma alma pura.

E a cada palavra, um novo ataque, melhor que o anterior, era investido contra ele, que facilmente se esquivava, como um cervo brincando com um predador cansado. Até que ele finalmente a desarmou com cruel facilidade. Sua espada voou e ele apanhou-a no ar.

– Percebo, minha cara dama, que, como eu, você é movida a ódio.

Lorena estava furiosa e frustrada por não acertar um único golpe, mas as últimas palavras ferveram seu sangue. Um murro forte e inesperado o acertou em cheio, fazendo-o se desequilibrar. Antes que pudesse reagir, um pontapé no peito o derrubou e ela saltou em cima dele.

– Eu não sou igual a você!!!

Então eles se olharam espantados, admirando-se. Ele ergueu levemente o rosto e tentou alcançar os lábios dela. Ela desceu levemente a cabeça e encostou os lábios nos dele. Assim, cada qual cedendo um pouco, eles se beijaram, um beijo longo, morno e doce, encoberto pelos cabelos dela que continuavam sua dança ao vento, junto às folhas douradas que caíam. Depois da decepção da noite anterior, não achou que sentiria alguma coisa quando estivesse tão perto dele de novo, mas estava errada. Estar perto dele apagava todos os receios sobre o futuro e quase apagava todos os erros do passado. Quando estava com ele, era feliz.

– Onde você estava?

A pergunta de Marcel assumiu um ar inquisidor que perturbou Lorena.

– Por que quer saber?

Grandier entrou logo depois e Marcel sentiu que havia alguma coisa. Assim que o padre seguiu para a cozinha, Marcel encurralou Lorena.

– Lorena, você não pode ser tão burra!

– Do que está falando, Marcel?!

– Estou falando de se envolver com o Casanova aí! Você sabe o estrago que ele fez com quem se apaixonou por ele e ainda se atira em suas teias!

– Marcel, você está indo longe demais. É melhor parar, enquanto ainda respeito você.

– Eu ia lhe dizer a mesma coisa!

Seus olhos faiscaram e as palavras doeram como dardos. Antes que mais dardos fossem atirados, Marcos entrou esbaforido pela casa.

– Cavalos!!! São cinco, com guardas, vindo pra cá!

Marcel correu até a janela e verificou que infelizmente não era um surto de loucura de Marcos.

– Plano B!!! – disse Lorena.

Marcel olhou pra ela atônito.

– Tá falando sério? Você achou mesmo que aquele plano imbecil era pra valer?!

– A menos que tenha outro, estou sem opções!

Grandier chegou correndo na sala.

– Guardas! São cinco, podemos dar conta deles!

– Não! Vão lá pra dentro! Vamos arriscar com o Plano B! Vão logo! – gritou Lorena.

Marcel não confiava no Plano B, mas era melhor do que mais uma luta suicida. Colocou suas vestes de monge com travesseiros previamente preparados e apanhou seu terço. Mal terminou de se aprontar, batidas soaram à porta. Com uma voz rouca e tossindo muito ele foi atender, parecendo um homem gordo e cansado.

– Já vou, filho, não precisa arrombar a porta!

Assim que a porta foi aberta, os soldados invadiram e olharam em volta. Marcel reconheceu o homem obstinado que perseguira Grandier na noite anterior. Hervé, cujo ferimento que Lorena fizera no dia da fuga nem mesmo estava à vista, entrou e perguntou pelo velho recluso que ali vivia.

– Monsieur Jardanét está descansando. Está muito doente, o pobre

homem!

– Estamos procurando por quatro cavaleiros, um deles é o padre condenado por bruxaria, Urbain Grandier, e outro deles é uma mulher. Você os viu?

– Uma mulher?! Meu Deus, este mundo está perdido! Não, senhor, eu não os vi, infelizmente, não saio da casa há semanas cuidando de monsieur Jardanét.

Hervé esticou o olhar para a porta do quarto fechada.

– Não se importa se dermos uma olhada. Temos ordens para revistar tudo.

– Oh, mas é claro que não me importo! Estejam à vontade!

Os homens se dirigiram para o quarto e para a cozinha, quando Marcel voltou a falar. Dentro do quarto, Lorena, Marcos e Grandier estavam de armas em punho grudados na porta.

– Monsieur Jardanét vai ficar muito feliz em ver pessoas de novo! O pobre homem não recebeu mais nenhuma visita...

Um dos soldados levava a mão à maçaneta.

– ...desde que pegou a peste...

Os homens detiveram-se imediatamente. Marcel se adiantou para a porta do quarto.

– Venham, eu vou chamar Jardanét!! Monsieur!! Monsieur! Abra a porta!!! Tem visitas!! Não se espantem com seu estado! A língua está negra e a pele já está cheia de chagas, mas sei que não se importarão!

Dentro do quarto, um gemido longo e tenebroso terminava com uma tosse seca e mórbida. Então a trinca começou a ser girada e os homens deram um passo atrás. O bravo Hervé deteve-se diante de um velho doente.

– Acho que não será necessário! Homens, comigo!

O comissário saiu grosseiramente, sem dar ouvidos aos chamados do monge de voz rouca. Quando os cavalos foram ouvidos se afastando apressadamente, os três saíram do quarto.

– Não falei que era um bom plano? – disse Marcos.

– Era um plano imbecil! Mas cada um cai no plano que merece. Que bom que funcionou!

– Grandier, a gente sabe que você não vale nada... – disse Marcos, sem se preocupar em ser indelicado. – Mas o que você aprontou com esse homem pra ele querer tanto assim a sua cabeça, hein?

Grandier observava a estrada da janela. Lembrava-se de Irmã Jeanne, de como ganhara seu ódio sem nunca tê-la visto. Compreendia o ódio de Trincant, de Tranquille e de tantos outros... Mas Hervé e Jeanne

tiravam-lhe o sono. Estes inimigos, nunca soube como conquistara.
– Sinceramente, *mon ami*... Daria qualquer coisa pra saber...

Capítulo XVIII

Olhava para o espelho e lembrava como tudo aquilo começou. Começou com a primeira vez que o viu, caminhando como um pavão emplumado pelas ruas de Loudun, sobressaindo-se na mesmice como um diamante na poeira, sorrindo seu sorriso perfeito para as senhoras devotas de Loudun. Bastou vê-lo uma única vez para desejá-lo desesperadamente. Mas não podia fazer aquilo! O simples pensamento era enojante e pecaminoso, digno das mais profundas condenações do Inferno. Tentou se livrar daquelas odiosas fantasias, tirando-o da mente. Mas o destino fora matreiro... Como livrar-se desses pensamentos se o demônio com cara de anjo estava ali o tempo todo para inspirá-los? Nas ruas, nas conversas, no altar... Pecado duas vezes, o alvo de sua paixão era um padre!

Ele estava por toda parte, não havia como fugir! E será que ele sabia? Terror ao pensar nisso! Sim, com certeza sabia, pois estava o tempo todo com aquele sorriso zombeteiro, ridicularizando seus sentimentos! Então, ele era o culpado! Como o demônio reveste seus protegidos da mais pura beleza para tentar os cristãos, acreditou piamente que Grandier era um deles, provavelmente o favorito. Era sua salvação acreditar nisso, sua única salvação. E como principal culpado de sua alma estar prestes a ir para o Inferno, Grandier precisava pagar. Mais ainda, deveria ser destruído! Destruído o objeto do desejo, acabar-se-ia o desejo e sua alma estaria a salvo! Sim, estava decidido. Destruiria Grandier, nem que tivesse que empenhar sua vida e alma nisso!

Hervé olhou-se fixamente no espelho, lembrando como tudo começou...

Na manhã seguinte, Lorena, Marcos e Marcel acordaram cedo e estavam tomando café. Grandier não havia se levantado ainda e foram chamá-lo. Sua cama estava vazia. Marcel não pareceu espantado.

– Ele é grandinho. Pode se cuidar – foi seu comentário, antes de meter um pedaço de pão na boca.

– Vamos ao riacho? – perguntou Marcos.

– Ficou maluco?! Estamos sendo procurados!

– É, e eles já sabem onde não procurar mais, graças a minha interpretação de velho-moribundo-colocando-as-tripas-para-fora que merecia um Oscar! Vamos lá! Estou louco por um banho!

Mais uma vez, Marcel não sabia como foi convencido àquilo até estar de calção dentro de uma água gelada ouvindo coisas que não faziam o menor sentido. Era fato que nenhum deles contara em ir parar na antiga França quando aceitaram o estranho convite de Marcos, mas todos imaginaram que um lugar chamado “Cachoeira de Macacu” tinha esse nome por algum motivo. Não acharam a cachoeira, mas acharam um riacho de água limpa, e ao menos puderam usar suas roupas de banho.

– Por que será que eles nunca envelheciam? – perguntou Lorena.

– Talvez porque fossem desenhos... – respondeu Marcel, entrando naquele chá do Chapeleiro Louco, já que já estava sentado à mesa.

– Talvez porque naquela outra dimensão o tempo corresse de forma diferente! O Vingador também nunca envelhecia! – supôs Marcos.

– Lá vem você com esse papo de outra dimensão de novo! – reclamou Marcel.

– E se for assim conosco? – perguntou Lorena. – E se quando voltarmos, descobrirmos que nunca fomos? Que o tempo não passou, que nem naquele desenho em que um bando de garotos entrava num armário e ia parar num outro mundo, onde tinha um leão e uma bruxa, lembram?

– Eu me lembro desse desenho!!! Passava na Sessão da Tarde!!! Era muito legal!!!

– Dá pra parar de falar de outra dimensão? Esse assunto me deixa nervoso!

– Ué! Por quê? – quis saber Marcos.

– Porque não temos certeza se Gérard vai encontrar um outro portal e, se encontrar, não teremos certeza se vamos para nossa casa, nossa época ou nosso planeta, sei lá! E se essa droga for parar em um outro lugar, ainda pior que esse? Ou se formos parar em outro tempo, diferente do nosso? Posso imaginar um milhão de tragédias que poderiam ocorrer, sem sequer supor dimensões radicalmente diferentes! Porque eu estou avisando, se eu encontrar um dragão de cinco cabeças ou um cara com um chifre e asas de morcego montado num cavalo que parece ter fugido do inferno, eu piro, na hora! É sério!! Saio por aí dando cambalhotas e batendo com a cabeça na parede!

– Marcel tem razão... – disse Lorena. – Podemos não conseguir voltar... Mas sabe? Até que aqui não é tão ruim! Do que vocês acham que sentiriam mais falta?

Marcel olhou para o céu azul com um sorriso nostálgico, como se já tivesse deixado seu tempo e sua casa há anos.

– Eu sentiria falta de dirigir. Esse negócio de cavalo é horrível! Eu

queria poder andar de carro de novo! E loção pós-barba! Isso também tem feito muita falta!

– Pois eu sentiria falta da música! – disse Marcos. – Além de não poder mais ver e ouvir minha querida Madonna, eu nunca mais ouviria nada com uma guitarra, ou um teclado, ou meus conjuntos favoritos! Acredita que eu estou com tanta saudade de ouvir música que estou com saudade até daqueles pagodes que tem mulher rebolando?

– Peraí! – interrompeu Marcel – Em primeiro lugar, isso aí não é música, é ritual de acasalamento. Em segundo lugar, aqui tem música também. Só não é igual à do nosso tempo, claro, mas não é como ficar preso numa caixa.

– Eu sentiria falta do cinema – disse Lorena. – Não só do filme em si, mas de todo aquele ritual de se arrumar, botar perfume, ir ao cinema, comprar balas, pipoca e refrigerante e assistir uma história. E depois sair, ir a uma lanchonete, olhar as pessoas e lojas... Sentiria falta disso...

– Bem, aqui você pode sentar em volta de uma fogueira e contar histórias dos filmes que você viu... – sugeriu Marcos. – Mas sabe de uma coisa? Eu acho que vou sentir falta daqui!

– Cê tá louco? – Marcel quase pulou.

– Pois eu também! – concordou Lorena, mergulhando os cabelos longos na água brilhante. – Nunca vi um céu tão bonito, um ar tão puro e um lugar tão lindo!

– Pois acredite, Lorena, existem lugares assim no nosso tempo, só que ninguém tenta matar a gente lá!

– Ah, Marcel, você é muito negativista!! – reclamou Marcos.

Ficaram em silêncio uns instantes... Estavam todos querendo falar de um assunto, mas ninguém queria ser o primeiro a puxar o bonde. Até que todos abriram a boca e falaram ao mesmo tempo do que era sempre assunto recorrente entre eles, cada vez que ficavam sozinhos. E Grandier era sempre um assunto interessante. Já era muito comum que fofocassem de pontos de vista definidos. Lorena era, claro, a advogada do diabo. Marcos pulava de um lado para outro conforme sua cabeça louca mandava. Marcel se colocava na posição de promotor, lembrando sempre todas as coisas erradas que Grandier fizera.

Era engraçado. Algumas pessoas possuíam esse talento. Grandier cometia erros, muitos, um depois do outro. Mas continuava sendo adorável e bastava lembrar de sua imagem para simpatizar com sua causa, seja lá qual fosse, e perdoar os deslizes como se perdoa uma criança travessa. Entre a defesa de Lorena e a acusação de Marcel, Grandier não era nem

uma coisa, nem outra, nem santo, nem demônio. Era uma criança cheia de vontades querendo se divertir um pouco. O problema é que nem todo mundo encarou sua brincadeira como um simples jogo.

– Pois eu acho que ele precisa de limites – disse Marcel. – Nada disso teria acontecido se ele tivesse limites.

– Pois acho que os limites podam a liberdade e ele quer ser livre! – contestou Lorena. – Quem não quer?

– Mas quem é livre de verdade, Lorena? – perguntou Marcel – Quem você conhece que pode realmente fazer tudo o que lhe dá na cabeça? Essa história de liberdade é ilusão! Ninguém é livre de verdade! Vivemos todos presos em compromissos, impostos, contas, dívidas, família, vizinhos, sociedade, governo e, como se não bastasse, ainda nos prendemos a vícios! A raça humana é prisioneira, senão por imposição de uma força maior, por vontade própria!

– Pois eu acho que há pessoas livres! – em outros tempos, Lorena abaixaria a cabeça para pensar no assunto e quando a levantasse novamente, não haveria mais ninguém para ouvir sua resposta. Mas nos últimos dias estava praticamente impossível fazê-la largar seus pontos de vista. E, por mais que se recusasse a admitir, Marcel estava adorando isso. Ter uma parceira de debates à altura fazia-lhe um bem enorme... – São aquelas que dizem não quando se deparam com todos esses limites que nos são impostos! São aquelas que dizem: “Não, não vou seguir a profissão da família! Meu sonho é jogar futebol e é isso o que eu vou fazer!”, os que insistem em publicar um livro num país de maioria analfabeta, os que não se deixam abater quando alguém diz que não dá, não pode, é difícil! Cada uma dessas pessoas, nadando contra a maré, é livre!

– Bravo! – aplaudiu Marcos – Bravo!!! Bis! Bis!

– Então Grandier foi livre quando magoou outras pessoas e merece ser congratulado por isso?

– Ele quis ir além do que era e deveria ser punido por ter menosprezado os sentimentos dos outros. Mas as outras pessoas também tiveram escolhas! Ninguém nunca foi obrigado a nada. Nunca houve uma única acusação contra ele de qualquer uma das mulheres que amou. São sempre terceiros que entram na história!

– Com isso eu concordo! – Marcos entrou no debate – O problema é que ele nunca retrocede um centímetro e se não fosse por nós, bravos e valentes heróis do futuro, estaria sendo servido como churrasquinho de gato lá na praça!

– Como é?

A voz de uma quarta pessoa fez Marcos dar um pulo desastrado na água, onde sacudiu os braços como um desesperado.

– Fomos descobertos!!! Fugam!! Nadem!!! Corram!!!! Salvem-se!!!!

Marcel e Lorena cumprimentavam Grandier que descia do cavalo com uma expressão de espanto horrorizado ao ver que aqueles três estavam tomando banho quase nus.

– O que pensam que estão fazendo?! – perguntou, sem saber pra onde olhar.

– Oh, olá, Grandier... – Marcel divertiu-se em ver o padre totalmente sem jeito. – Estamos nos refrescando, a água está uma delícia!

– Junte-se a nós! – Chamou Lorena.

Marcos, que em seu nado descontrolado não avançara nem meio metro, voltava.

– Eu sabia que era ele. Só queria ver se vocês estavam atentos...

– Vocês estão quase nus! Uma mulher e dois homens! Isso é uma afronta a Deus!

– O quê? – Marcel fingiu espanto – Uma afronta a Deus que você não tenha cometido antes??? O mundo vai acabar!!

– Mais um motivo para se juntar a nós, Grandier! – Lorena estava gostando de bancar a garota má. Queria chocar o padre, sacudi-lo um pouco pra ver se ele caía do pedestal.

Grandier estava espantado, as faces rubras, tentando tapar a visão de Lorena de maiô com as mãos enquanto olhava para o outro lado.

– Lorena! – disse ele – Devo pedir-lhe que saia daí e se vista! Agora! Vou levá-la de volta casa!

– Isso é engraçado! – concordou Marcos – Grandier ruborizado com a gente! Pior, ruborizado com esse maiô da Lorena que seria impedido de entrar em Copacabana por ser bem comportado demais!

Eles riram, deixando o padre mais sem graça ainda. E então eles perceberam que, com tudo o que sabiam, dada a época em que viveram – até ali, pelo menos – haviam visto e ouvido muito mais do que aquele padre do interior. Era surreal, mas Grandier era, em muitos sentidos, um rapaz ingênuo do interior. Mesmo envergonhado, ele se aproximou mais e estendeu a mão para Lorena, enquanto olhava para o outro lado.

Então ela lhe deu a mão e, com um forte puxão, deu-lhe um banho. Voltou à superfície perplexo ante as gargalhadas de todos, os cabelos grudados no rosto.

– Olhe para nós, Grandier!

Ele olhou e virou rapidamente o rosto ao se deparar com a moça de

maiô de florzinhas.

– Ai, meu Deus!... – exclamou ele.

Ela pegou o rosto dele e o obrigou a olhar para ela.

– Olhe para nós! Viu? Não tem nada de pecaminoso. Somos amigos, estamos apenas nos divertindo, papeando enquanto tomamos banho de riacho. De onde viemos, fazemos isso o tempo todo.

– Só que é mais quente que aqui! – Marcos tremeu com uma brisa fria.

Grandier conseguiu olhar pra eles. Marcel lhe fez um aceno cínico, achando divertidíssimo vê-lo constrangido. Lorena sorriu e Marcos mergulhou desengonçado para fugir de uma lavadeira feroz. Não havia um traço de segundas ou terceiras intenções ali. Foi controlando o próprio choque, lutando contra anos de mentalidade tacanha e cheia de pecado em tudo. Mas era um homem inteligente, que pensava por conta própria (por isso estava naquela fria) e sabia discernir o que era exagero e o que era natural. Aquilo, por mais bizarro que fosse para a época, parecia-lhe natural. Lorena sorriu e jogou água nele, brincando como uma menina.

E, além de tudo, “era um homem que amava as mulheres...”

Poucas horas depois, quando o vento frio se tornou uma companhia desagradável e inconveniente, voltaram para casa. Grandier estava feliz. Molhado, mas feliz. Não se divertia assim há tempos e sentia a alma leve. Até mesmo Marcel, com quem se atracara na noite anterior, estava divertido. Assim que trocaram as vestes por roupas mais quentes, ao chegarem em casa, animado, ele lhes mostrou um pacote de pano com temperos, grãos, carne e frutas.

– Vejam, eu trouxe alguma comida! – disse com um largo sorriso.

Tão animados em receber o presente quanto Grandier em dá-lo, eles logo atacaram as frutas enquanto verificavam o restante.

– Que ótimo! Agora quem é que vai matar a galinha hoje? – perguntou Marcos. – Eu não aguento mais matar galinha, sou sempre eu! Daqui a pouco eu terei uma dívida kármica com as penosas!

– Você não foi à cidade, não é? – perguntou Marcel, preocupado em Grandier ter sido seguido.

– Não se preocupe, eu não fui à cidade.

– Então onde conseguiu isso tudo? – perguntou Lorena, encarando-o curiosa.

Grandier empalideceu e desviou o olhar. Desconversou, falando das qualidades de um determinado tempero e finalmente escorregou para a

cozinha como um peixe.

– Ele pode até ser muito legal... Mas eu disse que ele era um cafajeste... – murmurou Marcel.

– Você sabe de alguma coisa, Marcel? – perguntou a moça.

– Ele é casado, Lorena.

Lorena empalideceu. Então riu. É claro que era uma piada! Ele era um padre! Como podia ser casado? Marcel foi até o quarto e apanhou o livro. Jogou-o em cima da mesa, diante dela.

– Página 112. Madeleine de Brou.

A realidade muitas vezes consegue ser mais cruel do que qualquer ficção, por mais inspirado que esteja o artista. Quando sentia que estava quase no topo da montanha, uma ventania a derrubava e ela caía. Cada queda era mais dolorosa que a anterior, não pelo tombo em si, mas pela aparente proximidade do topo que em poucos segundos tornava-se novamente inatingível. Sabia que Grandier era manipulador e cínico, que ele usara cada mulher que encontrou, mas o fato de nunca ter amado nenhuma dava-lhe uma esperança distante de que, quando isto acontecesse, ele mudaria. Lorena leu algumas das páginas saltadas e percebeu que algumas pessoas não mudam nunca...

Enquanto Trincant e os outros tramavam meios de fazer aquele padre pretensioso cair, Grandier caía por conta própria em sua própria armadilha. Prestando seus serviços de *curé* à família de Brou, Grandier percebia-se olhando cada vez mais para a filha mais velha. Ao contrário das duas irmãs, Madeleine de Brou chegava aos trinta sem se casar. Não por falta de pretendentes. Moça bonita e séria, extremamente religiosa, Madeleine preferiu dedicar-se aos pais idosos. Não tinha amigos de sua idade e depois da morte da mãe (o pai já havia falecido) Madeleine confessou ao padre seu desejo de ser tornar uma freira. Mas o padre a desencorajou, dizendo que sua missão era ali em Loudun. É claro que não demorou para Madeleine perceber no padre o arcanjo que esperara a vida inteira. Mas dessa vez, Grandier não estava no jogo de sedução. Tomou uma dose de seu próprio remédio, deixou-se seduzir pelo lago silencioso e profundo que via em seus olhos. Grandier finalmente apaixonou-se.

Teceu em palavras bonitas para a amada suas teses sobre o celibato, dizendo assim que poderiam se casar. Madeleine, por amor, acreditou e à meia-noite, na igreja vazia, uma cerimônia realizou-se. Ali, diante de Deus,

como padre Grandier perguntou se ele a aceitava como esposa. Como noivo, respondeu que sim. De fato, cumpriu a promessa que fez à Sra. de Brou em seu leito de morte. Ela pediu que tomasse conta de sua filha mais diletta. Ele o fez tomando-a como esposa. Juntos fizeram os votos sinceros de amor eterno. Diante de Deus, estavam casados...

Na cozinha, Grandier abria os armários de madeira empenada, quando Lorena chegou. Ele sorriu, feliz com a presença dela e convidou-a a ajudá-lo.

– Vou preparar uns biscoitos que aprendi com os jesuítas! Quer me ajudar?

Lorena olhou para ele com olhos cheios de ódio, o livro ainda nas mãos.

– O que foi? – perguntou ele, ao ser chamuscado por aquele olhar.

Ela deu um passo na direção dele e o olhou profundamente.

– Madeleine de Brou...

Ele perdeu a cor e sua expressão endureceu. Foi o bastante pra ela saber que não era nem mesmo uma carta fora do baralho, porque nunca chegara a constar do baralho, que caíra nas mesmas teias em que caíra Philippe, o que era imperdoável. Não deveria estar surpresa, mas estava. Quem pode controlar o coração de uma mulher, já que nem ela mesma pode? Lorena saiu da cozinha pela porta dos fundos logo depois, ele ouviu um cavalo sair em disparada. Paralisado, ele não se moveu, nem mesmo a chamou de volta.

Ela cavalgou para longe, as lágrimas caindo numa luta inútil. Estava apaixonada e seu peito doía tanto que parecia que ia morrer. Ela o amava, amava tão loucamente que chegava a odiá-lo por isso. Mas perdeu-se de uma vez quando alimentou esperanças, quando acreditou que ele poderia amá-la também, que ele poderia descobrir que pessoa maravilhosa ela poderia ser. Em vão, ele nunca a amara, seus beijos nunca foram seus, tudo perdia o valor. Pior ainda, tudo assumia uma vestimenta horrível de pena e compaixão. E se ele apenas cedera ao beijo e parecia ser tão gentil com ela por pena? A dor a levou para longe e a beleza do lugar apagava-se com suas lágrimas. Mas ela sabia que não importava o quanto corresse, não iria ultrapassar aquela dor e talvez a única forma de deixá-la para trás fosse voltando para ela. Parou, olhando as colinas com os olhos cheios d'água, soluçando como uma criança. Olhou para as rédeas em suas mãos enquanto o vento brincou de jogar algumas mechas de seu cabelo para frente. Ergueu a cabeça e deu um longo suspiro. Não fugiria. Não faria daquilo algo

tão importante. Empinou-se, recuperando o orgulho que quase lhe foi tirado. Se ele não a amava, a perda era dele. É um cretino. Limpou as lágrimas das faces avermelhadas, com o coração ainda doendo. Levaria algum tempo até que parasse de doer...

Cerca de duas horas depois, ela voltou. Marcos estava preocupado, mas Marcel estava confiante de que ela voltaria assim que as lágrimas secassem.

– Lorena! Você me deu um susto! Onde você se meteu?

Ela não respondeu. Sentou-se à mesa e acompanhou-os no lanche. O silêncio era incômodo e Marcel parecia uma velha avó que sempre sabia o que ia acontecer. Algum tempo depois, Lorena deixou a mesa. Grandier foi atrás.

– O que está acontecendo? – perguntou Marcos.

Sem interromper sua mordida no pão, Marcel pegou o livro de novo e jogou na mesa, diante de Marcos.

– Página 112.

– Lorena!

Na cozinha, ele tentou puxá-la pelo braço, mas ela se esquivou bruscamente.

– Por que está tão zangada, afinal?! – perguntou ele.

Ela parou. Virou-se pra ele incrédula.

– Você não me perguntou isso! Eu não acredito que você me perguntou isso!

Ele assumiu sua postura ativa de quem é defendido pelos Anjos da Justiça.

– Nunca lhe menti. Também nunca lhe prometi nada. Do que me acusa?

Ela caminhou até ele.

– Grandier, você é um homem inteligente, então não me faça de imbecil. Você sabia que eu estava me apaixonando por você, sabia e ainda assim deixou que acontecesse, mesmo sabendo que você amava outra. Como acha que eu me sinto?! Quer uma pista? Me sinto como Philippe! Enganada e descartada. Você não merece o amor de ninguém, Grandier, nem meu, nem de Philippe, nem de Madeleine!

Então ela saiu pela porta da cozinha, batendo-a com violência. Grandier sentiu-se fuzilado pelas costas e virou-se. Marcos olhava-o com

olhar grave.

– O que foi agora?

– É impressionante a capacidade das mulheres de se apaixonarem por canalhas completos... – respondeu o jovem sem tirar os olhos dele.

Grandier olhou em volta, como se procurasse alguma explicação de todo mundo estar tão ávido por jogá-lo numa fogueira bem grande.

– Você mal me conhece! Como pode me acusar de qualquer coisa?! – perguntou Grandier, irritado.

Marcos deu alguns passos à frente.

– Lorena é minha melhor amiga, seu estúpido. Parta o coração dela e eu parto a sua cara!

– Ah, entendo! Está me acusando sem ao menos saber o que aconteceu! Entre na fila, tem um monte de gente fazendo isso! Não ouse me condenar se nem sabe o que está acontecendo!

– Sua capacidade de torcer os fatos a seu favor é impressionante, mas eu já conheço seus truques, padresco! Você acha mesmo que não deve nada a ninguém, que o mundo existe para servir seus caprichos e que pode pisotear os sentimentos dos outros como se fossem lixo? Você podia ser inocente do que o acusavam, mas era culpado por um monte de outras coisas! Você esmagou orgulhos, destruiu auto-estimas, entristeceu mulheres cujo único erro foi acreditarem em você e tudo pra quê?! Para alimentar esse seu ego enorme e insaciável!

– Quem você pensa que é pra achar que me conhece?! Seu tolo pretencioso, acha que sabe alguma coisa de minha vida? Se meu pecado foi amar as mulheres, dei-lhes muito mais do que tirei, pois se elas me deram prazer, eu lhes dei amor e um motivo para se sentirem mais belas, lhes dei cor em um casamento solitário, lhes dei uma oportunidade de viver um amor que elas nunca esquecerão! Diga que isso não é nada! Diga isso para uma mulher cuja vida não é nada senão uma sucessão de dias iguais ao lado de um homem na cama que nunca passa de um eterno estranho!

– Algumas mulheres precisam de mais do que isso, Grandier! E quer saber? A maioria delas merece bem mais do que isso! Se diminuir um pouco seu próprio brilho, talvez consiga ver com mais clareza o estrago que fez em algumas pessoas! Aquela mulher que está lá fora chorando por um canalha que não vale nada arriscou a vida para salvar sua pele, arriscou-se de novo para dançar uma valsa com você, e tudo que você lhe dá, tira logo em seguida, arrancando um pedaço dela junto! Se eu tivesse ideia do mal que você ia lhe causar, teria deixado você exatamente onde estava, no caminho da fogueira!

Marcos virou-se para sair, quando ouviu a voz de Grandier.

– Eu nunca teria sido condenado!

Marcos voltou-se e atirou no rosto do padre o livro que trazia o tempo todo nas mãos. Despreparado, o padre foi atingido pelo livro de páginas abertas como asas de pássaros, que caiu logo depois aos seus pés. Grandier já jogou cadeiras em cabeças por muito menos que isso, mas dessa vez, as palavras o acertaram como dardos afiados, mostrando-lhe que suas ações e intenções tão habilmente disfarçadas estavam totalmente à mostra, ao menos para aquelas estranhas pessoas.

– Algumas pessoas só entendem as coisas quando jogamos a verdade na cara delas! Veja seu futuro, Grandier! Veja seu longo e tortuoso caminho para a morte e depois me diga que a verdade o salvaria!

Diante do rosto surpreso do padre, Marcos retirou-se. Grandier abaixou devagar e apanhou o livro.

Foi um fim de tarde silencioso. Quando as vozes interiores são controversas e confusas, o melhor mesmo é manter-se em silêncio. Lorena passara toda a tarde cavalgando, embora Marcel a advertisse do risco de ser vista. Ela agiu como se ele fosse invisível. Quando a noite chegou, Marcos foi encontrá-la. Ela olhava a Lua crescente no manto negro. Parecia mais tranquila.

– Tudo bem?

Ela olhou pra ele, que se encostou na pequena cerca.

– Estava com muitas coisas na cabeça. Precisava ficar longe.

– Eu sei. E agora? Como estão as coisas na cabeça?

– Voltando para o lugar...

– E no coração?

Ela sorriu. Era meio humilhante ser tão transparente assim com um assunto tão novo pra ela. Gostaria de fingir experiência, mas não tinha experiência nem pra isso.

Marcos respirou fundo e riu.

– Sabe? Grandier até que é um cara legal... Mas vacila.

Lorena riu novamente.

– É, é um vacilão, não é? – concordou ela.

– Lorena... Ele está lendo o livro.

Lorena olhou pra ele surpresa. Então olhou para a Lua.

– Talvez seja melhor... Deixe que ele leia e saiba de tudo. Talvez pelos olhos de outra pessoa ele consiga se enxergar...

– Venha, tem jantar te esperando.

Jantaram sós. Grandier estava no quarto e não quis comer. O silêncio era incômodo.

– Odeio esse cara! – reclamou Marcos de repente. – Ele comete um monte de erros e ainda faz os outros se sentirem culpados por isso!

– Já sabemos por que as pessoas deste lugar o querem morto – murmurou Marcel.

Lorena largou o pão, que de repente ficou embolando na boca.

– Ele está certo. Somos iguais – os outros olharam-na sem entender. – Nós o culpamos por não ser a pessoa que esperávamos que fosse. Eu. Não nós. Eu o culpo por não corresponder às minhas expectativas. Eu queria que ele fosse um herói. Eu esperava que ele fosse um mártir, mas o mártir é apenas homem. Por que estou desapontada? É apenas um homem.

Ela deixou a mesa. O apetite a abandonara.

A noite foi silenciosa e pesada. Marcos não conseguia dormir. Grandier estava na cozinha, sentado à mesa lendo o livro sob a luz bruxuleante de um lampião. Seus olhos baixos passavam por toda a vida que vivera sob um novo ângulo. Via sua vida como seria vista no futuro e não parecia a história que gostaria que contassem. Marcos revirou-se várias vezes. Quando olhou Grandier pela última vez antes de pegar definitivamente no sono, o dia estava raiando e o jovem padre estava recostado na cadeira, a mão sobre a têmpora, os ombros caídos, o rosto encoberto pela sombra. Naquele momento, Marcos se arrependeu de ter-lhe aberto as páginas de sua vida.

Era estranho ver a própria vida. Para ele, era também doloroso. Nas palavras do Sr. Huxley, as pessoas que usara tinham vida. Phillipe floresceu diante dele com toda a sua dor e dessa vez ele não pôde ignorá-la ou escondê-la atrás de uma de suas fantasias de que nada acontecera. Tranquille e Lactance, seus inimigos ferrenhos, eram apenas homens pobres e medíocres que queriam um lugar à sua luz. Mas ele preferira humilhá-los e pisá-los sempre que tivesse uma oportunidade. Os feios, os tortos, os pouco inteligentes, os solitários, os infelizes, tudo o que queriam era um pouco de aceitação, um pouco de respeito. Pela primeira vez, Grandier viu que cometera muitos erros, todos em nome de si mesmo.

Aprendera desde cedo a usar as pessoas e nunca vira mal nisso. Usara todos que conhecera, traíra alguns, decepcionara outros. Os poucos que sobraram não eram fortes o bastante para livrá-lo do cadafalso. Reviu

com dolorosa lembrança seus momentos de dor em torturas infundáveis. Viu seu desespero ao deparar-se com a morte. Viu sua redenção. Viu a cidade, sua cidade, a gritar-lhe imprecações enquanto era arrastado de pernas quebradas para a fogueira. Viu o olhar de triunfo de Trincant e Moussaut, viu a amizade e sentimento de perda do padre franciscano que nunca o abandonara. Viu o povo de Loudun pedir clemência por ele, enquanto Lactance e Tranquille prolongavam sua agonia na fogueira, rejubilando-se com sua dor.

E viu além. Viu como seus inimigos tentaram justificar seu assassinato covarde, viu como a cidade de Loudun caíra em esquecimento logo depois e como o remorso corroera a alma de cada um dos envolvidos com um dos últimos casos de condenação na fogueira da França.

Depois que o padre sofreu e morreu nas chamas da fogueira, seus sádicos inimigos ainda quiseram saber que tipo de torturas ele sofria no Inferno. Os demônios fajutos das ursulinas fizeram o que podiam, mas eles queriam mais, queriam detalhes sórdidos e cruéis para alimentar seu apetite insaciável pela dor alheia. Naquela noite, o padre Lactance foi atormentado por algo parecido com uma consciência. Grandier suportara tudo com dignidade e fizera um único pedido, o de confessar-se com o padre Grillau. Eles negaram-lhe isso, negaram o último pedido de um condenado. Após uma noite de insônia, Lactance estava febril e pálido. Andava para lá e para cá, repetindo as mesmas palavras.

– Deus está me punindo! Deus está me punindo!

Os amigos tentaram convencê-lo de que agiram estritamente dentro das leis de Deus e que nada haviam feito de errado. Mannoury aplicou-lhe uma sangria, a febre cedeu, mas voltou. Lactance começou a ver e ouvir coisas. Ouvia os gritos de Grandier sendo torturado, via-o quando suas pernas eram quebradas, via seu olhar, ouvia suas preces, via suas lágrimas, via-o na fogueira, ouvia-o pedindo a Deus que perdoasse seus inimigos... Lactance foi então possuído por demônios que o faziam chutar e gritar, morder travesseiros e gritar blasfêmias. Exatamente um mês depois da morte de Grandier, Lactance arrancou o crucifixo do padre que lhe ministrava a extrema unção e morreu, olhos arregalados e rosto contorcido, as mãos crispadas agarrando o ar.

Mannoury foi o próximo. Alguns dias depois da morte de Lactance, voltava para casa de uma visita a um paciente que morava perto de Porte du Martrai. Seu criado, que iluminava o caminho com uma lanterna, narraria o que aconteceu mais tarde. Na Rue du Grand-Pavé, entre o jardim

dos franciscanos e a contra-escarpa do castelo, o médico vira Grandier. Sem roupas, como quando fora espetado com uma agulha, ele apenas o olhava. O criado assustado viu o patrão deter-se subitamente e perguntar o que ele queria. Para o criado, a rua estava vazia. Mannoury então caiu de joelhos e, tremendo da cabeça aos pés, pediu perdão entre lágrimas desesperadas. Uma semana depois, estava morto.

Tranquile ainda viveu mais tempo, exaltando os demônios e mantendo-os vivos em um esforço sobre-humano. Contorcia-se e gritava, mostrava a língua e sacudia a cabeça, possuído por demônios terríveis. Tinha fortes dores de cabeça, proferia pactos com o diabo e ainda sofria com uma doença do coração. Tudo o que comia, vomitava com violência por obra dos demônios que combatia de sua estranha maneira. Seus vômitos eram tão fétidos que seus criados tinham que se livrar imediatamente deles, pois o quarto ficava empestado com o odor nauseabundo. No domingo de Pentecostes de 1638, Tranquille rezou seu último sermão. Alguns dias depois, deu seu último suspiro. Um frade que estava ajoelhado ao seu leito foi imediatamente possuído pelos demônios que abandonaram o moribundo e teve que ser agarrado pelos outros para parar de chutar freneticamente o morto.

Era de manhã quando alguém tocou levemente em sua porta. Como ninguém atendesse, Lorena entrou silenciosamente, achando que ele estivesse dormindo, mas estava sentado na cama, o livro aberto no colo, os olhos perdidos encobertos pelos cabelos.

– Você não jantou ontem. Não pode ficar sem o café... – disse ela, sem saber exatamente como agir.

Ele olhou lentamente para ela, os olhos vermelhos e cheios de lágrimas, a expressão de dor e desalento corando seu rosto como uma estranha luz.

– De onde você vem... – murmurou ele. – ...as pessoas ainda sofrem assim?

Ela ficou um segundo parada, atônita com a pergunta, penalizada com sua dor. Então aproximou-se dele e sentou-se ao seu lado. Havia muitas coisas boas de que se lembrava em seu tempo, mas aquela pergunta só despertou as coisas ruins. Subitamente percebeu como a humanidade pouco evoluía.

– Sofrem... Sofrem sim...

Ele voltou a olhar pra frente, lutando para segurar as lágrimas, o

corpo trêmulo diante de lembranças tão tenebrosas que lhe dariam pesadelos para o resto da vida.

– Não... – balbuciou ele. – Não sou culpado do que me acusam... Mas sou culpado de muitas outras coisas... Não merecia ir para a fogueira... Ou que quebrassem minhas pernas... Mas mereci ser abandonado... E isso foi o mais doloroso de tudo.

Então ele não segurou mais as lágrimas e chorou como uma criança. Ela o abraçou serenamente.

– Está errado. Você não merecia ser abandonado... E não foi.

Ele inclinou-se para ela e aceitou o abraço oferecido. Pranteou o passado que queria mudar e o futuro que queria esquecer, o rosto escondido sob os cabelos dela. O peso do mundo estava ali e temeu que nem todas as lágrimas pudessem lavar o remorso e a dor. Costumam ser manchas muito difíceis.

Aquele foi um momento em que algo acendeu para ela. Ouvindo o pranto dele, protegendo-o e consolando-o na pior das tempestades, algo de repente ficou muito claro. Ela o amava, profunda e verdadeiramente. Amava-o tanto que não importava que não fosse correspondida, não importava nem mesmo se ele a desprezasse. Era o amor que sentia que a alimentava, um amor tão verdadeiro que não precisava de mais nada, tão poderoso que se bastava sozinho. Foi ali que percebeu que amava aquele sentimento e que não abriria mão dele. Amor incondicional... Ouvira isso uma única vez em uma palestra sobre anjos que assistira com Marcos. Nunca compreendera exatamente o que era aquilo. Até agora.

Um barulho na porta assustou-o e ele se afastou, virando o rosto e tentando se recompor, enquanto Marcos avisava que o leite iria esfriar. Percebendo que chegara num momento indevido, retirou-se e voltou a fechar a porta.

– Eu sinto que você tenha que presenciar isso... – disse ele com voz rouca, quando se viu novamente sozinho com ela. Estava envergonhado da própria fraqueza que não condizia em nada com o comportamento de um cavaleiro, coisa que ele sempre julgara ser, independente de usar uma batina.

Ela aproximou-se dele, olhos doces e limpos como se as lágrimas dele tivessem lavado sua alma. Obrigou-o a olhar pra ela e tirou as lágrimas que restaram de suas faces com delicadeza.

– Não lamente por mim – disse ela – Eu faria tudo de novo. E se não tivesse conseguido, se tivesse falhado e sido presa ou morta no processo,

eu ainda faria tudo de novo. Você me deu, meu querido amigo, todos os sentimentos de uma vida.

Então ela o beijou levemente na face, agradecida.

Capítulo XIX

O dia seguinte começou com uma leve batida na porta. Todos pularam e se prepararam para soldados, guardas ou alguma comitiva do Inferno, mas quando Marcel, vestido de monge, abriu a porta, deparou-se com um menino de uns 12 anos segurando um envelope.

– Que é? – perguntou Marcel, mau-humorado.

– Monsieur Gerard mandou entregar isso para quem mora nessa casa – disse o moleque, tentando espiar por trás do monge.

Marcel, percebendo a curiosidade do inconveniente, tapou sua visão com o próprio corpo.

– Pode entregar pra mim. Eu entrego para monsieur Jardanét.

Desapontado por não poder olhar pra dentro da casa, o menino deu o envelope para Marcel.

– Posso beber um pouco d'água? – perguntou o guri.

– Pode! – respondeu Marcel. – Tem um riacho pertinho daqui. Pode ir lá e beber quanta água quiser. Agora sai daqui, moleque!

Marcel fechou a porta na cara do garoto, já abrindo o envelope, ansioso. Os outros se acercaram dele, percebendo que não havia mais ninguém na casa.

– Podem vir! Era só um mensageiro de Gerard! Deve ser o que estávamos esperando.

– E o que diz aí? – perguntou Marcos.

Marcel levou alguns minutos para ler as duas folhas de papel. Quando terminou, não parecia muito animado. Os outros o olhavam curiosos.

– Ele achou um portal...

– Isso é ótimo! – exclamou Marcos. – Não é?

– Mas ele não sabe se vai para nossa época. Não sabe nem se vamos parar no mesmo local. Ele nos aconselha a pensar seriamente se vale o risco.

Eles se olharam.

– E agora? Podemos ir parar em um lugar pior... – Disse Marcel.

– E isso é possível? – perguntou Marcos.

– Podemos ir parar dentro de uma parede... – completou Lorena.

Pararam um momento e um olhar bastou para que se decidissem.

– Vamos arriscar – disse Marcel.

Os outros dois concordaram com o olhar.

– Aqui diz que o portal se abrirá na colina de Tempête, entre os Carvalhos dos Amantes, às quatro horas e doze minutos...

– Eu sei onde fica – disse Grandier. – É a colina acima do bosque, onde nasce o Sol. Depois do riacho, logo verão duas árvores muito velhas cujos galhos tentam se tocar. Não é longe.

Marcel deu um longo suspiro e dobrou os papéis.

– Então, creio que é nosso último dia em Loudun.

Não houve a comemoração que esperavam.

– Vou preparar nosso café da manhã – disse Marcos, retirando-se. – Na verdade, não sei porque chamamos de café da manhã... Não tem café nesse lugar!

Num canto da janela, dois olhinhos astutos observavam o fim da reunião. O pequeno curioso via saciada sua curiosidade e movia suas pernas ligeiras de volta à cidade.

Aos poucos, todos estavam ocupados em se preparar para partir. Marcel saiu da casa e encontrou Marcel arreando os cavalos.

– Onde está Lorena?

Como se tivesse ouvido a pergunta, Lorena surgiu cavalgando, com seu uniforme de cavaleiro. Marcos cantarolou uma música e fez uma narração para sua chegada.

– “Forjada no calor da batalha, ela não quer salvar as baleias! Ela não quer salvar a Mata Atlântica! Que se dane o Timor Leste! Ela quer salvar um cara que ninguém conhece de uma cidade que até Deus esqueceu! Ela é Lorena, A Princesa Encrenqueira!...”

Lorena desceu do cavalo e empurrou Marcos, que ria.

– Já arrumou suas coisas? Não que haja muita coisa pra ser levada, mas vi um monte de tralhas suas espalhadas por aí. Você costumava ser mais organizada.

Lorena olhou o Sol naquele céu azul e frio europeu e abriu um largo sorriso.

– Pois é, eu era uma chata, né? Eu arrumo minhas coisas depois do almoço.

– Temos que estar na colina pelo menos às dez para as quatro, Lorena!

– E são nove e meia da manhã, Marcel! Temos tempo! Acalme-se!

Grandier saiu da casa e dirigiu-se a eles.

– Já estão prontos para partir? – perguntou ele, vendo as mochilas

coloridas arrumadas na sala.

– Você ainda pode vir conosco... – disse Marcos.

Grandier sorriu. Já havia ouvido a proposta antes e já recusara polidamente, apesar de ser uma oferta tentadora.

– Não me tente! Eu agradeço a oferta, mas... tenho coisas importantes aqui...

– A oferta está de pé até às quatro horas, então é melhor pensar bem antes que as portas do metrô se fechem! – respondeu Lorena.

O olhar de total incompreensão dele a fez parar de rir sozinha da fraca piada.

– Ouçam, eu sei que fizeram muito por mim e gostaria de agradecer. Mas vou precisar de mais um favor antes de partirem.

– A gente vai ter matar alguém? – perguntou Marcel, preocupado.

Grandier riu novamente.

– Não, creio que não.

Estava na hora do almoço. Conversavam e riam descontraidamente quando Marcel chegou com alguém na garupa. Grandier saiu da mesa como se todo o mundo deixasse de existir naquele momento e correu até ele.

Lá fora, Marcel ajudava uma figura encapuzada a descer do cavalo. Quando a figura viu Grandier, correu até ele e abraçou-o forte. Seu capuz caiu e revelou o rosto moreno de cabelos negros e lisos. Da porta, Lorena olhava a cena com um sorriso triste. Eles pareciam tão belos, tão perfeitos... Viu-os num beijo apaixonado e sentiu aquela velha dor em seu coração. Mas não era como uma fera ensandecida que a destroçava por dentro. Era mais suave, menos cruel, mas ainda assim doía.

– Alguém o seguiu? – perguntou Grandier a Marcel.

– Não, viemos muito bem.

– Obrigado!

Grandier estendeu a mão para cumprimentar Marcel com um grande sorriso. Grandier conseguira encontrar-se com Madeleine durante os primeiros dias em um ponto do bosque. Madeleine conseguia sair sem que os homens que vigiavam sua casa a vissem e corria ao encontro do amado. Mas nos últimos dias, Grandier recebera recado de uma mensageira de confiança que não deviam se encontrar por enquanto, pois o cerco acirrara-se. Enviou então uma nova mensagem para que acompanhasse um cavaleiro com suas coisas mais caras em determinado dia e horário. E que confiasse nele.

– Para onde vão daqui? – perguntou Lorena, aproximando-se.

– Vamos seguir a estrada para Tours e de lá partiremos para o Porto, onde tomaremos um navio até a Inglaterra. Ah, Lorena e Marcos, esta é Madelaine. Madeleine, estes são meus melhores amigos.

A bela moça cumprimentou solenemente Marcos e não escondeu seu espanto com Lorena. Apesar de Lorena ignorar completamente isso, estava linda e seu uniforme de homem dava-lhe um aspecto meio chocante para os costumes da época. Para Lorena, ela estava confortável em suas vestes de herói, como as heroínas improváveis das histórias de cinema. Para Madeleine e provavelmente para o resto da cidade, Lorena parecia-se mais com um anjo ou demônio que não precisava seguir as convenções. Uma Joana D’Arc atrasada.

Grandier recebeu das mãos de Madeleine um pequeno baú com algumas joias. Ele a tomou e entregou para Lorena.

– Nunca poderei pagar o que fizeram por mim, mas gostaria que ficassem com isso.

Lorena abriu a caixinha curiosa e deparou-se com joias lindas de pedras coloridas e ouro. Os olhos de Marcos e Marcel brilharam.

– UAU!

Lorena não escondeu o espanto, mas sabia que o casal de fugitivos iria precisar daquilo muito mais do que três jovens de classe média com um futuro inteiro pela frente. Ela devolveu educadamente.

– Não, Grandier. Fique com isso. Você e Madeleine irão precisar.

Marcos e Marcel estavam boquiabertos.

Grandier aceitou a caixa de volta com um ligeiro desapontamento, mas ciente de que os argumentos dela eram verdadeiros.

– Posso lhe dar ao menos uma coisa? – perguntou ele.

Ela anuiu com a cabeça sem entender. Ele entregou a caixa para Madelaine e procurou entre as joias um anel de rara beleza. Um rubi enorme brilhava com detalhes de ouro branco e pequenos diamantes em volta de ouro real. Madelaine reconheceu a joia de imediato.

– Foi de minha mãe – disse ele. – Gostaria que fosse seu.

Madelaine olhou para ele com certo espanto. Era a joia mais querida da mãe de Grandier, um anel de casamento. Não acreditava que Grandier um dia o desse a alguém e, se fosse fazê-lo, achou que seria a ela. Baixou os olhos, disfarçando seus sentimentos. Era egoísmo seu e envergonhava-se. Aquela mulher arriscara a vida para salvar o homem que amava. Merecia todas as joias do mundo. Mas naquele momento, preferia que Grandier lhe tivesse dado a caixa inteira, mas tivesse poupado aquele anel.

Grandier tomou a mão de Lorena e colocou nela o anel. Nesse momento, percebeu o ritual espontâneo que ele mesmo fizera, com todos os presentes ocupando posições de padre e padrinhos. O anel encaixou-se delicadamente no dedo anelar de Lorena, como se sempre tivesse sido dela. Ele olhou para o belo rosto feliz e ficou contente de vê-la sorrindo.

– Obrigada! É lindo!

Ele sorriu. Lorena não parava de admirar o anel. Nunca tivera objeto tão bonito. Ela nem sabia que nesse momento seus olhos brilhavam mais do que as pedras da bonita joia.

As horas passavam rápidas. Lorena chamou Madeleine para dar um passeio a cavalo, mesmo com Marcel avisando-lhe que não tinham muito tempo.

– Não se preocupe, Marcel! Se continuar se preocupando assim, vai acabar tendo um colapso!

As duas mulheres saíram a galope pelas colinas verdes. O vento fresco com cheiro de mato era constante e o Sol aquecia levemente o lugar. Lorena fez questão de galopar o mais rápido que podia. Queria ver como Madeleine se saía. Estava se exibindo em uma competição fútil, mas não ligava. Madeleine percebeu o desafio e não quis ser deixada para trás. Para surpresa de Lorena, Madeleine a acompanhou muito bem. Deveria saber que Grandier não escolheria uma mulher frágil.

Do alto de uma colina, viam a vista magnífica e sentiam o vento.

– Vou sentir falta daqui... – confessou Lorena.

– Eu também – disse Madeleine.

Nesse momento Lorena deu-se conta de que Madeleine e Grandier também teriam que dar adeus definitivo a Loudun e ao Reino de França.

– É uma pena deixar uma vida inteira pra trás – comentou Lorena.

– Não é tão ruim quando ainda se tem uma vida inteira pela frente.

Lorena sorriu. Madeleine falava pouco e quase não sorria, mas gostava dela.

– Espero que vocês sejam muito felizes – Lorena estava sendo sincera.

– Você o ama.

Surpresa com a afirmação vinda do nada, Lorena não encontrou palavras para responder. O cavalo agitou-se.

– O que está dizendo?! – foi o que conseguiu falar, ante o rosto impassível de Madelaine que continuava a encará-la.

– Você o ama. Está escrito em seu rosto.

Encurralada por alguém que não recuava, Lorena acabou se entregando.

– Amo. Muito. Mas ele ama você, não se preocupe.

Madeleine sorriu.

– Não estou preocupada.

Lorena achou que o comentário tinha sido sarcástico, mas quando olhou para o rosto de Madeleine percebeu que ela estava simplesmente sendo honesta.

– Eu sei que ele me ama. E ele sabe que sem ele nada sou. Ainda assim, se ele decidisse ir com você, eu o compreenderia. É uma grande mulher.

Lorena nunca tinha se visto sob este prisma. Sorriu e chamou Madeleine para voltarem. Estava na hora de partir.

Faltavam poucos minutos para partirem. Lorena estava diante do túmulo de monsieur Jardanét.

– Espero ter honrado seu uniforme, monsieur... E espero que o senhor esteja com sua filha em um lugar tão belo quanto este. Agora tenho que ir. Mas dessa vez eu vou mesmo, não se preocupe! – ela riu e deparou-se com Grandier quando se virou.

– Desculpe, não queria espioná-la. Não, é mentira, queria sim.

Lorena sorriu, sem conseguir disfarçar a tristeza em seus olhos. Não conseguia deixar de olhar pra ele e imaginar que nunca mais o veria.

– Madeleine é uma mulher maravilhosa. Você escolheu bem.

Ele não respondeu e aproximou-se dela.

– Antes que parta, há algo que quero que você saiba.

Ele tomou fôlego.

– Você é a mulher mais incrível que eu já conheci...

Lorena abaixou a cabeça esperando o fatídico “Mas...” que invariavelmente terminaria com o “mas seremos sempre amigos” que ela já tinha ouvido algumas vezes.

– ... e eu a amo...

Ela olhou surpresa pra ele.

– O quê...?

Ele aproximou-se mais e mergulhou nos olhos dela.

– Eu a amo desde a primeira vez em que a vi naquela maldita cela escura. Desde então você esteve em todos os meus pensamentos e em cada canto de minha alma. É você quem eu vejo quando imagino um lugar ideal, é sua voz que eu ouço quando desejo desabafar com alguém, é seu perfume

que sinto quando imagino um lar... Nunca imaginei que pudesse haver alguém que eu desejasse tão ardentemente ter perto de mim o tempo todo, até o fim dos meus dias. Envelheceria com você, enfrentaria o mundo ao seu lado, ria com você, ao seu lado as tristezas jamais seriam tão pesadas e se você fosse minha última visão, até a morte se tornaria doce. Eu daria qualquer coisa para passar a vida ao seu lado... – ele deu um longo suspiro sentido. – ...se eu pudesse... Mas eu não posso. Porque não posso abandonar Madeleine agora. Cometi muitos erros, você sabe, e infelizmente não posso corrigir a maioria deles, mas quero ao menos parar de cometê-los... Abandonar Madeleine seria um erro imperdoável e eu não conseguiria viver com isso. Você me entende?

Ela estava com os olhos cheios d'água, tentando manter aquela cena em sua memória para sempre. Sua voz mal saía e ela anuiu com a cabeça.

Então ele a puxou para si e beijou-a longamente, sentindo seu coração disparado. Abraçaram-se e ela chorou nos cabelos negros dele, soluçando baixinho, sentindo seu peito doer naquela despedida que queria tanto evitar.

Os cavalos esperavam. A despedida não era tão fácil quanto imaginavam. Estavam todos reunidos e Lorena segurava as lágrimas. Virou-se para Grandier e Madeleine.

– Eu gostaria de lhes dar alguma coisa para que não se esqueçam de mim, mas não tenho nada.

Madeleine sorriu.

– Nunca esqueceremos você.

Abraçaram-se e subiram nos cavalos.

– Não fiquem muito tempo aqui, está bem? – aconselhou Marcel, surpreso em sentir o peito pesado em partir.

– Não se preocupem. D'Armagnac está chegando com uma carruagem e documentos importantes de que precisamos para passar pela fronteira. Deverá estar aqui em poucos minutos. Logo estaremos na estrada.

– Vida longa e prosperidade! – disse Marcos. – E não deixem que peguem você de novo, Grandier! Devo ter perdido um monte de aulas e capítulos da minha novela só pra te salvar!

Lorena acenou e partiram. Numa última olhada para trás viu o casal acenando. As lágrimas subiram e ela esporeou os cavalos, acelerando a marcha.

– Sabe o que eu vou fazer quando voltar pra casa? Vou tomar um

chope hiper gelado na praia!!! – disse Marcel.

– Eu vou ouvir todos os meus CDs e comer um esculhamburger com batatas fritas! – respondeu Marcos. – E você, Lorena? O que vai fazer?

Lorena sorriu olhando para as colinas verdes embaçadas a sua frente.

– Eu vou viver!

Estavam em um ponto alto de onde já viam o bosque onde encontrariam o portal. Marcos deu um grito desesperado pedindo para pararem e eles se assustaram achando que ele tinha despencado do cavalo. Mas ele ainda estava lá, descendo esbaforido e correndo para buscar uma das sacolas que tinha caído da sela. De dentro da bolsa cheia, bagulhos lutavam por um espaço ao sol.

– Marcos! – perguntou Marcel, descendo do cavalo para ver melhor os bagulhos que o amigo levava. – Por que você trouxe esta besta?!

– E você acha que eu ia deixar a Lorena lá?! E quem vai me dar cola na faculdade?!

Lorena tinha descido do cavalo e recolhia as coisas que haviam se espalhado.

– Marcos, você trouxe uma maçaneta de porta?!

– Imaginem o quanto vamos lucrar com essas antiguidades! Ai! Espero que não tenha quebrado a minha garrafa de vinho francês! Nem consigo imaginar quanto podem pagar por um vinho francês do século XVII!!!

– Cara!... Você num hotel deve ser um prejuízo!...

Marcel desistiu de recolher as tralhas quando encontrou um besouro vivo dentro de uma caixinha (que Marcos explicou que era o Joãozinho, parente distante da Joaquina, que ele adotou como mascote) e deixou Marcos sonhar com cifras milionárias enquanto catava seus trecos.

– Por acaso não existem métodos que comprovarão que, apesar dessas coisas terem vindo do século XVII, elas não vão ter 300 anos quando atravessarem o portal? – perguntou Lorena para um Marcel observador.

– Existem.

– Ahn...

Marcos amarrava sua sacola de muamba novamente na sela.

– E será que não vão prendê-lo por fraude ou coisa assim? – perguntou novamente ela.

– É minha esperança...

Quando finalmente Marcos terminou sua arrumação capenga, Marcel virou-se para retornar ao cavalo.

– Vamos, gente! Falta bem pouco para que possamos andar em carros confortáveis novamente!

Mas Lorena permaneceu parada alguns passos à frente. O vento aumentou e um trovão ronronou ao longe, enquanto as nuvens corriam mais rápido, enegrecendo o céu azul. Marcel olhou na mesma direção e Marcos aproximou-se. Na direção da casa de Jardanét uma fumaça negra subia em espiral.

Capítulo XX

Grandier arrumava a sela do cavalo, nervoso com a demora de D'Armagnac. Se demorasse mais, arriscaria partir a cavalo, mesmo sabendo que isso poderia exigir muito de Madeleine em seu estado. A moça, impetuosa e de gênio forte, não queria um tratamento especial, mas Grandier preocupava-se por ela. Ninguém sabia, nem mesmo a ama de Madelaine, mas ela trazia em seu ventre um filho. Um filho que Grandier não iria perder. A perspectiva de possuir de repente uma família fizera o padre tomar algumas decisões muito dolorosas. Olhou para a direção onde Lorena e os outros tinham desaparecido há poucos minutos. Decisões que ainda doíam muito.

Subitamente um trovão ronronou longe e nuvens começaram a encobrir o céu. Um arrepio na nuca e um mau pressentimento o fez virar-se na direção oposta. No alto da colina surgiram seis cavaleiros. Fizeram uma breve parada e apesar da distância Grandier os reconheceu.

– Madeleine! – gritou, enquanto corria para a casa onde a mulher estava. Assim que sentiu o perigo anunciado com o grito de Grandier, Madeleine armou-se com uma besta, rosto duro sem um traço de medo. O marido entrou e correu até ela.

– Há um cavalo nos fundos! Vá pela porta da cozinha e saia daqui enquanto eu os distraio!

– Está louco! Não vou deixá-lo, Urbain!

Ele a sacudiu um pouco como se quisesse trazê-la de volta à razão.

– Madeleine, eles não sabem que você está aqui! Se for pega, terminará na fogueira! Você e o bebê ainda têm uma chance! Saia agora!!!

Ela o encarou firmemente.

– Eu e o bebê vamos ficar com você!

Os tropéis aproximaram-se e ele viu que não seria de outro jeito. Nunca conseguira convencer aquela mulher de coisa alguma que ela não quisesse fazer e não seria agora que isso mudaria.

– Está bem. Dê-me cobertura! Se os vencermos antes de chegarem mais guardas, ainda temos alguma chance!

Ele pegou outra besta e saiu. Posicionou-se diante da casa e mirou. Os cavaleiros aproximavam-se correndo. Um segundo depois que sua flecha partiu um soldado caiu. Armou outra flecha. Os homens tentavam acertá-lo, mas ele nem se movia ao ver as flechas inimigas voando ao seu redor,

tamanha a confiança na inépcia dos outros. A segunda flecha fez outro soldado se contorcer de dor, mas não o derrubou do cavalo. Não haveria tempo para uma terceira flecha e ele jogou a besta a um canto, puxando a espada da bainha. Na frente do grupo, com o rosto contorcido em um grito de guerra, Hervé atacava.

Grandier sabia que tinha que se concentrar no mais perigoso. Os loucos são sempre mais perigosos e julgava Hervé completamente louco. Os outros guardas que o acompanhavam puxaram suas espadas dispostos a um ataque simultâneo, mas flechas vindas da casa lhes tiraram a atenção. Madeleine se tornara uma ameaça digna de atenção e atraiu para si a fúria dos soldados, que deixaram seus cavalos e começaram a usar seus mosquetes contra ela.

As espadas de Grandier e do comissário cruzaram-se com grande barulho. Grandier quase perdeu o equilíbrio com a força investida contra ele. O comissário retornou e fez um novo ataque. Em desvantagem, Grandier tentava tirar o inimigo do cavalo e no terceiro golpe conseguiu. Hervé foi ao chão, mas não largou a espada e quando o padre investiu contra ele usou a força para impulsioná-lo de volta. Quando Grandier recuperou o equilíbrio, Hervé já estava de pé, bufando e maldizendo sua existência. Um brilho alaranjado passou por ele e Grandier gritou por Madeleine. Os guardas estavam atirando flechas em chamas na casa que, sendo uma velha casa de madeira, logo incendiou-se. A distração de Grandier foi quase fatal. Hervé estava disposto a usar qualquer descuido do padre para destruí-lo, fosse isso moralmente aceitável ou não.

As flechas continuavam saindo da janela da casa em busca de seus alvos e isso impedia que os guardas ajudassem Hervé a massacrar o padre. No entanto, tiros de mosquetes tentavam atingir Madelaine, arrebatando partes da janela onde ela se encontrava e destruindo objetos dentro da casa. Madelaine, percebendo que a fumaça começava a se tornar densa, tentou sair pelos fundos. Para sua surpresa, algo segurava a porta por fora, algo pesado, talvez uma tranca. Forçou o que pôde, mas não tinha força para abri-la. Ouviu um soldado a chamar de meretriz e rir. Ela correu para a porta da frente e sentiu algo queimar em seu peito. Caiu, levando as mãos ao vestido e sentindo o sangue quente manchar o chão. Um dos tiros de mosquete a acertou e a dor era horrível. Tentou se levantar, talvez alcançar a porta da frente, mas o fogo já estava em seu caminho.

A luta entre Grandier e Hervé estava furiosa. Enquanto Grandier tentava desesperadamente livrar-se de Hervé para entrar na casa e tirar Madeleine, seu oponente empregava todas as suas forças para impedi-lo. As

chamas cresciam e Hervé não lhe dava uma única trégua. Grandier era um lutador, disso ninguém nunca duvidou, mas seus golpes batiam na espada do comissário como se esta fosse uma parede e quanto mais o padre se esforçava para livrar-se dele, mais resistência encontrava. Grandier percebia que se demorasse mais alguns segundos que fossem, seria tarde demais para Madelaine. Por isso deu um passo atrás e fez o que nunca fez na vida. Entregou-se.

– Deixe-me salvá-la, Hervé! E eu me entrego! – gritou finalmente o padre, em um último recurso desesperado.

Hervé parou com a espada no ar. Desceu-a lentamente com olhos arregalados.

– Então largue sua espada! – disse.

Grandier olhou para a casa, onde chamas e fumaça negra escureciam o céu.

– Tem minha palavra – disse Hervé, sentindo a hesitação do padre.

Grandier deu mais uma olhada para a casa e largou a espada, correndo para salvar Madeleine. Mas alguém o atingiu por trás e ele caiu. Antes que tentasse se levantar, Hervé golpeou suas costelas, montado sobre ele. Com dificuldade para tirar aquele grande peso de cima de si, Grandier usou o cotovelo para acertar o comissário e tentou continuar correndo, mas logo foi puxado de volta.

– Você prometeu, desgraçado! – gritou, antes de um soco atingi-lo na boca e fazê-lo engolir sangue.

O fogo agora tomava tudo. Grandier arrastava-se na terra, tentando inutilmente alcançar a casa enquanto Hervé divertia-se dando-lhe chutes no estômago. Com o rosto no chão, os olhos embaçados e dificuldade para respirar, Grandier viu a colina onde Lorena tinha desaparecido. Agora cinzenta e encoberta por uma enorme e pesada nuvem de chuva, a colina parecia um outro lugar. Julgou estar sendo abraçado pela loucura quando viu três cavaleiros em disparada surgirem na colina cinzenta. Outro chute o fez cuspir sangue e ele fechou os olhos com a dor. Quando os abriu novamente, os cavaleiros estavam mais perto. Não era loucura. Virou-se e segurou o pé que ia acertá-lo novamente, empurrando-o para trás. Sem esperar que o cachorro morto reagisse, Hervé caiu. Grandier levantou-se com dificuldade e avançou para a casa, a pouco mais de quinze passos dele.

Hervé levantou-se e partiu para um golpe covarde pelas costas com a espada, mas outra espada a encontrou antes. A mulher passou com o cavalo por ele como um golpe de vento e ele perdeu o equilíbrio. Tiros e flechas começaram a voar dos três guardas ainda de pé. Marcel acertou um

que já havia sido ferido por uma flecha de Madeleine, mas Marcos continuava um desastre com a besta, encontrando para ela uma outra utilidade, ao seu ver bem mais prática. Passou com o cavalo pelo jovem que apontava seu pesado mosquete contra ele e acertou-o com toda a força usando a besta como um martelo.

Hervé sentiu o ataque de Lorena mas não lhe deu atenção, tal era sua fúria contra Grandier. Era como se tivesse sido realmente atingido por uma ventania, pois nem olhou para a mulher que passara em disparada e empinava o cavalo mais adiante na tentativa de voltar para continuar a luta. O comissário investiu novamente contra o pároco que corria com dificuldade para chegar à casa. Puxou-o de volta e atirou-o ao chão com violência erguendo a espada para fincá-la em seu peito, pois seu receio em perdê-lo com o reforço que acabara de chegar era grande. A mulher que ele ignorou teve tempo de descer do cavalo e mais uma vez frustrava seu objetivo. Grandier olhou para o lado e viu a espada que ele mesmo jogara ao chão. Num movimento brusco, agarrou-a e investiu contra Hervé, reunindo as forças que quase perdera. Em um ataque violento, surpreendeu Hervé, que não esperava que ele se levantasse com tal gana. Lorena lançou-se em um ataque quase ao mesmo tempo e o comissário viu-se diante de dois oponentes que não hesitavam nem por um segundo. Por sua vez, Hervé aceitou o desafio com o mesmo vigor, tornando-se um muro de pedras que não recuava e nem demonstrava sinais de cansaço.

Apenas um soldado continuava de pé, e ele apontou uma besta para Marcel que se aproximava. O rapaz puxou as rédeas do cavalo ao ver a flecha pronta para partir em sua direção. O cavalo assustou-se e empinou e a flecha passou zunindo por sua cabeça. Marcel foi ao chão e buscou a besta que carregava. O soldado avançou com espada em punho e um grito, enquanto Marcel, nervoso, tentava fazer a besta funcionar contra seu inimigo, mas percebeu que não daria tempo. Marcos surgiu entre eles com sua besta-martelo em um magnífico golpe que surpreendeu o soldado, mas não o tirou de ação. Ele insistiu na luta, mesmo em desvantagem.

As lâminas cruzaram o ar e finalmente Hervé pareceu recuar ante seus dois oponentes ferozes. Alguns passos para trás foram o bastante para Grandier e Lorena investirem toda sua fúria contra ele. Hervé finalmente caiu, sem largar a espada e Lorena prosseguiu tentando destruí-lo definitivamente. Aquele homem já tinha feito estragos demais. Percebeu-se sozinha e viu que Grandier corria para a casa em chamas. Lorena olhou para aquele incêndio e gritou por Grandier. Se ele entrasse, não sairia. Sua distração foi o bastante para Hervé empurrá-la e correr para longe. Entre

perseguir o inimigo que fugia e impedir Grandier de se matar, ela decidiu rápido. Correu para cima o homem que se atirava para a casa de Jardanét, agora totalmente consumida pelas chamas. Segurou-o determinada.

– Ela está lá dentro! Madeleine está lá dentro! – ele gritava enquanto seus olhos ardiam com a proximidade das chamas, debatendo-se nos braços de Lorena.

– Grandier, é tarde demais!!! – ela tentava segurá-lo com dificuldade, puxando-o vigorosamente de volta.

Derrotado o teimoso oponente, Marcos e Marcel correram para ajudá-la. A casa não passava de uma grande massa ardente, cujas paredes principiavam a cair. Seguraram Grandier, que continuava a gritar e a se debater diante do incêndio, até que ele finalmente parou de lutar. Olhava as labaredas erguendo-se ao céu, os olhos brilhando em desespero. Deixou-se cair de joelhos vendo as chamas, furioso com seu fracasso, o peito doendo com a perda irreparável. Não ouvira sequer um grito de Madeleine. O estalar da madeira e o rugido do fogo faminto abafavam sua dor. Sentida com a dor dele, Lorena tocou seu ombro, mas ela nunca conheceria nem a metade da perda que aquele homem estava sentindo naquele momento.

De repente Grandier, ergueu o rosto com expressão furiosa e levantou-se. Empurrou as pessoas que o apoiavam como se não as visse e apanhou uma espada no chão. Virou o rosto endurecido à procura de Hervé. Em vão, pois em volta só havia corpos caídos.

– Droga! – disse Marcel entredentes ao olhar para o alto da outra colina.

Morro acima, Hervé fugia em seu cavalo na direção de onde viera. Do mesmo lugar, surgiu um grupo armado com cerca de dez homens. Alguns trajavam uniformes de guardas, mas outros pareciam civis.

Grandier ficou parado diante do novo pequeno exército que enviaram para apanhá-lo, a ponta da espada encostando no chão. Lorena surgiu diante dele sobre o cavalo negro que se tornara seu fiel companheiro. Estendeu-lhe a mão e pediu que viesse com ela. Ele olhou para ela e para os homens que queria matar.

– Vão! – disse, a mão apertando tanto a espada que deixara de senti-la.

Lorena olhou para os cavaleiros descendo em disparada. Era suicídio. Sabia que ele estava disposto a cortar o pescoço de Hervé, mesmo que isso custasse o seu próprio.

– Você vai morrer se ficar!! – gritou ela.

– Já disse para irem!!! – rugiu ele, o rosto contorcido de fúria.

– Lorena! – gritou Marcel. – Não podemos ficar aqui!!!

Lorena olhou para os amigos, agitados com a aproximação de uma batalha da qual dificilmente sairiam vivos. Olhou novamente para Grandier.

– Sua cólera e seu desejo de vingança o guiaram até aqui!!! O outro caminho não pode ser tão doloroso! Madeleine ficaria desapontada com você!

Sua voz tremulou e ele olhou para ela. Seus olhos estavam cheios d'água, mas como guerreira não desmoronaria ali, diante dele. “Madelaine ficaria desapontada...” Isso balançou sua mente. Olhou novamente para a morte em sua cavalgada surreal. Madeleine morreria por ele e levaria seu filho junto. A mulher diante dele estava disposta a fazer o mesmo, enquanto ele se rendia a um desejo de vingança que o levaria fatalmente a uma morte estúpida. Lorena tinha razão. Era estúpido fazer as coisas sempre do mesmo jeito e esperar que os resultados fossem diferentes. Ele sentia algo poderoso pela mulher que agora lhe estendia a mão. Marcel e Marcos chamaram novamente por ela, os cavalos rodopiando no mesmo lugar, prontos para mais uma corrida desesperada. Então ele fez o inesperado. Aceitou a mão estendida e subiu no cavalo, escolhendo sem o saber a melhor vingança contra seus inimigos, que era sobreviver a tudo aquilo.

Uma fuga cega contra o vento começou. Logo, alguns dos homens que os perseguiam destacaram-se em velocidade, deixando outros ligeiramente para trás. Grandier olhou e reconheceu o comissário, Thibault, Moussaut e Trincant. Atrás via soldados e serviçais emprestados para ajudar em sua captura. Arrependeu-se de ter aceito a ajuda de Lorena. Aqueles homens o perseguiriam até vê-lo completamente destruído e aceitando a ajuda dela, arrastara-a e aos amigos nessa vida de perseguição insana.

Os cavalos cansados começaram a perder velocidade e a distância pareceu diminuir perigosamente. Flechas foram lançadas e tiros de pistolas foram ouvidos. Passaram no riacho, chegaram à floresta e torceram para despistá-los, mas a perseguição continuava acirrada e muito assustadora, pois os perseguidos não sabiam por quanto tempo conseguiriam continuar correndo. Súbito, Grandier gritou e sua cabeça fez um rápido movimento para trás, enquanto seu rosto se contorceu no exato momento em que atravessaram a floresta e por pouco não foram atropelados por um caminhão da Coca-Cola. A buzina e aquela coisa enorme, vermelha e branca, fizeram os cavalos empinarem e os cavaleiros estancarem de susto. Atônitos, olharam o caminhão ao longe, levantando poeira na estrada de

terra.

– Não acredito!... Conseguimos! Conseguimos!!!

Marcos e Marcel começaram a comemorar, mas Lorena os chamou, o rosto lívido. Sentira que Grandier a segurava mais fortemente. Ele enterrara o rosto em seus cabelos enquanto trincava os dentes de dor. Uma mancha vermelha se alastrava em suas costas, enquanto um buraco enegrecido de tiro de pistola ainda cheirava a pólvora.

Capítulo XXI

A cavalgada prosseguiu em estrada de terra onde a poeira subia e algumas pessoas de vestes simples observavam assustadas. Não era o mesmo local em que decidiram realizar o piquenique que deu início a tudo aquilo, mas ainda estavam dentro do estado. Mais do que isso, estavam na direção oposta, porém mais próximos de suas casas. Marcel logo se localizou e guiou os outros, que correram sem se importar com os carros da autoestrada que corria paralela. Era uma visão.

Lorena sentia que Grandier, ora crispava seus dedos em sua roupa, ora afrouxava-os. Pedia-lhe que aguentasse firme, que conseguiram se livrar de coisa pior, que tudo daria certo, mas seu coração estava apertado.

Era um subúrbio e havia poucas pessoas nas ruas. As crianças estavam na escola e seus pais, trabalhando. Poucos vizinhos viram quando três cavalos montados por quatro cavaleiros pararam diante da porta da casa de portas e janelas de madeira. Quando Joana abriu a porta, não teve tempo para comemorar a volta da filha, do amigo e do sobrinho. Estava espantada demais para isso. Os três estavam suados, rostos pálidos e tensos, ajudando um quarto homem a descer do cavalo. O homem, cambaleante, foi amparado por eles e só então Lorena olhou no rosto da mãe, que balbuciou algo, bruscamente interrompido.

– Precisamos de ajuda! Chame uma ambulância!

Ela passou pela mãe com Marcel carregando Grandier e sumiram porta adentro. Marcos os seguiu e Joana entrou, completamente perdida.

– O que aconteceu?! – perguntou ela, enquanto os jovens ajudavam o homem ferido a sentar-se na cama de Lorena.

– Chame uma ambulância!!! – gritou Lorena.

– Não! – Marcel interrompeu. – Espere, Tia Joana!

Lorena o olhou pronta para explodir, mas ele tentou explicar antes que ela começasse a falar.

– Ele levou um tiro, Lorena!!! Se vier uma ambulância e o levarem para o hospital, vão fazer um boletim de ocorrência, vão querer saber como isso aconteceu e nós não vamos conseguir explicar!!!

– Depois a gente pensa nisso!! Ele está entrando em choque, Marcel, não dá tempo de pensar em detalhes legais! – retrucou a jovem, cujo tom de voz e aparência a própria mãe estava com dificuldades de reconhecer.

E nesse ponto, Marcel e Lorena iniciaram uma discussão nervosa em que pouco se entendia, enquanto um pálido Grandier respirava cansado entre os dois. Então, Joana afastou Marcos, que estava na porta observando tudo, e empurrou suavemente a filha e o sobrinho que pararam de discutir. Joana passou a mão no rosto de Grandier, fazendo-lhe um carinho tranquilizador.

– Fique calmo – disse ela.

Então inclinou-se sobre ele e verificou o ferimento por baixo da roupa rasgada.

– Humm... Isto não está bom... – ela ergueu-se e fez Grandier deitar-se de bruços. – Lorena, vá no meu armário e traga todas as toalhas e lençóis limpos. Marcel, vá à cozinha e me traga água limpa. Marcos, no banheiro há uma caixa de primeiros socorros, pegue pra mim!

Sem entender o que estava acontecendo, eles ficaram parados. Joana os olhou espantada por não se moverem.

– Estão esperando o quê? – perguntou ela.

Todos se mexeram e em alguns segundos estavam de volta com o que ela pedira. Joana apanhou uma tesoura na mesinha de cabeceira e cortou as roupas em volta do ferimento.

– Pelo menos ele não vai sangrar até a morte enquanto vocês discutem... – murmurou ela, concentrada em ver a gravidade do ferimento. – Você, Marcos, aperte aqui.

Havia muito sangue e Marcos pressionava uma toalha úmida que assumia a cor rubra rapidamente.

– Vá lá pra fora, filho. Avise sua mãe e seu pai que você está vivo. Lorena, assumo aqui. Está feio, mas não está tão ruim...

Marcos saiu enquanto Marcel e Lorena continuaram auxiliando Joana, que agia com notória firmeza.

– Mãe, onde aprendeu isso? – perguntou Lorena, não conseguindo conter a curiosidade.

– Conheci seu pai ajudando-o a tirar uma bala de um sujeito numa mesa de operação – disse Joana, sem tirar a atenção do que estava fazendo.

– Olhar uma operação não é o bastante pra aprender a operar alguém... – insistiu Lorena.

– Confie em mim, filha. Depois conversamos. Lorena, no armário do quarto há uma maleta de instrumentos cirúrgicos de emergência do seu pai. Quero que pegue pra mim.

Lorena obedeceu imediatamente e Marcel continuou olhando Joana. Alguns fatos, alguns fragmentos de histórias que acabam assumindo a

aparência de contos e coisas que você ouviu em algum lugar começavam a se juntar.

– Você combateu o exército na revolução de 64... – murmurou ele.

Joana parou um momento. Então continuou a limpar o ferimento. Marcel não acreditava no que ele mesmo estava dizendo. Falar da revolução de 64 era como abrir um livro de história empoeirado. Nunca deu muita atenção à história que demorou tanto pra ser contada, ouvindo com pouco interesse depoimentos de professores que viveram aquela época, tão negra que tem sobre ela um espesso véu até hoje. Mas os fragmentos voltavam e insistiam que ele os unisse. Lorena voltou com a maleta.

– Eu estava lá... – disse Joana, abrindo a maleta e continuando seu trabalho como se nada a incomodasse. – O pai de Lorena não queria tomar parte, tinha medo do que fariam se nos descobrissem. O irmão dele era diferente – ela olhou para Marcel sorrindo. – Seu pai era bem diferente...

Joana aplicou uma injeção local para anestesiá-lo, mas ele já tinha perdido os sentidos há alguns minutos. Lorena olhava com olhos arregalados enquanto ouvia aquela história adormecida.

– Eu costumava ajudar os amigos de Jorge quando tinha encrenca. E sempre tinha encrenca. Tirei muitas balas de jovens. Um dia, ele chegou com Ana, quando eram namorados. Ela tinha levado um tiro e estava grávida. Bem, resumindo a história, não pude salvar o bebê e ela nunca mais pôde ter filhos.

– Por isso me adotaram... – concluiu facilmente Marcel.

– O pai de Lorena ficou furioso, nós brigamos feio e desde então eu nunca mais me aproximei da Medicina. Então foi isso, uma breve história de sua alegre família... – passe-me o álcool.

Ficaram em silêncio enquanto Joana trabalhava.

– Precisa de mim ainda? – perguntou ele.

– Não, meu querido... Pode ir – ela lhe sorriu e ele deixou o quarto.

O ar fresco corria pelo corredor na casa que ele sempre conhecera tão bem. Seus pais sempre foram honestos quanto a sua adoção, mas saber desses pormenores do passado que definiu seu futuro era muito estranho.

– Como ele está?

A voz de Marcos soou longe e Marcel levou ainda alguns segundos para responder.

– Eu não sei. Acho que ele vai ficar bem.

– Puxa! Que bom! Não consegui ligar pra minha mãe. Perguntei

praquela peste do seu primo que dia é hoje e sabe o que ele disse? Que é dia 14 de novembro! Duas semanas!!! Duas semanas em que desaparecemos! Minha mãe deve estar pensando que eu morri, que eu fui sequestrado ou virei escravo branco em alguma fazenda do Norte!!!

– É, é melhor tentar ligar pra ela de novo. Escuta, quando elas terminarem lá dentro, venha comigo até minha casa. Eu pego o carro do meu pai e lhe dou uma carona.

– Fantástico! Pensei que eu teria que ir a cavalo!

A conversa de Marcos no telefone durou mais de uma hora e estava se despedindo quando Lorena e Joana saíram do quarto.

– Ele perdeu muito sangue e ainda precisa de cuidados médicos, mas acho que vai ficar bem... – disse Joana, secando as mãos em uma toalha. – Agora, crianças, vocês vão me contar o que aconteceu ou eu vou ter que esperar fazerem um filme sobre isso?

Marcos chegou no meio da conversa depois de desligar o telefone.

– Vocês acreditam que minha família já pagou dois regastes?!

A história contada ante os olhos impassíveis de Joana era uma pequena dose do que veriam sempre que ousassem falar a verdade sobre o que aconteceu. Lorena e Marcel esperavam alguma reação de Joana. Impaciente, Lorena levantou-se e abriu a geladeira. Apanhou uma garrafa de vinho e a entornou em quatro taças grandes.

– O que estamos comemorando? – perguntou Joana, recebendo uma das taças cheia até a borda.

– Nada. Só estou com sede – respondeu a filha.

– Eu não sei o que pensar... – disse finalmente Joana, encostando-se na cadeira de madeira coberta com veludo vermelho. – Eu esperava uma história louca, mas não uma história tão fantástica, Lorena!...

– Eu esperava ao menos poder contar isso a alguém sem que me internassem... – sussurrou Marcel, tomando o vinho que Lorena colocara a sua frente. – Tia Joana, eu sei que ainda temos muito o que falar e a senhora ainda vai ter muito com o que se espantar, mas minha cabeça pesa e meus pés doem... Quero ir pra casa.

Joana levantou-se junto com Marcel e deu-lhe um abraço fraternal.

– Vá pra casa, querido. Já avisei seus pais no trabalho que você está são e salvo. Eles estão indo para sua casa. Conversaremos quando você estiver menos cansado.

– Vamos, prego! Vamos pra casa!

Marcel morava a apenas duas quadras dali e tal era sua vontade de chegar que não aceitou trocar de roupa ou tomar um banho. Ao seu ver, estava a duas quadras do paraíso. Por isso, não entendia por que sentia o peito pesar. Lorena os levou até a porta e algo estranho aconteceu. Eles se olhavam sem palavras para se despedirem. Era a primeira vez que se despediriam, que não dependeriam mais uns dos outros, que prosseguiriam com suas vidas. Sem dizer palavras, abraçaram-se fortemente. O vento balançou as árvores de cujas copas flores coloridas de ipê amarelo caíram em uma chuva inesperada de pétalas. Eles não viram, os olhos estavam apertados contendo as lágrimas que sabiam ser infundadas. Afinal, sabiam que continuariam a ser amigos, morando apenas a algumas ruas ou quadras de distância.

Separaram-se lentamente e os rapazes despediram-se. No portão, porém, Marcel retornou, passos indecisos.

– Lore...

Ela o olhou, os cabelos castanhos brilhando com o Sol que começava a se pôr. Marcel pensou nesse momento em tantas coisas que queria lhe dizer, mas, apesar de não conseguir sequer imaginar-se falando-as, sentia uma necessidade incontornável de lhe dizer assim mesmo.

– ...Eu nunca conheci uma gota da mulher que você é. Acho que a conheço um pouco mais agora e precisava lhe dizer que...

Ele hesitou novamente. Declarar-lhe que amava Grandier porque ele despertou aquela mulher fantástica e que queria matá-lo por tê-la tirado dele, dizer-lhe que sentia algo agora que nunca sentira antes por ninguém, que a amava tanto que estava disposto a ficar em Loudun se ela não quisesse partir, que seria capaz de qualquer coisa para provar-lhe a força e sinceridade de seu sentimento, nada disso lhe passava da garganta.

– ... que você é a mulher mais extraordinária que eu já conheci e que tenho muito orgulho de ter estado ao seu lado.

Ele mesmo não acreditou no que disse. Teve medo de seus sentimentos se embaralharem e saírem do controle, de possuí-lo como uma horda de demônios e fazê-lo parecer um idiota. Mas as palavras que agora faziam companhia às flores amarelas eram doces, honradas e sinceras. Não tinha motivo para envergonhar-se delas.

Lorena estava emoldurada num quadro, com seu sorriso e olhos embriagados de orgulho ao ouvir. Então ela abriu seu melhor sorriso e fez um leve balançar de cabeça. Marcel temeu que ela não tivesse compreendido, mas viu seus olhos encherem-se d'água enquanto ela sorria.

– Obrigada – disse ela, a alma agradecida pelo reconhecimento que

achou que nunca viria. – Muito obrigada, Marcel...

Ela o abraçou e ele quis tê-la consigo para sempre.

Ela ficou no meio da sala com aquela sensação de vazio depois de vê-los atravessando o portão. Um som irritantemente familiar a fez voltar a si. Alexandre entrava em casa correndo com o uniforme da escola tagarelando sobre Lorena e Marcel terem voltado. Ao dar de cara com Lorena e vê-la ainda com a armadura desandou a rir.

– O Carnaval já passou, sabia? Espere só até eu falar com... – Ele se dirigia ao telefone quando algo o imprensou contra a parede.

Lorena olhava pra ele enquanto o segurava pela camisa do colégio. O garoto estava surpreso demais com a atitude da prima e não conseguiu falar nada.

– Você não vai falar com ninguém – disse ela. – Melhor ainda, você não vai falar! Uma gracinha sua e eu te arranco de dentro das calças! – disse ela. – Entendeu?

O guri concordou com a cabeça e ela o largou. Então ela ajeitou a roupa dele, agora meio amarrotada.

Recuperado da reação inesperada, ele a olhou de perto, desconfiado.

– Você é você mesma?

Lorena sorriu.

– Com toda a certeza.

O garoto se aproximou tocando a espada.

– É de verdade?

– É, é sim...

– Posso pegar?

Ele tentou retirá-la da bainha, mas Lorena o impediu suavemente. Ela lembrava que aquela espada tinha acabado de sair de um campo de batalha e não devia ser uma visão muito bonita.

– Vamos fazer o seguinte! Volte aqui depois que lhe ensino alguns golpes com ela.

O garoto abriu um enorme sorriso e seus olhos brilharam de empolgação.

– É mesmo?

Então ele correu para tentar alcançar Marcel, enquanto Lorena o via sumir, esbarrando em coisas e gritando de animação.

Ela respirou fundo. Percebeu envergonhada que era a primeira vez que sentia alguma simpatia por aquela criança. Provavelmente porque era a primeira vez que aquela criança sentia alguma simpatia por ela. Foi até o

quarto onde Grandier permanecia imóvel. Achou que Joana estaria lá, mas ele estava só. Uma luminosidade filtrada pela cortina de renda dava ao quarto a aparência de um fragmento de sonho. Ela retirou partes do uniforme que trajava e colocou-as em cima da mesa. Abandonou as botas ao lado da poltrona e deixou-se cair cansada. Deu um longo suspiro. Teve a impressão de que havia alguém ao seu lado e virou-se rapidamente. Surpreendeu-se ao se deparar com sua própria imagem no espelho da penteadeira. Virou-se vagorosamente para seu reflexo e aproximou-se. Era outra pessoa agora. Vira-se tantas e tantas vezes naquele espelho e nunca se conhecera realmente. E, como uma nova pessoa, olhou tudo com novos olhos. Os poucos vidros de perfume lhe lembraram dos cheiros de sua vida. Uma presilha do cabelo que nunca conhecia a liberdade de ser como era fazia companhia a um porta-joias com coisas que quase nunca usara. Um casal abraçado em uma valsa com roupas antigas era seu único bibelô. Girou a roda que o sustentava e a caixinha de música tocou a valsa que fazia o casal de apaixonados girar numa dança sem fim, enquanto ela os admirava com olhar de menina.

As fotos eram sua prova mais concreta de que realmente vivera ali. Uma galeria de porta-retratos sempre estivera ali para lembrá-la de quem era, embora ela nunca sentisse muito orgulho de lembrar disso. Agora, porém, seus olhos eram diferentes. Bastaram apenas treze dias para despertar daquele sono de vários anos e olhar para aquelas fotos era a lembrança dos sonhos que tivera. Via seu olhar conformado na criança com uniforme de balé em um equilíbrio que parecia conter mais dor do que graça. Ao seu lado, via a mesma menina um pouco mais velha com um uniforme de esgrima, segurando a espada como se segurasse uma flor. E assim seguia sua galeria de fotos em coisas que começara e abandonara, pessoas que conhecera e a abandonaram e pessoas que sempre estiveram ali, mas nunca a viram de fato. Pensou consigo... Será que essas pessoas a deixariam se vissem o que se tornara? Sua família, seus poucos amigos... Eles sempre conheceram alguém que ela sabia que nunca retornaria. Como seria sua vida agora? Será que ainda lhe preparariam biscoitos?

A porta se abriu com delicadeza e a figura de Joana surgiu. Lorena não lhe disse nada e voltou a olhar para as fotos. A mãe aproximou-se, sabendo que as revelações que fizera há alguns momentos não ficariam impunes.

– Decepcionei você, não foi? – sussurrou Joana.

Lorena anuiu lentamente com a cabeça antes de olhar pra ela.

– Um pouco...

Joana baixou os olhos.

– Desculpe não ter lhe contado a verdade desde o início, mas...

– Não foi por isso – interrompeu a moça, enquanto a valsa diminuía sua marcha. – Algumas mentiras são necessárias e algumas verdades são dolorosas. Isso não me incomoda tanto.

Joana balançou um pouco a cabeça, confusa.

– Me decepcionou saber que você sempre foi muito mais do que aparentava e nunca tentou fazer de mim algo mais do que eu era.

As duas mulheres se olharam por um instante. Então Lorena sentou-se na poltrona onde tantas vezes sentara-se para ler quando o mundo lá fora ficava muito hostil. Joana pousou as mãos sobre seus ombros e sentou-se ao lado dela, aproveitando um pequeno *puff* para os pés.

– Eu disse que seu pai e seus tios nunca me perdoaram por eu ter falhado, mas eu menti. Não foram eles, fui eu quem nunca me perdoei. Eles disseram coisas cruéis na hora da dor e eu escolhi acreditar nelas. O caminho que escolhi não me levou a nenhum lugar bom, querida. Não queria que você fosse igual a mim. Eu não era um bom exemplo...

– Mas você não era má, não foi egoísta, pelo contrário, lutava por algo justo! – retrucou Lorena.

– Eu sei, querida. Mas eu era infeliz. E eu não queria isso pra você.

A valsa tocou sua última nota. O casal finalmente parou, mas jamais se separariam, unidos para sempre, no silêncio e na canção.

– Mas eu estava errada, não é mesmo? – perguntou Joana, a voz embargada. – Coloquei você no outro caminho e nem por isso você era feliz. Vejo isso agora. Vejo em seu rosto, em seus olhos, em sua postura... Você é uma pessoa tão mais rica no caminho que sempre deveria ter sido seu!...

– “Pode-se enganar a vida muito tempo, mas ela sempre acaba por fazer de nós aquilo para que somos feitos.”

– Malraus.

Elas sorriram, felizes na cumplicidade, unidas não só pelos mesmos livros, mas pelas mesmas experiências.

– Você será feliz – disse Joana, as lágrimas tecendo seus caminhos pelas faces, enquanto acariciava os cachos castanhos de sua menininha.

– Eu já sou, minha mãe. Se morresse agora, morreria feliz, acredite. Morre-se feliz quando se morre em seu próprio caminho.

Elas se abraçaram e Joana lhe sussurrou.

– Não importa o que aconteça, Lore... Eu sempre farei biscoitos pra você...

Aquele abraço foi terno e por mais que durasse, ainda seria curto.

Era um daqueles abraços dos quais não se quer sair. Mas, como tudo, ele acabou e elas se separaram, olhando uma para outra em um estranho espelho. Então Joana olhou para Grandier.

– Ele é mesmo bonito, não é? – comentou Joana, com um sorriso que reconhecia nos olhos da filha um sentimento tão forte que não poderia ser disfarçado.

Lorena riu, enrubescendo, percebendo-se flagrada.

– Precisava ir tão longe atrás do seu príncipe?

– Algumas princesas são mais azaradas que outras... - respondeu Lorena, sorrindo.

– Ele ainda precisará de cuidados e seu pai poderá cuidar disso. É claro que ele terá um acesso quando descobrir que tem um estranho dormindo em sua cama...

– Ele não é um estranho, mamãe.

– Para seu pai, é melhor que seja.

Elas riram e Joana se levantou.

– Seu pai precisará se acostumar com a ideia. Eu não o quero tendo um ataque de nervos aqui, especialmente quando ouvir essa história tão... peculiar que vocês contaram. Eu mesma estou tentando digerir ainda... Irei até a clínica e conversarei com ele. Voltarei dentro de uma meia hora, tudo bem pra você?

Lorena concordou e beijou-lhe a mão.

– Obrigada, mãe... – disse, encostando a mão quente contra seu rosto.

Joana acariciou-lhe os cabelos e beijou-lhe a testa. Na porta, ela se virou.

– Não quer tomar um banho?

– Daqui a pouco. Quero descansar uns minutos.

Joana saiu e fechou a porta com cuidado. Lorena levantou-se e apanhou um CD dentre um conjunto deles perfeitamente arrumados em uma mini-estante na parede. Colocou-o e caminhou pelo quarto. Os primeiros acordes lhe trouxeram a felicidade de saber que não precisara despedir-se para sempre deles. Flauta e teclado preparavam o cenário onírico para receber o vocal. Sentou-se na beira da cama enquanto Fish começava a sussurrar com sua voz triste palavras nas quais ela mesma nunca prestara real atenção. Acariciou levemente o rosto de Grandier e tirou-lhe alguns fios do rosto.

*Listen to me... Just hear me out**

*If I could have your attention
Just quieten down for a voice in the crowd.*

Aquela música era como o aroma de seus velhos perfumes. Uma lembrança de sua vida, em cujo palco sempre foi uma figurante, alguém que estava apenas passando, em quem ninguém prestava muita atenção. Sempre tímida, sempre quieta, sempre insegura, sempre deixando que outros decidissem por ela porque assim era mais fácil, mesmo que a culpa da omissão tivesse um peso muito maior do que um erro cometido. Sentou em sua poltrona de pequenas flores e recostou-se.

Passou pela vida tentando aprender tudo o que tentavam lhe ensinar. Era um fracasso mútuo. A aluna ideal não compreendia as regras do jogo. Quando lhe diziam que estava errada, assumia isso como fato incontestável, pois estava sempre errada. Tentaria de novo. Estava sempre tentando de novo. O que ela nunca aprendeu é que não havia um livro de regras para seguir.

Mas um dia ela estava numa floresta e um único passo a levou para sua lição mais fantástica. Lembrou-se de quando lia sobre Grandier no banco de pedra da universidade, como sua alma se revoltava ao ler sobre seu trágico destino. Já tinha lido inúmeras injustiças antes. Por que aquela a tocava tanto? Talvez porque estivesse apaixonada por Grandier, não como homem, mas pelo que ele era. Com toda sua arrogância, seu orgulho e sua predisposição encrenqueira, ele era para ela o que Lord Henry era para Dorian Gray, os pecados que ela nunca tivera coragem de cometer. Ah, que vontade ardente sentiu de invadir as páginas daquele livro e mostrar aos seus inimigos que erro estavam cometendo, que criatura maravilhosa estavam destruindo!

Um passo. Um único passo, foi o que precisou para ter sua chance. De uma maneira que jamais imaginou que poderia, ela estava lá. Em Loudun aprendeu tudo o que sua vida não lhe ensinara. Seus professores mais valiosos foram Marcos e Marcel, pessoas que se já amava antes, agora amava profundamente, como irmãos e guardiões, os melhores amigos que poucas pessoas têm a honra de possuir. Seu outro mestre foi Grandier, que lhe ensinou a virtude de ser o que se é, mesmo que não seja o que os outros esperam.

A música estava na metade, onde uma marcha com gaitas escocesas começava a tocar, quando a maçaneta se moveu. Alexandre entrou com o rosto pálido, olhos arregalados e quando seus lábios se moveram, Lorena o ouviu com atenção. Levantou-se da cadeira e caminhou até o menino.

– Ligue para a casa de Marcel e veja se ele e Marcos ainda estão lá. Se estiverem, diga a eles o que me contou.

– E se não estiverem? – perguntou o garoto nervoso.

Ela não respondeu. Apenas lhe disse para ir. A porta foi novamente fechada. Lorena olhou para Grandier. Então apanhou as ombreiras e partes da armadura e começou a vesti-las.

Na rua de subúrbio onde nada de muito relevante costumava acontecer – excetuando-se uma ou outra briga de casais mais afoitos – um homem num cavalo erguia um garoto pela camisa. Ele perguntava algo, mas o garoto não entendia e aquela falha de comunicação estava quase se encaminhando para a tragédia quando, do outro lado da rua arborizada, um outro cavalo surgia, trazendo sua cavaleira em trotes lentos. O homem soltou o garoto que caiu no chão assustado. Os outros meninos abandonaram suas pipas no ar e saíram correndo quando outros três cavaleiros surgiram e se juntaram ao primeiro.

Na outra ponta do tapete de paralelepípedos avermelhado pelo Sol, Lorena esperava. Não seria difícil para aqueles homens persistentes descobrirem onde Grandier estava, uma vez que sua chegada com cavalos e cavaleiros não fora discreta. Não teriam chance se fossem encurralados por gente tão furiosa, mas, se ganhasse tempo, talvez tudo desse certo. O vento balançou as árvores que cochichavam ante aquele estranho cenário. Os cúmulos e as montanhas que os cercavam tinham uma coloração viva e variada, enquanto o céu ganhava um tom mais violeta em seu azul com a despedida do dia. Por vários segundos, Lorena e os cavaleiros se olharam.

Imaginava como eles chegaram ali, mas sabia que não haveria muitas chances de descobrir. Um dos lados não viveria pra contar ou não viveria para ouvir. Um adolescente passou correndo por Lorena e ela o segurou.

– Diga para os outros irem para casa e chame a polícia.

O garoto entendeu imediatamente a mensagem e pôs-se a correr.

Nesse momento, Trincant, Hervé, Thibault e Moussaut puxaram suas espadas e seus cavalos começaram a correr em sua direção. Sem hesitar, Lorena puxou sua espada e partiu. Estava confiante. Havia lutado antes e, contra todas as apostas, estava viva! Sentia que lutava por algo justo e que a boa sorte estaria ao seu lado. Era um pensamento quase infantil, mas era nisso que acreditava e era isso que a fazia correr, o coração em disparada, os cascos dos cavalos nas pedras rosadas pelo sol ecoando na rua silenciosa.

Suas espadas se encontraram no ar, cortando o vento e golpeando

com voracidade. Mesmo uma alma determinada não é o bastante quando a desvantagem é tão evidente. Enquanto Lorena defendia-se das espadas de Trincant e Hervé, a lâmina de Moussaut lhe cortou o ombro esquerdo. Sentiu o ferimento como um rastro de fogo, continuando a lutar e a se defender como podia. Eram muitos e logo ela teve que recuar, tentando ganhar um pouco de espaço.

Virou-se novamente e inesperadamente atacou-os. Thibault foi atingido na garganta e o sangue jorrou sob sua mão enquanto procurava o ar que lhe faltava. Trincant, Hervé e Moussaut viram surpresos o companheiro cair do cavalo.

– Demônio de mulher!!! – gritou Trincant, erguendo novamente sua espada contra a moça que já se mostrava sem fôlego.

Nesse momento ela se sentiu fraquejar. O ombro doía e o sangue se esvaía rapidamente. Seu momento de distração foi o bastante para esquecer-se de Moussaut e Trincant que erguiam suas espadas enquanto ela se concentrava em Hervé. Encurralada, sentiu-se traída pela Providência. A confiança falhava, mal se mantinha no cavalo e quando percebeu que Trincant e Moussaut investiam contra ela, teve vontade de chorar, pois percebeu que falharia na sua batalha mais importante.

Flechas cruzaram o ar, desconcentrando os três homens imediatamente. Uma delas chegou a cortar o rosto de Trincant, que gritou uma imprecisão. Lorena olhou e não pode deixar de sorrir. A Providência não a abandonara afinal! No fim da rua, Marcel e Marcos, armados, se aproximavam em seus cavalos.

A cavalaria chegando foi o bastante para devolver a confiança de Lorena, que interceptava a espada de Trincant.

– Saia da frente, menina! – disse Trincant, enquanto suas espadas forçavam suas lâminas uma contra a outra. – Não estamos aqui por você, mas vai morrer se insistir em ficar no nosso caminho!

Lorena empurrou a espada com dificuldade.

– Lamento, amigo. Deixei de atender pedidos há algum tempo! Se tivesse me pedido isso há umas três semanas, talvez fosse diferente!

Moussaut e Hervé partiram na direção de Marcos e Marcel, já a poucos metros de distância. Trincant não recebeu bem esse reforço inesperado. Ergueu sua espada e ela novamente encontrou a de Lorena, o som metálico dando ecos e misturando-se com suaves sinos de vento pendurados numa janela próxima.

– Acaso está enfeitiçada por ele, mulher?! – rosnou ele. – Não vê o estrago que este demônio já fez?

Lorena, concentrada em bloquear os golpes de Trincant, dessa vez atacou, surpreendendo-o pela ousadia.

– Na verdade, Trincant, estava distraída vendo os estragos que você causou!

Marcos ficou chateado quando viu Moussaut e Hervé em sua direção. Em sua cabeça, tinha feito um plano muito simples. Ele e Marcel chegariam correndo em seus alazões e fincariam suas espadas nas costas dos inimigos, que estariam distraídos com o pôr do Sol e nem esboçariam reação. Depois, comemorariam com a dança da felicidade e uma grande *banana split!* Mas, contra os seus planos e expectativas, os dois vilões corriam na direção deles, brandindo suas espadas como se fossem bandeiras num dia de final de campeonato.

– O grandão é seu, Marcel! – gritou Marcos, que não tinha a menor intenção de enfrentar Hervé, único que vira lutar contra Grandier e Lorena e sair com as duas pernas.

Em frações de segundos, as espadas se encontraram e Marcos foi ao chão com o impacto. Olhou para cima e viu Moussaut se atirando contra ele, espada em punho. Rolou para o lado e deixou o inimigo se espatifar no chão duro. Marcos recuou ainda sentado, como uma aranha, procurando algo em seu bolso. Moussaut levantou-se irritado com a falta de ética de seu oponente que o deixara voar para o nada, mas sabia que era questão de segundos até resolver tudo. Marcos se levantou de um salto e, quando o oponente ergueu a espada, apontou sua arma secreta contra o rosto dele. Um jato de desodorante aerossol atingiu os olhos de Moussaut que gritou de dor enquanto seus olhos ardiam. Marcos pegou sua besta-martelo.

– Agora sim estamos em pé de igualdade!

Marcel era um bom espadachim...na peça da escola... Agora, usava o que a experiência em Loudun lhe ensinara, mas não era páreo para o comissário de polícia Hervé. Três golpes depois, a espada voou de sua mão e não viu outra saída a não ser usar seu corpo contra o adversário. Saltou em cima de Hervé, desequilibrando-o e retirando-o do cavalo. Somente quando chegou ao chão percebeu que tinha sido uma ideia estúpida, uma vez que Hervé era muito maior do que ele e o imobilizou facilmente.

– Meu maior prazer é saber que antes de tirar a vida dele, tirei tudo o que lhe é mais caro... – disse Hervé, erguendo um punhal sem brilho que trazia na cintura. Marcel chamou por Marcos, mas este parecia ter seus próprios problemas no momento. Ouvia espadas se cruzando em sua sinfonia de pequenos sinos e achou que ia morrer, quando uma flecha acertou o braço do inimigo. Hervé urrou de dor e Marcel aproveitou-se da

distração para socá-lo e tirá-lo de cima de si.

No chão, Hervé teve tempo de buscar o inimigo que fincou a flecha em seu braço. A alguns metros, Grandier baixava a besta, olhando duramente nos olhos do homem que infernizara sua vida. Hervé fez uma careta de ódio, mas logo recebeu outro soco. Marcel ainda estava ali e estava bastante disposto a manter o comissário no chão.

Sentindo ainda a dor nas costas e a fraqueza da perda de sangue, Grandier não se deteve. Começou a correr na direção dos guerreiros. Via Marcos batendo num Moussaut que parecia não estar enxergando e Marcel batendo com vontade em Hervé, ainda no chão, mas seu principal objetivo era chegar até Lorena e Trincant, trocando golpes em cima de seus cavalos. Estava a alguns passos quando a cena diante dele assumiu um tom cinzento. Deteve-se um segundo, percebendo que as coisas mudavam de rumo. Hervé segurou um golpe de Marcel e deu-lhe uma sequência rápida e pesada de socos, jogando o rapaz no chão, quase inconsciente. Grandier viu o amigo em perigo, achando que Hervé ia se aproveitar para terminar com a vida do inimigo caído, mas Hervé se dirigiu a uma besta caída ao chão. Grandier retomou sua própria besta, prevendo um passo sinistro na atitude de Hervé. Este, por sua vez, olhou para o padre e sorriu. Ergueu a besta e apontou-a para Lorena. Grandier gritou, tentou correr, mas não conseguiria chegar a tempo. Recarregou sua besta o mais rápido que pôde e mirou em Hervé.

Entre Trincant e Lorena o páreo era mais duro do que o esperado. Apoiada na presença dos aliados, Lorena atacava seu oponente na certeza da vitória, certeza confirmada quando, num golpe que não soube dizer se foi habilidade ou sorte, desarmou um surpreso Trincant. Ainda feliz com esse desfecho inesperado, Lorena sentiu uma pontada no peito.

Hervé sorria, vendo sua pontaria bem aproveitada e cumprindo seu principal propósito, atingir o padre onde doesse mais. Virou-se lentamente para Grandier, que segurava uma besta vazia, e tentou sorrir, mostrando sua vitória. Então, caiu pesadamente no chão com a flecha de Grandier enterrada em suas costas.

Trincant levou alguns segundos para perceber o que acontecera. Lorena segurava a flecha que lhe apertava o peito, a mão cheia de sangue. Marcos empregava toda a sua força num último golpe em Moussaut e este

finalmente foi ao chão, atordoado com as pancadas. No mesmo instante, Marcel se levantou ainda tonto, mas tomou rapidamente ciência do que estava acontecendo quando viu Grandier passar correndo por ele, gritando como um louco o nome de Lorena. Marcel olhou para ela. A espada que pendia em sua mão caiu pesadamente no chão, fazendo um som metálico que partiu o silêncio. Marcos se virou para ver se a amiga já tinha acabado com Trincant, mas apenas a viu caindo lentamente do cavalo. Vendo uma oportunidade que não apareceria duas vezes na mesma vida, Trincant desceu de sua montaria e apanhou a espada que Lorena deixara cair. A moça estava de joelhos no chão, olhando para aquela flecha como se não compreendesse porque seu corpo não mais a obedecia. Olhou para frente e viu Trincant erguer a espada. Os olhos brilhantes viram a lâmina refletir o os últimos raios de Sol. Quando a espada desceu, pesada e definitiva, não piscou. Não perderia nenhum segundo de sua vida, nem mesmo o último.

Um vulto interceptou a espada, chocando-se contra Trincant, que deu vários passos para trás tentando recuperar o equilíbrio. O vulto, uma grande mancha luminosa de cabelos esvoaçantes como as asas do corvo e uma camisa branca que lhe pareceu ofuscante, virou-se para ela.

- Tirem ela daqui!!!

Sentiu alguém segurá-la pelos braços e erguê-la com facilidade. Sentiu cheiro de sabonete e loção pós-barba... Lembrou como Marcel reclamou em Loudun sobre não ter loção pós-barba. Encostada em seu ombro, sorriu, enquanto sentia o coração desacelerar.

Trincant viu Marcel e Marcos levarem Lorena para a calçada enquanto Grandier se colocava diante dele como um pretenso obstáculo intransponível.

- Então é assim que terminamos... - riu Trincant.

Grandier ergueu a espada e colocou-se em posição de combate. Trincant atacou. As espadas se bateram em violência. Ambos estavam cansados, mas só Grandier estava ferido. Mesmo assim, estavam em igualdade, tal era o desejo do padre em dar um fim ao homem que engendrou a bizarra trama que o levava até ali e que trazia nas mãos o sangue de Madeleine e de Lorena.

Mas sua fúria se voltou contra ele. Trincant usou seu ataque contra ele mesmo, conseguindo dar-lhe um golpe pelas costas. Grandier gritou de dor enquanto seus joelhos se dobraram. Trincant sorriu surpreso. As costas do padre sangravam e a camisa rasgada deixava à mostra ataduras. O velho amigo que não suportou a traição percebeu que aquela luta estava ganha e que poderia desfrutá-la como convinha.

Na calçada, Marcel e Marcos não sabiam o que fazer com aquela flecha. Lorena olhava para eles ofegante.

– Não consigo... – disse ela, segurando a flecha, como se tentasse retirá-la.

– Fique tranquila! – disse Marcel, segurando as mãos da moça. – Você vai ficar boa.

Lorena fechou os olhos, respirando com dificuldade.

– O que vamos fazer?

Marcel olhou para a luta entre Grandier e Trincant. Marcos percebeu que o amigo que sempre parecia saber o que fazer estava completamente perdido.

Trincant caminhou em volta do padre. Queria que ele visse sua amada e fiel defensora morrer.

– Vamos, Grandier!... – provocou. – Lute! Quanto mais você lutar, mais pessoas que você ama serão destruídas... Você tem um tremendo talento pra isso!

Grandier investiu contra ele num golpe errado. Trincant se safou facilmente e ainda conseguiu atingi-lo duas vezes com a ponta da espada, provocando cortes no braço e peito. O padre cambaleou.

– Veja pelo lado bom, Grandier... – tornou Trincant. – Você morrerá hoje, mas terá duas belas mulheres a esperá-lo no Inferno pra onde vou mandá-lo.

Trincant abriu espaço, mostrando com os braços como se mostra uma peça de teatro Lorena caída entre seus dois cavaleiros. Ele sentiu que Grandier fraquejou, os olhos sentidos vendo mais uma cena de despedida, insuportavelmente dolorosa.

Marcel dizia palavras de ânimo, tentando manter Lorena com eles, mas sentia que ela estava partindo. É estranho ver alguém indo embora. Lá no fundo, você sabe que aquela luz está enfraquecendo.

Lorena ouvia a voz de Marcel, mas ela foi ficando distante e tudo foi escurecendo. A dor no peito já não chamava sua atenção e quando seus olhos se fecharam, tudo ficou claro.

Marcel parou de insistir. A mão dela não segurava mais a sua e seu peito simplesmente ficou imóvel. Fechou os olhos e abraçou a amiga, acalentando-a em seus braços. Marcos, de joelhos ao lado dela, recusava-se a aceitar sua partida.

– Ela não está morta! Estamos no século XXI! Podemos curar qualquer coisa! Vamos levá-la para um hospital e tudo vai ficar bem!

Marcel puxou-o com um dos braços e juntou-o ao abraço que dava

em Lorena. Marcos congelou por um minuto e então soluçou, dando o adeus mais difícil que já dera em toda sua vida.

Os olhos sentidos de Grandier se tornaram duros. Atacou Trincant com toda a força que tinha e conseguiu derrubá-lo. O que seria seu último golpe foi bloqueado por Trincant e suas espadas se forçaram uma contra a outra enquanto seus olhos se cruzavam.

– Como é perder tudo o que ama, Grandier? – murmurou Trincant. – Como é sobreviver a tudo que lhe é mais caro?

Trincant empurrou o padre, levantando-se logo depois e voltando a atacá-lo.

– Como é saber que você foi o responsável pelo sangue derramado de quem deu a vida por você?

Os golpes de Grandier não surtiam mais efeito, sendo bloqueados por Trincant, que continuava avançando.

– Como é viver com esse peso, meu querido amigo? – Trincant sorriu mais uma vez, saboreando a vingança com que tanto sonhara nos últimos anos.

Grandier girou a lâmina na direção do inimigo, mas este esquivou-se e usou essa insensata aproximação para golpeá-lo com o cabo da espada. Atordoados, Grandier tornou-se um alvo fácil para novos golpes que cortaram sua pele e tiraram seu sangue, até que, enfraquecido no corpo e na alma, ele caiu de joelhos, a espada abandonada ao seu lado. Trincant admirava seu inimigo derrotado diante de si, cabeça baixa, ofegante e sem esperanças. Finalmente conseguira. Dobrara aquele espírito, quebrara aquela vontade, destruíra aquele homem que um dia chamou de amigo.

Abriu os olhos e estava numa cama tão confortável que não tinha vontade de sair. Mas a curiosidade era uma companheira mais interessante que o comodismo, a vida lhe ensinara isso muito bem. Saiu daquela cama enorme de lençóis brancos como a neve e colocou os pés descalços no chão. Estava usando um vestido que trajara em Loudun e seus cabelos estavam soltos. Da janela de grandes vidraças que ocupavam quase toda a parede diante de si vinha uma luz branca e quente, como o nascer de um dia de verão. Perguntou-se onde estava e que tipo de lugar era aquele. Olhou em volta e não viu ninguém, mas aos seus pés arrastava-se uma lagarta. Abaixou-se e observou aquele ser desengonçado em seu passeio sem compromisso. Não era muito colorida, na verdade, era da cor de uma folha.

– Que criaturinha sem graça você é... – disse Lorena para sua companheira de quarto, que continuava seu caminho para sei-lá-onde.

Lorena levantou-se e olhou para a janela, banhando-se na luz que a aquecia e dava-lhe uma sensação de paz profunda. Não havia preocupação ali, nem tensão. Tinha a certeza de que estava segura e que nada podia lhe fazer mal. Trazia no coração a sensação de missão cumprida, mas parecia que havia se esquecido de algo muito importante. Franziu o cenho tentando lembrar. Algo lhe dizia que estava tudo bem, mas não saber o que precisava lembrar não a deixava tranquila. Tinha esquecido alguma coisa... Alguma coisa muito importante... Forçava a memória, tentando se lembrar... Era algo que tinha que fazer, mas o quê?

Olhou para o lado e viu sua amiga lagarta dentro de um casulo, pendurada na janela. Não vira como ela chegou ali, nem como se transformou em um casulo, mas sabia que era a lagarta verde sem graça. O casulo começou a se romper e, com dificuldade, uma asa nasceu. Amarrotada e feia, a asa tinha uma irmã gêmea e outra asa logo lutava contra o casulo. Lorena apenas observava, encantada com aquela alquimia milagrosa da natureza. E então a borboleta de imensas asas azuis livrou-se totalmente do casulo e estava pronta para seu vôo inaugural. Pensou consigo como aquela lagarta sem graça escondia asas tão grandes dentro de sua mesmice.

A borboleta lançou-se em primeiro vôo meio bêbado, girando em torno de Lorena como se ela fosse uma flor interessante. Então, aquele par de asas azuis lançou-se para o mundo, buscando a luz e a liberdade a que tinha direito. Mas um vidro interrompeu seu trajeto. Lorena estava de frente para aquelas imensas janelas feitas de um vidro impecavelmente límpido, uma cortina ilusória que enganaria até os olhos mais atentos. A borboleta se debateu e Lorena sentiu seu coração acelerar-se como o farfalhar daquelas asas. O inseto empreendeu uma luta contra aquela realidade transparente, tentando achar um caminho para o mundo lá fora, mas aquele muro de cristal parecia a cada tentativa, mais intransponível. Cansada, a borboleta de belas asas que jamais seria vista pelo mundo, perdia as forças, deixando-se cair, desistindo de lutar, mas ainda sonhando com a liberdade que parecia tão perto que quase podia tocá-la.

– Não!

Ouviu sua voz dentro do quarto e ouviu o bater das asas desistentes. A borboleta prosseguia em sua queda, lenta e dolorosa.

– NÃO!

Procurou um trinco, algo que pudesse abrir aquela janela, mas não havia nada. Ergueu os punhos no ar e lançou-os contra o vidro. A borboleta caía, batendo debilmente as asas como se, ao lhe faltar a liberdade de voar,

faltasse-lhe também o ar. Mesmo empregando toda a força em seus punhos, a grande janela não abria nem uma fresta, nem mesmo se partia. Lorena deu alguns passos para trás e procurou algo em volta com que pudesse quebrar a janela, mas além da cama e travesseiros, não havia nada. Olhou novamente para o muro de vidro que separava a borboleta do mundo pelo qual ela lutou para conhecer. Viu a borboleta definhando em seus últimos movimentos em um quarto branco. Então, decidida, Lorena tomou distância. Deu um passo, depois outro e depois mais outro, numa corrida em direção ao muro cristalino que poderia facilmente repeli-la. Em um salto, lançou-se contra a janela e sentiu milhares de cacos de vidro partirem-se com o impacto e voarem com ela. Enquanto saltava, viu-se suspensa no ar, o momento congelado em que aqueles milhares de cacos cintilantes refletiam o Sol ao seu redor. Em seu salto, sentiu-se livre e surpreendeu-se ao ver que aqueles milhares de caquinhos a sua volta transformaram-se em borboletas, de todos os tamanhos, todas as cores, batendo suas asas freneticamente, levantando seus cabelos e enchendo o mundo de cor. A grande borboleta azul passou diante de seus olhos, destacando-se naturalmente das outras e, suspensa num salto que parecia eterno, Lorena a seguiu com os olhos, encantada pela vivacidade de sua cor. Foi então que percebeu que seu salto estava para terminar, mas abaixo dela não havia chão. O que via era uma espécie de névoa que as pontas dos dedos dos pés quase tocavam. Já estava pronta para saltar definitivamente em uma dessas nuvens, que é o que lhe parecia, quando viu que a borboleta azul abria um caminho diferente, mostrando uma fresta por onde se via uma rua de paralelepípedos coberta por um Sol alaranjado, onde viu-se, ao longe, nos braços de seus dois melhores amigos.

– Lembrei!

Nesse momento, mudou de ideia e terminou seu salto na área livre aberta pela borboleta.

Marcos olhou para o desfecho da luta entre Grandier e Trincant. O padre caído de joelhos, entregando-se finalmente, a espada abandonada ao seu lado.

– Vamos perder os dois... – murmurou, as faces cobertas com lágrimas pesadas.

Marcel apenas olhou, sabendo que não havia mais o que fazer. Estavam longe e o golpe que Trincant preparava chegaria antes de qualquer ação deles. A desistência ocupou seu coração ante a perda que acabara de sofrer. Então sentiu alguém segurar seu braço. Olhou surpreso e viu Lorena, de olhos atentos, os lábios entreabertos puxando o ar.

– Ela está viva!... – disse, surpreso.

Marcos a olhou, espantado. Marcel ergueu a cabeça para Grandier.

– Ela está viva, Grandier!!! – gritou.

Trincant erguia sua espada para cortar o pescoço do padre desarmado diante dele. Era o fim e estava feliz com isso.

– Adeus, Grandier! Que minha espada seja seu caminho para o Inferno.

Grandier, alquebrado, ouviu o grito de Marcel. De onde estava, bastava um leve inclinar de cabeça para vê-los. Olhou para o pequeno grupo e encontrou os rostos ansiosos dos dois rapazes que tentavam avisá-lo de que devia permanecer vivo. No meio de tudo, os olhos de Lorena, dizendo que tinha bons motivos para isso.

A espada de Trincant caiu, implacável e definitiva como a lâmina da guilhotina. Em um movimento brusco, Grandier apanhou a espada que jazia ao seu lado e fincou-a no estômago do inimigo. A espada de Trincant interrompeu-se em seu caminho de morte e os olhos dele fitaram a espada enterrada em seu estômago. Voltou a olhar para Grandier. Viu os olhos de alguém com quem dividiu tantos bons momentos, que esteve ao seu lado em tantas horas difíceis e que foi capaz de trair sua confiança da maneira mais sórdida que um homem pode trair. A espada que Trincant empunhava, a espada de Lorena, a espada de Jardanét, caiu pesadamente no chão.

– Éramos amigos... – murmurou Trincant, sangue escorrendo de sua boca. – Como pôde fazer aquilo?

– Eu peço perdão a Phillipe. E a você... – disse o padre. – Mas lembre-se da cela escura onde estive em suas mãos... Lembre-se dos passos que o trouxeram até aqui, passos de sangue inocente e covardia... E deixe-me fazer a mesma pergunta... – seus olhos brilharam, enquanto o sangue da espada que segurava chegava às suas mãos. – Éramos amigos... Como pôde fazer aquilo?...

E Trincant caiu, terminando a trajetória de um homem que já começara a cair há muito tempo.

Grandier ainda ficou alguns segundos parado, vendo com tristeza o fim de uma série de atos impensados e exagerados de ambos. Então tentou levantar-se, querendo chegar até Lorena. A fraqueza e a série de golpes que levava o fez cambalear. Alguém o salvou da queda iminente. Olhou para o lado e viu Marcel.

– Venha – disse Marcel sorrindo. – Tem alguém que vai ficar feliz em ver você.

Marcel o apoiou e em alguns passos estavam todos juntos. Lorena olhava para Grandier.

– Nossa! – disse. – Você está horrível!...

Grandier sorriu.

– Você parece ótima...

– É mesmo? – retrucou ela, olhando para aquela flecha fincada em seu peito.

– Viu? Eu falei que esse modelo de flecha combinava com qualquer coisa! – disse Marcos.

Lorena tentou rir e se engasgou. Marcel lhe disse para não se esforçar.

– Acho que quebrei uma costela... – disse ela.

– Tudo bem... – tranquilizou-a Marcel e assumindo o espírito de Marcos. – A gente tem um monte mesmo! Algumas devem estar sobrando...

Grandier ouviu algo estranho e levantou a cabeça preocupado e atento.

– Que uivo horrível é esse?

– É a polícia. – disse Marcel. – Ou a ambulância. Talvez os dois... Puxa... Como vamos explicar isso?...

Ficaram em silêncio olhando a rua deserta com cavalos de pé e cavaleiros caídos.

– Não esquentar, Marcel... – disse Marcos, afagando os cabelos de Lorena que descansava em seu colo. – Estamos no Rio de Janeiro... Coisas como essa acontecem o tempo todo! Você vai ver, é capaz de ninguém nem notar!

Dentro de alguns minutos, o lugar estaria fervilhando de gente de uniforme, enquanto carros brancos e suas sirenes coloridas teriam suas luzes refletidas nas janelas das casas. Vizinhos assustados comentariam o que teria acontecido em suas suposições malucas que, nem de perto, trariam em si algo próximo da verdade. Policiais anotariam coisas que não entenderiam, enquanto Marcos e Marcel tentariam responder algo que não os levasse direto para um sanatório. Provavelmente se tornariam mais uma lenda urbana e seriam citados em conversas em bares quando o assunto morre e alguém começa a citar uma sucessão de casos bizarros numa versão moderna de histórias contadas em noites sem luz. Muita coisa aconteceria nos próximos minutos e nada seria como antes. Mas naquele momento, Lorena sublimava a dor da flecha para aproveitar a companhia daquelas pessoas como quem aproveita as cores de um pôr do Sol, o calor de uma fogueira em noite fria ou uma boa música de olhos fechados.

E enquanto riam das bobagens que falavam, uma borboleta azul passou distraidamente entre eles.

*Eu mantereí uma vigília num deserto de espelhos,
Onde nada é o que parece ser.
Você está alcançando, está tão perto que quase pode tocá-lo!
Mas tudo desaparece quando está sempre tão perto!...
Mas um dia nós descobriremos que nós é quem estamos na luz!
Até lá eu mantereí uma vigília num deserto de espelhos.
Nada aqui é o que parece, nunca.
Tenho medo de chamar a atenção
Das forças que presidem nossas mentes e nossas vidas.
Quando eles descobrirem que o que eu procuro
É a mais mortal das armas,
A verdade.*

Dia a dia, está ficando mais alto...

E dia a dia, está ficando mais forte...

*Mas quando eu não mais puder gritar,
e eu precisar ter certeza de novo...
...Eu ouço a multidão...*

Fish, na canção Vigil

